

PERIGOSAS NACIONAIS

JÚLIO CÉSAR ROCHA

**UM BEIJO
NO TEU
SORRISO**

2ª EDIÇÃO

PERIGOSAS ACHERON



MAPA DO CAMINHO DA FÉ EM JULHO DE 2013

Eventualmente novas cidades são incluídas
www.caminhodafe.com.br

Capítulo 1

MARIANA ABRIU A CAIXA do teste de gravidez de farmácia, retirou o envelope e rasgou. Pegou a haste cuja ponta deve ser colocada dentro do recipiente com a urina e a fitou por alguns instantes. Olhou para o marido e deu um sorriso sem graça. Mais uma vez, estava com medo do resultado. Desde que se casara, há pouco mais de um ano, tinha feito o teste todos os meses. Aquele era o décimo quarto. Como sua menstruação era irregular, vivia constantemente com a esperança de que estava grávida. Mas isso sempre se transformava em frustração e ela descontava na comida e, claro, no chocolate. Estava seis quilos mais gorda, um verdadeiro terror na vida de uma mulher que sempre foi esbelta e linda. Todo esse infortúnio era compreensível: Mariana tinha pressa para ser mãe, porque estava prestes a completar 35 anos.

Ela colocou a haste no recipiente com a urina, aguardou um pouco e tirou. Pôs sobre a embalagem. Era preciso esperar cinco minutos para saber se estava grávida. Se aparecessem duas listras, geralmente uma após a outra, o teste era positivo. Se surgisse apenas uma, era negativo. Para uma mulher ansiosa pela gravidez, aqueles cinco minutos pareciam uma eternidade. Mariana ficou olhando para a haste sem piscar. O marido também. Ela sentada, ele em pé. Ambos estavam hipnotizados por aquele teste, como sempre. Logo em seguida, apareceu a primeira listra. Os dois se olharam. Assim como das outras vezes, Mariana começou a lembrar de alguns fatos da sua vida...

Quando entrei na igreja e vi o Paulo, meu coração disparou... Eu não cabia dentro de mim de tanta felicidade... Era meu casamento!... Jamais vou esquecer o momento em que disse “sim”... A recepção foi num dos bufês mais chiques de São Paulo... Tão chique que nem parecia a festa de uma moça que tinha passado a vida inteira pegando ônibus... Mas era uma moça que tinha lutado muito pra conquistar o que queria... Um grande emprego... Um bom apartamento... Carro do ano na garagem... Lua de mel na Europa... Tinha tanta certeza que voltaria grávida que quando decorei o apartamento fiz questão de montar o quarto do bebê!... Imagina!... Tava tão apressada que comprei tudo em cores neutras... Pra quê isso, meu Deus?... O Paulo ainda tentou me impedir dizendo que era melhor esperar... Mas não teve jeito... Eu tava decidida... Me antecipei, porque tinha certeza da gravidez... Foi a pior coisa que fiz na vida... Ficar olhando pra esse quarto sem um bebê dentro tá acabando comigo... Droga!... Por que o Paulo ainda não conseguiu me engravidar?... Por quê?...

Mariana já tinha jogado isso na cara do marido, mesmo sabendo que aquela acusação não fazia o menor sentido sem a realização de exames por

ambas as partes. Ele, educadamente, não rebatia. Apenas falava que deveriam procurar ajuda médica, afinal estavam tentando há mais de um ano sem sucesso. A demora em ir devia-se a ela. Apesar de ter “certeza” que o problema era com Paulo, Mariana, na verdade estava sem coragem para enfrentar uma possível resposta da ciência que a desmentisse. Na sua cabeça, se o problema fosse com seu organismo, o marido poderia procurar outra e o seu casamento...

Os cinco minutos determinados se passaram... A segunda listra não apareceu... Mariana não estava grávida! Seus olhos começaram a ficar cheios d'água.

– Tenha calma – tentou tranquilizar Paulo, tocando seu ombro. – A medicina vai nos ajudar.

Ela continuou estática na cadeira olhando a haste. Depois, sem dizer nada, levantou-se com duas lágrimas escorrendo e foi até o quarto do bebê. Assim que entrou, parou e ficou admirando a beleza da decoração: os quadros... a cortina... o armário... o sofá... o berço! Tudo perfeito, tudo no seu lugar. Mas faltava alguém. Mariana não resistiu e chorou forte por mais de um minuto. O marido chegou e a abraçou por trás. Ficaram quietos por algum tempo. Ela olhou para a imagem de Nossa Senhora Aparecida pendurada numa das paredes. O quadro estava ali porque desejava que seu filho nascesse sob as bênçãos da sua santa de devoção. Mariana precisava de uma resposta. Virou-se: – Amor, por que você não tá conseguindo me engravidar?

Ele nada falou.

– Paulo, que problema você tem?

Era impressionante a calma dele diante de uma acusação tão grave e sem o menor respaldo. Ele nunca rebatia, porque já tinha lido sobre o assunto e sabia que as estatísticas de infertilidade eram as mesmas tanto para o homem como para a mulher. E, em alguns casos, os dois eram inférteis. Portanto, só mesmo os exames poderiam mostrar onde estava a causa. Mariana também já tinha lido sobre isso, mas ao contrário do marido, preferia tirar conclusões precipitadas.

E por que Paulo aguentava calado a acusação da esposa? Simples... Ele já era um homem de quarenta anos, tinha experiência suficiente para entender que a frustração da “não gravidez” atinge de forma devastadora as mulheres que sonham em ser mãe. Principalmente, aquelas que estão na faixa dos 35 aos 40. É nessa etapa da vida que o relógio biológico da mulher grita com ela e a vontade de ter um filho passa a ser um desejo que arde por dentro. A situação se agrava porque em algumas sociedades, como a brasileira, existe uma pressão social muito forte para que se gere cria logo após o matrimônio. Não é fácil encontrar amigos e familiares e escutar a terrível pergunta: “*Quando vão ter filho?*”.

Por isso, quando a gravidez não vem rapidamente, muitos casais entram em depressão e isso piora ainda mais as causas da infertilidade. No entanto, o homem lida com isso um pouco melhor do que a mulher, apesar de sofrer também. A frustração feminina é bem maior devido a aspectos naturais, sociais e religiosos. Desde criança, a grande maioria das mulheres já se imagina como mãe. Isso fica evidente nas brincadeiras da infância quando, por exemplo, uma menina balança nos braços uma boneca como se fosse seu bebê. Então, chegar à vida adulta e não realizar esse sonho é uma das maiores frustrações que uma mulher pode ter, principalmente se estiver casada.

Paulo compreendia tudo isso.

– Mariana, temos que ir ao médico. Já faz algum tempo que venho dizendo isso. Não dá mais pra esperar. Vamos marcar uma consulta.

Ela ficou calada, baixou a cabeça. Ele continuou.

– Muitos casais precisam de tratamento pra ter filho. Parece que nós somos um deles. Tenho certeza que a medicina tem uma solução pra nós.

– Paulo, você tem ideia do tanto que eu quero ser mãe?...

– Claro!

– Nós namoramos oito anos antes de casar...

– Eu sei!

– E você tinha pressa, queria casar logo...

– Sim!

– E eu dizia: “*Agora não... Preciso investir na minha carreira... Você precisa investir na sua...*”.

– Sim, eu lembro!

– Já temos tudo, só tá faltando... – ela engasgou.

– Eu sei, amor!

– Por que, Paulo?... Por quê?...

– Tenha calma.

– Todas as minhas amigas casadas já são mães... Só falta eu... Por que isso tá acontecendo comigo?... O que fiz pra merecer isso?...

– Amor, não se desespere. Não fique assim. Tenho certeza que a medicina vai nos ajudar.

– Nenhuma das minhas amigas precisou da medicina, Paulo!

– Pare de pensar nas suas amigas! Se elas engravidaram naturalmente, sorte delas. Temos que pensar na gente. Vamos ao médico o mais rápido possível. Marque logo uma consulta.

Ela se virou para a imagem de Nossa Senhora Aparecida e depois se ajoelhou na almofada. Começou a rezar de cabeça baixa. Sua voz era apenas um sussurro. Quando terminou, ainda de joelhos, olhou para a santa e pediu em voz alta:

– A Senhora tem que me ajudar!

Capítulo 2

CAIO COLOCOU O MAPA do Caminho da Fé sobre a mesa. Há vários dias ele vinha analisando detalhadamente o trajeto da maior trilha de peregrinação do Brasil. Havia cinco opções de partida, representando cinco

ramais diferentes. Saindo da parte oeste do estado de São Paulo, a chegada seria na parte leste, precisamente na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, o maior templo mariano do mundo. A santa é a padroeira do Brasil e a que tem o maior número de devotos no país. Ele escolheu uma rota bem longa, que partia da cidade de São Carlos. Seriam 522 quilômetros a pé até a cidade de Aparecida. Era uma empreitada e tanto. Mas a distância e o esforço físico não assustavam. Caio gostava de desafios e o Caminho da Fé seria um deles.

A trilha brasileira foi inspirada no milenar Caminho de Santiago de Compostela, onde os peregrinos cristãos partem de vários pontos da Europa até chegar à basílica do mesmo nome, na Espanha. Lá, conta a lenda, estariam depositados os restos mortais do padroeiro do país, o apóstolo São Tiago. Após fazer o caminho espanhol duas vezes, um dos fundadores do Caminho da Fé achou que poderia existir um trajeto semelhante no Brasil, um país altamente espiritualizado e essencialmente cristão. Assim, a trilha nasceu há dez anos, no começo de 2003 e, de lá para cá, esteve em constante expansão. Frequentemente, os organizadores negociam com as prefeituras da região a inclusão de suas cidades.

No formato atual, leva-se de quinze a vinte dias para percorrer o Caminho da Fé a pé, e de oito a doze de bicicleta. Às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos. Tudo depende da disposição física dos peregrinos, dos momentos de contemplação, e da vontade de conhecer cada cidade e cada trajeto. O percurso é essencialmente rural, cortando o interior paulista de um lado a outro e passando pelo sul de Minas Gerais. Em boa parte, atravessa a beleza da Serra da Mantiqueira.

O caminho é bem sinalizado, não há perigo de se perder. Há setas amarelas pintadas em vários locais indicando por onde se deve passar. Elas estão bem visíveis em postes, árvores, estacas, porteiras *etc.* Antes de partir, é preciso ter em mente que o trajeto não é todo plano. Alguns trechos apresentam fortes subidas e descidas. Além disso, não é completamente arborizado. Ou seja, algumas caminhadas ou pedaladas serão sob forte sol na cabeça. Outra

coisa que precisa ficar clara para os peregrinos é que o percurso no Caminho da Fé não é uma corrida contra o relógio. O objetivo não é chegar o mais rápido possível. A intenção deve ser encontrar a si mesmo, buscar o engrandecimento espiritual e demonstrar a sua devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Era nesse estágio que Caio estava. Ele, mais do que nunca, precisava de ajuda espiritual. O jovem prestes a completar 33 anos, doutor em sociologia e professor de Sociologia das Religiões de duas faculdades privadas, tinha um grande problema para resolver na vida. O abrigo que fundara há um ano e meio para acolher meninos de rua de 7 a 14 anos estava à beira do fechamento. Com capacidade para vinte crianças, estava com quarenta! Muitas estavam dormindo em colchonetes, no chão. As contas de água, luz e telefone estavam atrasadas e o cartão de crédito tinha sido bloqueado há pouco tempo por falta de pagamento. Além disso, o aluguel não era pago há seis meses! O dono do imóvel até que teve paciência no começo, mas recentemente tinha ido lá para dizer que seria melhor ele entregar o ponto.

A superlotação do abrigo era culpa de Caio. Ele tinha o coração bondoso demais. De vez em quando, aceitava alguma criança que batia na sua porta pedindo para entrar e ficar. Caio não sabia dizer não a um menino de rua. Era uma atitude bonita da parte dele, mas esse excesso de bondade descabida tinha colocado em risco a existência do abrigo. Aquele inchaço era totalmente incompatível com os recursos financeiros e o espaço físico do local. Todos viam isso, menos ele, que acreditava que de um jeito ou de outro conseguiria os recursos para sustentar aquelas crianças. Por diversas vezes foi alertado por suas ajudantes, mas não escutou. Chegou até mesmo a ser advertido formalmente pelo Juizado da Infância e Juventude e pelo Conselho Tutelar, as duas entidades que autorizam o funcionamento e fiscalizam os abrigos –, sendo o juizado a principal. Se ele não desse um jeito de proporcionar melhores condições, o juiz determinaria o fechamento. Então, só lhe restava ser rápido.

O abrigo vivia de doações. Portanto, dependia da boa vontade dos simpatizantes da causa, fossem pessoas ou empresas. Havia doadores de todos

os tamanhos. Uns doavam dez ou cinquenta reais por mês, outros chegavam a dois mil. Os maiores volumes vinham de empresários e profissionais bem-sucedidos como médicos, advogados, executivos ou funcionários públicos de alto escalão. Eram esses que sustentavam o abrigo. Caio sabia disso e focava neles a sua busca por doações. E esse trabalho de ir atrás de doadores tinha que ser constante, porque de uma hora para a outra um deixava de contribuir sem dar qualquer explicação. Naquele momento, poucos estavam doando. Ou seja, se mais alguém parasse de doar, o caos seria total.

Caio jamais imaginou que iria passar por tantas dificuldades. A criação do abrigo tinha sido o seu ponto máximo de engajamento social e religioso. Ele era *catopírita*: católico simpatizante do espiritismo. E o abrigo foi a grande oportunidade para colocar em prática tudo aquilo que pregava na sua vida pessoal e profissional. Como cidadão e professor de Sociologia das Religiões, costumava dizer que todos deviam ajudar os mais necessitados. E, como queria dar bom exemplo, fundou o abrigo. Ficava a dois quarteirões da sua casa, em Lajeado, bairro no extremo da zona leste de São Paulo, a parte mais pobre da cidade.

Mas as coisas não aconteceram do jeito que ele sonhara. Caio pensou que todos seriam simpatizantes da causa que defendia. No entanto, a grande maioria não tinha e não tem isso como prioridade. Nos primeiros seis meses até que ele conseguiu fazer tudo maravilhosamente e o abrigo chegou a ser elogiado pela fiscalização do juizado. Porém, a coisa começou a desandar logo em seguida, quando passou a aceitar mais crianças do que cabia e quando os doadores iniciais começaram a deixar de contribuir, achando que já tinham feito a sua parte.

Mesmo com as dificuldades, a dedicação de Caio aos meninos de rua continuou intensa a ponto de prejudicar muito a sua vida pessoal. Ele tinha perdido a noiva, Isadora, por causa disso. Ela não aguentou ver o homem com o qual iria se casar privilegiar tanto “outras coisas”. Caio fundara o abrigo com o dinheiro que vinha guardando para comprar a casa onde iria morar com a futura

esposa. Isadora foi à loucura. Mas ao mesmo tempo lhe perdoou com a promessa de que o montante investido voltaria rapidamente com a entrada das doações. Não veio. Ela não suportou e desistiu do noivado. Foi um golpe duro.

E, infelizmente, o que estava ruim para Caio começou a piorar. Com a escassez de doações, ele começou a usar os seus dois cartões de crédito para ajudar na compra de mantimentos para o abrigo. Resultado: como as despesas eram imensas, em pouco tempo ficou endividado. Àquela altura, estava pagando apenas o mínimo das faturas. E, como os juros eram altíssimos, os débitos aumentavam mês a mês.

O destino realmente tinha dado um drible em Caio. Se tudo tivesse ocorrido como planejara, naquele momento, estaria casado, bem de vida e com o abrigo consolidado. Mas deu tudo errado... Ele perdera a noiva, estava endividado e o seu projeto social estava à beira do fechamento. Sozinho, dificilmente sairia daquela enrascada. Então, só lhe restava apelar para a sua santa de devoção. Era o que ele iria fazer.

Com o mapa do Caminho da Fé aberto sobre a mesa, Caio olhou para a rota escolhida, checkou as cidades e revisou as pousadas onde iria pernoitar. Ele ainda ligaria fazendo as reservas. Também analisou novamente o tempo que seria gasto entre cada uma delas. Caio sabia que esse cuidado era importante para que não cometesse o erro de sair tarde demais de uma cidade e chegar à outra já de noite, tendo que caminhar o trecho final sem iluminação. Não que isso não fosse possível, mas não era o mais aconselhável. O ideal e mais seguro é que cada trecho fosse concluído até o final da tarde. Isso deixaria uma sobra de tempo para possíveis visitas aos locais interessantes das cidades e conversas com os moradores. Ou ainda para bate-papo com os outros peregrinos nas pousadas. E, se não quisesse fazer nem uma coisa nem outra, teria mais tempo para descansar.

Esse cálculo não era problema para Caio, porque ele já tinha feito outras trilhas antes. Assim, com cuidado, dividiu mentalmente o caminho em três partes. A primeira, começando no dia 1º de julho, em São Carlos, e chegando

no dia 5 em Tambaú, onde haveria uma boa movimentação de peregrinos já que a cidade é o ponto de encontro com o ramal que inicia em Sertãozinho. A segunda parte seria concluída no dia 8, em São Roque da Fartura. O término desse trecho tem um charme especial dentro do trajeto, porque lá é o ponto de encontro de todos os ramais do Caminho da Fé. Portanto, haveria forte movimentação de peregrinos chegando e partindo, o que seria ótimo para trocar informações, fazer amizades e receber aquele “apoio moral” dos colegas caminhantes e pedalantes. A terceira e última parte seria finalizada no dia 23, em Aparecida, com a visita à basílica.

O Caminho da Fé iria tomar de Caio quase todo o mês de julho. Mas isso não era problema porque ele tinha reservado as suas férias de professor para fazer o percurso. Naquele mês haveria a vantagem de quase não haver chuvas na região, o que aconteceria com mais intensidade em dezembro e janeiro. O frio seria um pouco mais forte por causa do inverno, mas ele nem estava pensando nisso. Seus objetivos ao fazer o Caminho da Fé eram bem mais importantes.

Para o ponto inicial, São Carlos, ele iria de ônibus saindo da rodoviária de São Paulo, um dia antes de começar o Caminho. Seriam, mais ou menos, três horas e meia de viagem, partindo depois do almoço. Assim que chegasse lá, compraria o cajado, um dos símbolos dos peregrinos caminhantes – é uma vara que serve de apoio nas subidas e descidas mais íngremes do percurso. Na pousada, iria jantar, pernoitar e pegar a sua credencial que deveria ser carimbada onde se hospedasse nas cidades, comprovando a passagem pelo trajeto. Ela seria entregue na secretaria da Basílica de Aparecida para o recebimento do Certificado de Peregrino Mariano.

Depois de definir a forma do percurso, Caio começou a repassar os itens que precisaria levar: mochila, duas mudas de roupa, capa de chuva, chinelos, um par de tênis reserva, material de higiene pessoal, kit de primeiros socorros, canivete, toalha, chapéu, repelente para insetos, óculos escuros e protetor solar. Não estava esquecendo nada.

No entanto, o que ele levaria de mais importante não era nenhum daqueles objetos. Mas um simples pedaço de papel dobrado no qual estava escrita uma promessa para Nossa Senhora Aparecida, caso Ela salvasse o abrigo. Caio iria depositá-la numa das urnas da Sala das Promessas da basílica, assim como fazem milhares de romeiros e peregrinos que desejam uma graça. Ele abriu novamente o papel e releu o que escrevera. Olhou para a imagem da santa fixada numa das paredes da sua sala no abrigo e ficou pensativo por alguns segundos. Depois, pediu em voz alta: – A Senhora tem que me ajudar!

Capítulo 3

LOGO NO INÍCIO DA PRIMEIRA CONVERSA, o médico parabenizou Mariana e o marido por terem procurado ajuda. Afinal, a infertilidade fica caracterizada quando o casal tenta naturalmente a gravidez durante um ano e não tem sucesso. E eles já tinham mais do que isso. O médico ainda alertou que, como ela já estava prestes a completar 35 anos, a procura por ajuda deveria ter sido bem antes. Isso porque nessa fase da vida feminina uma tentativa de gravidez é uma corrida contra o relógio biológico. Quanto mais tempo se espera para fazer tratamento, mais difícil fica.

Os dois fizeram os exames.

Quando retornaram ao consultório, Mariana descobriu o que temia: Paulo era normal, ela tinha problemas. Sua dificuldade de engravidar era por causa da baixa produção de óvulos. Seus olhos se encheram. Na frente do médico, pediu perdão ao marido. Ele a consolou acariciando seu braço. O doutor, ao tomar conhecimento do que vinha se passando, não deixou por menos.

– A senhora não podia ter feito isso!

Ela ficou quieta. Paulo a abraçou carinhosamente de lado e a beijou na testa. O médico continuou.

– Os problemas de infertilidade atingem tanto a mulher quanto o homem. Só os exames podem realmente dizer onde está a causa.

– Nós sabemos disso, doutor – disse Paulo.

– Mas, se sabiam, então por que uma das partes acusava a outra?

– E quanto ao tratamento? – desviou Mariana.

O médico, então, começou falando de forma bem didática uma coisa que de modo geral as mulheres já sabem e que levam em consideração para estabelecer algumas prioridades na vida.

– A ovulação vai caindo com o passar dos anos... Assim, a possibilidade de gravidez diminui após os trinta, fica bastante difícil por volta dos quarenta e nula em torno dos cinquenta, quando chega a menopausa. No seu caso...

Ele parou brevemente e voltou a olhar para o exame em cima da mesa.

– No seu caso o nível de ovulação está baixíssimo... Quase inexistente... É como se você estivesse entrando na menopausa...

Os dois tomaram um susto. Isso era surpreendente numa mulher da idade dela. Não era tão nova, mas também não era uma cinquentona.

– Por que essa redução tão grande, doutor? – quis saber Mariana.

– Aí é que está... Não sabemos se foi uma redução antes do tempo provocada por algum estilo de vida específico, ou se é uma característica do seu organismo. Pode ser que você sempre tenha sido assim e apenas não sabia, já que nunca fez exame anteriormente. É difícil explicar do ponto de vista físico. Mas... pode ser que haja outra explicação...

Mariana e Paulo se olharam.

– Qual? – ela perguntou.

– Bem... não sei se vocês acreditam nessas coisas... mas... mas...

– Mas o quê, doutor? – ele acelerou.

– Pode ser que haja... uma explicação espiritual...

Os dois voltaram a se olhar. Ambos ficaram surpresos, principalmente Paulo, com um médico falando em aspectos espirituais. Mas não disseram nada. O doutor prosseguiu.

– Uma coisa é certa... Independente do problema, suas chances de engravidar seriam bem maiores até os 25 anos, seja naturalmente ou com tratamento. Tenho certeza que você sabe disso.

É claro que Mariana sabia, mas sentiu a pancada ao ouvir da boca de um médico. Foi justamente nessa época que ela conheceu e se apaixonou por Paulo. Também foi nesse período que conseguiu o primeiro estágio e viu nele uma excelente oportunidade de crescimento profissional. Assim, decidiu que deveria deixar o casamento e o sonho de ser mãe para mais tarde. Adiou tanto que só foi se casar oito anos depois. Durante todo esse tempo, tomou pílula para evitar uma gravidez indesejada. Quem diria!... Uma mulher louca para ser mãe já tinha feito de tudo para não engravidar. Mas o médico deu-lhe esperança.

– Não se assuste! Existem boas chances de gravidez para as mulheres que fazem tratamento.

– Como é bom ouvir isso, doutor... – ela suspirou.

– Há três técnicas diferentes que podem ser usadas em sequência em casos de insucesso da anterior, ou usadas isoladamente. Tudo depende das condições financeiras do casal, do nível de ansiedade, e da idade da mulher.

Eles se olharam mais uma vez.

– Essas técnicas se iniciam com a ovulação induzida, que é o estímulo da produção de óvulos através de medicamentos orais ou injetáveis. Os injetáveis dão melhor resultado.

Os dois já sabiam de quase tudo porque haviam consultado a *Dra. Internet*. Mas escutavam com atenção.

– A primeira técnica é a relação sexual programada. Após a ovulação induzida, temos que fazer o acompanhamento da maturação dos óvulos através de ultrassom vaginal. Assim, podemos programar as relações sexuais para os dias nos quais será maior a possibilidade de fecundação.

O doutor fez um breve silêncio.

– A segunda técnica é a inseminação artificial, que tem mais chances de sucesso do que a primeira. Nessa, os espermatozoides são colhidos por

masturbação e levados para tratamento em laboratório, onde os melhores são separados. Depois são introduzidos no útero através de um cateter. O objetivo é fazê-los chegar mais rapidamente aos óvulos.

Outro silêncio.

– A terceira técnica é a fertilização in vitro, que ficou popularmente conhecida como bebê de proveta. É a técnica mais eficiente e mais cara. Nela, os espermatozoides também são colhidos por masturbação e os óvulos são aspirados. Depois, são levados para fecundação em laboratório. Se surgirem embriões, eles serão introduzidos no útero para uma possível gestação.

– É essa que o senhor indica pra nós? – perguntou Paulo, já sabendo a resposta.

– Sem dúvida!... Sem dúvida!... A fertilização in vitro é a melhor por causa da idade dela. Além disso, vocês estão muito ansiosos, não aguentam mais esperar e têm condições de pagar uma, duas ou mais tentativas.

– Será que vou precisar de mais de uma?

– Não podemos garantir que você vai engravidar na primeira. Há mulheres que só conseguem na segunda, na ter...

– Eu quero iniciar logo! Não posso perder tempo! Vamos logo marcar, doutor! Quanto antes, melhor!

Ele fez silêncio olhando para ela e depois para o marido. Usou sua autoridade de médico.

– Vamos fazer daqui a alguns dias!... Vocês estão há muito tempo nessa batalha... Estão muito ansiosos... É melhor descansarem!

Mariana e Paulo baixaram os olhos. Outro silêncio se fez. Depois, o doutor continuou.

– Estamos na primeira semana de julho. Por que não aproveitam pra tirar férias e relaxar por uns quinze ou vinte dias? Que tal uma viagem pra curtir um ao outro? Depois vocês voltam aqui e iniciamos a aplicação dos medicamentos pra induzir a ovulação. Tenho certeza que é melhor assim.

– O senhor tá certo! – concordou Paulo.

– É, também acho! – seguiu Mariana.

– Então...

– Doutor, uma pergunta de mulher.

Ele riu.

– Esses medicamentos engordam?

O médico fez uma pausa antes de responder.

– Algumas pacientes se queixam... Mas é pouca coisa e transitória.

– Ai, meu Deus!

– Mas veja bem!... Se acontecer, é uma coisa temporária. Não é nada que você não possa perder depois.

– Se o senhor fosse mulher saberia o tanto que é difícil perder alguns quilinhos. Ainda mais na minha idade...

Ele riu de novo.

– Não sou mulher, mas sei como é difícil. No entanto, um pequeno sacrifício vale a pena. Seu filho é mais importante, não é mesmo?

– Com certeza.

– Com certeza! – repetiu o médico mais alto. – E aí?... Estamos conversados?

– Sim! – responderam os dois ao mesmo tempo.

Ambos se levantaram, despediram-se, e deram dois passos em direção à saída. Mas Mariana parou e virou-se:

– Doutor, uma última dúvida...

– Pois não.

– E, se após todas as tentativas, eu não conseguir engravidar?

– Aí a única opção é tentarmos a fertilização in vitro com óvulos doados.

– Ou seja, geneticamente o filho não seria meu?

– Exatamente.

Ela balançou a cabeça descartando.

– Nem pensar!

– Isso não está nos nossos planos – concordou Paulo.

- Tudo bem, a decisão é de vocês.
 - Não passa pela minha cabeça ser mãe de um filho que não seja biológico. Tanto que jamais adotaria uma criança.
 - Ok.
 - Essa é uma atitude belíssima, mas reconheço que não nasci pra isso. Que Nossa Senhora Aparecida me perdoe!
- O doutor apenas escutou.

•

Assim que saíram da sala do médico e chegaram à recepção, eles avistaram um casal com um lindo bebê. Parecia que tinha poucos dias de vida. Mariana não resistiu e se aproximou.

- Que coisa mais fofa!
- Olha, Lucas, a titia tá te elogiando! – brincou a mãe.
- Tô louca pra ter um desse... Tá com quantos dias?
- Vinte.

Mariana sorriu para o bebê e fez os tradicionais barulhinhos com a boca.

- Viemos apresentar ao médico – falou a mãe.
- Fizeram tratamento? – Mariana quis saber.
- Fertilização in vitro. Engravidei na primeira.

Ela e Paulo se olharam.

- Eu também vou fazer. Tem alguma dica pra me dar?
- A única dica é acreditar! Vai dar certo com você também!
- Agora fiquei animada!... – Mariana sorriu. – Tchau, Lucas.

Lá na frente, ela comentou com Paulo:

- Se acreditar fizesse engravidar, eu tinha voltado da lua de mel grávida de trigêmeos.

Capítulo 4

ANTES DE PARTIR PARA A RODOVIÁRIA, logo depois do almoço, Caio trocou as últimas informações sobre o abrigo com suas principais funcionárias, Camila e Aurora. Elas, assim como ele, tinham seus trinta e poucos anos. Os três se conheciam dali mesmo, de Lajeado, e estreitaram a amizade na época que distribuíam sopão para os meninos de rua. As duas eram seus braços ali dentro. Trabalhavam como voluntárias, mas exerciam suas funções com o maior prazer. E amavam aquelas crianças tanto quanto ele.

O principal assunto da conversa foram os débitos das contas de água, luz e telefone. O último mês não havia sido pago e o aviso de corte chegaria em breve. Mas Caio garantiu que com o dinheiro de dois novos doadores que iria entrar nos dias seguintes daria para quitar os débitos e o mês atual. Mas, Camila duvidou...

– Você tem mesmo certeza, Caio, que essas doações vão ser feitas?

– Sim! Falei pessoalmente com eles. Adoraram o projeto do abrigo. Me garantiram que vão começar a doar. Ficaram com os boletos. Já-já esse dinheiro cai na nossa conta. Não se preocupem.

– Mas, se eles não pagarem, como vamos fazer? – questionou Aurora.

– Eles vão pagar! Fiquem tranquilas!

– Tá bom... – acreditou Camila.

Assim que terminou de conversar com as duas, Caio foi abraçar cada uma das quarenta crianças. Elas tinham sido informadas que ele viajaria a trabalho.

– O tio volta quando? – quis saber uma das meninas mais novinhas.

– Daqui a uns vinte dias, meu bem.

– Mas o tio vai pra onde? – perguntou outra.

Ele se curvou e acariciou o rostinho dela antes de responder.

– Vou visitar umas cidades do interior. É coisa do trabalho do tio.

– O tio vai fazer o quê?

– Vou trabalhar, trabalhar e trabalhar...

– Tio, não trabalha demais, senão tu vai esquecer da gente – alertou um garoto.

Caio deu uma boa risada e perguntou:

– É uma ordem?

– É!... É uma ordem!...

Ele, então, fez uma das suas inúmeras gaiatices: juntou as pernas e bateu continência como um soldado.

– Coronel, prometo não trabalhar demais e nunca me esquecer de vocês!

As crianças riram.

– Tio, traz uma boneca pra mim.

Caio olhou para Camila e Aurora... As duas baixaram a cabeça.

– Eu também quero um brinquedo.

– E eu quero um videogame.

– Eu quero um tablet.

Um grito que veio da rua o salvou...

“*Caiôôôôôôôô!*”

Era Olavo, um amigo da vizinhança que se oferecera para deixá-lo de moto na estação de trem mais próxima, a poucos minutos dali.

– Crianças, eu tenho que ir! Tchau!

“*Tchau, tio!*”, gritaram várias.

– E, por favor, comportem-se, hein! Quem ficar direitinho vai ganhar bombons que eu vou trazer.

“*Êêêêêêêêêêêêêê!*”

Ele foi caminhando para o portão na companhia de Camila e Aurora. O semblante dos três refletia a situação do abrigo. Antes de saírem, mas já fora do alcance visual das crianças, Caio virou-se para elas. Ficaram se olhando em silêncio.

– Quem diria, hein? – soltou ele com um sorriso amargo.

Os olhos das duas começaram a se encher. Baixaram as cabeças. Mas Caio as levantou tocando no queixo de cada uma.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não chorem... As crianças não podem ver isso.

Ele pegou a carteira no bolso traseiro da calça e tirou cem reais.

– Tomem. Alguma emergência pode aparecer.

– Caio, pare com isso! – pediu Camila.

– Você não pode ficar colocando dinheiro do seu bolso no abrigo! – seguiu Aurora.

– Não esquentem com isso. Peguem!

– Caio, como estão suas contas? – perguntou Camila. – Já faz tempo que você vem comprando mantimentos pro abrigo com seu dinheiro. Você pensa que não estamos percebendo?

– Ah, Camila, para... Pega logo esse dinheiro!

– Você tá pagando os seus cartões de crédito? – quis saber Aurora.

– Não se preocupem! Tá tudo bem! Peguem!

As duas conheciam a teimosia dele. Sabiam que não adiantava rejeitar. Ele iria ficar ali com aquele dinheiro na mão até que elas o pegassem.

– Vamos, meninas, peguem! Eu tenho que ir embora!

– Caio, você não tem jeito... – disse Camila, pegando a nota.

– Vou passar muito tempo fora. Pode surgir alguma emergência.

– Quando você voltar, vamos ter uma conversa muito séria sobre isso – alertou Aurora.

– Quando eu voltar, tudo vai mudar! Tenho certeza que Nossa Senhora Aparecida está olhando pra nós. Ela vai nos ajudar.

Ele deu um forte abraço em cada uma.

– Fiquem com Deus!

– Deixa o celular ligado! – lembrou Aurora. – A gente quer notícias!

– Vou deixar. Também quero notícias de vocês.

– Nós também temos certeza que tudo isso vai mudar – disse Camila, pegando no braço dele.

Caio olhou para as duas, tirou do bolso da camisa o papel com a promessa escrita e o beijou.

PERIGOSAS ACHERON

– Vai sim!

Camila puxou a mão dele e também beijou o papel. Aurora fez o mesmo.

– Eu amo vocês!

– Nós também te amamos! – disse Camila.

– Sim, te amamos muito! – reforçou Aurora.

Ele fez um último carinho no rosto delas e saiu pelo portão.

– Vamos, Olavo!

As duas foram para a calçada e ficaram olhando. Só entraram no abrigo depois que a moto desapareceu ao dobrar lá na frente.

Capítulo 5

POUCO DEPOIS, ELES CHEGARAM na estação de trem de Guaianases. Caio desceu da garupa e deu um abraço no amigo.

– Obrigado, Olavo.

– Imagina, meu chapa, conte comigo sempre. Quando voltar, me liga que venho te pegar.

– Sério?

– Claro! Amigo é pra ajudar.

– Não vai te atrapalhar?

– Deixa de onda... Me liga!

– Poxa, Olavo... Ligo sim! Obrigado.

– Outra coisa... Tô te achando muito afastado da turma. Nunca mais saiu com a gente. O que houve?

Caio ficou mudo.

– Ainda pensando na Isadora? – brincou o amigo.

– Não, não, não... – disse rindo.

– Então, vamos marcar uma saída quando você voltar. A Cris, minha

namorada, tá com uma amiga linda, “solteirinha da silva”, louca pra arranjar um namorado.

– Opa! Agora tô gostando. Quando eu voltar, a gente marca.

– Mas tem que ser logo, senão a concorrência pega.

Os dois riram. E se abraçaram mais uma vez.

Caio entrou na estação. Dois minutos depois, embarcou no vagão do trem. De onde estava, no extremo da zona leste de São Paulo, iria até a estação da Luz, no centro da cidade, onde iria se transferir para o metrô. De lá, seguiria em direção à zona norte até a estação Portuguesa-Tietê, onde desceria ao lado da rodoviária.

Ao sentar no vagão, Caio tentou não pensar nos problemas do abrigo. Mas não teve jeito: lembrou das crianças dormindo em colchonetes no chão... lembrou do aluguel atrasado... e, claro, lembrou da dificuldade para comprar comida. Essa era a pior parte. Se mais doações não entrassem, teriam que racionar.

Assim que chegou na rodoviária, foi direto para o guichê comprar a passagem para São Carlos. Olhou no relógio e viu que faltavam apenas dez minutos para o próximo ônibus partir. Sentou nos locais de espera e ficou apreciando o movimento. Tentou relaxar, mas os problemas do abrigo...

Logo depois, escutou o funcionário chamando:

“Saída para São Carlos! Saída para São Carlos!”

Ele pegou sua mochila, entrou na fila e subiu os degraus do veículo. Seriam três horas e meia ali dentro. Era muito tempo para quem estava com a cabeça cheia de problemas. Tudo o que ele queria naquele momento era falar de futebol, de algum filme, contar piada... Ele tinha várias no repertório. Do começo do corredor visualizou o seu assento. Era ao lado de um velhinho de uns oitenta anos, boca murcha, que lia com esforço míope um jornal popular, desses com mulheres de biquíni na capa. Quis ser agradável de imediato e o cumprimentou com simpatia.

– Boa tarde!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Boa tarde, meu filho – respondeu o velho com um sorriso banguela.

Caio colocou sua mochila no bagageiro.

– Dá licença.

– Pode passar.

Acomodou-se bem, olhou o movimento pela janela e virou-se pra iniciar alguma conversa. *Putz! Tô ferrado...* O homem não tirava os olhos do jornal. E não seria ele que iria incomodar. Deu uma olhada discreta. Acompanhou o folhear das páginas. Pouco depois, o ônibus partiu. Caio virou-se para a janela e conferiu o movimento do lado de fora. Mas surpresa!... Foi despertado pela risada do velho. Curioso, aproveitou o gancho.

– Alguma coisa boa?

O homem virou o jornal pra ele e falou:

– Esse cantor sertanejo tá dizendo como leva a vida de solteiro.

– Ah, é? Como?

– Disse que enquanto não aparece a mulher certa, vai se divertindo com as erradas.

Os dois riram.

– Ah, minha juventude! – continuou o velhinho. – A felicidade do homem começa na cama!

– Concordo plenamente com o senhor! É por isso que sempre digo que o momento mais importante para um casal é quando a mulher acorda. Imagine você dormir com uma princesa e acordar ao lado de uma bruxa descabelada, com a cara toda amassada e com bafo de gambá!

O velho deu uma gargalhada tão alta que chamou atenção dentro do ônibus.

– É verdade, meu senhor! – continuou Caio. – O segredo para um casamento se manter de pé é a mulher dormir e acordar bem bonitinha.

– Rapaz, você é novo, mas sabe das coisas!

– É, a gente vai aprendendo...

E depois que as risadas se dissiparam:

PERIGOSAS ACHERON

– Filho, você conhece a piada da encalhada no analista?

– Não.

O velhinho deu uma risada safada antes de começar a contar.

– Uma moça encalhada foi no analista pra tentar entender por que ainda não tinha se casado. Falou, falou e falou... Quando ela parou, o doutor começou: *“Mas há tantos homens interessantes no mundo: homens ricos... homens bonitos... homens inteligentes... homens bons-de-cama...”*. E ela: *“Talvez esse seja o meu problema, doutor... É que eu tô atrás de um homem rico, bonito, inteligente e bom-de-cama”*.

Capítulo 6

PAULO E MARIANA SAÍRAM da clínica e entraram no carro.

– Amor, vamos ter um filho! – disse ele dando a partida. – É só uma questão de tempo!

Ela sorriu e agradeceu a confiança lhe acariciando o rosto. Depois, ficaram algum tempo em silêncio. Mas, como toda mulher ansiosa, Mariana começou a pensar no que não devia.

– Paulo...

– Sim, amor.

– E se eu não conseguir engravidar?

– Agora vai dar certo! – disse ele sem tirar os olhos do trânsito.

– Mas, e se eu não conseguir, o que vai ser da tua vida?

– Você quis dizer da nossa vida, né?... Mas por que você tá perguntando isso? Não tá confiante?

– Tô...

– Não senti firmeza. Tá ou não tá?

– Tô, mas não tô...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ihhhh... Ser ou não ser, eis a questão!... Bem, se você não engravidar, podemos rever nossa posição e adotar uma criança.

– Você sabe que eu realmente não penso nisso!

– Então, vamos viver um para o outro. E vamos ficar curtindo os nossos sobrinhos. Que são muitos!

Mariana riu. Depois, ela foi perigosamente corajosa.

– Paulo, se eu não engravidar, você vai me largar?

Ele virou-se com os olhos arregalados. Sem dizer nada, parou o carro à direita num trecho sem movimento.

– Que pergunta louca é essa?... O que você tá querendo dizer com isso?

– Paulo, não dá pra ter certeza se vou engravidar.

– O que deu em você?... Você nunca tocou nesse assunto antes!

– Paulo, o problema da infertilidade é comigo... Você é normal. E se eu não conseguir mesmo engravidar? O que vai ser da tua vida?

– Amor, que paranoia é essa? Você ainda tem dúvidas do que sinto por você?

– Não se trata disso, Paulo.

– Mariana, ponha uma coisa na sua cabeça: eu me casei com a mulher que amo e quero viver com ela até o fim da minha vida!... Fui claro?

Ela ficou apenas olhando.

– E eu espero que você também tenha se casado com o homem que você ama! E que queira viver com ele até o fim da sua vida, independente do que acontecer!

– Desculpe, amor... Não quis te ofender...

– Mas ofendeu!... E muito!

– Desculpe... É que não consigo imaginar como um homem normal suportaria viver com uma mulher que não tem condições de lhe dar um filho.

– Você pensa demais, Mariana!

– Eu sei... Essa ansiedade tá acabando comigo.

– O médico tem toda razão. Precisamos descansar por alguns dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acho que sim.
- Vamos passar um fim de semana na praia!
- Boa ideia!

Paulo voltou a pegar o caminho de casa. Ficaram em silêncio por alguns instantes. Depois...

– Mariana, esquece essa história de fim de semana!... É pouco!... Vamos tentar tirar férias agora em julho. Vamos falar com nossos chefes. Acho que a gente consegue, mesmo pedindo de última hora. Eu e você temos férias acumuladas, lembra?

– Claro que lembro.

– Vamos passar uns quinze dias no litoral de São Paulo. É até bom porque a gente aproveita e procura aquela casa de praia que estamos pensando em comprar.

– É mesmo!... Boa ideia!... Aliás, faz tempo que a gente fala em comprar e não sai pra olhar.

– Isso, isso, isso!... Se encontrarmos uma interessante, não vamos deixar passar. A gente fecha negócio.

Outro silêncio.

– Paulo... por que ainda não fomos procurar essa casa?

– Sei lá... Falta de tempo...

– Será que estamos trabalhando demais?

– Pode ser.

– Pode ser não, é!... Faz tempo que não vamos ao cinema. Nem lembro do último filme que a gente assistiu.

– Ih, eu também não... Vai ver o filme não prestava...

– Paulo, acho que tá na hora da gente pensar um pouco mais em nós mesmos.

– É verdade. Mas acho que não foi nem tanto por causa de trabalho. Foi porque você tava tentando engravidar. Ficamos muito concentrados nisso.

– Eu que o diga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Desde que voltamos da lua de mel não falamos noutra coisa. Aliás, nossa última viagem foi a lua de mel... Não fizemos mais nada de lá pra cá... Mas vamos mudar! Daqui pra frente vamos mudar. Essa temporada na praia vai nos fazer um bem muito grande. Você vai ver!

– Tomara.

– Você vai voltar queimadinha-queimadinha.

– Você também tá precisando de uma corzinha.

Ficaram calados por algum tempo. Depois, Mariana reiniciou.

– Paulo...

– Que é?

– O que você achou daquela história de explicação espiritual?

– Fiquei surpresíssimo! Jamais pensei que um médico pudesse falar disso em plena consulta.

– Também fiquei surpresa... Mas o que você achou?

– Como podemos saber se existe ou não uma explicação espiritual?

– Não sei... Fiquei com a sensação de que ele tava querendo conversar mais sobre isso com a gente. Talvez ele seja muito religioso.

– E nós não somos?

– Somos.

Silêncio novamente. Em seguida, ele falou de supetão:

– Mariana, se existe alguma explicação espiritual, vamos pedir ajuda a Nossa Senhora Aparecida. Nós somos devotos dela!

– Sim.

– Vamos fazer uma promessa e depositar na Basílica de Aparecida. Vamos depositar na Sala das Promessas!... Iremos lá antes de viajar para o litoral. É uma viagem rápida, de duas horas e meia. A gente sai de manhã e volta à tarde. Vamos de ônibus, como bons romeiros.

– O que deu em você?

– Como assim, o que deu em mim?... Não podemos fazer uma promessa?

– Claro que podemos! Mas você nunca teve essas ideias.

PERIGOSAS ACHERON

- Acho que foi o médico que me inspirou.
- E qual vai ser a promessa?
- Não sei!... Vamos pensar... Eu penso daqui e você pensa daí.
- Tá bom.

Pouco depois, chegaram no prédio onde moravam em Moema, um dos bairros mais nobres da cidade de São Paulo. Já era começo de noite. Entraram na garagem e em seguida no elevador.

- Achei! – ele falou.
- O quê?
- Vamos prometer que se Ela nos der um filho, iremos todos os anos à Aparecida, sempre na data de aniversário dele, até ele completar 18 anos.
- Adorei! E ele sempre irá com a gente?
- Bem, quem está prometendo somos nós... A promessa é nossa... O nosso filho, ou filha, vai se quiser. Acho que não faz sentido fazer uma promessa pra outro cumprir.
- É verdade. Gostei.

Os dois entraram no apartamento e, por instinto, foram juntos até o quarto do bebê. Olharam para a imagem de Nossa Senhora Aparecida e se abraçaram novamente.

Capítulo 7

AO CHEGAR A SÃO CARLOS, no final da tarde de domingo, Caio foi direto para a pousada. Assim que chegou no seu quarto, analisou mais uma vez o primeiro trecho a ser percorrido. Conforme o planejado, não iria direto até Descalvado. Faria um pernoite no meio. A distância de 46 quilômetros era muito longa para ser feita a pé em apenas um dia. De bicicleta seria fácil, mas caminhando seria complicado até mesmo para pessoas acostumadas a fazer

trilhas, já que a jornada significa quase oito horas de esforço contínuo. Pensando nisso, os organizadores do Caminho idealizaram uma pousada na metade do trecho, onde os peregrinos pudessem pernoitar. Ela fica bem perto do lindo Santuário de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia.

Pouco depois, Caio foi à sala principal para conversar com outros peregrinos e trocar algumas dicas. Alguns faziam o Caminho da Fé pela segunda ou terceira vez, sempre partindo de um ponto diferente. Ele gostou do que ouviu e disse que faria o mesmo. Mas outro assunto também pontuava a conversa: a final da Copa das Confederações de Futebol entre Brasil e Espanha que aconteceria em instantes, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. O torneio estava sendo organizado pela FIFA como preparativo para a Copa do Mundo que seria realizada no país no ano seguinte.

A televisão já estava ligada... E o assunto que surgiu nela naquele exato momento não foi futebol. Entraram as cenas dos protestos populares que haviam tomado de conta das principais cidades brasileiras alguns dias antes e que tinham atingido o ponto máximo durante o evento. Tudo começou na cidade de São Paulo, quando a população saiu às ruas para protestar contra o aumento das tarifas de transporte público.

As manifestações foram contundentes, o que levou a uma forte repressão policial. Algumas ruas viraram praças de guerra com ônibus incendiados e agências bancárias depredadas. A polícia respondeu com bombas de gás lacrimogênio e cassetetes. Isso chamou a atenção da mídia e da população brasileira, o que serviu para espalhar a onda de protestos pelo país inteiro. Logo, outros temas entraram no rol das reclamações. Durante o torneio de futebol o principal deles foi o gasto excessivo do governo brasileiro para organizar a Copa do Mundo em prejuízo dos investimentos na saúde e na educação. Era comum ver manifestantes segurando cartazes com os dizeres “*Queremos hospitais e escolas no padrão Fifa*”. Esses protestos foram a maior mobilização política popular no Brasil nos últimos vinte anos.

Os dois times entraram em campo e o futebol voltou a ser o centro das

atenções. O Maracanã estava lotado. Na hora do Hino Nacional brasileiro, houve uma repetição da cena emocionante que tinha se tornado a marca registrada dos jogos do Brasil naquele evento. Os torcedores continuaram cantando à capela mesmo depois que o hino foi interrompido nos alto-falantes.

A partida começou e os peregrinos vibravam a cada lance. O clima de patriotismo era tão grande que deixou a pousada parecendo uma extensão do estádio. A seleção brasileira ganhou por três a zero. Caio foi um dos que mais gritaram com os gols, afinal ele adorava futebol. Depois, ainda ficou conversando sobre os detalhes do jogo por um bom tempo. Quando foi para o quarto, já era quase meia-noite. Felizmente, o sono veio rápido.

Capítulo 8

ASSIM QUE ACORDOU, Caio foi tomar o café da manhã, servido com imensa simpatia pelos funcionários da pousada. De modo geral, os comentários na mesa ainda eram sobre a onda de protestos nas cidades e a vitória brasileira na noite anterior. Depois de meia hora de café e bate-papo, ele preparou o sanduíche que lhe serviria de almoço. Logo em seguida, foi arrumar sua mochila. Voltou, pegou a sua credencial de peregrino, e recebeu o primeiro carimbo ali mesmo na pousada. Seguiu para aquele que seria o seu ponto zero de partida: a Catedral de São Carlos Borromeu. Lá chegando, entrou e rezou.

Quando saiu, posicionou-se à frente para partir, mas ficou pensativo. Sentiu falta de alguém muito especial. *Isadora... que saudade!* Se sua noiva não tivesse lhe abandonado, àquela altura seria um homem casado. Por um breve instante imaginou-se no altar vendo-a entrar na igreja sendo levada pelo pai. Mas rapidamente voltou a si e ficou concentrado no seu objetivo imediato. Fez o sinal da cruz e partiu. Estava iniciando o Caminho da Fé.

Como São Carlos não é tão pequena, Caio iria andar pelo menos uns

cinco quilômetros dentro da zona urbana. Assim, aproveitaria para curtir o visual da cidade. Logo no começo, parou para comprar o cajado. Pagou e saiu rapidamente da loja. Enquanto seguia pelas ruas, via uma grande quantidade de gente jovem. Quase todos eram alunos das universidades sediadas ali. São Carlos respirava vida acadêmica. Aquele clima lhe era bastante familiar, já que estivera na cidade algumas vezes apresentando suas pesquisas em encontros científicos. *Há quanto tempo não faço isso...*

Caio percebeu que a sua vida profissional tinha praticamente parado desde que começara a se dedicar aos meninos de rua. Estava apenas dando aula. Fez as contas rapidamente e lembrou que a última pesquisa apresentada tinha sido há dois longínquos anos. Era uma eternidade para um cara como ele que tinha concluído mestrado e doutorado com louvor e que, até então, vinha se destacando com uma produção científica extremamente ativa. Seus professores o consideravam uma grande promessa de intelectual. Ele ficou calculando o tempo perdido enquanto caminhava. *Tempo perdido?... Não... Claro que não... Tenho certeza que aquelas crianças não acham que perdi meu tempo cuidando delas.*

•

Ele entrou nos caminhos de terra. Agora, começava a parte essencialmente aventureira do trajeto. Uma coisa é fazer peregrinação pisando em asfalto, olhando prédios, vendo uma multidão de gente e escutando barulhos de carro. Outra coisa é caminhar pela zona rural pisando em mato, vendo animais e escutando apenas os barulhos da natureza. Era um momento de encontro consigo mesmo. Caio também estava atrás disso.

A primeira plantação de laranjas surgiu na frente dele. *Que coisa linda!* Árvores bem verdinhas com frutas amarelinhas-amarelinhas. Não resistiu. Parou e arrancou uma com a mão. Soube pelos outros peregrinos que isso poderia ser feito, desde que não cometesse excessos e não sujasse o caminho.

Por isso, levava o seu próprio saquinho de lixo. Tirou o canivete e começou a descascar. Depois, cortou ao meio e começou a chupar uma banda. *Huuumm... que coisa doce!*

Para alguém da cidade, chupar uma laranja tirada com a própria mão e debaixo da sombra da própria árvore era um prazer inigualável. Dava vontade de ficar ali apenas escutando o canto dos pássaros. Mas ele tinha que continuar. Assim que terminou com a laranja, retomou o seu caminho. O trajeto até a primeira parada seria quase todo plano e com boas sombras.

Enquanto andava, começou a prometer para si mesmo que, quando resolvesse os problemas do abrigo, iria se dedicar novamente às pesquisas acadêmicas. *Vou voltar a ser o professor Caio de antes. Não quero mais ficar apenas escutando os meus colegas falarem dos seus trabalhos e eu sem nada pra dizer.* E lembrou do que lhe dissera um dos seus professores mais experientes da graduação, quando tomavam descontraidamente um café na cantina da faculdade. Caio tinha uns vinte anos.

– *Aproveite a sua juventude, meu caro, tanto na vida pessoal como profissional. Depois dos quarenta, a gente perde muito o ânimo.*

– *Sério?*

– *É... depois dessa idade a nossa produção cai muito. Há algumas exceções, claro. Mas de modo geral é isso que acontece.*

– *Por quê?*

– *Geralmente, depois dos quarenta, passamos a dar prioridade a outras coisas. Queremos mais lazer... viajar... curtir a família... os filhos...*

Caio fez uma pequena curva para a esquerda acompanhando a indicação de uma seta amarela pintada numa estaca. Uma ave passou voando sobre a estrada de terra. Ele olhou, mas não conseguiu identificar qual era. Se ela

estivesse cantando, talvez adivinhasse, mas em silêncio... Voltou-se para si mesmo. *Será que vai acontecer comigo o que aquele professor falou?... Será que depois dos quarenta vou ficar acomodado? ...Ihhhhh... Se for assim, só terei disposição por mais alguns anos... Tenho que correr!... Ou será que vou ser uma das exceções?...*

•

Ao entrar numa região com boa sombra, Caio percebeu que tinha acelerado o passo. Já estava na hora do almoço e ele se deu conta que, se seguisse naquele ritmo, chegaria na pousada da Babilônia por volta das 15 horas. Achou melhor parar rapidamente e saborear o seu sanduíche. Encostou o cajado numa árvore e sentou numa pedra curtindo o som da natureza.

Assim que terminou de comer, levantou-se e partiu, mas dessa vez caminhando mais devagar. Afinal, não estava com pressa. Não demorou muito, ouviu um barulho metálico extremamente familiar. Era a catraca de uma bicicleta. Um peregrino descia na sua direção sem pedalar.

– Boa tarde, amigo – disse o ciclista, reduzindo a velocidade para acompanhá-lo.

– Boa tarde. Está vindo de São Carlos?

– Sim, saí de lá há cerca de uma hora.

– Sei.

– Você vai parar na Babilônia, né? Tá a pé.

– Sim, vou pernoitar lá.

– Eu vou direto até Descalvado. Vou chegar lá à tardinha.

– É... de bicicleta é mais fácil.

– Por que escolheu fazer a pé?

– Nunca fiz trilha de bicicleta... Engraçado... Não sei por quê... Quem sabe da próxima vez.

Um passarinho amarelado pousou num galho e fez um barulho. Estava a

uns três metros do lado esquerdo. Eles passaram olhando.

– É um canário-da-terra – identificou o ciclista.

– Como você sabe?

– Já criei alguns.

O vento soprou forte, balançou bastante o galho onde estava o pássaro, mas ele continuou lá.

– Vai até Aparecida? – quis saber Caio.

– Sim, vou depositar uma promessa.

– Eu também.

Ele não perguntou o que era. Achou que seria indiscrição. Se a pessoa quisesse falar, que falasse. Pois, o ciclista não demorou.

– Estou tentando passar em concursos públicos. Se eu conseguir, vou visitar a basílica todos os anos, até eu me aposentar.

Caio apenas olhou. Teve vontade de dizer algo, mas achou melhor ficar calado. Ele não gostava daquele tipo de promessa. *Tudo bem, vai demonstrar sua devoção. E isso é ótimo! Mas não vai beneficiar ninguém. Quem recebe uma graça tem que retribuir ao próximo! Seria bom que ele acrescentasse a doação de algumas cestas básicas ou a prestação de serviços em algum lugar. Isso sim! Se alguém conquista um benefício, é preciso retribuir ao semelhante.*

O ciclista aproveitou o silêncio de Caio para se despedir.

– Bom caminho, amigo.

– Bom caminho, companheiro. Que Nossa Senhora Aparecida lhe abençoe!

– A você também.

Ele acompanhou o ciclista se distanciar. Quando o viu lá longe, percebeu como aquela cena era linda: uma paisagem campestre com uma bicicleta no finalzinho. Parecia um quadro.

•

Quando chegou perto de um bambuzal, Caio se deu conta de que estava próximo da Babilônia. Lembrou que no começo da sua adolescência usava os bambus fininhos para fazer pipas. Era um mestre. *Será que ainda sei fazer uma?* Caminhou por algum tempo recordando dos amigos dessa época. Com alguns deles não tinha mais nenhum contato.

Logo após, passou por um canavial. *Opa, aqui eu paro!* Na primeira sombra, arriou a mochila. Pegou o canivete e cortou um pedaço da cana mais grossa. Caio viu que ela estava bem geladinha. Naqueles dias, o clima estava frio no sul e sudeste do Brasil. Ele descascou, cortou um rolete e mastigou. O sumo da cana bem doce lhe desceu pela garganta. *Como isso é bom!* Depois, cuspiu o bagaço no seu saquinho de lixo. Repetiu... e lá se foram dois, três, quatro, cinco roletes, até acabar o pedaço que cortara. Curtiu a cana e a sombra onde estava. Como já estava bem perto da pousada, aproveitou para descansar ali mesmo, no meio da natureza, escutando o barulho do vento. Pouco depois, partiu.

Não demorou muito e ficou de frente para a pousada. Lá, a maioria dos ciclistas para apenas pra pegar água. Para eles não é problema, porque o caminho até Descalvado é ligeiramente em descida e com boas sombras.

Assim que entrou, Caio ligou para o abrigo.

– Alô – atendeu Camila.

– E aí, tudo bem?

– Oi, Caio. Tudo bem. Como é que você tá?

– Um pouco cansado. Acabei de percorrer o primeiro trecho. Como estão as crianças?

– Tranquilas. Mas as mais novinhas estão perguntando muito se você já volta amanhã.

– Que bom que sentem a minha falta. É bom saber disso. Eu também tô sentindo muito a falta delas.

– Estamos com muita saudade, Caio. Eu e Aurora.

– Eu também... Eu também... Não dava pra ser diferente! – Ele ficou

pensativo por alguns instantes. – Eu volto a ligar. Beijo.

– Beijo.

Caio pegou a chave do quarto e tomou banho rapidamente. Logo depois, foi ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. Achou linda a longa escada que leva pra dentro. *Parece um castelo!* Parou no começo e pediu para uma moça lhe tirar uma foto com seu smartphone. Depois entrou e assistiu à missa. Ao final, como gosta de fazer, rezou o terço. Pediu proteção para ele, suas ajudantes e todas as crianças do abrigo. Ao voltar para a pousada, conversou bastante com outros peregrinos. Depois, jantou e foi dormir. Seu primeiro dia no Caminho da Fé estava concluído.

Capítulo 9

TÃO LOGO CHEGARAM aos seus locais de trabalho, Mariana e Paulo trataram de conseguir as férias com seus superiores. Não foi difícil, como já era esperado. Apesar de solicitarem de última hora, ambos eram queridos e respeitados nos seus empregos. Tinham grande prestígio com seus chefes. Paulo ligou para ela confirmando a boa notícia. Mariana, por sua vez confirmou a sua. Combinaram de sair à noite para jantar e fazer compras no shopping, já visando às férias no litoral, logo depois da ida à Aparecida.

Quando caminhavam em frente às lojas, ela avistou uma colega profissional que não via há algum tempo. Estava com o marido e empurrava... um carrinho de bebê! Mariana sentiu a pancada. Logo lembrou que nos últimos contatos a moça tinha dito que estava tentando engravidar. Tudo o que ela não precisava naquele momento era ver as mulheres do seu meio social tendo filhos. Tanto que nem quis encontrá-la. Puxou Paulo pela mão e entrou numa loja. Não que a colega não fosse uma boa pessoa, muito pelo contrário, mas detestava aquela terrível sensação de que só ela ainda não era mãe.

Depois que foram embora, o marido estranhou o silêncio no carro.

– O que foi?

– Nada.

– Tá tão calada.

– Não é nada.

– Conta pelo menos uma piada.

– Ai, amor, lá sei contar piada.

– Então, pelo menos assobia.

Ela fez pose de gaiata e assobiou.

– Ah, melhorou.

Ao chegarem em casa, quase não conversaram. Assistiram à televisão na sala por um bom tempo e depois foram para o quarto. Mariana estava sem sono, mas virou-se para o lado fingindo cochilar. Assim que Paulo dormiu, levantou-se e voltou para a sala. Ligou seu computador pessoal e entrou nas mídias sociais. Visitou o perfil do máximo de mulheres que conhecia: amigas da faculdade... do trabalho... vizinhas... amigas das amigas... Queria saber quantas já eram mães. Focou naquelas que tinham mais de trinta anos e que já eram casadas.

Para a sua tristeza, a contabilidade não lhe era muito favorável. Mais de 80% delas já tinham filhos. E o que é pior: da sua turma de amigas mais próximas apenas ela ainda era titia. A Luciana tinha duas filhas, a Elaine e a Suellen um, a Gabriela estava grávida do segundo, e a Luísa, quem diria, tinha sido a mais exagerada... era mãe de três filhos lindos! Tudo isso doía muito em Mariana.

Depois de ficar mais de uma hora olhando as fotos, começou a lembrar do que conversava com as amigas na época da faculdade. Além do assunto “provas-e-trabalhos”, elas adoravam trocar ideias sobre seus relacionamentos amorosos. E, como não podia deixar de ser, falavam de casamento. Todas planejavam trocar alianças assim que se formassem, ou até antes, se junto com os namorados ou noivos tivessem condições financeiras. Mariana era a ovelha

negra da turma. Queria esperar um pouco mais. Esse “pouco mais” significava subir ao altar apenas depois de atingir o sucesso profissional. Todas se surpreendiam com ela.

– Pra que esperar tanto, Mariana? – questionou-me Luciana mais uma vez.

– Prefiro investir no meu trabalho.

– Ah, querida, pois acho que dá pra conciliar.

– Eu também – falou Elaine.

– Concordo plenamente – acompanhou Suellen.

– Pois eu prefiro esperar um pouco mais.

A Gabriela brincou, mas com um fundo de verdade:

– Mulher que passa dos trinta passa a ter concorrência das que têm vinte.

Todas riam muito. Eu sabia disso, mas não mudava.

– Casamento pra mim significa ser mãe e só quero ser depois de ter um bom emprego. Não custa nada esperar.

A Luísa novamente tocou num ponto crucial.

– Corpo de mulher não é o mesmo depois dos trinta. Muda muita coisa. Vai que você enfrenta dificuldade pra engravidar.

– Vira essa boca pra lá, menina! – reagiu batendo três vezes no braço da cadeira. – Deus me livre! Nem penso nisso! Meu sonho é ser mãe de três filhos.

– Três?...Então, é melhor começar já! – brincou Suellen.

Tudo aquilo a deixou muito triste. E não deu outra... Foi se lamentar com o seu amigo inseparável: o chocolate. Pegou uma caixa, já no final, e colocou do seu lado. Desembrulhou um e mordeu a metade. Pressionou um pouco contra o céu da boca e sentiu o doce se espalhando. Teve uma enorme sensação

de alívio. Ficou alguns segundos curtindo aquele prazer que só as mulheres conseguem entender. *Três filhos?... Três?... Não tô conseguindo nem o primeiro...* A sua sorte, naquele momento, era que a caixa de chocolate já estava no final.

Capítulo 10

CAIO ACORDOU E FICOU MAIS UM POUCO na cama lembrando da beleza do Santuário da Babilônia. Fez a barba, foi tomar o café da manhã e depois carimbou a sua credencial. Partiu a caminho de Descalvado. Poucos minutos depois, atravessou a rodovia e chegou na estrada de terra. Andou algumas centenas de metros sentindo o vento bater forte no rosto. Adorou. Caio amava o contato com a natureza. Olhou para os lados tentando achar alguns pássaros. Não achou. Lembrou que quando era garoto gostava de imitar o canto de vários deles. *Como assim, quando era garoto? Será que não sou mais?*

E começou a assobiar imitando alguns na esperança de obter alguma resposta. Nada. Fez de novo e ficou aguardando. Silêncio. Fez mais uma vez. Zero. Começou a variar bastante as imitações. Nenhum retorno. Olhou para os lados e falou em voz alta: – Tem alguém aí?

Só havia o barulho do vento nas árvores.

– Estão com vergonha de mim?

Mais vento.

– Será que estou sozinho?

Ele riu. Sim, estava sozinho. Estava na companhia de si mesmo. Assim, não foi difícil lembrar dos seus meninos de rua. Começou a recordar de como iniciara a sua dedicação a eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando eu era criança e saía com meus pais, olhava bastante quando a gente passava por aqueles meninos. Eu ficava com vontade de ir até lá e perguntar:

“Por que vocês não usam roupas limpas?”

“Por que vocês não usam sapatos?”

“Por que vocês não vão pra casa?”

Muitas vezes eu parava, mas meu pai e minha mãe me puxavam porque tinham medo de assalto. No entanto, eu continuava olhando, mesmo que para trás. Na minha santa ingenuidade, não conseguia entender como aquelas crianças poderiam prejudicar alguém, afinal elas eram do meu tamanho, ou apenas um pouco maior. Se eu não conseguia fazer mal a ninguém, elas também não fariam.

Quando alguma delas se aproximava com a mão estendida, eu sorria, mas meus pais ficavam sérios e com medo. A contragosto, eles tiravam uma moeda e entregavam. Uma vez, eu e papai voltávamos do mercado com sacolas nas mãos e dois deles se aproximaram pedindo esmola. Ele disse que não tinha, e eu fiquei com muita pena. Então, meti minha mãozinha numa das sacolas, peguei duas maçãs e entreguei. Papai não impediu, mas fez cara de aborrecido. As duas crianças adoraram e eu fiquei superfeliz. Mas, assim que nos afastamos, fui repreendido.

– Não faça mais isso! Não dê atenção a esses meninos! Eles são perigosos!

– Perigosos por que, papai?

– Porque vivem na rua, aprendem tudo o que não presta.

– Mas o quê?

– Um dia você vai entender.

Caio ouviu o barulho de aves brigando. Olhou para o lado direito e viu dois gaviões se atacando numa pequena árvore. Um terceiro estava por perto.

PERIGOSAS ACHERON

Dois machos disputando para o acasalamento? Achou a cena engraçada e parou de caminhar pra assistir às bicadas. Logo depois, os dois voaram, mas a briga prosseguiu no ar. O terceiro pássaro ficou. É a fêmea.

Com o tempo, fui percebendo que a grande maioria das pessoas pensava a mesma coisa sobre aqueles meninos. Foi quando comecei a me perguntar por que, ao contrário dos outros, eu gostava tanto deles. Eu os via quase como irmãos. Essa imagem não mudou nem quando presenciei uma daquelas crianças roubar a bolsa de uma mulher e sair correndo. Apesar dos gritos de “Pega ladrão! Pega ladrão!”, pra mim aquilo era apenas uma brincadeira do garoto e depois ele iria devolver. Eu não sentia qualquer aversão a eles. Muito pelo contrário, sempre os via como pessoas que precisavam de ajuda.

Tanto que na minha adolescência, passei a juntar as sobras do almoço e entregar para um grupo que sempre encontrava nas ruas. Eles passaram a me ver como amigo e começaram a me chamar pelo nome. Um dia foram na minha casa atrás de comida. Meus pais não gostaram nem um pouco e me proibiram de fazer aquilo. Eu obedeci pela metade. Continuei levando as sobras, mas agora escondido. Às vezes, fazia ainda mais: pedia roupas usadas em alguma rua do bairro e levava pra eles. Eu me sentia na obrigação de me envolver com aqueles garotos, porque tinha consciência que a minha vida era melhor que a deles. Cresci com isso dentro de mim. E foi isso que me fez estudar sociologia. Eu queria entender porque a sociedade era tão injusta.

•

Depois que virei professor, conheci na faculdade um funcionário que tinha um grupo que servia sopão a meninos de rua. Eu perguntei se poderia fazer parte. “Claro!”. Entrei e adorei. Já na primeira vez encantei-me com as crianças. Por mim, teria ficado a noite inteira ali. A identificação com o projeto foi tão grande, que disse pra mim mesmo que passaria o resto da minha

vida ajudando aqueles garotos.

Com o tempo, fui ficando cada vez mais apegado. Torcia pra semana passar rápido e chegar logo o dia do sopão. Quando estava com eles, não tinha a menor vontade de ir embora. Eu era o mais carinhoso e isso gerou uma forte ligação afetiva entre nós. Não deu outra: em pouco tempo, fiquei com vontade de montar o meu grupo. Os colegas deram o maior apoio. Comecei chamando alguns dos meus vizinhos. Camila e Aurora foram as primeiras a topar. Também chamei os meus alunos, mas não tive sucesso. Foi aí que percebi que a maioria das pessoas não tem a menor preocupação social. Quase todos dão a desculpa de que não têm tempo.

Mas eu não me intimidei com as dificuldades e fundei o meu grupo assim mesmo. Outras pessoas vieram. Mas nem todas eram assíduas. O único que não faltava um dia sequer era eu. A minha ligação com aqueles meninos estava ficando cada vez mais forte.

•

Minha vida começou a mudar quando seis meses depois escutei um pedido surpreendente dos funkeiros. Era um grupo de cinco crianças: três meninos e duas meninas, de onze a doze anos, que queriam ser cantores e dançarinos de funk. Eles mesmos haviam se batizado assim porque se inspiravam nas grandes estrelas do segmento que vinham da classe pobre. Sonhavam com o mesmo estilo de vida: carrões, roupas de marca, relógios, colares, pulseiras brilhantes...

Pois bem... os funkeiros se reuniram e o maiorzinho deles me pediu:

– Tio, leva a gente pra tua casa.

Na hora achei que fosse brincadeira, um pedido bobo. Tanto que não respondi. Apenas sorri e fiz um carinho na cabeça deles. Mas ficaram me olhando à espera de uma resposta. Pediram mais uma vez. Eu fiquei sem saber o que dizer e mudei de assunto. Mas foi naquele momento que senti que deveria

oferecer para aquelas crianças algo mais que o sopão. Os funkeiros eram de famílias completamente desestruturadas: pai e mãe alcoólatras... irmãos drogados... violência doméstica... abuso sexual. Não sei o que era pior pra eles, se o lar ou as ruas. E, como não podia deixar de ser, usavam crack e praticavam pequenos furtos. Frequentemente apareciam com colares e relógios diferentes. Diziam que haviam “comprado”. Eu não podia fazer nada.

•

Na semana seguinte, os funkeiros refizeram o pedido. E, novamente, eu não soube o que responder. Apenas olhei e sorri. No entanto, fiquei vários dias com aquela frase na cabeça: “Tio, leva a gente pra tua casa”. Mas como levar? Eu morava numa casinha de quarto e sala herdada do meu pai, ali mesmo em Lajeado. Vivia com o salário de professor de sociologia de duas faculdades privadas. Andava num carrinho bem simples. A minha renda era baixa. Depois que eu pagava as contas, não sobrava dinheiro pra comprar nem um litro de querosene pra ajudar na lavagem do carro. A minha única forma de contribuir era com aquele sopão.

Mas o pedido dos funkeiros mexeu muito comigo. Tanto que passei a me dedicar ainda mais: aumentei a frequência do sopão para duas vezes por semana. Em alguns dias, levava roupas usadas que o grupo recolhia pela vizinhança. Fazia tudo o que estava ao meu alcance. Era uma dedicação tão grande que chegava a atrapalhar a minha vida pessoal. Eu me perguntava por que fazia tanto, mas não encontrava a resposta. Talvez aquilo tivesse uma explicação espiritual. Mas como saber?

•

Caio estava atravessando uma pequena ponte. Isso mostrava que ele já tinha percorrido a maior parte do percurso. Tinha perdido até a hora do almoço. O sanduíche ainda estava na mochila. Pensou em desistir dele. Mas não. Parou

numa sombra, encostou o cajado, abriu a mochila e o pegou para comer. Depois, ficou descansando. Só partiu quando estava se sentindo mais revigorado. Quase uma hora depois, chegou no asfalto de Descalvado. Caminhou pelas ruas distraído-se com o movimento de pessoas que aumentava à medida que se aproximava da pousada. Quando chegou, cumprimentou o funcionário, arriou a mochila, e se sentou na primeira cadeira que viu. Ficou ali por uns dez minutos.

Capítulo 11

COMO ESTAVA ENTRANDO DE FÉRIAS e iria viajar, Mariana aproveitou para dar uma retocada no visual. Foi ao salão de beleza cuidar do cabelo e das unhas. O cabeleireiro deu-lhe as boas-vindas chamando-a de “*a minha cliente mais linda*”. Ela adorou, apesar de saber que ele fazia aquilo com todas, até mesmo com aquelas que nem de longe mereciam o elogio. Não era o caso dela. Mariana era realmente uma mulher muito bonita. Tinha olhos e cabelos castanho-claros. A pele e os dentes eram perfeitos. Sempre foi atraente, nunca teve dificuldade para atrair os olhares masculinos. Aqueles seis quilos a mais não tinham alterado em nada o seu quadro de beleza. Mas ela se lamentou de novo, tão logo sentou para retocar o cabelo. O cabeleireiro brincou: – Querida, você não tá gorda, tá nutrida!

– Deixa de ser chato!

– Tenho certeza que os homens tão te achando gostosa.

– Eu tô me achando uma baleia!

– Não sei por quê! As mulheres implicam com alguns quilinhos a mais, implicam com celulite, mas os homens nem reparam nessas coisas... E, se reparam, não dão importância. É tudo neura de mulher!

– Espero mesmo que você esteja certo – disse ela, sorrindo.

– Claro que sim, meu bem! Não esquentar com esses quilinhos, porque só você tá notando.

Mariana ainda trocou algumas frases com ele até ser fisgada por uma conversa paralela. Duas mulheres de uns quarenta e tantos anos, uma morena e uma ruiva, conversavam sobre o fim dos seus casamentos. Ela abriu bem os ouvidos. Aqueles papos sempre interessam a qualquer mulher, mas no momento em que estava, interessava ainda mais.

– Meu casamento acabou por causa das traições dele – disse a morena.

– E durou quanto tempo?

– Seis anos.

– Filhos?

– Dois. Um casal. A guarda ficou comigo, claro. Mas pra falar a verdade, ele nem se importou. Acho que tava mais interessado em viver o novo romance do que cuidar de crianças.

– E você conhecia a outra?

– De vista. Era colega de trabalho dele. Bem mais nova que ele.

– Como sempre!

– E bem mais nova do que eu...

– Como sempre!

– Você nunca desconfiou de nada?

– Sim... Quando ele passou a me procurar aeeeeeeenas de vez em quando. Nessa época, chegamos a ficar seis meses sem sexo. Quer dizer... eu fiquei.

– E você não reclamava pra ele?

– Você acredita que aos poucos fui me acostumando? Quando me dei conta já tava há seis meses sem transar com meu marido. E nem sentia falta. Imagine, uma mulher casada! Acho que isso deve acontecer com muita mulher. Vai deixando, vai deixando, vai deixando... Chega a um ponto em que se acostuma sem. Tanto que depois foi ele quem tomou a iniciativa. Se fosse esperar por mim...

– É verdade!... – concordou a ruiva.

– Isso é mais comum do que a gente pensa. A mulher é diferente do homem. Se não recebe estímulo, fica ali quietinha. Eu tenho uma amiga separada que tá há dois anos sem transar, e também diz que não sente falta.

A morena aproximou o rosto e falou baixinho:

– Eu já tô quase chegando nisso.

– Vocês se separaram há quanto tempo?

– Dois anos!

– Ainda não arranjou ninguém?

– Não... Acho que minha idade e os filhos espantam os homens.

Mariana ficou pensando...

Ai, meu Deus! O que vai ser de mim se não conseguir engravidar? Será que vou conseguir outro homem? Só de pensar nisso me dá uma coisa... Será que não arranjo pelo menos um separado que não queria mais filhos? Um velho? Ou será que esses também não querem uma mulher da minha idade?

– Eu me separei há um ano – disse a ruiva. – Foram nove anos de casada. Um filho. Fomos felizes enquanto durou.

– O que houve? – perguntou a morena.

– Ele chegou com a cara dura e disse que não me amava mais.

– Ah, ele tinha outra...

– Claaaaaaaro! Homem só larga a mulher quando já tem outra na cama. Ele negava, mas uma semana depois já era visto aos beijos com a namorada. Quem viu a cena me disse que ele tava todo garotão, nem parecia que já tinha quase cinquenta.

– Ela é mais nova que você?

– O que você acha?... Deve ter seus 27, por aí... Coitada! Mal sabe que provavelmente daqui a algum tempo ele vai fazer a mesma coisa com ela. Os homens são assim... gostam de carne fresca na mesa! Às vezes dou razão pra uma grande amiga minha, solteirona. Ela sempre diz: “Homem só serve pra duas coisas: fazer raiva e fazer menino! E eu não quero nenhuma das duas!”.

Elas caíram na risada. Mariana e o cabeleireiro também.

– E você tá sozinha – quis saber a morena.

– Ainda. Depois de tanto tempo vivendo com o mesmo homem desaprendi a paquerar.

– Eu também!

– Ainda tô atrás de alguém que me ensine tudo de novo.

– Então, somos duas!

Capítulo 12

LOGO DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ, Caio foi rezar na Igreja de Nossa Senhora do Belém, a matriz de Descalvado. Só depois, partiu. Enquanto percorria o trecho urbano, entreteve-se com o visual de alguns poucos moradores passando pra lá e pra cá. Sua próxima parada, ao final do dia, seria na cidade de Porto Ferreira. Pouco depois, chegou na estrada de terra. Após caminhar quase uma hora, voltou a lembrar da sua busca por entender por que sentia tanta afeição pelos meninos de rua.

Fui conversar com o padre da minha igreja e falei do amor que sentia por aquelas crianças. Ele me disse que eu era um homem abençoado, pois tinha sido escolhido por Deus para ajudá-lo a cuidar dos mais necessitados. Mas isso eu já sabia! Tinha certeza que Ele havia me reservado uma missão especial aqui na terra. O que eu queria saber é por que eu tinha sido o escolhido. E essa resposta não estava encontrando. Só fui perceber que teria que ir um pouco mais longe depois que contei a minha história para uma amiga, também professora. Ela tinha passado por uma experiência bastante interessante.

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Esse seu amor pelos meninos de rua deve ter uma explicação espiritual.*
- *Sim!... Também acho. Mas qual?... O padre da minha igreja disse que fui escolhido por Deus para uma missão especial. Mas por que eu? O que será que pode existir por trás dessa escolha? Eu gostaria muito de saber.*
- *Já ouviu falar em regressão?*
- *Regressão?*
- *Sim, regressão. Já ouviu falar?*
- *Não.*
- *A explicação para a sua dedicação aos meninos de rua pode estar em vidas passadas.*
- *Como é que é?*
- *Isso mesmo!*
- *Mas como saber das minhas vidas passadas?... Eu mal sei da minha vida atual...*
- *Ah, você vai ter que regredir.*
- *Regredir? Eu quero é progredir!*
- *Regredir pra progredir!*
- *Que história é essa de regressão?*
- *Você precisa fazer a TVP, a Terapia de Vidas Passadas.*
- *TV o quê?*
- *TVP! Terapia de Vidas Passadas!*
- *O que é isso?*
- *É uma terapia que faz você regredir às suas vidas anteriores.*
- *Você já fez isso?*
- *Sim, há pouco tempo.*
- *Por quê?*
- *Eu tinha um grande problema na minha vida: pânico de dirigir. Meu coração acelerava, minhas mãos suavam. Era um terror. Cheguei a abandonar a direção, passei um tempo andando só de ônibus e de metrô. Tentei dois tratamentos, mas não deram certo.*

PERIGOSAS ACHERON

– Poxa...

– Até que uma amiga me indicou a TVP. Ela tinha feito e adorado. No começo, eu nem acreditei muito que pudesse me ajudar, talvez influenciada pelos tratamentos que não tinham dado certo. Mas ela disse que eu deveria pelo menos conversar com um terapeuta. E eu fui... não acreditando muito... mas fui.

– E aí?

– Meu carro tá estacionado lá fora. Eu venho e volto dirigindo.

– Então, você ficou boa?

– Não sei se fiquei totalmente boa, mas só o fato de ter descoberto a causa do problema me fez lidar muito melhor com ele. Ainda sinto um pouco de aflição. Mas pânico eu não tenho mais!

– E como você descobriu o problema?

– Com a regressão tomei conhecimento que numa existência anterior fui a causadora de um grande acidente de trânsito. O pânico vinha daí.

– Como?

– Os espíritos evoluem passando de corpo em corpo ao longo da eternidade. E, nesse processo, quando assumem uma nova vida, levam consigo algumas marcas da anterior que podem repercutir na atual. Era por isso que eu tinha medo de dirigir. Meu espírito ainda está marcado pelo acidente.

– Ainda?

– Sim, não há como apagar o que aconteceu. Eu apenas aprendi a lidar melhor com o problema.

•

Caio avistou de longe um casal sentado debaixo de uma sombra. Viu também os cajados. Eram peregrinos! Estavam comendo alguma coisa. Olhou no relógio e viu que faltavam apenas quinze minutos para o meio-dia. *Hora do almoço!* Caminhou mais um pouco e recebeu acenos dos dois. Deu outro de

volta. Ao chegar, foi saudado.

– Boa tarde, peregrino – disse o homem.

– Boa tarde.

– Seja bem-vindo à nossa sombra.

– Obrigado. – E arriou a mochila.

– Nós saímos de Descalvado pouco antes de você – informou a mulher.

– Estavam na mesma pousada que eu?

– Sim, vimos você saindo hoje de manhã em direção à igreja. Nós rezamos lá ontem à noite. Por isso viemos direto para a estrada.

– Ah, tá.

– Quer uma maçã? – ofereceu o homem.

– Não, obrigado. Tenho um sanduíche aqui – disse abrindo a mochila.

Depois que “almoçou” com o casal, não ficou muito tempo. Logo, se levantou para continuar.

•

– *Como acontece essa TVP?*

– *Primeiro o terapeuta vai ter uma conversa com você. É o que eles chamam de anamnese. É um momento que serve para explicar o tratamento, saber detalhes da sua vida, do seu problema... Essa conversa é importantíssima.*

– *E depois?*

– *Depois, você começa com as sessões. O tratamento pode durar até vários meses.*

– *Isso tudo?*

– *Nem sempre... Às vezes, poucas sessões são suficientes. Tudo depende do nível de envolvimento da pessoa com a regressão.*

– *Você ainda tá fazendo as sessões?*

– *Não, parei. Já consegui as respostas que precisava.*

PERIGOSAS NACIONAIS

– Como é a sessão?

– O terapeuta começa dizendo algumas frases pra te levar a um relaxamento profundo. Em seguida, você é induzido a acessar fatos do passado que não consegue mais lembrar. São acessados fatos dessa vida atual e de vidas anteriores. É quando você pode encontrar as respostas.

– Mas a gente fica em transe?

– Não! Fica em relaxamento profundo. Em nenhum momento você vai perder a consciência. Sempre vai estar em contato com o terapeuta. Você vai dizendo o que está vendo e ele vai te dando algumas orientações. Pode ser que você se emocione: chore, grite... Mas não há nenhum perigo. Isso faz parte da terapia. Depois de cada sessão, o terapeuta vai conversar com você. Ele vai te ajudar a interpretar o que você viu e fazer ligações com a sua vida atual.

– Sei.

– E aí?... Tá pronto pra regredir?

– É... Vamos ver. Sou católico. Não sei se praticante ou não-praticante, mas sou católico. Não sei se acredito na reencarnação.

– Você não precisa acreditar na reencarnação pra fazer a TVP.

– Sério?

– Sim! A Terapia de Vidas Passadas não tem vínculo com nenhuma religião.

– Mas ela não é do espiritismo?

– Não!

– Como não?

– A TVP não é um tratamento religioso. É apenas uma terapia, por isso ela é aberta a todas as pessoas, com ou sem religião.

– Não acredito!

– Pois, acredite! Acho que você precisa conversar com algum terapeuta. Quer o telefone do meu?

– É... Me dê...

– Aqui tá o cartão dele. Marque uma consulta e faça a anamnese. Vai ser

PERIGOSAS ACHERON

ótimo pra você.

•

Caio chegou nos trilhos da antiga ferrovia que levava a Porto Ferreira. A famosa estação ferroviária da cidade está desativada há algumas décadas. Mas foi restaurada e virou um local para atividades culturais. Ao lado dos trilhos corre o Rio Mogi-Guaçu, uma das referências naturais mais importantes da região. Antes de ir para a pousada, ele foi visitar a estação. Ao chegar, viu alguns pequenos grupos de pessoas conversando. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi um jovem casal de namorados sentado num banco e se beijando. *Que inveja!* Sentiu uma enorme saudade da ex-noiva. Deu um breve giro pela estação, conheceu o local e voltou a ficar perto do casal. O rapaz e a moça, quando perceberam aquele homem olhando, pararam de se beijar. Caio, sem cerimônia, perguntou: – Vocês se amam?

Os dois se olharam... voltaram pra ele... mas não responderam. Ele continuou.

– Se realmente se amam, não percam tempo... Casem logo! – Dito isso, deu as costas e retirou-se do lugar.

Ao chegar na pousada, Caio pegou a chave do quarto e foi direto para o banho. Naquela noite jantou rapidamente e conversou pouco. Preferiu analisar detalhes dos trechos do Caminho da Fé que ainda estavam pela frente.

Capítulo 13

UM CASAL DE AMIGOS LIGOU convidando para um almoço. Mariana e Paulo aceitaram, já que eram duas pessoas muito queridas. Gisele e Igor estavam com quarenta anos, eram casados há dez e tinham um casal de filhos, de 9 e 8 anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vamos passar alguns dias no litoral – começou Paulo. – Estamos precisando de um descanso. Aliás, vamos unir o útil ao agradável. Queremos comprar uma casa de praia! É melhor aproveitar e dar uma olhada.

– Eu sempre fui louca por uma casa de praia – emendou Mariana.

Gisele repentinamente mudou de assunto.

– E a fertilização in vitro?

– Vou começar quando voltar da viagem. O médico achou melhor a gente descansar antes. É melhor mesmo.

– Se não der certo, você adota uma criança – ousou a amiga.

– Nem pensar! Jamais criaria um filho que não fosse meu. Por isso, também não quero óvulos doados.

– Por quê? – arriscou Gisele.

– Não vou me sentir bem sabendo que aquela criança não é meu filho biológico. Não vou!... Não posso esconder isso.

Fez-se um silêncio na mesa.

– Mas, vejam bem, não sou contra adoção ou óvulos doados. Apenas acho que não é pra mim. E nunca vai ser!

– Sua gravidez vai dar certo! – torceu a amiga.

– Claro que vai! – endossou Igor sorrindo e querendo mudar de assunto.

– Estamos fazendo de tudo – disse Paulo. – Nossa Senhora Aparecida vai nos ajudar. Fizemos uma promessa e vamos depositar neste domingo agora na basílica.

Os amigos se olharam surpresos.

– Que coincidência! – disse ela.

– O que foi? – Mariana ficou curiosa.

– Nós também fizemos uma promessa e vamos depositar na basílica. Igor tá desejando muito uma promoção no trabalho. Faz tempo que vem lutando. E como somos devotos de Nossa Senhora Aparecida vamos pedir a ajuda Dela.

Paulo gostou da coincidência, olhou para Mariana e fez uma sugestão.

– Por que não vamos juntos no domingo? De ônibus, como bons

PERIGOSAS ACHERON

romeiros. Seria ótimo!

Gisele e Igor mais uma vez se olharam e sorriram.

– Nós vamos como peregrinos! – ressaltou ele.

– Peregrinos? – espantaram-se os dois ao mesmo tempo.

– Sim, peregrinos! Nós iremos pelo Caminho da Fé! – completou Igor.

– Caminho da Fé? – indagou Mariana.

– O que é isso? – seguiu Paulo.

– É a maior trilha de peregrinação do Brasil! – informou Igor se preparando para explicar.

– Eu nunca ouvir falar... – disse ela.

– Essa trilha ainda é um pouco desconhecida. Foi criada há dez anos. Começa no interior de São Paulo, passa por Minas e volta pra São Paulo. O final é na Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Pode ser feito a pé ou de bicicleta.

– E vocês vão como? – quis saber Mariana.

– A pé! – destacou ele.

Ela e Paulo se olharam.

– Há cinco opções de partida. Na primeira cidade a gente pega uma credencial que deve ser carimbada em cada município. É pra comprovar que se fez o trajeto. No final, a gente entrega a credencial na basílica e recebe o Certificado de Peregrino Mariano.

– É semelhante ao Caminho de Santiago de Compostela? – perguntou Paulo.

– Exatamente! Foi inspirado nele.

– O objetivo do caminho é reforçar a fé dos peregrinos – reforçou Gisele.

– Eu não sabia que existia isso no Brasil – afirmou Mariana.

– Nós também não! – ressaltou Igor.

– E como vocês descobriram? – perguntou ela.

– Um amigo fez há pouco tempo e me falou. Já planejamos tudo... Fizemos as reservas nas pousadas.... Os meninos vão ficar com a avó, mãe da

Gisele. Vamos partir depois de amanhã. Nós e a minha máquina fotográfica! Quero tirar muitas fotos. Me disseram que o caminho é belíssimo.

– Meu Deus! Estão dispostos, hein? – saudou Mariana.

Um breve silêncio se fez na mesa. Foi quebrado por Gisele.

– Por que vocês não vêm com a gente?

Os dois cruzaram os olhares assustados com a proposta. Eles nunca tinham participado de uma aventura daquelas.

– Não temos preparo pra isso – disse ela. Paulo ficou indiferente.

– Ué, mas vocês não sabem andar?... – brincou a amiga.

– Acho que não dá pra nós.

– Se dá pra mim e Gisele, por que não dá pra vocês? – questionou Igor.

Novo silêncio. Os quatro ficaram se olhando. Paulo quis mais detalhes.

– Como será a empreitada?

Igor aproveitou que estava com o mapa do Caminho da Fé na carteira. Tirou e colocou sobre a mesa, virado para Mariana e Paulo.

– Vejam as opções de partida. São cinco ramais. Nós escolhemos partir do ramal que inicia na cidade de Mococa.

– Por quê? – perguntou ela.

– Fiz um sorteio e deu... Dividimos o percurso em dois trechos: de Mococa até São Roque da Fartura, e de lá até Aparecida. Vamos até Mococa de ônibus, saindo de São Paulo depois de amanhã, na sexta-feira, às 17 horas. Pernoitamos lá, e começamos o caminho no dia seguinte, no dia 6, de manhã bem cedo. Chegaremos em São Roque da Fartura, no dia 8, uma segunda-feira, no final da tarde. Lá é o ponto de encontro de todos os ramais do Caminho da Fé. É um local onde vamos encontrar muita gente. De lá, vamos pra Aparecida, aonde chegaremos no dia 23. Pronto. Na basílica, vamos depositar a promessa, assistir à missa, e receber o certificado de peregrino. Depois é pegar o ônibus de volta pra São Paulo. Missão cumprida!

– Ufa! Tô cansada só de escutar – brincou Mariana.

– É uma jornada e tanto – disse Paulo.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não tem perigo das pessoas se perderem? – perguntou ela.

– Não, é tudo muito bem sinalizado – tranquilizou Igor. – Há setas amarelas pintadas em vários locais mostrando por onde se deve passar.

– E aí, vão com a gente? – insistiu Gisele imediatamente.

Outro silêncio se fez. Paulo olhou para Mariana querendo uma resposta. Ela mostrou-se desanimada.

– E ainda tô seis quilos mais gorda...

– Tá se achando gorda? – contestou Igor. – Onde?

– Hum... Semana passada uma amiga muito sádica perguntou se eu tava comendo marmita de graça.

– Você vai perder esses quilinhos extras no Caminho! – garantiu Gisele.

– Tem razão! – concordou Paulo olhando pra ela mais uma vez. Mariana apenas movimentou as sobancelhas.

Mais silêncio. Igor, sentindo que a indecisão era muito mais dela do que dele decidiu filosofar.

– Todo sacrifício vale a pena quando a gente tá em busca dos nossos sonhos!

– Nós iremos! – disparou Paulo.

Mariana olhou assustada com a determinação do marido.

– Negócio fechado! – disse Igor sem deixar a bola cair.

– Vai ser ótimo pra vocês! – emendou Gisele.

Eram três contra um. Mariana continuou assustada e nada falou. Paulo aproveitou.

– Amor, o nosso filho vai adorar saber que fizemos isso por ele.

– Você acha mesmo que a gente deve ir?

– E por que, não?

– Mas nunca fizemos nada disso. Será que temos preparo físico pra uma viagem dessas... a pé?

Gisele se antecipou.

– Nós também não temos. Nunca fizemos nada parecido.

PERIGOSAS ACHERON

– É verdade! – concordou Igor. – E, depois, o Caminho da Fé não é voltado para atletas, mas para pessoas comuns. Nós não vamos correr, vamos caminhar! O trajeto tem que ser feito sem pressa. O objetivo não é chegar rapidamente, mas desenvolver a nossa fé.

– Agora, você falou bonito! – elogiou Paulo. – Nós iremos! Contem com a gente!

Gisele e Igor bateram palminhas de comemoração.

– Paulo, você mete sua mulher em cada uma... – reclamou Mariana sem muita convicção.

– Deixa de choro, amor.

– E a casa de praia que a gente ia procurar?

– Ela pode esperar, não?

– É... realmente pode... Então, vamos!

– Beleza! – comemorou Igor.

– Hoje mesmo vou ligar pras pousadas reservando mais um quarto.

Gisele deu o grito de guerra.

– Caminho da Fé, aí vamos todos nós!

Capítulo 14

CAIO TOMOU O CAFÉ DA MANHÃ lembrando que pouco antes da próxima cidade, Santa Rita do Passa Quatro, teria a oportunidade de conhecer a *Cachoeira das Três Quedas*. É um lugar bastante procurado por praticantes de rapel. Logo depois que partiu, atravessou a ponte sobre o Rio Mogi-Guaçu. Passou, parou e olhou para trás... Mais uma vez sentiu-se sozinho. Queria alguém para conversar. Mas como ali não havia ninguém, só lhe restou seguir em frente falando baixinho consigo mesmo. Cruzou a rodovia e chegou na estrada de terra. Depois de algumas centenas de metros, passou por outro

laranjal. Novamente não resistiu e pegou uma com a mão. Descascou e satisfez o paladar. Depois, seguiu seu caminho, agora lembrando mais uma vez da TVP.

Depois que conversei com a minha amiga, passei a ler muito sobre a Terapia de Vidas Passadas. Fiquei encantado com as histórias de pessoas que tinham resolvido seus problemas existenciais graças a ela. Um dos casos que mais me chamou atenção foi o de um rapaz de vinte anos que tinha uma relação extremamente difícil com o pai. Ambos eram muito agressivos um com o outro a ponto de quase se pegarem fisicamente. Ao fazer a regressão, ele descobriu que numa vida passada os dois disputaram a mesma mulher e por isso se tornaram inimigos. A partir dessa descoberta, ele se tornou mais compreensivo com as atitudes do pai, e este, por ter um filho mais calmo, passou a tratá-lo melhor.

Outro caso interessante foi o de uma moça de 32 anos que tinha muita dificuldade para prolongar os seus relacionamentos amorosos. Por incrível que pareça, ela mesma terminava a relação, muitas vezes quando não havia qualquer motivo pra isso. Ao fazer a regressão, descobriu que em vida passada viveu um grande amor, mas foi largada pouco antes do casamento. Ficou com o trauma da rejeição. Então, na sua vida atual, ela se antecipava em terminar os relacionamentos com medo de ser rejeitada. A moça se curou e algum tempo depois se casou.

Essas histórias me deixaram muito atraído pela TVP. Mas, ao mesmo tempo, me deixaram com medo... medo da resposta. Passei um bom tempo pensando se deveria fazer. Muitas vezes me questionei se não estava apenas curioso. E eu tinha lido que a TVP não deve ser feita por mera curiosidade, mas apenas quando se tem um problema pra resolver. No entanto, depois de refletir bastante, percebi que eu realmente tinha um e dos grandes: estava me dedicando aos meninos de rua a ponto de sacrificar demais a minha vida pessoal. Eu precisava saber a causa disso! Mas só fui procurar o terapeuta

indicado pela minha amiga quase um mês depois. Confesso que fui achando que não passaria da conversa inicial. No entanto, ele me deu muitos esclarecimentos e a primeira sessão foi marcada.

•

Caio parou numa bica d'água dentro de um sítio. Arriou a mochila, e molhou a cabeça. Estava sofrendo com o sol, já que a caminhada até Santa Rita do Passa Quatro é com pouca sombra. Descansou por uns quinze minutos e seguiu.

No início, tive dificuldade para regredir por causa da falta de relaxamento. Mas o terapeuta soube levar a situação com bastante calma. Aos poucos, fui amolecendo. Nas três primeiras sessões consegui acessar apenas fatos da minha vida atual, especialmente da minha infância. Da quarta em diante, finalmente regredi a vidas passadas. De todas, a que mais tive dificuldade de acessar foi exatamente a minha vida anterior a essa. Isso chamou a atenção do terapeuta. Seria um bloqueio? Foi uma forte pista pra eu encontrar a resposta que buscava.

Depois de algumas tentativas, consegui acessar a parte bloqueada. A resposta estava ali. Eu vi tudo. Era por causa daquilo que eu me dedicava tanto aos meninos de rua... Era por causa daquilo que eu praticamente tinha esquecido da minha vida pessoal... Chorei! A TVP estava começando a mudar a minha vida.

Saí dali pensando: “Tio, leva a gente pra tua casa”. Eu tinha que levar! Mas não pra minha casa e, sim, para um lugar bem melhor: um abrigo! Lá eles teriam cama, alimentação, carinho, amor... Eu precisava dar um jeito! Mas como? O único capital que eu tinha era um pouco de dinheiro aplicado na poupança para comprar um pequeno imóvel e me casar. A minha noiva, Isadora, estava apressadíssima pra subir ao altar.

•

Apesar do meu pouco capital, a ideia de fundar um abrigo começou a se fixar na minha mente. Fiquei sabendo que perto de onde eu morava tinha uma casa antiga pra alugar há mais de um ano. Era pequena, mas com uma grande área livre nos fundos, ou seja, daria pra ampliar. Mas com que dinheiro?... E depois, como manter?... Eu teria que ir atrás de doações. Mas onde?... Ia ter que me virar. Ou seja, teria que chamar mais gente pra ajudar. Ora, não pensei duas vezes: Camila e Aurora foram as primeiras. Elas toparam ser voluntárias. Que bonito!

Então, fui falar com o dono da casa pra alugar. Explique a importância social do projeto e o seu Osvaldo aceitou me dar vinte por cento de desconto. Pronto. O passo seguinte seria a reforma e a ampliação pra inaugurar o abrigo com vinte crianças. Mas eu só poderia fazer isso se usasse o dinheiro que tinha na poupança. E essa decisão significaria adiar o meu casamento por tempo indeterminado. Isso porque eu só teria o dinheiro de volta quando tivesse uma boa quantidade de doações. Mas quando isso iria acontecer? E, Isadora, seria tão compreensiva assim?

•

Caio já estava chegando bem perto de Santa Rita do Passa Quatro. Caminhou tão pensativo que se esqueceu do lanche. Sorriu ao ver a placa indicando *Cachoeira das Três Quedas* –, ficava a algumas centenas de metros, à direita, numa boa descida. Olhou para o relógio: 15 horas. *Que bom, ainda é cedo!* Como estava louco pra conhecer a cachoeira, foi até lá.

Assim que chegou, viu um grupo fazendo rapel. Outros três tomavam banho só de calção. Todos o cumprimentaram com um aceno.

– Seja bem-vindo! – disse um deles.

– Obrigado.

Diante da beleza da queda d’água, e com o corpo completamente suado,

Caio trocou de roupa. Colocou um calção e foi se refrescar. Afinal, não é todo dia que se tem oportunidade de tomar banho de cachoeira. Ficou um bom tempo ali. Antes de ir para a pousada passou pela antiga estação de trem que hoje é o museu do cantor Zequinha de Abreu, filho ilustre da cidade, e compositor da música *Tico-Tico no Fubá*, sucesso na voz de Carmen Miranda. À noite, ele foi na igreja de Santa Rita de Cássia e pediu a sua bênção.

Capítulo 15

NA VÉSPERA DE PARTIREM para o Caminho da Fé, Mariana e Paulo tiraram o dia pra organizar o material que levariam para a trilha e analisar o planejamento do roteiro que havia sido entregue por Igor. Passaram a manhã fazendo isso. Entraram na internet e se abasteceram de mais informações sobre o percurso e os locais onde iriam pernoitar. Paulo estava bastante empolgado e isso estava contagiando Mariana. Se no início ela tinha se mostrado sem disposição, agora já estava ansiosa para começar.

À tarde, ele foi ao banco pagar algumas contas que venceriam nos dias seguintes e pegar algum dinheiro. Estava bastante alegre quando deu um beijo na esposa e saiu. Por isso, ela ficou sem entender a tristeza dele ao voltar duas horas depois.

– Que cara é essa?

Ele estava tão abatido que nem respondeu.

– Algum problema no banco?

– Não, não...

– Bateu o carro?

– Não...

– Amor, o que houve? Que cara de funeral é essa?

Paulo olhou pra esposa e não conseguiu falar nada. Era visível que estava

muito desapontado com alguma coisa.

- Amor, conta logo o que houve!
- O Ricardo, meu chefe na construtora...
- O que tem ele?
- Me ligou agora há pouco no celular...
- O que ele quer?
- Você nem imagina...
- O que ééééé? Diz logo!
- O Ricardo quer que eu suspenda minhas férias e volte a trabalhar amanhã.

Mariana deixou os ombros cair e olhou para o lado. Soltou um suspiro forte. Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos. Depois, ela...

- Eu não a-cre-di-to!... Eu não a-cre-di-to!...
 - Eu também quase não acreditei.
 - O que houve?
 - E o pior é que o motivo é justo.
 - O que houve?
 - Sabe aquele prédio de três andares que começamos a construir no ano passado?
 - Sim, sei.
 - Tá cedendo para um lado... O Ricardo precisa urgentemente reunir toda a equipe da obra pra avaliar as causas e traçar um plano de correção.
 - Há risco de cair?
 - Ainda não se sabe. Provavelmente não se agirmos rápido. Por isso, ele quer todo mundo lá amanhã.
 - Meu Deus, isso é muito sério!
 - É.
 - E você o que disse?
 - Disse que iria, claro! Não há como negar um pedido desses.
- Ela apenas olhou.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mesmo que ele me dispensasse, como é que eu iria viajar pensando nisso?... Sou o engenheiro responsável.

– Sim, claro! Sei disso.

– Pois é.

– Poxa vida, mas esse prédio não poderia ter deixado pra ceder quando a gente voltasse?

Paulo fez cara feia.

– Desculpe.

– Não se brinca com isso, Mariana. Temos que dar graças a Deus que esse problema apareceu agora. Já pensou se acontece com gente morando dentro?

– Cruz credo! – Ela bateu três vezes na mesa. – Vira essa boca pra lá!

– Pois é, isso é muito sério! Tô preocupado. Nenhum engenheiro fica tranquilo com uma coisa dessas.

Mariana se aproximou e o abraçou.

– Eu entendo, amor. Nossas profissões são muito estressantes. Vamos ligar pra Gisele e o Igor cancelando a viagem. Eles vão entender.

Paulo se desvencilhou lentamente do abraço e ficou olhando para a esposa. Ela virou-se pra pegar o telefone.

– Mariana...

– Eu falo primeiro – disse ela começando a teclar o número.

– Mariana... – interrompeu Paulo, tomando delicadamente o telefone dela.

– O que foi?

– Vamos conversar um pouco.

– Hã?

– Vamos conversar.

– O que foi?

– Quem tá com problema no trabalho sou eu, não você.

O queixo dela caiu.

– Você não tem impedimento nenhum pra viajar... Você pode ir sem

PERIGOSAS ACHERON

problemas fazer o Caminho da Fé.

– O que você disse?

Paulo ficou apenas olhando.

– O que você disse?

– Que você pode viajar sem problemas.

– Eu tô me recusando a acreditar que vo...

– Tô falando sério, amor!

– Meu Deus, meu marido enlouqueceu!

– Mariana, para com essas coisas. Seja mais sensata!

– No começo eu nem queria ir! Foi você quem me colocou nessa! E agora você quer que eu vá sozinha?

– Você não vai sozinha. Vai com a Gisele e o Igor.

– Ela vai com o marido dela! – gritou. – Se eu for, estarei sozinha sem o meu marido!

– Mariana, entenda... Eu tenho um motivo justo pra não ir!

– Eu sei disso! Eu sei disso! Eu não tô pedindo pra você ir! Eu apenas tô dizendo que eu não quero ir sozinha! Onde já se viu isso?... Uma mulher casada viajar sozinha com outro casal.

– Não vejo problema nisso. Eles são nossos amigos, não são pessoas estranhas.

– Claro que há problema!

– Isso é bobagem sua.

– Não é bobagem!

– Tá bom...

Ela começou a andar pra lá e pra cá...

– Esse prédio... esse prédio... esse prédio!... Paulo, sozinha eu não vou!... Ouviu bem?... Sozinha eu não vou!

Ele ficou olhando bastante sério.

– Sozinha eu não vou!

– E a promessa que nós fizemos? Lembra que nós ficamos de depositar

na basílica?

- Claro que lembro!
- Então? Como vamos fazer agora?
- Ha-ha-ha... Como vamos fazer agora?...
- Sim...
- Nós iremos de carro, assim que você resolver o problema da obra.
- Mariana, acho mais interessante fazer isso pelo Caminho da Fé.
- Não era assim que você pensava!
- Antes eu não sabia da existência do Caminho.
- Paulo, o Caminho é apenas um detalhe! A promessa é mais importante!

Não faz diferença a gente ir até lá de carro.

– Amor, o nosso filho merece esse sacrifício. Não podemos perder essa chance de fazer o Caminho com um casal de amigos. Além disso, você tá de férias e estamos a poucos dias de iniciar a fertilização in vitro. É o momento! Pense no quanto você deseja esse filho. Você não... nós! Isso... Pense no tanto que nós desejamos esse filho! De que adianta você ficar aqui comigo? Eu vou ter muito trabalho pela frente e você vai ficar em casa sem fazer nada.

Fez-se um longo silêncio. Depois...

- Paulo, por que você quer ficar sozinho aqui?
- Amor, eu não quero ficar sozinho aqui. Eu apenas não quero que você perca a chance de fazer o Caminho da Fé que a essa altura eu considero parte importante da nossa promessa.

- Paulo, por que você quer ficar sozinho aqui?
- Ai, ai... O que você tá querendo dizer com isso?
- Nada! Eu apenas quero saber por que você faz tanta questão de ficar sozinho aqui!

Os dois ficaram se encarando.

- Eu te fiz uma pergunta! Por favor, me responde!
- Mariana, eu não admito isso! Eu não admito que você insinue coisas a meu respeito! Eu não me casei com você pra ficar ouvindo essas besteiras!

– Não é besteira!

– Pare de gritar comigo!... Eu tô com um problema imenso no trabalho e ainda tenho que aguentar insinuações da minha linda e querida esposa?... Era só o que me faltava! Pois agora quem não quer que você vá sou eu! Você vai ficar aqui comigo e ponto final! Não se fala mais nisso!... E não se fala mais nisso! – reforçou ele, levantando o dedo.

Silêncio.

– Mariana, vamos ligar daqui a pouco pro Igor e a Gisele. Vou tomar banho... Preciso esfriar a cabeça... Além de problema no trabalho acabo de descobrir que também tenho problema em casa.

Ele foi para o banheiro. Ela ficou na sala. O tempo foi passando e Mariana foi percebendo que tinha feito uma insinuação grave contra o marido. Em dez anos de relacionamento Paulo nunca tinha dado motivo para desconfianças. Se ele tinha feito algo de errado, tinha sido bem feito, porque ela nunca percebera nada.

Mas o maldito pensamento ia e voltava. *Por que ele quer tanto ficar sozinho aqui?*

Paulo retornou do banho, mais calmo, e encontrou Mariana sentada no sofá com o olhar perdido.

– Vamos ligar pra eles.

– Hã?...

– Vamos ligar pro Igor e a Gisele.

Ele pegou o telefone e começou a teclar o número. Ela se levantou e tomou o aparelho.

– Paulo, eu vou.

– O quê?

– Eu vou.

– O que você disse?

– Que eu vou! – ela levantou a voz.

Ficaram se encarando.

– Mariana, eu não quero mais que você vá. Eu não quero que você viaje pensando bobagens a respeito do seu marido.

– Amor, eu vou!... Você tem razão... O nosso filho vai gostar de saber que eu fiz isso por ele.

Outra encarada.

– Você tem mesmo certeza que quer ir?

– Tenho.

– Não vai ficar pensando besteira?

– Desculpe pelo que falei.

Ela o abraçou e o beijou. Ficaram quietos por alguns segundos. Depois, Mariana pegou o telefone.

– Vamos ligar e explicar que vou sozinha.

Ela começou a teclar os números. Gisele atendeu. Mariana falou rapidamente que Paulo não ia e marcou o horário de encontro na rodoviária no final da tarde do dia seguinte. A amiga ficou curiosa perguntando o que tinha acontecido, mas ela a tranquilizou dizendo que estava tudo bem. Assim que desligou, Mariana foi pegar uma folha de papel e uma caneta.

– Vou escrever e nós dois assinamos.

– O quê?

– A promessa que vamos depositar na basílica.

– Sim!... Tá bom, pode escrever.

Ela escreveu e depois leu em voz alta: *“Nossa Senhora Aparecida, se a Senhora nos der um filho, iremos à basílica todos os anos, na data de aniversário dele, até ele completar 18 anos”*.

Assinou e virou o papel para o marido. Paulo leu, sorriu e pegou pra assinar. Depois dobrou duas vezes.

– Vai dar certo! – disse ele beijando a promessa.

Mariana puxou e também beijou.

Capítulo 16

CERCA DE SEIS QUILÔMETROS depois de Santa Rita do Passa Quatro há uma grande atração turística: o Morro do Itatiaia, onde tem o Cristo do Mirante. Lá é um local bastante procurado por praticantes de parapente e asa delta. Caio conhecia esses dois esportes porque já tinha feito voo duplo em ambos noutro local. Ele tomou o café da manhã pensando se faria de novo quando chegasse lá. *Quem sabe...*

Quando saiu da cidade, o relógio já marcava mais de 8 horas. A próxima parada seria em Tambaú. Assim que chegou na estrada de terra, lembrou de ligar mais uma vez para o abrigo. Ficou sabendo que estava tudo tranquilo. *Que bom!* Passou por uma plantação de eucaliptos e sentiu-se revigorado com o cheiro. Logo depois, lembrou-se do momento em que disse para Isadora que iria fundar o abrigo com o dinheiro que estava reservado para o casamento.

Eu não fiz arrodeio. Dei a notícia de uma vez.

– Você ficou louco?

– Isadora...

– Você ficou louco?

– Isadora, deixa eu lhe explicar...

– Não tem o que explicar! Eu tô há quase dois anos me dedicando a você.

Tá quase tudo pronto pro nosso casamento e agora você vem me dizer q...

– Calma, Isadora!

– Como posso ter calma? Estamos economizando há quase dois anos pra comprar a nossa casa! Temos um projeto de vida em comum. Quer dizer... a essa altura não sei se temos mais!...Você tá me trocando por um bando de garotos que nem filhos seus são!

– Eu não gosto que você fale assim deles! E eu não tô trocando você por

ninguém!

– Mas é assim que eu tô me sentindo!

– Não é nada disso, Isadora! Por favor, me deixe explicar!

– O seu defeito, Caio, é que você acha que pode resolver todos os problemas do mundo. Você se preocupa com coisas que não era pra você se preocupar.

– É muito fácil dizer isso quando se tem uma vida maravilhosa. É fácil quando se tem casa pra morar e comida na mesa. Você deveria ter orgulho de mim.

– Bote uma coisa na sua cabeça, Caio: isso não é pra você! É pra quem tem condições! Você não tem onde cair morto!

– Onde você aprendeu isso?

Ficaram se encarando.

– O que você tá fazendo é uma loucura, Caio!

– Não é loucura, amor!

– É claro que é! Ninguém pode esquecer tanto da própria vida como você tá esquecendo! Você só quer saber desses garotos!

– Amor, não fale assim! Isso não é verdade!

– Quando você começou a se envolver com essa história de assistência social, eu até achei bonito. Até apoiei!... O que eu não esperava é que você se envolvesse tanto a ponto de fazer disso a grande prioridade da sua vida! Hoje, você não quer saber de mais nada!... De mais nada!...

Ela virou o rosto pro lado mordendo os lábios. Eu fiquei sem saber o que dizer. Depois, me aproximei e tentei tocá-la no ombro, mas ela se afastou. Tava muito magoada.

– Isadora, por favor, não fique assim. A gente vai se casar. Eu não tô desistindo disso. Você é a mulher da minha vida. Esse dinheiro vai voltar. Tô apenas emprestando. Entenda. Nós vamos lançar um programa de doações mensais. Vamos ter muitos doadores. Vai dar certo. Logo-logo, o abrigo vai ser autossustentável. Esse dinheiro vai voltar.

Isadora virou-se pra mim e eu vi dois caminhos de lágrimas enfeitando o rostinho lindo. Enxuguei com meus dedos.

– Por que abrir esse abrigo agora, Caio? Por que você não continua apenas com o sopão?

Achei melhor não falar que a fundação do abrigo tinha a ver com a TVP. Isadora não era como eu. Ela não acreditava naquelas coisas e poderia achar que era brincadeira.

– Amor, não fique achando que vou investir dinheiro a fundo perdido. Até porque não tenho condições de fazer isso. O abrigo vai ser criado pra ajudar os meninos de rua, não pra me prejudicar. Esse dinheiro vai voltar, tenho certeza.

– O que te faz ter certeza disso?

Fiquei mudo.

– O que te faz ter certeza disso?

– Eu sei, ora.

– Você parece criança, Caio.

– Você não confia em mim?

– Às vezes, eu lhe acho ingênuo demais.

– Fique tranquila, Isadora. Já fiz contato com alguns possíveis doadores.

Quase todos adoraram o projeto do abrigo. Estão dispostos a fazer doações.

– Quando você fez isso?

– Há pouco tempo.

– Quando?

– Há pouco tempo, Isadora!

– Você não me falou nada... Para com essas histórias. Você não precisa mentir pra mim, Caio.

– Amor, eu não tô mentindo.

– Está!

– Não tô!

– Ah, Caio, tô cansada... – E virou a cara.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tá duvidando? Então, você vai ver em breve. As doações vão começar a chegar assim que o abrigo for aberto... Isadora, por favor, tenha paciência. O que custa esperar um pouco mais pro nosso casamento?

– Custa muita coisa, Caio. Se você fosse mulher iria entender.

– Eu sei como você se sente. Mas uma coisa é certa... você é a mulher da minha vida, e eu quero me casar com você. E isso vai acontecer dentro de no máximo um ano.

– Um ano?... Ainda vou ter que esperar um ano?...

– Eu disse no máximo! Pode ser antes.

– Caio, se não fosse a história desse abrigo, a essa altura a gente estaria marcando a data do casamento. E seria em breve. Lembra do que conversamos no ano passado?

– Sim, claro que lembro.

– Então?...

– Amor, o nosso projeto de vida não foi cancelado. Foi apenas adiado, e por pouco tempo! Você vai ver. E outra coisa...

– O quê é?

– Preciso que você se envolva com o abrigo.

– Eu?

– Sim, você vai ser a minha esposa. Vamos ter uma vida em comum. O abrigo não pode ser um projeto apenas meu, tem que ser seu também.

– Você tá de gozação comigo...

– Tô falando sério!

– Eu não nasci pra isso, Caio! Meu negócio é decoração.

Isadora tinha apenas o segundo grau. Trabalhava como decoradora numa loja que vendia móveis. Era autodidata. Seu sonho era fazer arquitetura, mas não tinha conseguido passar nas universidades públicas e não tinha como pagar uma faculdade privada. Quando ouvi aquilo, imediatamente tive uma ideia e, brincando, estalei os dedos na frente do rosto dela.

– Pronto!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Pronto o quê?

– A decoração do abrigo vai ser sua!

– Ahhhhh... Para com isso! Esse abrigo vai adiar meu casamento e ainda vou ter que cuidar dele?... Não...

– É só a decoração... Você não precisa dar expediente lá... Faz isso por mim, amor. Se você não fizer a decoração, vou ter que pagar alguém.

– E por que você mesmo não faz?

– E eu lá entendo disso... Não sei nem por onde começar...

– Eu te dou algumas dicas.

– Se é pra dar dicas, é melhor você assumir de vez.

Ela ficou calada me olhando.

– Papo encerrado! Você vai ser a decoradora!

– Tá bem... Mas que não passe disso! Não quero me envolver com esse abrigo.

Eu comemorei dando um soco no ar! Ufa... Finalmente, tinha vencido aquela batalha. Dei-lhe um beijo.

•

Caio começou a avistar um lindo colorido no céu. Eram pelo menos cinco asas-deltas e três parapentes. Estava chegando ao Morro do Itatiaia. Ele não iria passar direto, claro. Subiu sem parar pra descansar. Tinha preparo físico pra isso. Lá em cima, deparou-se com a linda visão do Vale do Mogi. Ficou vários minutos apreciando a beleza do lugar. Ora olhava pra cima procurando os esportistas voadores, ora olhava pra baixo deleitando-se com o vale. Um dos pilotos de asa delta que ainda estava no chão perguntou-lhe se estava interessado num voo duplo. Ele sorriu e olhou para o alto analisando a aventura. Por um instante quase foi. Mas achou melhor não, porque poderia se atrasar. Agradeceu a oferta. Ainda ficou lá por mais de uma hora.

•

PERIGOSAS ACHERON

Como Isadora cedeu, o abrigo foi fundado. Usei a maior parte do dinheiro do casamento pra reformar e ampliar a casa alugada, que estava bem velha. O que sobrou usei na compra dos móveis e decoração. Depois de resolver o espaço físico, foi a vez de providenciar a abertura legal. A legislação determina que os abrigos para crianças devem ser criados com alguma especialidade: acolher vítimas de maus-tratos, deficientes físicos, abandonados, infratores etc. O meu foi aberto com o objetivo de abrigar meninos de rua de 7 a 14 anos em situação de abandono. Apesar dessa função protetora, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estabelece que a missão de um abrigo não é acolher eternamente. O objetivo primordial é proporcionar a reinserção familiar e escolar. De modo geral, isso leva de um a dois anos. Ao longo desse período, tanto a criança como a família devem ser preparadas lentamente para o desligamento e o retorno ao lar. Nesse processo, visitas de ambas as partes devem ser realizadas com acompanhamento psicológico. Tanto os familiares devem ir no abrigo, como, sempre que possível, e com autorização judicial, a criança deve visitar a sua casa.

No entanto, esse retorno ao lar muitas vezes não tem como ser feito, porque algumas crianças não têm família. Ou quando têm, são completamente desestruturadas com registros de espancamento, abusos sexuais, uso de drogas ou alcoolismo. Nesses casos, ela permanece acolhida até a idade limite. Depois, deve ser transferida para um abrigo que receba jovens da sua nova faixa etária. Outra opção é a adoção por uma família substituta. Mas isso é muito difícil, porque de modo geral os casais preferem crianças brancas e com poucos meses de nascida. E boa parte das que estão em abrigos não se encaixam nesse perfil... São pardas, negras e de seis anos para cima. Eu sabia disso, porque já tinha lido muito sobre o assunto. Tanto que quando fundei o abrigo nem pensei na possibilidade de algumas delas serem adotadas. As chances seriam quase zero.

Outro problema seria a ausência de voluntários. E isso eu senti logo na abertura do abrigo. Tentei atrair o máximo de profissionais e ajudantes que

aceitassem trabalhar em ritmo de voluntariado. Mas só eu, Camila e Aurora toparam. Resultado: tive que contratar todo o resto. Assim, chamei uma assistente social, uma psicóloga, uma pedagoga, uma enfermeira, quatro cuidadoras, três cozinheiras, três faxineiras e dois vigilantes. Era uma bela equipe, com uma boa folha salarial pra pagar. Eu seria o diretor-geral; Camila, a coordenadora e Aurora, a subcoordenadora.

Depois de resolvidas todas as pendências iniciais, fui atrás dos meninos. Eu solicitei ao juizado que eu mesmo convidasse alguns. Os primeiros, claro, foram os funkeiros. Eles adoraram ir para a “casa do Tio Caio”. Em poucos dias, o abrigo atingiu a sua capacidade máxima, com vinte crianças. Na inauguração estavam presentes alguns moradores da redondeza e alguns poucos familiares dos meninos. Vieram até o juiz da Infância e Juventude e a Conselheira Tutelar.

Meu sonho estava se realizando. O que eu ainda não sabia é que minha vida iria mudar muito por causa dele.

•

Isadora fez toda a decoração do abrigo. E ficou apenas nisso. Não se envolveu com o dia-a-dia das crianças, conforme ela mesma dissera. Mas, se não morria de amores, também não as tratava mal. Muito pelo contrário, era carinhosa e educada com todas. Sempre sorria quando era chamada de Tia Isadora. No começo, ela passava por lá uma vez por semana. Com o tempo suas visitas foram rareando. Passou a ser a cada quinze dias... depois uma vez por mês... e depois apenas quando dava. Isadora não queria mesmo fazer parte daquilo. A única coisa que realmente lhe interessava era saber quando o seu noivo iria ter o seu dinheiro de volta para que pudessem comprar uma casa e se casar. De vez em quando ela tocava no assunto.

– Caio, como estão as doações?

– Bem.

– Quanto doadores você tem?

– De cabeça não sei... Tenho que checar...

Nos primeiros meses, o abrigo realmente deu certo. As doações vieram, mas não numa quantidade suficiente pra que eu pudesse tirar o meu dinheiro de volta. Davam para o gasto, o que já era muita coisa. E, como tudo estava indo bem, Isadora não pressionou e decidiu esperar um pouco mais. No entanto, a situação favorável do abrigo começou a mudar. Devido às minhas atitudes de sempre aceitar toda criança que batia na porta, ficou superlotado. As despesas foram lá pra cima. E pra piorar, alguns doadores iniciais não seguiram contribuindo. Deu no que deu... A situação financeira entrou no vermelho e não saiu mais. O quadro foi piorando mês a mês.

Isadora ficou achando que tudo estava indo por água abaixo. Então, me pediu que passasse o abrigo adiante. Eu jamais faria isso. Mas ela ficou insistindo com essa ideia e acabei sendo grosseiro. Foi quando me chamou para uma conversa muito séria. Sentou-se na minha frente e bateu com o indicador na mesa.

– Caio, ou o abrigo, ou eu!

Achei que fosse brincadeira e dei uma risadinha.

– Caio, ou o abrigo, ou eu!

– Amor, você bebeu?

– Caio, essa conversa é definitiva! – disse se levantando e pegando no meu queixo. Seus olhos pareciam soltar fumaça. Foi quando senti que ela estava determinada. Tirei a mão dela do meu queixo e também me levantei.

– Como assim, Isadora?

– Ou você passa o abrigo adiante, ou eu não sou mais sua noiva.

– Você tá falando sério?

– Eu nunca falei tão sério em minha vida.

Fiquei em silêncio.

– Você escutou o que eu disse, Caio?

– Mas por que isso agora?

– Agora?... Há quanto tempo venho lutando com você?... Não é de agora, é de muito tempo atrás! Tô cansada!

– Isadora, o que é isso?... Que história é essa de “ou o abrigo ou eu”? Você nunca falou comigo assim antes.

– Pois chegou o momento! Ou o abrigo ou eu! O que você me diz?

– Isadora, você sabe que eu não posso passar esse abrigo adiante! Ele é a minha vida! Você mais do que ninguém sabe o tanto que lutei pra fundar isso aqui.

– Era o que eu precisava escutar... – disse ela soltando um suspiro. – Caio, a nossa história chegou ao fim!

– Como assim, chegou ao fim?

– Sim, Caio! A nossa história chegou ao fim!

– Isadora, nós estamos juntos há dois anos! O mundo inteiro sabe que a gente vai casar. É apenas uma questão de tempo.

– Então, o mundo inteiro precisa saber que a nossa história acabou.

– Você ficou louca? – gritei.

– Não! Eu não estou louca, Caio! Estou apenas decidida.

– Isadora, eu não tô acreditando! Você tá colocando um ponto final no nosso noivado?

– Sim, Caio! Eu tô colocando um ponto final no nosso noivado!

– Isadora, você tá com algum proble...

– Não me venha com piadinhas! O nosso noivado acabou! Por favor, não me procura mais!

Pegou a bolsa e foi embora.

•

Caio começou a avistar chaminés bem altas. Estava chegando a Tambaú, cidade com muitas fábricas de tijolos e cerâmicas. Elas são a marca registrada da cidade. Tambaú é a terra onde viveu o Padre Donizete, famoso por seus

milagres e fundador do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Tambaú. Seus devotos ainda torcem bastante por sua canonização. Esse sentimento é visível assim que se entra no município. Há uma estátua em sua homenagem. Quando Caio passou por ela, já estava quase no final da tarde. Ele aproximou-se da escadaria azul e fez o sinal da cruz.

Assim que entrou na pousada, Caio a encontrou lotada. Tambaú é ponto de encontro de dois ramais do Caminho: o ramal Oeste, que parte de São Carlos; e o ramal Noroeste, que parte de Sertãozinho. Ao chegar à cidade, ele tinha concluído a primeira parte da trilha, de acordo com o seu planejamento. Tão logo arriou a mochila, ficou conversando com alguns peregrinos. Caio precisava ocupar a sua mente com coisas amenas porque se não o fizesse iria continuar com Isadora nos seus pensamentos. Mas o alívio durou pouco. Assim que as conversas pararam, ela voltou à sua cabeça. E, naquele momento, de forma surpreendente, questionou-se pela primeira vez, se compensava tanto sacrifício. *Será que não teria sido melhor ter passado o abrigo adiante?*

Capítulo 17

CONFORME O COMBINADO, os dois casais se encontraram no final da tarde na rodoviária do Tietê, na zona norte da cidade. Lá, pegariam o ônibus para a cidade de Mococa, onde iriam iniciar o Caminho da Fé. A viagem iria durar quatro horas e meia. Assim que se avistaram todos acenaram e sorriram.

– Que bom ver vocês! – saudou Gisele quando eles chegaram perto.

– Digo o mesmo! – retribuiu Mariana sorrindo.

Igor não conseguiu controlar a curiosidade.

– Paulo, o que houve no seu trabalho?

– Estamos com um probleminha. Um dos prédios da construtora cedeu para um lado. Precisa de uma força-tarefa da equipe pra corrigir. Mas vamos

conseguir. Felizmente, ainda está em construção.

– Probleminha não... problemão! – exclamou o amigo.

– É verdade! Mas dá pra contornar.

– Se Deus quiser! – desejou Mariana.

– Bem, aqui está a minha moça – brincou ele olhando para a esposa. – Cuidem bem dela pra mim.

– Fique tranquilo. Vamos tratá-la como uma filha – garantiu Gisele.

– Não esqueceu do principal, não é? – perguntou Igor.

– Do quê? – quis saber Mariana.

Ele, então, tirou a carteira do bolso, pegou um papel dobrado e ergueu na frente deles.

– Aqui está a promessa que vamos depositar na basílica!

– Ah, claro que não esqueci a nossa – disse Mariana abrindo sua bolsa e também pegando um papel dobrado. – Aqui está!

Todos ficaram curiosos pra saber qual eram as promessas. Mas ali ninguém contou nada.

– Que Nossa Senhora Aparecida nos abençoe! – pediu Paulo.

– Amém! – disseram juntos.

Ficaram conversando por mais algum tempo, quando escutaram:

“Saída para Mococa! Saída para Mococa!”

Igor e Gisele deram um abraço no Paulo e entraram no ônibus. Quiseram deixar os dois mais à vontade para se despedir. Eles, então, se abraçaram e se beijaram.

– Desculpe pelas bobagens, amor – pediu ela.

– Não fale mais nisso.

– Tá bom.

– Nosso filho vai ter muito orgulho da mãe quando souber o que ela fez por ele antes mesmo dele nascer.

– Vai dar tudo certo no seu trabalho.

– Tenho certeza que sim!

– Olhe, senhor Paulo... não esqueça de me ligar todos os dias!
– Prometo que vou ligar todas as noites pra você me contar como foi o dia.

– Jura?

– Juro!

O funcionário chamou novamente para entrar no ônibus. O casal voltou a se beijar. Mariana subiu o primeiro degrau do veículo e virou-se para dar o último tchauzinho. Quando chegou onde estava Igor e Gisele, ele se levantou cedendo a sua poltrona na janela para que as duas viajassem conversando. Igor iria sentado do outro lado do corredor, mas ainda ao lado da esposa. Pouco depois, o ônibus partiu. Mariana procurou o marido pelo vidro e acenou.

– É a primeira vez que ficamos distantes um do outro depois que casamos.

– Sério? Eu e o Igor já ficamos algumas vezes. Ele viaja muito a trabalho. Mas fique tranquila que nós vamos cuidar bem de você.

Ela sorriu e perguntou:

– E os filhos?

– Estão cada vez mais lindos! Ficaram com minha mãe.

– Quem me dera ter um casal de fofinhos como o seu.

– Você vai passar por isso! É só uma questão de tempo.

– Vocês vão ter mais algum?

– Não tá nos nossos planos... Mas se vier, será bem-vindo!

– Claro!... Eu sempre sonhei com três.

– Olha que podem vir os três de uma vez!

– Eu ia amar! Mas, se Nossa Senhora Aparecida me der apenas um, já serei a mulher mais feliz do mundo.

Gisele acariciou a mão de Mariana e falou carinhosamente:

– Você vai conseguir!

Ela agradeceu com um sorriso. As duas ficaram falando sobre filhos por mais alguns minutos. Depois, se calaram. Só voltaram a conversar quando

Mariana abordou um assunto indiscreto. Tanto que falou bem baixinho.

– Gisele...

– Oi.

– Desculpe eu te perguntar isso, mas... alguma vez você desconfiou do seu marido?

– Como assim?

– Se você acha que ele aí já...

A amiga lhe interrompeu pondo sua mão sobre a dela e olhou discretamente para o lado a fim de se certificar se Igor não estava escutando. Tudo bem. Ele conversava com outro passageiro. Voltou-se e respondeu também baixinho.

– Tem um ditado que diz que o último homem que andava na linha o trem pegou. Então... esse é um risco que todas as mulheres correm. Não existe relação onde não se pense nisso.

– Mas você acha que ele já...

– Mariana... pra mim é sempre muito difícil tocar nesse assunto...

– Desculpe.

– Não, tudo bem. Mas por que você tá perguntando isso?

– Às vezes, passa cada coisa pela minha cabeça... Às vezes acho que o Paulo pode tá se interessando por outra... Sei lá... Talvez eu fique pensando nisso por causa dessa minha dificuldade pra engravidar.

Gisele mais uma vez olhou discretamente para o lado. Igor continuava na conversa com seu colega de viagem. Mariana continuou.

– Quando vocês falaram do Caminho da Fé, ele ficou muito empolgado. Louco pra ir. Eu nem tanto... mas ele ficou louco!

– Eu lembro.

– Pois é. Mas ontem ele chegou falando do problema no trabalho, que teria que suspender as férias. Até aí tudo bem... A gente cancelava essa viagem e pronto. O problema foi ele ficar insistindo pra eu vir sozinha.

– O quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Isso mesmo! Eu tô aqui do seu lado somente por causa da insistência dele.

– E eu achando que era você que tinha se apaixonado pelo Caminho.

– Não, não... Quer dizer... Pelo menos ainda...

– Meu Deus! E você aceitou sem dizer nada?

– Claro que não, né, querida... Batemos a maior boca.

– Realmente é muito estranho. Ele insistir pra você vir sozinha...

– Pois é. Foi isso que eu não entendi no Paulo. A gente brigou feio. Por que será que ele quer tanto ficar sozinho aqui?

– E você perguntou isso pra ele?

– Claro! Eu insisti, mas ele se magoou e não quis mais que eu fosse. Ficou com raiva. No fim, eu pedi desculpas e decidi vir. Aqui estou.

– Mariana, você foi calmissima com ele. Eu teria feito a maior confusão dentro de casa. Não teria vindo de jeito nenhum.

– Você acha que fiz errado em ceder?

– Eu não gosto muito de me meter nos relacionamentos dos outros, porque quem tá dentro é quem sabe das coisas. Mas eu não teria vindo.

– Mas achei melhor sabe, Gisele.

– Cada uma é quem sabe.

– Depois que brigamos, pensei um pouco e achei melhor ceder. Acho que talvez seja remorso.

– Remorso de quê?

– Por ainda não ter dado um filho pra ele.

– Ah, Mariana...

– Mas é assim que me sinto. No fundo me acho culpada por ainda não ter dado essa alegria pra ele. Não quero que ele tenha mais desapontamentos por minha causa.

– Eu não penso assim, mas entendo seus motivos.

– Enfim, já tô aqui.

– Que coisa estranha da parte dele, hein?

PERIGOSAS ACHERON

– Muito, muito estranha...

As duas ficaram pensativas.

– E você? – lembrou Mariana.

– O quê?

– Se ele aí já...

– Ah...

Gisele olhou para o marido e depois respondeu falando ainda mais baixinho.

– Já, querida... Já aprontou...

– Como foi?

– Igor já teve um caso com uma colega de trabalho. Foi no emprego anterior dele. Saiu de lá por causa disso. Faz uns dois anos.

Mariana se arrepiou toda.

– Como você descobriu?

– Ela, apaixonada, começou a ligar demais pro celular dele. Algumas vezes em horários em que ele tava comigo. Ficava todo sem jeito, falando sério e querendo desligar. Comecei a desconfiar. Um belo dia isso se repetiu e, quando ele foi para o banho, mexi no celular e vi que a ligação tinha sido de uma colega de trabalho dele. Tremi. Eu a conhecia de vista, era muito bonita. Bem mais nova que eu, uns 25 anos. Liguei de volta. Ela atendeu dizendo “Oi, amor”. E eu disse bem séria “*Não é o Igor, é a esposa dele*”. Desligou. Esperei ele sair do banho e disse na cara dele que sabia de tudo. Ele começou negando, Mas depois que mostrei que tinha ligado pra ela, ficou branco. Aí não teve jeito, acabou confessando.

– Meu Deus!

– Pois é... Disse que tinha sido uma coisa sem importância... que tinha sido ela quem tinha procurado... que tinha sido fraqueza da parte dele... que ele era um tolo por ter arriscado o casamento... que amava a mãe dos filhos dele... que não queria se separar e blá-blá-blá e blá-bláblá... Enfim, ficou tentando se explicar e eu chorando aos prantos.

– E aí?

– Me pediu perdão.

– Você perdoou?

– Claro!... Não ia perder o pai dos meus dois filhos pra qualquer uma. Mas exigi que ele mudasse de emprego. Ele também achou melhor. Assim foi feito. O outro emprego dele era melhor que esse. Nesse ele tá subindo devagarinho. Tá louco por uma promoção. Por isso fizemos a promessa. Por isso estamos aqui.

– E ele largou a outra mesmo?

– Largou! Fiquei colada nele, vigiando tudo.

– Você seguia ele?

– Não!

– E como você fazia?

– Vou te contar um segredinho... Coloquei um detetive atrás dele.

– Meu Deus! – Mariana escondeu uma risadinha com a mão.

– Tá pensando o quê, minha filha? Passar por uma traição, perdoar e não ter certeza que o negócio tá valendo a pena? De jeito nenhum! Não pensei duas vezes, chamei um detetive.

– E aí?

– O cara grudou nele durante quinze dias. Me deu o relatório completo: só saía de casa para o trabalho e voltava. Foi quando descansei.

– Ele não desconfiou que tava sendo seguido?

– Não. Nunca comentou nada comigo. Os caras sabem como fazer.

– E não saiu muito caro?

– Nem tanto. Foi um investimento que valeu a pena, pelo menos pra mim.

– Quanto foi?

– E você acha que fui eu que paguei?

– Não?

– Claro que não, meu amor! Você acha que eu ia ser otária duas vezes?

– E quem pagou?

– Ele mesmo!

– Como?

– Combinei com a minha secretária do lar que o filho dela ia precisar de um tratamento de saúde e que nós iríamos pagar. No outro dia o dinheiro tava na minha mão. Nesse aspecto ele é muito bondoso, gosta muito de ajudar.

– Você não tinha como pagar?

– Tinha! Mas não ia dar do meu, claro. Quem fez a presepada foi ele, então aguento.

– Menina do céu! – Mariana escondeu outra risadinha.

– Até hoje ele não sabe de nada?

– De nada! E nunca vai saber.

As duas ficaram rindo.

– Gisele, eu não sei se teria a capacidade de perdoar uma traição.

– Eu também dizia muito isso. Mas pensei nos meus filhos... pensei em mim! Achei melhor continuar como estava. E, depois, fora esse episódio da traição, o Igor sempre foi um excelente marido. Não vou mentir. Ele sempre foi ótimo pra mim e pros meninos. Tudo isso pesou.

– E de lá pra cá, você nunca mais desconfiou de nada?

– De nada. Se tiver fazendo de novo, tá fazendo bem feito.

•

O ônibus chegou à Mococa por volta de nove e meia da noite. Assim que entraram na pousada, Mariana ligou para o marido avisando que tinha chegado bem. E não passou disso. Depois, os três conversaram um pouco com outros peregrinos e repassaram todo o trajeto do dia seguinte. Quando se dirigiram aos quartos, Igor quis fazer outra gentileza para Mariana. Disse que até o final da viagem ela poderia dormir com Gisele, que ele dormiria em outro quarto. Mas ela educadamente recusou, porque não queria atrapalhar a vida a dois de um casal. Imediatamente refez as contas nos dedos e viu que ficaria dezoito dias

sem sexo com o marido, o maior tempo desde que se casaram.

Capítulo 18

O DIA AMANHECEU ruim para Caio. Ele acordou moralmente muito mal. Não acreditava que tinha questionado a existência do abrigo. Ainda na cama, olhou para o seu cajado e teve vontade de usá-lo para bater na própria cabeça. Levantou e foi tomar o café da manhã completamente arrependido. E, antes de partir para Casa Branca, foi ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Tambaú. Chorou feito uma criança, coisa que não fazia há muito tempo. Rezou e pediu perdão a Nossa Senhora. Ficou com muita vergonha do que pensara sobre o abrigo. Mas ali mesmo se deu conta de que aqueles pensamentos negativos eram típicos de quem está passando por dificuldades. Saiu de lá mais tranquilo. Quando já tinha caminhado alguns minutos na estrada de terra, olhou para trás e voltou a ver as chaminés bem altas. Estava se distanciando de Tambaú.

•

Mariana, Igor e Gisele tomaram um suculento café da manhã com sabor rural. Ele lembrou de pedir à parte os sanduíches que serviriam de almoço. Depois, pegaram suas credenciais de peregrino que ficam disponíveis nas pousadas e receberam o primeiro carimbo. Estavam prontos para iniciar o Caminho da Fé, partindo de Mococa. A primeira parada para pernoite seria em São José do Rio Pardo. O caminho até lá é muito bonito. Agradeceram e se despediram dos funcionários da pousada. Eles se posicionaram do lado de fora, olharam um para o outro e sorriram.

– Vamos começar! – convocou Igor.

– Peraí! – interrompeu Mariana. – Vou mandar uma mensagem pro Paulo.

E digitou: “*Amor, estamos saindo exatamente agora*”. Logo em seguida, veio a resposta: “*Boa sorte! Te amo!*”.

Uma das funcionárias que assistia a saída, falou:

– Vão com Deus!

– Obrigado! – disseram juntos.

– Vamos começar! – repetiu Igor.

Os três fizeram o sinal da cruz e saíram. Estavam iniciando o Caminho da Fé.

– Nem acredito que tô por aqui – disse Mariana.

– Então, belisque-se, meu bem – brincou Gisele.

– Já me belisquei, mas ainda acho que tô sonhando.

– Já-já isso passa!

Pouco depois pararam numa loja para comprar os três cajados. Foram rápidos e logo voltaram a andar. Não demorou e Igor começou a fazer uma das coisas que mais gosta: tirar fotos. Ele parou e as duas ficaram esperando. Mas foram alertadas que não fizessem isso porque as paradinhas seriam sempre por poucos segundos, e elas seriam alcançadas depois. Assim que saíram da cidade e pisaram no primeiro trecho de terra, os três mostraram-se encantados.

– Há quanto tempo não piso numa estrada dessas! – comemorou Igor.

– Eu também não lembro! – acompanhou Gisele.

– E eu acho que nunca pisei – disse Mariana rindo. – Pelo menos que eu lembre.

•

Caio passou ao lado de um canavial e, em seguida, por outra plantação de eucaliptos. De repente, escutou uns latidos finos vindos de longe, de dentro da mata. Parou de caminhar e olhou na direção. Os latidos cessaram. Logo depois voltaram mais altos, mostrando que algum cachorrinho vinha se aproximando. *Parece que tenho companhia.*

Mal ele terminou de pensar, surgiu um lindo vira-lata pequenininho, típico de beira de estrada. Veio correndo e parou aos seus pés latindo ainda mais alto. Caio brincou estalando os dedos e assobiando. O cachorrinho correspondeu dando saltinhos. Era mais do que manso. Logo depois apareceu um velho que deveria ser o dono do animal.

– O Apolo adora cumprimentar os peregrinos. Sempre corre até a estrada quando vê alguém com cajado.

– Belo cachorrinho! – disse Caio, sem parar de brincar com o animal. Agachou-se para lhe fazer alguns carinhos e ficou nisso por alguns segundos.

– Venha, Apolo! O peregrino precisa seguir seu caminho.

O cãozinho apenas latiu. Estava gostando dos afagos do novo amigo.

– Qual a idade dele?

– Dois anos.

– Faz tempo que está com ele?

– Desde que nasceu. Foi presente de um vizinho que morava aí em frente. Ele distribuiu os seis filhotes aqui pela redondeza. Mas só o Apolo sobreviveu. Todos os outros morreram pouco tempo depois.

– Nossa! O que houve?

– Tudo indica que eles nasceram doentes. Só o Apolo se curou.

– Como?

– Ninguém sabe... Quer dizer... Mais ou menos... Pouco depois que ganhei o Apolo, fiquei viúvo. Talvez tenha sido isso.

Caio se levantou e ficou olhando para o velho. Nesse momento o cãozinho voltou para o dono, que o pegou carinhosamente nos braços.

– Vá com Deus, meu jovem!

– Obrigado.

O velho e o seu cão caminharam para dentro da mata. Caio ficou acompanhando até os dois desaparecerem.

•

Em pouco tempo, Mariana, Igor e Gisele passaram a desfrutar de um visual totalmente campestre: mato dos dois lados, bois na beira da estrada e pássaros cantando. O único barulho da modernidade eram os eventuais cliques da máquina fotográfica de Igor. Estavam tão fascinados com a beleza do campo que seguiram sem conversar por muito tempo. Apenas apontavam alguma ave bonita ou algum trecho igualmente belo. A primeira conversa propriamente dita foi iniciada por Mariana, quase duas horas depois, aproveitando que as duas estavam alguns metros adiante de Igor.

– Gisele, onde vocês se conheceram?

– Eu e o Igor?

– Sim.

– Ele era um grande amigo do meu irmão. Frequentava a minha casa. No começo eu nem percebi o interesse dele por mim. Minha outra irmã foi quem me alertou. Namoramos dois anos, depois casamos.

Mariana achou que Gisele fosse continuar falando. Mas não... calou-se. Seguiu olhando para frente como se estivesse concentrada no caminho. Ela ficou achando que a amiga talvez estivesse um pouco arrependida de ter lhe contado a história da traição.

•

Uma seta amarela fez Caio dobrar à direita. O silêncio era grande. Caminhou curtindo a paisagem, por isso tentou não pensar em nada. Mas foi impossível. Em pouco tempo, o abrigo voltou-lhe à cabeça. Lembrou que no começo tudo dera certo. Tão certo que após seis meses recebeu a visita do juiz da Infância e Juventude e da conselheira tutelar. Eles ficaram curiosos em conhecer o abrigo que era quase um exemplo de perfeição, segundo o que atestara a fiscalização.

– *Temos visita importante! – Camila foi avisar na minha sala.*

- Quem?
- Advinha.
- O juiz?
- Ele mesmo. E a conselheira tutelar.

Eu fiquei todo alegre. Não é qualquer abrigo que recebe duas visitas daquelas.

- O que eles querem?
- Conhecer o abrigo.
- Oba! Vamos lá!

Assim que cheguei no salão, vi o juiz e a conselheira conversando com algumas crianças.

- Doutor e doutora, quanta honra!
- Seu Caio, viemos conhecer o seu abrigo – disse o juiz.
- Tá todo mundo falando bem do senhor – seguiu a conselheira.
- Que bom saber disso!
- Essas crianças são loucas pelo senhor, hein? – ele comentou.
- Então, é recíproco, porque eu também sou louco por elas.
- É dá pra perceber pelo seu sorriso.

Levei os dois para conhecer as dependências. Fomos em todos os espaços, dos quartos à cozinha. Elogiaram bastante até porque tudo estava no seu devido lugar – e olha que era uma visita-surpresa! No meio de tudo, uma coisa chamou muito a atenção deles: as oficinas de arte-educação. Eu tinha implantado aulas de teatro, canto, dança, pintura, desenho e colagem. E todas faziam um sucesso imenso. Quando eles chegaram, estava acontecendo a oficina de colagem. Nela, as crianças criam objetos de decoração com garrafas pet, caixas de ovos, caixas de papelão, restos de tecidos... Várias das peças criadas enfeitavam o abrigo.

– Seu Caio, não é à toa que a nossa fiscalização saiu encantada daqui – disse o juiz. – Vocês estão de parabéns!

- Obrigado. Eu fico muito feliz com esse reconhecimento.

– Em toda a minha vida no juizado ainda não tinha visto um abrigo tão bom.

– Eu também não – revelou a conselheira.

– Obrigado mesmo!

– O seu abrigo é um modelo para os outros – prosseguiu ele. – Vou pedir que os outros diretores venham conhecer o seu.

– Serão todos bem-vindos!

– Tire-me uma dúvida.

– Pois não.

– Os instrutores dessas oficinas são voluntários?

– Essa é a única parte chata do meu abrigo. Bem que eu tentei... Mas nenhum topou. Então, só fiquei com duas opções: ou não fazia as oficinas, ou fazia pagando. Optei pela segunda. Felizmente, está sendo um sucesso. As crianças estão adorando.

A conselheira me consolou.

– Esse problema da falta de voluntários não é só no seu abrigo. São em todos!

– É verdade – continuou o juiz. – Tem uns candidatos que até entram animados, mas um mês depois desistem.

– Aqui só temos três voluntários: eu e as duas coordenadoras. Mais ninguém.

Mas ele me felicitou.

– Ainda bem que o senhor tem doações suficientes pra bancar tudo isso. Você fez um excelente trabalho de captação. Todos continuam doando?

– Até agora sim! Em seis meses de abrigo ninguém desistiu. Graças a Deus continuamos com condições de abrigar confortavelmente essas vinte crianças.

•

Já passava do meio-dia e nada de Gisele conversar alguma coisa. Igor seguia lá atrás com as suas fotos. Pouco depois, os três pararam rapidamente na sombra de uma árvore para comer os sanduíches, mas pouco se falaram. Quando voltaram a andar, Mariana começou a lembrar de como conhecera o seu marido.

Eu e o Paulo estudávamos na mesma universidade. A gente se conheceu na metade dos cursos. Eu na Administração, ele na Engenharia. Foi uma amiga em comum quem nos apresentou. Paulo era cinco anos mais velho. No princípio não houve atração, mas de tanto a gente se encontrar fomos percebendo as afinidades. Começamos a namorar três meses depois. Em um ano, ele veio com algumas indiretas sobre casamento. Queria sentir se eu pretendia algo sério ou não.

É claro que eu queria casar com ele. Mas casamento pra mim significava filhos, e eu sonhava com três! No entanto, àquela altura eu só pensava na minha carreira. Queria ser uma executiva de sucesso! Tanto que paralelamente às aulas me concentrava muito no estágio que tinha conseguido numa grande empresa. Eu vinha me destacando e a diretoria já me elogiava bastante. Tudo estava dando certo na minha vida profissional. O casamento e os filhos podiam esperar um pouco mais, até porque eu queria proporcionar pra eles um padrão de vida bem diferente do meu. Eu era de uma família de classe média baixa e vi os meus pais sofrerem horrores para criar e sustentar os cinco filhos. Foi tudo muito difícil pra eles. Além disso, o Paulo tinha um emprego apenas razoável, apesar de louco pra casar. Nós iríamos levar uma vida de limitações, principalmente se logo viesse um filho.

E, como eu não correspondia às indiretas sobre casamento, ele teve que ser mais claro. Chegou brincando, mas a conversa era séria:

- Mariana, acho que encontrei a mulher da minha vida.*
- Não deixa essa mulher escapar! – também brinquei.*

– Não vou deixar! Quero ter com ela um filho chamado Gabriel.

– E se for menina? Gabriela?

– Boa ideia!

Nós dois rimos. Depois, ele disse bem sério:

– Mariana, eu quero me casar!

– Eu também quero. Mas acho que a gente deve esperar um pouco mais.

– Por quê?

Falei o que realmente pensava. Que a gente só deveria casar quando tivéssemos boas condições financeiras. E naquele momento isso não existia. Para minha sorte, ele entendeu e topou esperar. Esperou até mais do que devia. Só fomos casar depois de oito anos de namoro. É bastante tempo. Tem muito casamento que não chega a isso. Durante todo esse período, tomei anticoncepcional pra não engravidar. Quem diria...

•

Outra coisa de que eu me orgulhava muito no abrigo era o carinho que eu recebia dos familiares das crianças. Nem todos eles compareciam nos dias de visita, porque alguns tinham abandonados seus filhos pelos mais diferentes motivos: eram drogados, alcoólatras, presidiários... Outros eram rejeitados pelas próprias crianças. Algumas delas não queriam ver seus pais ou suas mães nem pintados a ouro. Também pudera... Tinham sido vítimas de espancamento ou abuso sexual dentro de casa.

Esse era o caso de Sandrinha, uma menina bonita de doze anos, aparência frágil. Era filha da Laura, uma mulher de trinta anos, alcoólatra e muito agressiva. A gurizinha não conhecia o pai e tinha optado viver nas ruas porque não aguentava as surras violentas que recebia em casa. Durante dois meses não aceitou as visitas da mãe. Ficava isolada no quarto, chorando. Tivemos que fazer um trabalho psicológico profundo com as duas para que a relação mãe-filha voltasse a existir, mesmo que friamente. Conseguimos. Laura

diminuiu o seu vício na bebida. E, após muito esforço, Sandrinha passou a conversar com ela.

Graças a isso, Laura era extremamente grata a mim. Costuma dizer que sem o abrigo teria perdido completamente a filha. Nas visitas, ela era a única assídua. Nunca faltava e adorava fazer parte das brincadeiras que fazíamos com as crianças. Com o tempo tornou-se uma espécie de representante dos familiares. Ela sempre me levava algum bolo. E eu sempre brincava dizendo que daquele jeito ia acabar engordando. As duas riam. Pra mim aquele era o melhor presente que eu poderia receber: mãe e filha juntas graças ao nosso trabalho. Em pouco tempo, Sandrinha teve condições de voltar ao seu lar. Comemorei bastante. Estávamos cumprindo a nossa missão.

•

Os três avistaram em sentido contrário um vaqueiro conduzindo algumas cabeças de gado. Entraram um pouco dentro do mato e esperaram o pequeno rebanho passar. Curtiram o barulho dos chocalhos. O vaqueiro parou na mesma linha que eles, tirou o chapéu e os cumprimentou.

- Bom dia, peregrinos!
 - Bom dia! – responderam ao mesmo tempo.
 - Estão cansados?
 - Só um pouquinho – falou Igor.
 - Querem água? Se quiserem, tenho aqui.
 - Não, obrigado. Temos nossas garrafas.
 - O sol tá forte, né? – O vaqueiro enxugou o suor da testa.
 - Sem dúvida – concordou ele. – Mas estamos gostando.
- O vaqueiro sorriu. Um vento soprou.
- Parei só pra cumprimentar. Vão com Deus!

Os três agradeceram e esperaram o vaqueiro se distanciar com suas vaquinhas. Igor não se conteve de satisfação.

– Que congestionamento bom de enfrentar, hein?

– Vou mandar uma mensagem pro Paulo contando isso. – Mariana pegou o celular e digitou falando em voz alta: *“Acabamos de enfrentar um congestionamento de bois e vacas. Lindos!”*.

Igor e Gisele gostaram. A resposta chegou assim que eles pisaram novamente na estrada de terra: *“Muuuuuuu!”*. Mariana leu a mensagem e todos riram.

– Meu amor é um gaiato – disse ela, olhando para o celular.

•

Cerca de um mês depois da visita do juiz e da conselheira tutelar ao abrigo, eu passei por uma experiência inusitada: ter meninos de rua batendo na minha porta querendo entrar. Logo de cara foram três. Estavam sujos e descalços. Aquela imagem era muito forte para um cara como eu, com o coração de manteiga. Abri o portão e abriguei as crianças. Ficaram dormindo em colchonetes no chão, porque não havia espaço, mas era melhor do que na rua.

Eu não imaginava o quanto aquela atitude era perigosa para o abrigo. Quinze dias depois vieram mais dois. Aceitei também. No mês seguinte a história se repetiu com mais três crianças. A superlotação vinha a galope e eu era o único culpado. Por diversas vezes, as minhas funcionárias me alertaram, mas eu não dei ouvido. No entanto, nunca fiz nada escondido do juizado. Sempre comuniquei a entrada de novas crianças, conforme determina a lei. Mas o juiz também reclamou dos meus exageros. Porém, ele autorizava a permanência das crianças porque sabia que eu era muito querido e por ter conhecimento que novas vagas em abrigos não apareciam com tanta facilidade.

Apesar da entrada de mais gente, as doações não estavam chegando na mesma velocidade. Muito pelo contrário... começaram a cair. O primeiro a

deixar de doar foi um advogado bem-sucedido. Ele contribuía com uma grande doação mensal. Eu ainda telefonei tentando fazê-lo retornar, mas escutei algo inacreditável: “Já paguei a minha promessa”. Isso mesmo! O advogado tinha prometido para o seu santo de devoção doar apenas durante seis meses. E o prazo havia se encerrado. Na cabeça dele os seus problemas espirituais estavam resolvidos, o abrigo que se virasse. Mas a pior parte é que depois de algum tempo outros também deixaram de doar. Isso era um processo normal que eu desconhecia por causa da minha inexperiência.

E como o trabalho de captação de novos doadores não conseguia suprir os que tinham saído, em pouco mais de um ano eu me vi diante de um quadro desolador: o abrigo estava com quarenta crianças e eu não tinha dinheiro para sustentá-las! Tive que tomar algumas providências. A primeira foi cancelar todas as oficinas de arte-educação. Logo elas que eram responsáveis pela principal ocupação das crianças ao longo do dia. Sem as aulas, os meninos ficaram praticamente sem fazer nada. Mas, infelizmente, não havia como pagar os instrutores. E eles não aceitaram continuar trabalhando como voluntários.

A segunda providência foi terrível pra mim. Passei a usar parte da minha renda na compra de mantimentos para o abrigo. Não deu outra... Em pouco tempo estava endividado! Fiquei pagando apenas o mínimo dos meus dois cartões de crédito. Estávamos quebrados: eu e o abrigo.

•

– Estamos chegando perto de São José do Rio Pardo – disse Igor ao avistar uma grande plantação de cebola, o produto típico da cidade.

– Ufa! – exclamou Gisele.

– Senhoras, está sendo mais fácil do que a gente pensava.

– Calma que ainda estamos no comecinho – alertou Mariana, rindo.

Já era final de tarde. Eles estavam concluindo o primeiro dia de caminhada. Mais um pouco e atravessaram a ponte do Rio Pardo. Logo depois,

passaram ao lado da *Casa de Cultura Euclides da Cunha*, um centro cultural dedicado à obra do célebre escritor brasileiro autor do clássico *Os Sertões*.

Os três caminharam por mais algumas ruas, passaram pela praça da igreja e chegaram na pousada. Assim que entraram, sentaram. Tiraram as botas sem a menor cerimônia, até porque outros peregrinos tinham feito o mesmo. Rapidamente, foram servidos pela dona com uma garrafa de água geladíssima, a melhor bebida do mundo naquele momento. Ficaram alguns minutos trocando informações com outros que estavam por ali e depois foram tomar banho.

– Fazia tempo que a minha calvície não pegava tanto sol – comentou Igor levando a mão à cabeça.

Gisele aproveitou.

– É melhor ter uma careca bronzada do que uma careca desbotada.

– Vou fazer de conta que não escutei.

As duas riram.

– Também fazia tempo que eu não suava tanto – disse ele, olhando pra si mesmo, um pouco envergonhado da camisa com duas grandes manchas de suor embaixo das axilas.

•

Caio chegou à Casa Branca. Dessa vez não ficaria numa pousada qualquer, mas no Santuário do Desterro, local sagrado, imponente e belo. De lá, teria uma bela visão da cidade. Antes de entrar, ficou admirando a fachada, onde existe um lindo mosaico mostrando a trajetória de José e Maria, pais de Jesus. Por alguns instantes, fez uma comparação com o seu percurso no Caminho da Fé e mais uma vez teve orgulho de si mesmo por ter tomado a decisão de fazê-lo.

•

Quando retornaram do banho, Mariana, Igor e Gisele, ficaram na sala

conversando com outros hóspedes. Quem faz o Caminho da Fé e quer conhecer um pouco de cada local por onde passa tem que aproveitar os instantes em que caminha pelas ruas de cada cidade antes de entrar na pousada. Porque depois que se vê cadeiras e camas, a única coisa que se quer fazer é descansar. No dia seguinte, antes de pegar a estrada também é uma boa opção, mas deve-se ter o cuidado de não demorar muito nas atrações para não correr o risco de chegar tarde demais na cidade seguinte.

Pouco depois, tocou o telefone de Mariana. O imenso sorriso que ela deu ao ver quem era denunciava o autor da ligação. Ela ficou superfeliz com a atenção do marido. Paulo disse que queria matar a saudade e saber como haviam passado o primeiro dia. Depois de falar alguns minutos, ela passou para Gisele e Igor que queriam dar um alô.

Capítulo 19

ANTES DE SAIR DO SANTUÁRIO DO DESTERRO, Caio ficou curtindo por alguns minutos a bela visão da cidade de Casa Branca. Aproveitou e rezou o terço. Em seguida, carimbou a sua credencial, despediu-se dos funcionários e partiu. Poucos minutos depois, passou pelo parque da cidade repleto de eucaliptos – um lindo visual – e caiu na estrada de terra. A próxima parada seria em Vargem Grande do Sul. Até lá, enfrentaria muito sol.

•

Mais uma vez, os três acordaram cedo. Tomaram o café da manhã e partiram com destino a São Sebastião da Gramma. O trajeto até lá teria algumas subidas e descidas. Cruzaram algumas ruas da cidade e logo chegaram na estrada de terra. O sol estava radiante. Os três caminharam lado a lado por algum tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ainda estamos bem dispostos! – disse Mariana, para em seguida brincar. – Será que vamos ficar assim até o final ou cairemos pelo caminho?

– A primeira dica é não acelerar o passo desnecessariamente – lembrou Igor. – Não estamos com pressa. Viemos aqui num exercício de contemplação e demonstração de fé.

– Certamente! – concordou ela.

– Também gostei! – disse Gisele. – E qual a segunda dica?

– É descansar bastante nos locais de parada. Foi o que fizemos. Se seguirmos nesse ritmo, terminaremos bem. E ainda teremos perdido algumas gordurinhas, não é, Mariana?

– Deus te ouça!

Alguns metros depois dobraram à direita seguindo uma seta amarela.

•

Caio começou a lembrar das suas aulas de Sociologia das Religiões, uma das suas disciplinas que mais despertavam interesse nos estudantes.

– Caros alunos, a falta de preocupação social entre as pessoas no Brasil ainda é grande. Muitos nem se emocionam quando, dentro de seus carros, param nos semáforos e se deparam com meninos de rua fazendo malabares em troca de algumas esmolas. Parece que isso já faz parte do dia-a-dia das cidades brasileiras e não incomoda mais. As pessoas estão muito frias em relação a isso. Eu que o diga. Estou sentindo na pele, porque, como já falei pra vocês, tenho um abrigo de meninos de rua. Estamos com um sério problema de falta de doações. Nós vivemos delas. Mas estão cada vez mais escassas. Encontrar novos doadores, sejam pessoas ou empresas, está muito difícil. E, pra piorar, de vez em quando, algum deixa de doar.

– O seu abrigo vai fechar? – quis saber um aluno.

Toc-toc-toc!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– *Vira essa boca pra lá! Esse abrigo é a minha vida!*

– *Professor, por que você se envolveu tanto com essa causa?*

Antes mesmo de eu começar a responder, fui surpreendido com o complemento.

– *Será que existe alguma explicação espiritual?*

Imediatamente, lembrei do tanto que eu me fiz aquela pergunta. A resposta que encontrei mudou a minha vida.

– *Sim, existe uma explicação espiritual.*

Fez-se um silêncio na sala. Todos ficaram curiosos em saber qual era. Eu já ia começar a falar da minha TVP, quando um aluno se adiantou.

– *Professor, qual a sua religião?*

Antes de responder, fiz uma pausa para gerar suspense.

– *Sou catopírita.*

Mais silêncio. Todos ficaram esperando uma complementação, mas deixei a coisa no ar... Fiquei apenas olhando... Aguardei alguma iniciativa.

– *Catopírita?*

– *Sim.*

– *O que é isso, professor?*

– *É o católico simpatizante do espiritismo.*

Os alunos olharam uns para os outros sem entender direito.

– *Você adota duas religiões?*

– *Adoto parte das duas. Aliás, não apenas eu, mas muitos católicos no nosso país.*

Outro silêncio.

– *Professor, explica melhor.*

– *Vamos lá... Muitos católicos no Brasil acreditam na reencarnação, que é um dos princípios básicos do espiritismo. O que ela diz?... Que depois que o corpo morre, o espírito passa para outro corpo em busca de uma evolução ao longo da eternidade. Só que isso é totalmente contra o conceito da ressurreição do catolicismo, de que uma pessoa tem apenas uma existência sobre a terra e,*

PERIGOSAS ACHERON

após a morte, deve ressuscitar para enfrentar o juízo de Deus.

Os alunos se espantaram, mas ficaram calados.

– Muitos católicos no Brasil não sabem que os conceitos da reencarnação e da ressurreição são totalmente opostos. E, se sabem, não se importam, como é o meu caso e de muitos de vocês.

Vários se olharam.

– Como assim?

– Quem for católico levante o braço.

A maior parte da turma levantou.

– Agora, mantenham o braço erguido apenas os que acreditam no princípio da reencarnação.

Mais da metade manteve.

– Vejam com seus próprios olhos... Somos metade católicos, metade espíritas... Somos catopíritas!

•

Igor desacelerou para tirar algumas fotos. Foi ficando alguns passos para trás. As duas, então, começaram a conversar.

– Gisele, não tá com saudade dos seus filhos?

– Muita!... Meus dois pimpolhos lindos!

– Já ligou pra eles?

– Já, quando a gente tava no quarto. Estão bem. Eles sabem que a nossa viagem vai demorar alguns dias, mas perguntaram se tava perto de acabar – disse rindo e olhando para Mariana.

– Ai, que lindo!... Quem me dera ter filhos pra ligar.

– Você vai tê-los! É só uma questão de tempo!

Seguiram caminhando. Lá na frente, olharam para trás e viram Igor apontando a sua máquina fotográfica para os lados. Alguns minutos depois, a conversa voltou.

– Gisele, você teve alguma dificuldade pra engravidar?

– Não, graças a Deus! Engravidei logo depois do casamento. O outro veio em seguida. Eu queria ter dois filhos e queria tê-los logo.

– Que bom!

– Há alguns anos, o Igor queria o terceiro, mas eu o convenci que dois estava de bom tamanho.

– Eu também sonhava com três. Mas, se eu conseguir um, já agradeço o milagre.

Gisele apenas olhou.

– Mudou alguma coisa na vida de vocês? – continuou Mariana.

– Como?

– Se mudou alguma coisa na vida de vocês com a chegada dos filhos. Muita gente me fala isso.

– Ah, mudou muito! Isso é verdade mesmo.

Igor vinha se reaproximando das duas e entrou na conversa.

– Não se iluda, Mariana! O casamento começa depois que nasce o primeiro filho.

– Nossa, eu não sabia que ainda não era casada! – disse, rindo. – Mas muda em quê?

Gisele se antecipou.

– Enquanto é só a mulher e o marido leva-se uma vida de namorados. Depois que nasce o primeiro filho, os dois passam a ser pai e mãe e não respondem mais só por si. Então, muita coisa vai ter que ser sacrificada na vida do casal.

Igor balançou a cabeça concordando.

– É impressionante como muitos casais falam isso – disse Mariana.

– E se você quer saber mais – continuou Gisele – muda até mesmo a vida sexual do casal.

– E como muda! – continuou Igor.

Ela fez cara de surpresa.

– É... Eu e ele já fomos surpreendidos em plena ação por alguns visitantes ilustres – falou, rindo. – Quando eles são pequeninhos gostam de aparecer nas horas mais impróprias querendo dormir com a gente. Quem tem coragem de dizer não? E, mesmo quando eles ficam maiorzinhos, temos que fazer de uma maneira bem silenciosa porque tem gente na casa “es-cu-tan-do-tu-do”. Muitas vezes, o clima vai pro espaço.

Mariana gargalhou.

– A grande verdade, querida, é que todo casal acaba descobrindo que filho não ajuda em nada no casamento. Mas veja bem... filho é a melhor coisa do mundo! Não tenho nada contra eles, muito pelo contrário. Eu amo ser mãe. Não consigo me imaginar sem meus filhos.

– Nem eu! – ressaltou Igor.

– Não é porque o casamento muda com a chegada deles que vou sair por aí dizendo pras pessoas não tê-los.

– Com certeza! – disse Mariana.

– Ser pai e ser mãe são experiências únicas. Acho que todos deveriam passar por isso. Eu mudei muito como pessoa depois que fui mãe. Agradeço muito a Deus por ter me dado essa experiência. Amo meu casal de filhos. Já estão com nove e oito anos, e daqui a pouco eles é que vão começar a cuidar da gente.

Mariana ficou pensativa. *Filhos podem não ajudar em nada no casamento, mas como deve ser bom ouvir uma criança te chamando de “mãe”.* Depois de alguns minutos, voltou a falar: – Gisele, já imaginou chegar à velhice e não ter ninguém pra te ajudar?

– Cruz credo! Nem gosto de pensar nisso. Minha mãe já tem mais de oitenta, é doente, viúva, depende totalmente do apoio dos quatro filhos. Eu e meus irmãos estamos sempre presentes.

– O que seria dela se não fossem vocês?

– Se já não tivesse morrido de solidão, estaria num asilo! Os irmãos, ela não tem mais, todos já se foram! Só sobraram realmente os filhos, que graças a

Deus dão todo o apoio.

– Meus pais ainda estão com sessenta e poucos, mas já precisam bastante dos filhos. E, quanto aos netinhos... são a alegria de viver deles! Já imaginou se não tivessem nada disso?

– Ai, Mariana... Agora me deu uma saudade do meu pai... Eu era tão apegada a ele...

– Nem me fale, eu também sou muito apegada ao meu. Muito mais do que à minha mãe.

– Eu também! – concordou Gisele, ficando um pouco reflexiva. – Parece que nós mulheres somos assim, mais ligadas ao pai do que à mãe.

– Já li sobre isso... É o primeiro homem das nossas vidas.

– É verdade... Faz sentido.

– Dizem até que escolhemos nossos maridos comparando com o pai – falou Mariana, pensando em Paulo.

– Acredito. Acho que fazemos isso sem perceber.

– Eles também são muito ligados em nós. Muito mais do que nos filhos homens. Nos cobrem de mimos. O meu só me chama de “minha princesinha”.

– O meu só me chamava de Gigi. Até a minha mãe ficava com ciúme, acredita? Era Gigi pra cá, Gigi pra acolá. E eu adorava! Quando ele morreu, chorei feito uma louca. – Os olhos de Gisele começaram a se encher.

– Morreu de quê?

– O câncer o levou.

– Não me imagino sem meu pai.

– Cuide bem dele, Mariana. Você vai sentir muita falta.

– Nem me fale... Não tô preparada pra perder nenhum dos dois... Mas tenho certeza que vou sofrer muito mais com meu pai do que com minha mãe. E olha que sou louca por ela.

– Quando eu era criança e não queria comer porque não gostava da comida, ele me colocava no colo e me dava aviãozinho na boca... Num instante a comida ficava gostosa!... E quando comecei a namorar?... Ihhhh... Foi uma

ciumeira!...

– O meu tem ciúme do Paulo até hoje.

– Ainda lembro que quando tava em crise com o Igor e chegava na casa dele bem triste, papai perguntava: *“Gigi, o que é que você tem?”*. E eu *“Nada, pai, não é nada.”*. E ele, com aquela vozinha carinhosa: *“Como não? Você pensa que me engana? Eu conheço você desde pequeninha!”*.

– Ai que lindo!

– Eu ria pra caramba. Mas ele não desistia: *“Gigi, me diga de uma vez por todas, o que foi que aconteceu! Se você fez alguma coisa errada, não tem problema, eu tô do seu lado!”*.

– Que lindo!

– Que saudade daquele velhinho... Aquela cabecinha branca... Sinto falta até das broncas que ele me dava...

– Ora, o meu me dá bronca até hoje... Quando me vê gastando dinheiro, então... *“Mariana, você tá jogando dinheiro fora!... Você tá jogando dinheiro fora!...”*. Eu entendo... Ele teve muita dificuldade pra criar os filhos. Meu pai ainda não assimilou que tenho pra gastar. Mas adoro saber que ele ainda se preocupa comigo.

– Ai, Mariana, vamos mudar de assunto, senão vou chorar.

– Vamos.

•

– *Professor, por que somos tão católicos? E por que acreditamos tanto na reencarnação?*

– *Voltemos às nossas origens. Primeiro: somos um país tradicionalmente católico graças à colonização portuguesa. Portugal era um país católico. Segundo: houve aqui um forte trabalho de evangelização católica feito pelos jesuítas que acompanharam os colonos portugueses. Terceiro: o catolicismo foi a religião oficial do Brasil até 1891, quando a constituição estabeleceu o*

estado laico, proporcionando a liberdade religiosa. Portanto, ao longo da nossa existência, houve um ambiente extremamente favorável ao catolicismo. Ainda hoje, muitos brasileiros dizem que são católicos mesmo quando não têm o hábito de ir à missa ou participar dos sacramentos da sua religião: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema-Unção, Ordem e Matrimônio.

– Sim... E por que acreditamos tanto na reencarnação?

– Apesar de sermos um país tradicionalmente católico, a reencarnação e a comunicação com os mortos fazem parte da nossa formação religiosa.

– Por quê?

– Vamos voltar novamente às nossas origens. Somos um país multirracial, multicultural e multireligioso. No Brasil, não aconteceu apenas uma grande mistura de raças, mas também uma grande mistura de culturas. E, conseqüentemente, isso gerou uma forte mistura de crenças. Os negros africanos quando vieram pra cá como escravos trouxeram os conceitos da reencarnação e comunicação com os mortos, que eram fortes entre eles. Além disso, inúmeras tribos indígenas brasileiras também acreditavam nisso. Então, essas crenças se espalharam por todos os níveis da sociedade. Isso fez com que a doutrina espírita fosse muito bem aceita entre nós quando chegou por aqui, por volta da metade do século 19. Ela foi trazida por pessoas da elite que tinham ido estudar na França, terra de Allan Kardec, fundador do espiritismo. De lá pra cá, a crença na reencarnação entre os brasileiros só aumentou, atingindo uma forte presença por volta da metade do século 20, quando Chico Xavier começou a ter grande destaque no Brasil. Ele psicografou centenas de livros divulgando a doutrina espírita entre nós. Tornou-se uma celebridade religiosa tão admirada que chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Isso tudo tornou o Brasil o país mais espírita do mundo. Em nenhum outro lugar existe uma quantidade tão grande de adeptos e simpatizantes como aqui. Uma das maiores provas disso é o imenso sucesso que os livros e filmes que abordam a temática espírita fazem entre os brasileiros. Os livros viram best-sellers... Os filmes se tornam campeões de bilheteria... Alguém sabe citar os

nomes de alguns?

Imediatamente, os alunos citaram vários.

– Estão vendo?... Isso sem falar nas inúmeras reportagens que constantemente abordam o assunto seja na mídia impressa ou televisiva. Mas dentro desse contexto existe uma grande contradição... Enquanto dezenas de milhões de brasileiros são simpatizantes do espiritismo, poucos se declaram espíritas. Aliás, pouquíssimos!

– Por que, professor?

– A grande maioria desses simpatizantes ainda está ligada à sua religião de origem, o catolicismo. São pessoas que ainda vão à missa... batizam seus filhos... têm um santo de devoção... Inúmeros frequentadores dos centros espíritas se apresentam como católicos!

– Católico em centro espírita?

– Sim!

– E isso pode?

– A religião espírita é conhecida por ser bastante receptiva aos outros credos. Ela não impede ninguém de frequentar os seus centros. Se vocês forem num vão encontrar pessoas de diferentes religiões, principalmente católicos!... Mas os católicos que vão lá acreditam na reencarnação... São catopíritas!

– Professor, essa mistura entre catolicismo e espiritismo acontece em outros lugares, ou só aqui no Brasil?

– Uma coisa que muita gente não sabe é que o espiritismo é forte somente no Brasil. Mesmo na França, onde ele nasceu, é bastante desconhecido.

– Por quê?

– Muito antigamente, quando as mídias não existiam, o espiritismo se divulgava através da prática da caridade. Mas isso não surtiu efeito num país socialmente desenvolvido como a França. Já, no Brasil...

Um grande silêncio se fez na sala.

– Sendo assim, o catopiritismo é uma religião tipicamente brasileira.

Nasceu aqui. E é muito forte entre nós.

– Mas a crença no catolicismo não poderia ter impedido esse avanço espírita?

– Veja bem... É muito alto entre nós o número de católicos não-praticantes... São os que não seguem totalmente os princípios do catolicismo... Ou porque não querem... Ou porque não conhecem! Então, essa grande massa absorveu a reencarnação como complemento espiritual. Isso fez nascer um grupo religioso imenso. Mas, apesar do seu tamanho e da sua importância, ele vem sendo ignorado ou tratado como uma simples curiosidade. Isso não pode continuar assim.

Os alunos ficaram pensativos. Eu resumi numa frase tudo o que disse.

– O catopiritismo é a maior religião do Brasil.

Pouco depois, Caio avistou a estátua do Cristo Redentor de Vargem Grande do Sul. Estava chegando na cidade. Andou mais alguns minutos e chegou ao pé do monumento de 25 metros de altura. Ele fez o sinal da cruz e pediu proteção. Em seguida, foi para a pousada.

•

No final da tarde, Mariana, Igor e Gisele passaram ao lado de um grande cafezal, o que sinalizava que estavam perto de São Sebastião da Gramma. Caminharam por mais uns cinquenta minutos e atingiram a rodovia. Percorreram uns trezentos metros e dobraram numa pequena rua. Passaram por uma ponte, andaram mais um pouco e chegaram na pousada. Repetiram o ritual da chegada anterior. Tiraram as botas e descansaram os pés.

Capítulo 20

CAIO TOMOU OS ÚLTIMOS GOLES DE CAFÉ e se preparou para seguir rumo a São Roque da Fartura. Previu que chegaria lá por volta das quatro da tarde. Iria encontrar muitos peregrinos. O trajeto seria a sua primeira grande subida no Caminho da Fé. Isso porque a Serra da Mantiqueira está se aproximando. Mas, apesar de cansativo, o trecho é arborizado, o que garante boas sombras. E, na metade, há uma bela pousada onde dá para descansar e comer um almoço normal, ao invés de sanduíches.

Quando foi pegar o carimbo na sua credencial, Caio viu um casal de peregrinos se beijando. Deu um bom-dia discreto sem querer interromper. Mas teria sido melhor não ter dito nada. O casal respondeu baixinho, constrangido. Ele notou as alianças de noivado. Pronto. Foi o suficiente para voltar a lembrar de Isadora. *Como pude perder uma mulher daquela?* Às vezes, se recusava a acreditar que não estava mais com ela. Mas tinha que enfrentar a realidade. Olhou novamente para o rapaz e sentiu inveja. Afinal, o cara tinha uma noiva... Afinal, o cara iria se casar... *Mas iria mesmo?*

Ele saiu da pousada lembrando de dois casamentos de amigos seus que não haviam se realizado, porque uma das partes desistira de entrar na igreja faltando pouco tempo. Estava tudo pronto: convite impresso e distribuído... festa paga... lua de mel reservada... *Bem, é melhor antes do que depois!*

Fez as contas nos dedos e percebeu que tinha muitos colegas separados. Às vezes, encontrava com alguns deles e, sem saber de nada, perguntava ingenuamente pelo marido ou pela esposa. *“Infelizmente, não estamos mais juntos”*, era a resposta que escutava depois do sorriso constrangedor. O caso mais grave tinha sido o do Alan, que casou na igreja e seis meses depois se separou. Seis meses! Outra situação interessante foi a da Lidianne. Após um noivado de inacreditáveis oito anos e, muita pressão de familiares e amigos, finalmente subiu ao altar. Todos comemoraram o casório. Mas um ano e meio depois... a separação!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Caros alunos, o número de separações está tão grande que dentro de algum tempo os casamentos serão realizados com data definida pra acabar.

Todos se olharam espantados.

– Os casais ficarão juntos apenas por um período predeterminado: um ano... dois anos... três anos... Quando o prazo terminar, o vínculo poderá ser renovado ou não.

– Professor, isso é um absurdo!

– Não é absurdo! Isso já está acontecendo sem que a sociedade perceba. O número de separações está altíssimo. Os contratos de matrimônio estão sendo cada vez mais rompidos. E por que precisam ser rompidos?... Porque não têm uma data definida pra acabar! Os rompimentos são traumáticos porque não estão previstos. Eles só vão se tornar suportáveis quando existir uma data oficial pra que isso aconteça.

– Professor, essa foi a maior loucura que você já disse!

– Você ainda é muito jovem, querida. O tempo vai lhe mostrar que o que estou dizendo não é loucura.

– Ah, professor, pois quando eu me casar quero que o meu casamento seja pro resto da vida.

– Essa idealização do casamento pra vida toda está desaparecendo da nossa cultura. Em algumas décadas isso vai até ser ridicularizado. As pessoas do futuro vão olhar pra trás e vão rir dos seus antepassados que sonhavam em ficar pra sempre com a mesma pessoa.

– Baseado em que você diz isso?

– Os costumes mudam muito ao longo do tempo... Há algumas poucas décadas o divórcio era uma coisa absurda. Ele nem sequer existia oficialmente. Uma mulher que se separasse por conta própria era praticamente banida da sociedade. A família tinha vergonha, os amigos evitavam, os vizinhos mais indignados deixavam de cumprimentar. Era assim!... Vocês conseguem imaginar isso acontecendo hoje?... Claro que não!... Por quê?... Os costumes mudaram... O divórcio é uma coisa socialmente aceita. Nenhuma mulher vai

PERIGOSAS ACHERON

ficar mal vista se separar.

Silêncio entre os alunos.

– Quem aqui tem os pais separados, por favor, levante o braço.

Alguns levantaram.

– Desculpem a franqueza... Não tô querendo ofender ninguém... Mas, dentro de dois ou três anos, se eu fizer essa mesma pergunta pra vocês, o número de braços levantados vai ser maior. Daqui até lá, alguns pais vão se separar.

– Eu tô passando por isso, professor! Meus pais estão se separando.

– Estão vendo?... Os costumes mudam muito ao longo do tempo. Outro bom exemplo disso é a “mãe solteira”. Há algumas décadas se uma moça engravidasse do namorado era uma vergonha tão grande dentro da família que alguns pais colocavam a filha pra fora de casa com a roupa do corpo.

– Sério, professor?

– Perguntem aos pais de vocês!... Os que não expulsavam davam um jeito de fazer o casamento o mais rápido possível nem que fosse à força. Tinha pai que ia procurar o namorado da filha com revólver na cintura. Imaginem um casamento acontecendo debaixo de bala!

Os alunos riram.

– Os risos que vocês estão dando são uma prova de que o tempo mudou. Os costumes avançaram. Hoje, as pessoas riem de coisas que aconteceram no passado. No futuro muita gente vai rir do casamento pra vida toda. Parece absurdo, mas não é. Ele está em extinção.

– Mas professor, se o casamento pra vida toda está desaparecendo, por que tanta gente ainda faz questão de casar na igreja? Eu sou uma delas.

– Excelente pergunta!... Você se considera muito religiosa?

– Mais ou menos.

– Por que mais ou menos?

– Não sou praticante.

– Então, por que você faz questão de casar na igreja?

– *Eu acho aquele ritual tão bonito.*

– *Você acaba de dar a resposta! Não é só você, mas muita gente!*

– *Então?...*

– *Vamos lá... O casamento na igreja católica é hoje um evento muito mais social do que religioso. A grande maioria dos casais organiza a recepção aos convidados como se fosse mais importante do que o próprio matrimônio. A festa se tornou um momento de grande exibicionismo, afinal os dois precisam mostrar pra sociedade que estão fazendo um grande casamento, apesar de nem eles mesmos terem certeza disso. Os casais querem dar festa para o maior número possível de pessoas. O espetáculo em si chama tanto a atenção que após a cerimônia poucos se lembram do sermão do padre, se é que alguém estava escutando. E, nos dias seguintes, todos os comentários são a respeito da beleza da noiva, dos vestidos das convidadas, do tamanho da festa... do bolo do casamento!*

Os alunos riram novamente.

– *Outro bom exemplo disso é a lista de convidados. Quando o casal convida para a cerimônia não faz qualquer restrição religiosa. Pode ir gente de todos os credos, até os ateus! Nem os noivos, nem os convidados estão preocupados com isso.*

•

Mariana, Igor e Gisele dormiram um pouco mais em São Sebastião da Gramma, talvez pelo cansaço natural de dois dias de caminhada. Tanto que assim que chegaram ao café da manhã, perceberam que eram os últimos. Igor abriu o mapa do Caminho da Fé sobre a mesa e mostrou com o dedo o trajeto que já tinham percorrido. Lembrou que ao final do dia estariam encerrando a primeira fase do percurso. Chegariam em São Roque da Fartura por volta das cinco da tarde.

– *Teremos uma forte subida até lá – observou ele. – E aí, Mariana, tá*

cansada?

– Só um pouco, dentro da normalidade.

– Já deu pra perder algum quilincho? – brincou Gisele.

– Acho que um já foi pro espaço! – disse rindo. – Espero que até o final todos tenham ido.

– Você vai terminar o Caminho esbelta e bronzeada – desejou a amiga.

– Deus te ouça!

Os três foram aprontar suas mochilas e voltaram rápido. Despediram-se dos funcionários da pousada e partiram. Caminharam sem falar nada, apenas apreciando o clima tranquilo e o visual da cidade. Alguns minutos depois, chegaram na estrada de terra. O silêncio da natureza ajudava a permanecerem num bom momento de introspecção. Mariana estranhou a ausência da ligação do marido na noite anterior. Chegou a pensar que ele pudesse ter tido algum problema e achou melhor checar. Pegou o seu smartphone e mandou uma mensagem curta: *“Bom dia, amor!”*. Pouco depois, ele respondeu: *“Bom dia, amor da minha vida! Saudade!”*. Foi o suficiente para ela se alegrar. Naquele momento bobo, voltou a se sentir bem casada. *Espero nunca me separar. Deus me livre!... Tô com o Paulo há tanto tempo que nem sei mais o que é ser solteira.*

•

Caio caminhava pela estrada de terra tentando esquecer da ex-noiva, mas não conseguia. Olhou para os lados, buscou alguma coisa para se entreter, mas não achou, apesar da beleza do lugar. Tentou cantar. *Quem canta seus males espanta!* Mas a voz não lhe veio. Tentou assobiar. Começou... fez por alguns segundos... e parou. Não teve jeito.

Quando Isadora saiu por aquela porta, achei que não seria de forma definitiva. Apesar de ter sentido firmeza no seu olhar, pensei que ela voltaria

no dia seguinte... Ou no outro... Ou no outro... Mas depois de uma semana... nada! Fui na casa dela e mandou dizer que não estava. Eu liguei e ela não me atendeu. Então, pra disfarçar, liguei de outro número. Chamou apenas duas vezes e ela...

– Alô.

– Isadora?

Silêncio.

– Isadora?

Desligou. Liguei novamente, ela não atendeu. Liguei a terceira, a quarta, a quinta, a sexta vez... Ela percebeu que eu não ia desistir e, na sétima, atendeu. Rispidamente.

– O que você quer?

– Isadora, a gente precisa conversar!

Ela ficou em silêncio.

– Isadora, eu quero muito me casar com você!

– Caio, a nossa história acabou!

– Isadora, vamos conversar!

– Caio, eu não sou mais a sua noiva!

– O que você quer dizer com isso?

– Que eu não sou mais a sua noiva!

Silêncio.

– Como assim? Nós íamos casar.

– Você disse bem: nós íamos! Não vamos mais!

– Isadora, você é a coisa mais importante da minha vida.

– Hummm!... Tenho certeza que eu não sou a coisa mais importante da sua vida... Não minta pra você mesmo!

– Isadora, para com isso! Eu preciso te ver! Vamos conversar!

– Caio, eu te desejo toda a sorte do mundo! Por favor, não me procura mais!

Silêncio.

– Ouviu bem? Por favor, não me procura mais!

– Isadora...

Desligou.

Foi só naquele momento que percebi que tinha perdido a minha noiva. Meu casamento não ia acontecer mais. Eu estava sozinho! Era duro, mas tinha que aceitar. Além de ter um abrigo pra salvar, agora eu também tinha que recomeçar a minha vida amorosa. Tinha que ir atrás de outra mulher.

Mas isso podia esperar... Antes eu precisava salvar o abrigo!

•

Mariana teve vontade de conversar com Gisele sobre como seria viver novamente a vida de mulher solteira, mas Igor caminhava do lado delas. Teve que aguardar. Mas não muito. Pouco depois, ele começou a tirar fotos e ficou para trás.

– Gisele, desculpe tocar novamente nesse assunto, mas... – ela hesitou.

– Mas o quê, Mariana?

– Você consegue se imaginar solteira novamente?

A amiga ficou pensativa por alguns segundos.

– Não.

– Eu também não!

– Nenhuma mulher se casa pensando em voltar a ser solteira de novo. O casamento até o fim da vida ainda faz parte do idealismo feminino.

– É verdade.

– Esse foi um dos motivos por eu ter perdoado o... – disse apontando discretamente com o polegar para Igor lá atrás.

– Sei.

– Como teria ficado minha vida? Quarentona, dois filhos.... Imagine voltar pro mercado com um perfil desses... Você acha que os homens querem entrar numa partida perdendo de dois a zero? A não ser que seja algum velho de

uns oitenta anos. Mas aí também é demais... Não nasci pra arqueóloga.

– Essa foi boa! – Mariana riu.

– E olha que eu sempre tive bom emprego. Nunca precisei de homem nenhum pra me sustentar.

– Graças a Deus!

– Os homens preferem mulheres mais novas e sem filhos. Até mesmo os homens separados e que já são pais!

– Infelizmente, isso é verdade.

– Tenho um amigo com três filhos que se separou e foi atrás de namorada. E eu caí na besteira de apresentar uma colega minha lindíssima, mas com dois filhos! O que aconteceu? Ele mascarou o chiclete e depois jogou fora. Só ficou três meses com ela. Fui perguntar por que e ele me disse que era melhor uma mulher sem filhos. Eu disse “*Cara, tu tem três!*”. E ele: “*Por isso mesmo! Se eu juntar os meus com os dela, passam a ser cinco. E eu não quero mais nenhum*”.

– Idiota!

– São quase todos assim, Mariana.

– Eu também não consigo me imaginar solteira novamente. Imagina eu nessa idade, fazendo 35... Tendo que começar tudo de novo... Nãããã...

– E olha que você pelo menos não tem filhos. E eu com dois!

– Tô há tanto tempo com o mesmo homem que já desaprendi a paquerar.

– Então somos duas, minha filha!

– Tenho fé em Nossa Senhora Aparecida que meu casamento vai durar pra sempre – disse Mariana olhando para o céu.

– Temos mesmo que ter fé, querida!

As duas ficaram pensativas e voltaram a se entreter com o caminho. Igor continuava lá atrás. Depois, Mariana reiniciou.

– Mas Gisele...

– Diz.

– E se ele fizesse de novo?

– Se ele aprontasse de novo?... Nem pensar! Dessa vez não teria perdão! Duas humilhações? Aí é demais pra mim! Eu preferiria ficar sozinha e recomeçar minha vida.

– Não sei se eu teria perdoado nem a primeira... Mas conheço uma que já perdoou quatro vezes.

– Eu também conheço uma que vive perdando. Mas comigo isso não funciona! Mas... cada uma é cada uma... Só ela é quem sabe os motivos que tem pra fazer isso. Mas comigo não funciona!

Depois Gisele olhou para trás e gritou com o marido.

– Igor, venha cá! Estamos sentindo sua falta!

– Já vou! – gritou ele despertando de uma mira fotográfica. Deu uma corridinha e as alcançou.

– O que vocês duas tanto conversam?

– Coisas de mulheres – brincou a esposa.

– Exatamente! Deixe de ser curioso.

Igor deu de ombros.

•

Caio estava na metade do trajeto até São Roque. Sentia o cansaço por causa da forte subida. Avistou a pousada onde iria almoçar no alto de um morro. Parou alguns segundos para descansar e depois subiu. Entrou e foi recebido por outros caminhantes com um simpático “*Seja bem-vindo, peregrino!*”. O cheiro de comida gostosa no forno à lenha tomava conta do ambiente. E as sobremesas? Havia de tudo ali: doces, bolinhos, rosquinhas, queijo... *Ainda bem que posso comer de tudo.* E assim foi feito. Almoçou bem e deliciou-se com os quitutes.

Depois de sair de lá e andar por alguns minutos, Caio avistou uma mata de araucárias, a árvore brasileira mais parecida com “árvore de natal”, e por isso muito confundida com pinheiro. Era o início da Serra da Mantiqueira, a

cadeia montanhosa que se estende pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. É um dos lugares mais bonitos do Brasil. A maior parte dela está em território mineiro.

Ele caminhou mais um pouco e passou por um pequeno canavial. Logo depois, chegou ao encontro do ramal Oeste, no qual estava, com o ramal Norte, que partia de Mococa. Parou ali.

Os dois ramais se encontram uns dez quilômetros antes de São Roque da Fartura. Mas, como todo mundo está em movimento, não chega a ser na prática um ponto de encontro. Isso só acontece mesmo na vila, onde quase todos param pra descansar ou pernoitar. Tem gente que passa direto, porque logo depois é o município de Águas da Prata. São Roque é um distrito de Águas.

Caio ainda esperou uns dois minutos apoiado no seu cajado pra ver se aparecia alguém que lhe fizesse companhia até a vila. *Quem sabe, com um pouco de sorte, alguma linda peregrina que queira casar comigo.* Mas não apareceu ninguém, e só lhe restou seguir em frente. Foi-se rindo da sua atitude de adolescente.

•

Mariana, Igor e Gisele voltaram a caminhar lado a lado. Ele fez um lembrete:

– Logo mais à frente, o nosso ramal cruza com outro. Talvez a gente encontre alguns peregrinos.

– É em São Roque da Fartura, não é? – perguntou Mariana.

– Um pouco antes.

– Vamos parar agora pra almoçar? – continuou ela.

– Excelente ideia! – vibrou Gisele. – Essa subida tá me deixando com a língua de fora! Vamos dar uma paradinha na sombra daquela árvore.

Pararam e antes de comerem ficaram descansando por algum tempo sentado numas pedras. Assim que terminaram, foram despertados por uma

sequência de sons agudos. Olharam para cima e viram um grupo de saguis. A visão ou o cheiro dos sanduíches despertou a atenção deles.

– Vejam! Que lindo! – apontou Mariana.

– Olha! – encantou-se Gisele.

– Vou tirar umas fotos!

Eram cinco macaquinhos: dois maiores e três menores, indicando que era um casal com seus filhotes. Eles se assustaram com o fotógrafo e foram para o alto da árvore, de onde não dava pra vê-los.

– Ih, eles não gostaram de você! – brincou Gisele.

Igor tentou atraí-los novamente com assobios e beijinhos. Os bichos não voltaram, mas foram para outro galho de onde dava para tirar fotos. Ele aproveitou e deu vários cliques. Por ele ficaria mais tempo ali. Mas foi chamado por Gisele.

– Vamos, Igor! Precisamos ir.

– Vou já – respondeu sem tirar os olhos do alto da árvore.

– Vamos, Gisele, depois ele nos alcança.

Elas o deixaram entretido com os saguis e foram na frente. Mas, alguns segundos depois, Igor deu uma corridinha e chegou nelas. Os três seguiram olhando bastante para os lados. Estavam apreciando a beleza da mata. Logo chegaram na rodovia e caminharam pelo acostamento. Em seguida, viraram à esquerda de acordo com uma seta amarela e chegaram ao encontro dos ramais. Pararam e ficaram olhando ao longe para ver se aparecia algum peregrino. Mas nada. Naquele momento ninguém surgia.

– E aí, senhoras? Vamos esperar um pouco mais por alguma companhia ou vamos em frente?

– Vamos em frente! – respondeu Mariana. – É melhor chegar logo na pousada.

E seguiram. Logo depois, entraram noutro caminho de terra e passaram ao lado de um curral. Igor parou e ficou apreciando os animais. As duas continuaram. Mariana queria conversar. Mas antes olhou pra trás para checar a

distância de Igor.

– Gisele... voltando a falar do assunto de antes...

– Que assunto?

– Da traição dos homens... Mas as mulheres não estão muito atrás, né?

– Ah, não estão mesmo!

– Eu conheço uma que é casada há dez anos e tem um amante há cinco.

– Eu também conheço umas assim. Tenho uma amiga que namora como se fosse solteira. Troca de namorado toda hora. No meu trabalho anterior, tinha uma gerente casada que era amante de um diretor, também casado. Lá todo mundo sabia. Nas festas de final de ano os dois iam acompanhados e sentavam na mesma mesa. Era uma graça ver os quatro conversando como se fossem dois casais amigos. Parece que aquele ditado é mesmo verdade... O corno é o último a saber.

Mariana riu e depois falou:

– Tem algumas mulheres casadas que não conseguem resistir a um flerte no trabalho. E se o cara for bonito, então...

As duas olharam pra trás. Igor estava entretido com suas fotos.

•

Caio estava chegando a São Roque da Fartura, um dos pontos mais charmosos do Caminho. Faltando poucos metros para entrar na pousada percebeu uma agitação que ainda não tinha encontrado nas outras. Entrou e viu a sala cheia. Cumprimentou quem olhou. Gostou do ambiente e ficou por ali mesmo. Arriou a mochila e sentou no primeiro banquinho livre. Aceitou a água oferecida pela funcionária da pousada. Não demorou e entrou numa das conversas. Os assuntos, de modo geral, eram sobre a rota que cada um escolhera. Enquanto batia papo, Caio olhava atentamente para cada pessoa que chegava da rua. Era o primeiro a cumprimentar.

•

PERIGOSAS NACIONAIS

Mariana continuou com suas perguntas.

– E você, Gisele, nunca teve outras vontades?

– Fala sério... – respondeu aos risos.

– Eu tô falando sério! – ressaltou Mariana, também rindo. – Hein? Nunca teve vontade?

– Fala você primeiro!

– Mas eu perguntei primeiro.

Gisele olhou para trás de novo.

– Já tive vontade, sim... Mas nunca caí na tentação!

– Eita!

– Em dez anos de casada nunca tive outro homem!

– E quem foi?

– Ora, um colega de trabalho... solteiro... gatíssimo!

– Mais novo que você?

– Mais novo. Não trabalha mais lá. Arranjou outro emprego. Faz poucos meses que isso aconteceu.

– E não rolou por quê?

– Eu me segurei!

– Foi sua a iniciativa?

– Nãããããão! Foi dele!

– Certeza?

– Certeza!

– Como foi?

– Ele começou a me olhar... Imagina um gato, inteligente e mais novo que você te paquerando. E isso acontecendo todos os dias. Fiquei me achando “a gostosa”. Foi ótimo pro meu ego.

– Imagino.

– Quando ele me olhava me sentia com uns 25, e olha que já sou quarentona!

– E como você fez pra se segurar?

PERIGOSAS ACHERON

– Apenas me contive, só isso! Mas quando eu lembrava da escapada dele... – disse olhando para trás mais uma vez – me dava uma vontade louca de descontar! Mas me contive. Graças a Deus!

– Foi melhor.

Silêncio entre as duas. Ficaram pensativas.

– Mas e você, Mariana?

– Eu?

– É... Tá só perguntando de mim...

– Nunca tive outras vontades. Nunca mesmo! Sou casada há pouco tempo, mas juntando namoro e casamento já são dez anos. Sempre gostei do Paulo. Nunca olhei pra outro homem com segundas intenções.

– Parabéns!

– E olha que no meu trabalho os homens sempre me olham. Mas não passa disso, até porque não permito. Não dou liberdade pra ninguém. Se a carne é fraca, até agora resisti às tentações, sem problemas.

– Ainda bem.

– E, depois, o Paulo nunca me deu motivos. Quer dizer... pelo menos até agora.

•

No meio de tanta conversa na pousada, Caio lembrou que Camila e Aurora ainda não tinham lhe telefonado uma vez sequer para dar notícias do abrigo. Apenas ele havia ligado. Achou estranho e puxou o celular para fazer novo contato.

– Oi, Caio! – Camila atendeu.

– E aí, tá tudo bem no abrigo?

– Sim! E você como tá?

– Bem. Apenas muito cansado.

– Era de se esperar, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Escuta... aquelas contas foram pagas?
 - Que contas?
 - Tá brincando comigo, Camila?... Tô falando da água, luz, telefone.
 - Ah, sim... Foram... Foram...
 - Foram ou não foram?
 - Foram... Tá chovendo por aí?
- Caio ficou em silêncio.
- Tá chovendo por aí?
 - Não... Até agora não...
 - Por aqui tá chovendo horrores.
 - Como sempre!... Que bom que o dinheiro daqueles dois doadores

entrou.

- E aí, já conheceu alguém?
- Como assim?
- Se já conheceu alguma mulher interessante?

Ele riu.

- Eu não tô aqui pra isso.
- Mas nunca se sabe, né? Vou ficar torcendo!
- Você tem cada uma, Camila!
- Não esquece de depositar a promessa.
- Vou fazer de conta que não escutei, hein! E as outras doações estão

entrando?

- Estão... Aurora tá te mandando um abraço.
- Ah... Outro.

Breve silêncio.

- Liga mais vezes, Caio.
- Ligo, sim. Tchau.

•

PERIGOSAS ACHERON

As duas caminhavam reflexivas. Mas foram despertadas pela voz de Igor.

– Meninas, estamos chegando a São Roque da Fartura! – disse acelerando o passo para se aproximar. – Depois de passarmos pela rodovia entraremos na cidade.

– Que bom! – disse Gisele.

Poucos minutos depois, avistaram a pousada. Antes de entrar, Igor olhou para o relógio e conferiu: cinco da tarde, conforme o previsto. Entrou e deu um boa-tarde geral para os presentes. Quase todos cumprimentaram de volta. Gisele e Mariana entraram logo atrás e também cumprimentaram os peregrinos. Vários responderam. Os três aceitaram a água servida pela funcionária. Enquanto bebiam, escutavam alguns bate-papos: rota escolhida... dificuldades do percurso... pousadas interessantes...

Todos continuaram suas conversas menos um rapaz. Ele estava sentado e ficou olhando para Mariana de queixo caído. Ela o encarou rapidamente para checar quem era. *Será que o conheço?* Deixou pra lá e ficou conversando. De vez em quando, dava uma olhada geral pela sala e percebia que ele continuava com os olhos grudados nela. Sentiu-se um pouco incomodada e achou melhor mover-se discretamente na cadeira ficando de lado. Dez minutos depois, Gisele e Igor pediram licença pra ir ao quarto tomar banho. Mariana disse que também iria. Quando saiu, deu uma nova olhada geral e, surpresa, o rapaz lhe media de cima a baixo. *Meu Deus, será que o conheço? Mas, se a gente se conhece, por que ele não fala nada?*

Caio estava deslumbrado. Seus olhos acompanharam atentamente a caminhada de Mariana em direção ao quarto. Reparou no corpo. *Que gata!* Fazia tempo que não se encantava tanto à primeira vista com uma mulher. A última vez tinha sido exatamente com Isadora. *Mas essa aqui é bem mais bonita!* Talvez nem fosse, mas o deslumbramento inicial e a sua carência afetiva o fizeram pensar assim. Apesar do encantamento, viu que ela usava aliança na mão esquerda. *Será que é bem casada?* Ele levantou-se para ir ao quarto. Iria, claro, tomar um banho rápido.

•

Quando Mariana retornou à sala, quase uma hora depois, encontrou Igor e Gisele conversando com... *aquele rapaz!* Ela ficou ligeiramente surpresa com o bate-papo, mas soube disfarçar. Cumprimentou os três e se sentou. Igor educadamente apresentou o novo colega peregrino. Ambos sorriram um para o outro. Ele bem mais do que ela. Se no dia anterior, Mariana já tinha lhe chamado a atenção mesmo estando suada e descabelada, imagine agora de banho tomado, roupas limpas, perfumada e de batom.

O assunto da conversa era o percurso que iriam fazer até Aparecida. Caio tirou do bolso o mapa com as suas anotações e explicou o seu. Igor falou de cabeça como seria o deles. E, para surpresa de ambos, eram praticamente idênticos! Apesar de terem partido de ramais distintos e em dias diferentes, a data de chegada em São Roque e em Aparecida eram as mesmas. Até as pousadas coincidiam. Apenas um ou outro trajeto entre algumas cidades seriam percorridos de forma mais rápida, ou não. Caio amou a coincidência, mas não manifestou o seu contentamento. Permaneceu conversando tecnicamente sobre o percurso. De vez em quando, dava uma rápida olhada para Mariana, que permanecia calada apenas prestando atenção no papo. Logo em seguida, pra disfarçar, ele pediu licença e se levantou para ir até a sala de refeições.

Ao retornar, meia hora depois, encontrou os três conversando com outros peregrinos. Achou melhor não se intrometer. Procurou conversar em outras rodas. Assim ficou até a hora de se recolher. Quando o fez, passou perto de Igor e perguntou que horas eles partiriam no dia seguinte. Às oito! Era o mesmo que ele tinha planejado para si. Deu boa-noite e foi para o quarto.

Caio teve dificuldade para dormir. Se até a tarde daquele dia era a ex-noiva que ocupava seus pensamentos, agora era a vez daquela linda peregrina achada no meio do Caminho da Fé. Se não fosse aquela aliança na mão esquerda, iria tentar algo. Afinal, estava solteiro, em busca de um novo amor.

Apesar da carência, tentou tirar aquela bela mulher da cabeça. Mas não conseguiu. Ficou rolando por um bom tempo na cama.

Capítulo 21

HAVIA MUITA GENTE conversando no café da manhã em São Roque da Fartura. Quando Caio chegou, às sete e meia, as mesas estavam bastante animadas, mas ainda sem a presença do trio da noite anterior. Ele se serviu e sentou um pouco afastado. Porém, depois que tomou o primeiro gole, escutou uma sequência de três bons-dias. Cumprimentou de volta cada um deles: Igor... Gisele... e Mariana! Assim que olhou para ela, seu coração bateu mais forte. *O que essa mulher tá fazendo comigo?* Imediatamente, um raio lhe caiu na cabeça. Lembrou da semelhança dos dois trajetos e... teve a ideia de seguir com eles! Os novos colegas se sentaram à mesa onde estava, o que lhe deixou bastante satisfeito. Igor do seu lado e Gisele e Mariana à sua frente.

– Dormiram bem? – dirigiu-se aos três.

Todos disseram que sim.

– E você? – perguntou Gisele.

– Mais ou menos. O sono demorou a chegar. Fiquei pensando na vida. – falou a última frase olhando para Mariana. Ela desviou os olhos e serviu-se café.

Igor e Gisele fizeram o mesmo. Depois, pegaram os bolinhos e pães que estavam ao alcance. Houve uma breve pausa na mesa. Caio pensou em perguntar se aceitariam a sua companhia no Caminho. Mas, quando quis abrir a boca, foi surpreendido por Igor reiniciando a conversa.

– Ontem, nós conversamos bastante, mas esqueci de lhe perguntar por que está fazendo o Caminho da Fé.

– Tenho um abrigo para meninos de rua.

– Ah...

– Infelizmente, ele não tá muito bem. Tá superlotado e sem muitas doações. Nós vivemos delas. Por isso tenho que apelar pra Nossa Senhora Aparecida. Vou depositar uma promessa na basílica. Espero que Ela me ajude a salvar o abrigo.

– Você vive dele? – continuou Igor.

– Não, pelo contrário... Ele é que tá vivendo de mim. Já coloquei muito dinheiro do meu bolso ali dentro. Aliás, ainda coloco. Parte do que ganho vai pra ele.

– Isso deve tá sendo uma loucura na sua vida, hein?

– E como! Mas não me arrependo. Se tivesse mais condições ajudaria bem mais. Mas infelizmente não dá. Sou apenas um simples professor universitário. Dou aulas de sociologia.

– Sua atitude é muito bonita – consolou Igor. – Vai dar tudo certo!

– Sim! Quando a gente acredita, dá certo! – acompanhou Gisele.

– Obrigado.

– Nós também vamos depositar uma promessa – disse Igor, olhando para a esposa.

– Eu também! – acrescentou Mariana.

– Posso saber qual o problema de vocês? O meu é o abrigo.

– Sim! Há tempos que tô desejando uma promoção no emprego, mas tá difícil de sair. Também tô apelando pra Nossa Senhora Aparecida.

– E o seu? – perguntou Caio para Mariana.

– Tô querendo um filho.

– Tá com problema pra engravidar?

– Muito!

Basta adotar uma criança!

– Eu e meu marido queremos muito um bebê. – Ela disse isso lembrando que na noite anterior ele também não tinha ligado. Já era a segunda vez consecutiva que não fazia. Ao ouvir a palavra marido, Caio tomou um gole de

café. Mariana continuou.

– Pelas vias naturais não veio. Assim que eu voltar do Caminho, vou fazer tratamento. Fertilização in vitro. Mas não há nada garantido, por isso tô pedindo ajuda a Nossa Senhora Aparecida.

– Boa sorte – desejou Caio com a fisionomia fechada.

Todos tomaram goles de café. Ficaram pensativos por alguns instantes e depois se olharam. Perceberam que ninguém tinha contado qual era a sua promessa. Seguiram-se mais alguns segundos de silêncio, talvez um esperando pelo outro. Mas ninguém falou nada. Mais goles de café... mais bolinhos... Caio aproveitou para olhar Mariana nos olhos. Ela mais uma vez desviou. *Que mulher linda!* Igor checkou as horas. Faltavam quinze para as oito.

– Bem, colega... Foi um prazer conhecê-lo – disse se levantando e estendendo a mão.

– O prazer foi todo meu! – respondeu Caio também ficando de pé, mas surpreso com a despedida repentina, porque ainda não tinha feito a proposta de seguir com eles.

– Senhoras, vamos pegar nossas mochilas nos quartos – convocou Igor.

Gisele e Mariana se levantaram e também apertaram a mão de Caio. Ele sentiu que tinha que ser naquele momento.

– Prezados... eu também já estou partindo... E estou sozinho... Se... não for incômodo... eu poderia caminhar junto com vocês?... Se não for incômodo...

Os três se olharam sem esboçar qualquer reação.

– Se não puder, não tem problema... Não tô querendo ser inconveniente...

Ninguém dizia nada. Parecia que um estava esperando pelo outro. O silêncio constrangeu Caio.

– Tudo bem... Não tem problema... Apenas pensei alto... Desculpem!

– Por mim, tudo bem! – disse Igor olhando para as duas.

– Por mim também... – falou Gisele, mas sem entusiasmo.

– Seja bem-vindo – desejou Mariana no mesmo tom da amiga.

– Ok! – disse Caio, sorridente. – Vou pegar minha mochila!

Poucos minutos depois, os quatro, com seus cajados, estavam prontos para sair de São Roque da Fartura. Repassaram rapidamente o trajeto do dia. Iriam almoçar em Águas da Prata, na sede da *Associação dos Amigos do Caminho da Fé*. Logo após, iriam entrar no estado de Minas Gerais. O ponto de chegada ao final do dia não seria uma cidade, mas o Pico do Gavião, na metade do caminho até Andradas. Lá é um dos pontos mais conhecidos do Brasil e do mundo para voos de asa delta e parapente. No local, acontecem algumas etapas importantes de campeonatos nacionais e internacionais.

– Todos prontos? – perguntou Igor.

– Sim! – responderam ao mesmo tempo.

Fizeram o sinal da cruz e saíram. Em poucos minutos, estavam fora da vila de São Roque da Fartura. Caminhavam em leve descida, já que a cidade fica praticamente no alto de um morro. Não demorou muito e passaram ao lado de cafezais, símbolo da região. Havia trabalhadores colhendo. Uns acenaram de longe cumprimentando os peregrinos. Foram correspondidos.

Gisele e Mariana à frente. Igor e Caio mais atrás. Todos conversavam. Mas, como também todos se escutavam, o assunto era restrito ao trecho que estavam percorrendo. Meia hora depois, passaram por um novo cafezal. Mais uma vez receberam cumprimentos dos que faziam a colheita. Dessa vez Igor quis tirar fotos. Caio ficou esperando. As duas seguiram adiante. Mariana percebeu pelo olhar que Gisele queria conversar algo. Assim, tão logo se afastaram...

– É impressão minha ou esse rapaz tá de olho em você?

– Você também percebeu, é?

– Claro! Ele tá vidrado em você!

– Desde que chegamos na pousada que ele tá me olhando. Pensei até que conhecia ele de algum lugar... Mas não!

– Ainda bem que você nunca tira essa aliança.

Mariana sorriu e olhou para a sua mão esquerda.

– E aí? – continuou Gisele curiosa.

– E aí o quê?

– O que você achou dele?

– Eu não tenho que achar nada. Ele é que tá me olhando.

– Eu sei, meu amor, que quem tá olhando é ele... Mas o que você achou dele?

– Aparentemente é uma boa pessoa.

– Ai, ai... – Gisele sorriu com malícia.

– O que foi?

– Ele é um gato, não é?

– Ihhhh... Nem vem que não tem...

– Eu sei, sua boba! Não é isso que eu tô falando. Tô apenas dizendo que ele é um rapaz muito bonito.

Mariana olhou para trás e depois falou baixinho:

– É... Ele é muito bonito...

– Agora me deu saudades do meu tempo de solteira.

– Não pensa muito, porque a carne é fraca! – alertou Mariana dando uma gargalhada em seguida.

– Isso também serve pra você!

– Vamos mudar de assunto.

Pouco depois passaram por uma porteira. O bom peregrino deve sempre deixá-la do jeito que encontrou. Portanto, se estava fechada, deve-se mantê-la assim depois de passar. Igor e Caio se aproximaram das duas e todos voltaram a caminhar juntos.

•

No final da manhã, eles pisaram no asfalto de Águas da Prata. Foi ali que o Caminho da Fé nasceu, em 2003 – posteriormente foi sendo ampliado com a

criação dos ramais. Logo depois, eles chegaram na sede da associação, que também serve de pousada para os peregrinos que desejam o pernoite. Entraram para almoçar e foram recebidos com enorme carinho pelos funcionários. Em pouco tempo, o lugar ficou cheio de peregrinos que chegavam aos montes.

Depois do almoço, ficaram descansando porque o trajeto até a Pousada do Pico do Gavião seria em subida, com alguns trechos um pouco íngremes. Enquanto todos conversavam, Caio continuava olhando muito para Mariana. Dessa vez, Igor percebeu e olhou para Gisele. Notou, pela cara da esposa, que ela estava a par do que se passava. Ambos olharam para Mariana, que se fez de desentendida, apenas baixou levemente a cabeça. Gisele fez uma pergunta para todos ouvirem.

– Teu marido te ligou ontem à noite?

Caio abriu os ouvidos. Mariana respondeu mentindo.

– Sim, ligou.

– Como é que ele tá?

– Tá bem, mas muito cansado por causa do trabalho.

– Tá com muita saudade dele?

– Morrendo.

A conversa se prolongou por mais alguns minutos. Depois, Igor convocou:

– Pessoal, tá na hora da gente partir.

– Tá mesmo! – concordou Gisele.

Despediram-se de todos na associação. Mas, antes de saírem, ele chamou a esposa num canto para telefonar pros filhos. Era apenas um blefe. Na verdade queria comentar sobre a presença do rapaz. E, simulando uma ligação com o celular no ouvido, perguntou baixinho: – Será que agimos corretamente em aceitar a companhia desse cara?

– Não sei. Mariana também já percebeu o interesse dele.

– Vocês conversaram?

– Sim. Comentei com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

– E aí?

– Disse que eu ficasse tranquila, que ela é bem casada.

– Espero que ele respeite a aliança dela.

Até parece que tu respeitou a minha, seu...

– Vamos testar esse rapaz! – sugeriu ele.

Gisele fez um olhar de interrogação.

– Quando eu me atrasar pra tirar fotos, me faça companhia. Deixe os dois à frente. Quero ver se ele vai tentar alguma coisa.

– Tá bom. Mas não podemos esquecer de uma coisa muito importante.

– O quê?

– Ela é adulta. Quem tem que lidar com isso é ela.

– Eu sei. Mas vamos ver o que acontece.

– E, se acontecer, Igor, o que você vai fazer?

Ele não respondeu. Ela continuou.

– Se acontecer alguma coisa é porque ela quer!

– Você acha que ela pode querer alguma coisa?

– Confesso que tô meio na dúvida.

– O que foi?

– Ela tá tão estranha. Não tá bem com o marido. Tá meio desconfiada dele.

– Acontece, né... Vamos!

E partiram. Conforme o combinado, algumas centenas de metros depois, Igor parou para tirar fotos.

– Veja, Gisele, que lindo!

Caio e Mariana se distanciaram e ficaram “sozinhos”. Ele educadamente deu um sorriso para ela, que correspondeu com outro. E logo puxou assunto.

– Por que o seu marido não tá aqui?

– A gente vinha junto. Mas ele teve um problema de última hora no trabalho e não pôde vir.

– Você não quis ficar com ele?

PERIGOSAS ACHERON

– Sim, muito! Mas ele insistiu pra que eu não perdesse a companhia do Igor e da Gisele e fizesse logo o Caminho pra depositar a promessa.

– Mas vocês poderiam ir depositar de carro.

– É, eu sei. Mas depois que ele soube que o Caminho existia tomou gosto.

– Ah...

– Tudo pelo nosso filho! Acho que no futuro ele vai gostar de saber que eu fiz isso por ele.

– Com certeza!

Caio queria continuar conversando sobre coisas pessoais, mas Mariana mudou de assunto. Começou a falar do que via pelo trajeto. Ele se conformou. O trecho era cheio de subidas. Os cajados ajudaram bastante. Mas mesmo assim, quando Mariana escorregava em alguma pedra, ele lhe segurava o braço. Tudo era acompanhado pelo olhar atento de Igor e Gisele.

Por volta das cinco da tarde, chegaram na pousada do Pico do Gavião. Assim que entraram, desabaram nas cadeiras. O cansaço dos quatro era visível. Caio era o mais inteiro. Além de ser o mais novo, tinha um bom preparo físico. Naquela noite, pouco conversaram entre si, porque a pousada estava cheia de hóspedes. Eles aproveitaram para conhecer novos colegas. Além de muitos peregrinos, havia também inúmeros praticantes de asa delta e de parapente que tinham ido até ali apenas para voar.

Capítulo 22

SE O TRAJETO ANTERIOR tinha sido em subida, o atual seria em descida até a cidade de Andradas. No café da manhã, primeiro chegaram Igor e Gisele. Logo depois, Caio se juntou a eles. Mariana demorou mais do que o normal e isso chamou a atenção. Esperaram mais um pouco, terminaram seus cafés... e nada. Gisele achou melhor ir conferir. Quando chegou ao quarto,

antes de bater na porta, percebeu que ela falava ao telefone com a voz meio chorosa. Achou melhor não interromper e deu meia volta. Mas andou três passos, parou, mudou de ideia e voltou. Bateu duas vezes.

– Oi! – respondeu Mariana.

– Estamos sentindo sua falta.

– Vou já... Tô falando com o Paulo.

– Tá bom.

Gisele voltou para a mesa preocupada, mas não deixou transparecer.

– Ela tá vindo. Tá falando com o marido.

Caio baixou a cabeça.

Pouco depois, Mariana chegou ao café dando um bom-dia tristonho e com os olhos naquele estado. Todos perceberam e cada um traçou as suas hipóteses sobre o que teria acontecido. Gisele tentou mudar o clima.

– O Igor estava nos dizendo que o trajeto de hoje é um dos mais bonitos do percurso. Ótimo pra tirar fotos.

– Sim! – confirmou ele, entendendo as intenções da esposa.

– Ainda bem – respondeu Mariana sem olhar, apenas mexendo o café. – Tô precisando muito ver coisas bonitas.

Silêncio constrangedor na mesa. Caio olhou para Igor e depois para Gisele, que baixaram os olhos. Ele instintivamente levantou as sobrancelhas. Mariana teve consciência do seu atraso e voltou a falar, dessa vez olhando para os companheiros.

– Tá quase na hora da gente sair, né?

– Nem tanto – tranquilizou Gisele.

– Tá sim. Desculpem o atraso. Vou tomar o café rapidamente.

– Fique tranquila, querida – pediu Igor. – O trajeto até Andradas é mais curto e é todo em descida. Vamos chegar mais cedo que nos outros dias.

– Isso! – reforçou Caio. – Assim que sairmos daqui podemos até dar uma paradinha no Pico do Gavião pra olhar os voos.

– Boa ideia! – elogiou Gisele.

E ficaram conversando sobre o Caminho enquanto ela terminava de tomar o seu café. Igor disse que em outra oportunidade iria fazê-lo mais uma vez, partindo de outro ponto, talvez até de bicicleta. Caio falou que também pretendia o mesmo, mas a pé novamente. Ficaram enumerando as vantagens de um e de outro.

Assim que tomou o último gole, Mariana chamou:

– Vamos, gente!

Todos se levantaram e foram pegar suas mochilas nos quartos. Voltaram, despediram-se dos funcionários e saíram. Não demorou muito e chegaram ao Pico do Gavião. O céu estava colorido pelas asas deltas e parapentes.

– Algum de vocês deseja fazer um voo duplo? – perguntou Caio sorrindo. Ninguém quis. Nenhum deles tinha coragem de voar. Ficaram apenas olhando. Como a movimentação ali era boa, permaneceram por quase duas horas. Depois, seguiram seu rumo.

Caminharam alguns metros e passaram por uma ponte de madeira. O trajeto até Andradas é quase todo no asfalto. Seria rápido, talvez eles nem parassem pra almoçar. Gisele e Mariana caminhavam mais à frente. Igor e Caio, um pouco mais atrás, conversando sobre os aspectos técnicos dos voos que tinham presenciado. Igor reduziu o passo de propósito para que as duas conversassem mais à vontade.

– E aí, Mariana, o que houve? – começou Gisele.

– Tô sem entender o Paulo.

– O que houve?

– Ele me garantiu que ligaria todas as noites. Mas nos dois últimos dias, nada. Eu é que procurei por ele.

– E o que ele disse?

– Que tinha esquecido!... Acredita?... Como pode ele esquecer de mim?... Mulher dele!

– Você chegou no café com uma cara...

– A gente bateu boca agora de manhã. Confesso que fui ríspida com ele.

Cobrei as ligações e ele veio com essa desculpa idiota. Disse tanta coisa pra ele. Chorei e acabei desligando na cara dele. Tô começando a pensar naquelas besteiras de novo. Fazer o Caminho da Fé foi uma decisão dele. Foi ele quem comprou a ideia lançada pelo Igor, lembra?

– Lembro.

– E depois ele teve o problema no trabalho. Até aí, tudo bem. O estranho foi ele insistir pra eu fazer o Caminho sozinha. Tô começando a achar de novo que ele uniu o útil ao agradável.

– Cuidado, Mariana! Essa simples desconfiança já pode atrapalhar o teu casamento. Você sabe disso.

– Eu sei. Mas isso não sai da minha cabeça. Só de pensar nele com outra me dá uma coisa. Tô com tanto medo...

Gisele apenas olhou.

– Medo de chegar em casa e saber que ele não quer mais continuar comigo... Que não me ama mais... Isso não sai da minha cabeça.

– Calma, Mariana! Não tenha pensamentos precipitados!

– Bem que eu tento, mas não consigo.

– Calma! Você não tem nenhum dado concreto de que ele tá te traindo ou de que não te quer mais. Você tá passando por uma fase de muita insegurança. Tá sofrendo muito com uma gravidez que não vem e isso tá te deixando muito tensa. Tenha paciência.

Ao ouvir aquelas palavras, os olhos de Mariana se encheram rapidamente. Não segurou. Começou a chorar. Gisele quando viu não disse nada. Ela, como mulher, sabia que aquilo era importante. A amiga precisava colocar suas mágoas pra fora. O choro durou mais de um minuto, mas as duas seguiram caminhando normalmente. Depois, Mariana voltou a falar, enquanto enxugava o rosto com a mão.

– Gisele, o que vai ser do meu casamento se eu não engravidar?

– Não se desespere. Você ainda tem um grande tratamento pela frente.

– E se mesmo assim eu não engravidar? Ele quer muito ser pai... Será

que vai querer continuar com uma mulher que não pode ter filho?

- Não é bem assim, Mariana.
- Claro que é! Eles também sonham com isso.
- Eu sei, mas o amor pela esposa não conta?
- Será que eles pensam nisso?
- Claro.
- Ai, meu Deus, se ele já tiver outra mulher...
- Mariana, vamos mudar de assunto! Você precisa pensar em outras coisas!
- Imagina a cena: eu aqui de bobona e meu marido na cama com outra...
- Vamos mudar de assunto!

•

Já estava no começo da tarde, quando Igor gritou lá de trás:

– Senhoras, esperem!

Quando as duas olharam, viram um grupo de três peregrinos ciclistas se aproximando. Elas voltaram alguns metros e pegaram a conversa em andamento.

- Vocês partiram de onde? – perguntou um deles.
- De Mococa, há quatro dias – respondeu Igor. – E vocês?
- Começamos em Sertãozinho, há cinco dias.
- Vão até Aparecida? – perguntou Caio.
- Sim. Vamos chegar lá em seis dias.
- Nós vamos levar bem mais!

Um deles, depois de olhar para Gisele e Mariana...

- São suas esposas?
 - Ela sim! – apressou-se Igor. – Caio e Mariana estão sozinhos.
- Gisele imediatamente entrou na conversa:
- Vão pernoitar em Andradas?

– Não, vamos passar direto e pernoitar em Serra dos Lima.

Breve silêncio.

– Caros, foi um prazer! – despediu-se o primeiro ciclista. Os outros repetiram.

– Bom caminho! – desejou Igor.

Os quatro ficaram olhando o grupo se distanciar, quando ele se lamentou.

– Poxa, esqueci de tirar fotos com eles!

– Não se preocupe – disse Caio. – Vamos cruzar com muitos deles pelo caminho.

•

Eles entraram na pousada em Andradas por volta de quatro e meia da tarde. Todos fizeram um lanche logo depois do banho. Mariana, ainda abalada pela discussão com o marido, trancou-se no quarto. Esperou uma ligação dele, que mais uma vez não veio. Ela também não ligou. Chorou novamente. Igor, Gisele e Caio ficaram conversando com outros hóspedes.

Capítulo 23

OS QUATRO CHEGARAM ao café da manhã quase ao mesmo tempo. Pouco falaram de si, talvez porque vários outros peregrinos também estavam à mesa. Aproveitaram para trocar informações sobre o percurso. Naquele dia, eles iriam caminhar em forte subida até a cidade de Serra dos Lima, onde iriam almoçar. Depois, seguiriam em descida até Barra, aonde chegariam ao final do dia para pernoitar. Logo após o café, pegaram suas coisas, carimbaram as credenciais e partiram.

No começo, passaram por um grande cafezal, mas dessa vez não viram ninguém na colheita. Caminhavam lado a lado, as duas no meio e os homens

nas pontas. Mas Caio estava do lado de Mariana. Logo depois, Igor piscou para a esposa. Então, ele começou a tirar fotos e ficou para trás. Ela o acompanhou. Os dois, mais uma vez, queriam sentir se algo aconteceria entre Caio e Mariana. Quem sabe um deles poderia fazer algum carinho no outro. Gisele estava com uma grande curiosidade feminina sobre o possível comportamento da amiga diante daquele rapaz atraente. Ela não tinha sentido firmeza nela quando conversaram sobre traição. Ainda mais agora que estava sem o marido do lado.

Quem estava pouco preocupado com o que os dois poderiam pensar lá atrás era Caio. Até porque da parte dele não havia impedimento para nada. Ele adorou ficar mais uma vez sozinho com Mariana. Imediatamente puxou assunto.

– Você ainda não me falou do seu trabalho.

– Você não perguntou... – respondeu ela, sorrindo.

– Então, sinta-se perguntada.

– Sou diretora de uma empresa de consultoria especializada em recursos humanos.

Os olhos dele brilharam.

– Então você tem contato com muita gente importante?

– Sim!... Modéstia à parte, tenho sim. Atendemos muitas empresas.

Aquilo era música para Caio. Era tudo o que ele precisava: alguém que o colocasse em contato com gente importante para que pudesse apresentar o abrigo e pedir doações. O mais difícil era ser recebido. Na grande maioria das vezes, quando visitava alguém importante era barrado pelas secretárias. Em vários casos, não passava nem da portaria. Portando, ter a chance de falar cara a cara já era uma grande coisa.

– Deve ser legal conhecer tanta gente importante.

– É, sim. Mas não fique pensando que foi fácil. Eu precisei ralar muito para chegar aonde cheguei. O mercado é muito competitivo. Mas graças a Deus, estou bem profissionalmente.

– Eu adoraria dizer a mesma coisa.

– Por quê?

– Fui me apaixonar por uma profissão que não dá grana. Sou professor.

– Imagino como deve ser.

Caio aproveitou e soltou uma das suas pérolas.

– Tenho um amigo professor que tem uma irmã freira. Ele costuma dizer:

“Lá em casa, duas pessoas fizeram voto de pobreza: a minha irmã quando foi ser freira e eu quando fui ser professor”.

Mariana deu uma gargalhada. Chamou a atenção de Gisele e Igor lá atrás.

– A coisa parece que tá começando a ficar bem animada – disse ela para o marido. – Nem parece que estão numa subida.

– Mas você nunca pensou em fazer outra coisa? – prosseguiu Mariana.

– Não. Pior que não. Sempre fui muito bem resolvido vocacionalmente. Acertei na escolha da minha profissão. Adoro ser professor. Apenas gostaria que ela fosse mais valorizada no meu país. Mas, apesar dos problemas, sou feliz com ela. Ganho pouco, mas sou feliz.

– Que bom! Pelo menos você gosta do que faz.

– Gosto sim, e muito.

Seguiram trocando informações sobre as suas profissões, mas a conversa foi rareando devido ao cansaço da subida. Aos poucos, ficaram em silêncio. De vez em quando, Caio falava alguma coisa sozinho, quase sussurrando. Mariana estranhava, mas nada dizia.

•

No final da manhã, Caio lembrou que estavam perto de Serra dos Lima. Lá iriam almoçar ou lanchar. Caminharam mais um pouco e entraram na cidade. Passaram por um pequeno bar, viram a frente coberta pela sombra de uma grande árvore e decidiram parar. Inicialmente, ficaram descansando do lado de fora, porque o ventinho estava muito bom. Reclamaram da subida, mas lembraram que a partir dali o trajeto seria em descida. Depois entraram para

lanchar. Mariana demonstrou mais uma vez sua preocupação com os quilinhos a mais.

- Quero comer algo bem leve.
- Pede salada de isopor – sugeriu Caio piscando o olho para o balconista.
- Aceito! O senhor tem?
- Não, infelizmente, não – disse o homem controlando o riso.

Todos, menos ela, comeram bolo com refrigerante. Quando terminaram de lanchar, não partiram de imediato. Ficaram conversando sentados em alguns banquinhos. Logo depois, chegaram mais alguns peregrinos. Todos falando da forte subida, mas todos satisfeitos por estarem fazendo o Caminho da Fé. Por volta de duas da tarde, eles seguiram para Barra. Saíram com bastante calma, pois sabiam que o trecho seria curto. Mais uma vez, Igor e Gisele deixaram Caio e Mariana se adiantarem. Não queriam atrapalhar o bom papo que rolava entre os dois.

- Ontem, no café, eu te achei meio abatida – começou ele.
- Mariana olhou surpresa. Achava que só Gisele havia percebido.
- É... Alguns probleminhas...

Silêncio entre eles. Ela ficou pensando no marido. E Caio escolhendo o que perguntar. Como não achou, fez um comentário qualquer.

- Levante o braço quem não tem problemas.
- Hunrum.
- Problemas no trabalho?
- Não.

Caio ficou esperando ela continuar. Mas nada.

- Eu tenho problemas tanto no abrigo como na minha vida pessoal. Minha noiva terminou comigo há poucos meses.

- Você era noivo?
- Era. Se ela não tivesse terminado comigo, estaria aqui do meu lado.
- Nossa, sem querer estou no lugar dela.
- Vocês duas se parecem um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Por que vocês terminaram?

– Eu não terminei nada! Ela é quem terminou.

– Mas por quê? Desculpe a pergunta.

– Fique à vontade. A culpa foi minha!

– Você pulou a cerca?

Ele deu uma gargalhada estridente.

– Vocês homens não têm jeito!

– A fidelidade foi feita para os cachorros!... E eu não sou cachorro... Sou ser humano.

Cínico!

– Tô brincando – saiu-se ele.

– Sei...

– Não tá me levando a sério, né?... Pelo amor de Deus!... Nunca traí a Isadora!

– Isadora? Nome lindo!... Então, o que houve?

– Minha dedicação ao abrigo acabou cansando ela. Reconheço que exagarei. Eu só queria saber das crianças e não me dedicava a ela do jeito que deveria. Isadora tava louca pra casar e eu vinha adiando. Chegou um momento em que ela disse: “*Caio, ou o abrigo, ou eu!*”.

– E você?

– Eu não podia me desfazer do abrigo. Jamais faria isso.

– E por que você não casou logo?

– Eu tava completamente sem grana. O dinheiro que juntei pra casar usei pra fundar o abrigo. Fiz isso achando que logo teria de volta. Mas o abrigo começou a não dar certo. Então, pra tampar alguns buracos, comecei a colocar dinheiro do meu bolso, escondido dela e até das minhas funcionárias. Fiquei endividado. Deu no que deu... e vamos ver no que vai dar! Só Nossa Senhora Aparecida pode me ajudar.

Mariana olhou e ficou com pena.

PERIGOSAS ACHERON

•

Eles atravessaram uma pequena ponte sobre um riacho. Estavam bem perto de Barra. Mariana deu uma olhadinha para trás. Igor e Gisele sorriram de longe.

– Então, o abrigo fez você perder sua noiva...

– Me dói muito dizer isso, mas é verdade. Eu amo esse abrigo. É a coisa mais importante da minha vida. Não consigo me imaginar sem ele. Nasci pra cuidar daquelas crianças. Não queria ter perdido a minha noiva, mas não abrigaria mão do abrigo nunca.

– Como você abraçou essa causa, hein?

– É... Coisas da vida...

– Por que tanta dedicação a esses meninos?

– É uma longa história.

– Você é muito religioso?

– Sou!

– Eu pensava que todo sociólogo fosse ateu. Já tinham me dito que quando o homem estuda demais deixa de acreditar em Deus. Qual tua religião?

Ele fez o suspense de sempre.

– Sou catopírita.

Ela olhou com surpresa, como era de se esperar. Ficou esperando uma explicação imediata, que não veio.

– O que é isso? Catopírita.

– Católico simpatizante do espiritismo.

– Acho que você precisa me explicar melhor.

– Hoje à noite eu te explico. É uma longa história.

– E por que não explica agora?

– É melhor a gente sentar pra conversar.

– Tá bom. Vou mesmo querer saber disso.

Ele gostou do que escutou e mudou de assunto. Pouco depois, entraram

em Barra. Logo avistaram a igreja. Esperaram Igor e Gisele se aproximar. Os quatro seguiram juntos para a pousada. Entraram, cumprimentaram os peregrinos que estavam na recepção e foram para os quartos.

Caio foi o primeiro a retornar. Logo depois vieram Igor e Gisele. Ficaram conversando com outros hóspedes até tarde da noite. Mariana apareceu brevemente, mas não falou com ninguém. Lanchou uma fruta e depois se recolheu. Não foi mais vista naquela noite. Caio ficou triste porque não pôde conversar com ela.

Capítulo 24

TODOS JÁ TINHAM terminado o seu café quando Mariana chegou abatida. Como da outra vez, ninguém perguntou nada. Após se sentar, ela tentou disfarçar dando um sorriso e perguntando sobre o trajeto. Igor explicou que ao longo do dia passariam por Crisólia e Ouro Fino, e chegariam, no final da tarde, em Inconfidentes, onde iriam pernoitar. Seria um trecho praticamente plano com um visual bastante rural, com bois e cavalos pastando pelo caminho. Assim que ela terminou o café...

– Vamos, gente! – chamou Igor.

Pouco depois de iniciarem a caminhada, chegaram na Cachoeira da Barra. É um excelente lugar de descanso para os peregrinos que passam direto pela cidade sem pernoitar. Lá tem muita sombra e água potável que escorre de uma mangueira. Mas, como eles haviam dormido e estavam descansados, apenas pararam por breves minutos para apreciar o lugar e seguiram em frente.

Os quatro caminhavam lado a lado. Mariana puxou assunto.

– Vocês sabiam que Caio terminou um noivado há pouco tempo?

– Eu não! Ela terminou!

– Sério? – surpreendeu-se Gisele, interessada. – O que houve?

– É uma longa história...

– Ê, ê... Tudo nesse homem é uma longa história – brincou Mariana.

– Minha dedicação ao abrigo fez minha noiva desistir de mim.

– Rapaz, esse abrigo tá sendo um calo na tua vida, hein? – disse Igor.

– Não fale assim que ele não gosta – alertou Mariana.

– Opa, desculpe! – disse ele, batendo na boca. – Apenas pensei alto.

– Tudo bem.

– Mas a sua noiva desistiu mesmo? – continuou Gisele. – Não tem possibilidade de retorno?

– Bem que eu tentei... Mas ela não quis! Acho que estava mesmo decidida.

Gisele explicou.

– Ah, quando uma mulher toma uma decisão dessas nos relacionamentos, é pra valer. Com certeza, ela deve ter pensado muito, não foi uma decisão à toa. E ela deve ter lhe dado muitas chances.

– Deu sim! Reconheço. Mas eu jamais abriria mão do abrigo como ela me pediu. E eu também nunca achei que ela fosse me deixar por causa disso. Pensei que estava apenas pressionando.

– Você ainda gosta dela? – prosseguiu Gisele.

– Sim. É uma mulher espetacular. Seria uma excelente esposa. Mas agora é tarde, né?... Ela se foi... Hoje, além de cuidar do abrigo, tenho que reconstruir minha vida amorosa – disse, olhando para Mariana, que não percebeu que ele olhava.

– Quantos anos você tem? – indagou Gisele.

– Faço 33 no final desse mês.

– Tá na hora de você casar!

– Eu sei disso. Quero casar e ter filhos. Tô precisando sentir cheirinho de neném dentro de casa. Mas primeiro tenho que achar a esposa. – E olhou de novo para Mariana.

– Não se preocupe com isso, rapaz – falou Igor. – Mulher é que nem

bolacha, em todo lugar se acha.

– Engraçadinho – repreendeu a esposa.

– Podemos dizer o mesmo dos homens – alertou Mariana. – Homem é que nem bolacha, em todo lugar se acha.

– Agora gostei! – disse Gisele rindo.

– Calma, calma, calma! – interrompeu Caio aos risos. – Não vamos iniciar a guerra dos sexos. Estamos no Caminho da Fé.

•

Chegaram ao calçamento de Crisólia e, poucos minutos depois, passaram ao lado da igreja. Decidiram entrar. Fizeram suas orações e seguiram. Havia alguns bares onde poderiam lanchar, mas surpreendentemente optaram por não parar. Passaram direto pela cidade e logo chegaram na estrada de terra. Pouco depois, Mariana lembrou-se da última conversa do dia anterior.

– Caio, explique melhor aquela história de catopírita.

– Cato o quê? – espantou-se Gisele.

– O que é isso? – Igor também ficou curioso.

– Ontem perguntei qual era a religião dele e ele me falou que era catopírita.

– Catopírita? – Gisele assustou-se novamente.

Caio sorriu com o súbito interesse de todos e começou a explicar.

– Sou católico simpatizante do espiritismo.

– Nós também! – adiantou-se Igor.

– Eu acredito na reencarnação – disse Mariana.

– Então, vocês são catopíritas e não sabiam.

– Eu nunca escutei esse termo antes – disse Gisele.

– Nem poderia. Ele é muito novo.

– Foi você quem inventou? – perguntou ela.

– Não. Eu li num jornal, numa reportagem que falava sobre o sincretismo

religioso no Brasil. Aqui muitas pessoas adotam conceitos religiosos de outra religião que não a sua. E um dos casos mais interessantes é que grande parte dos católicos brasileiros acredita na reencarnação. O catopiritismo é a maior religião do Brasil.

Gisele comentou.

- Você fala como se fosse estranho um católico acreditar na reencarnação.
- E é!

Eles ficaram espantados.

– O católico que conhece e segue os princípios da sua religião não poderia acreditar na reencarnação.

– Por quê? – quis saber Igor.

– O catolicismo não adota o princípio da reencarnação. Muito pelo contrário. A reencarnação é totalmente oposta ao princípio da ressurreição cristã... de que uma pessoa tem apenas uma existência sobre a terra e, após a morte, deve ressuscitar para enfrentar o juízo de Deus.

– Jesus Cristo! – exclamou Igor. – Eu não sabia disso!

– Eu também não! – afirmou Gisele.

– Nem eu! – disse Mariana.

– São muitos os católicos no Brasil que não sabem que os princípios da reencarnação e ressurreição são totalmente opostos. E, se sabem, não se importam.

– Eu me considero católica – disse Gisele – e mesmo sabendo disso apenas agora não vou deixar de acreditar na reencarnação. Eu sempre acreditei!

– Eu também vou continuar acreditando – garantiu Mariana.

– E eu! – prosseguiu Igor.

– É porque vocês são catopíritas!

– Vivendo e aprendendo – afirmou Gisele.

– É como eu disse... O catopiritismo é a maior religião do Brasil.

– Você parece que estudou muito esse assunto – continuou ela.

– Sim, sou professor de Sociologia das Religiões.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Então, você deve ter muita coisa pra estudar por aqui.

– Sim. Somos um país altamente espiritualizado. Os brasileiros são muito religiosos. Mas essa religiosidade não pode ser da boca pra fora. De que adianta dizer que é religioso e não ter a menor preocupação com o próximo? Uma pessoa não pode ficar pensando apenas em si mesma. Não faz sentido querer receber e não dar nada em troca.

•

Estavam chegando em Ouro Fino. Avistaram na entrada da cidade a imponente estátua do *Menino da Porteira*, com seus 10 metros de altura e 16 de largura. Tiraram algumas fotos e depois seguiram para Inconfidentes.

– E vocês? – perguntou Caio.

– Nós o quê? – quis saber Mariana.

– Como se comportam em relação ao próximo?

– Como assim? – perguntou Gisele.

– Vocês estão aqui fazendo o Caminho da Fé... Vão depositar suas promessas... Querem ser atendidos... Mas vocês praticam a caridade?

Os três ficaram constrangidos. Caio continuou com cara de interrogação querendo as respostas. Não vieram. Ele insistiu.

– Hein?

– Que sermão nós estamos levando! – comentou Gisele.

– Por essa eu não esperava – reconheceu Mariana sem jeito.

– Nem eu – disse Igor. – Mas Caio, não discordo de nada do que você falou. Você tem razão!

Ele não perdeu a oportunidade e reforçou o sermão. Porém não surtiu efeito.

•

Todos estavam bastante cansados quando chegaram ao final do dia no

PERIGOSAS ACHERON

calçamento de Inconfidentes. Entraram na pousada e sentaram nos banquinhos. Pediram água. Caio olhava muito para eles. Mas os três desviavam os olhos.

Capítulo 25

QUANDO MARIANA CHEGOU na mesa do café encontrou Caio explicando mais detalhadamente para Igor e Gisele a sua via crucis na busca por doações. Ela serviu-se de uma xícara de café e aproveitou para fazer uma brincadeira.

– Nossa! O sermão ainda continua...

Caio olhou sério.

– Desculpe.

E ficou escutando calada, ou fingindo que escutava. Na verdade estava mais preocupada em saborear o delicioso café com biscoitos que estava na mesa. Às vezes, Caio falava uma frase mais alta e virava-se para ela buscando alguma reação, mas Mariana apenas olhava levemente. Não se interessava mesmo por aquele assunto de caridade. Ele estava percebendo, mas, mesmo assim, aguardava uma oportunidade para pedir a sua valiosa ajuda. Com certeza, se ela quisesse, poderia lhe abrir muitas portas. O problema estava justamente aí: se ela quisesse.

Logo depois do café, os quatro carimbaram suas credenciais. Pegaram suas mochilas e os cajados, e se despediram dos funcionários da pousada. Iriam em subida até a cidade de Borda da Mata.

Quando saíram do calçamento de Inconfidentes, passaram a caminhar pelo acostamento da rodovia até chegarem numa estrada de terra. Caio não perdeu tempo e voltou a falar da importância dos atos de caridade. Ficou dando alguns toques para ver se despertava o interesse deles. Não teve muito sucesso.

Os três escutavam, mas nada falavam. O papo realmente não interessava. Isso ficou visível quando Igor apontou sua máquina fotográfica para uma linda paisagem e desacelerou seu passo. Gisele fez o mesmo pra acompanhá-lo. Caio ficou com a sensação de que Mariana só continuou ali do seu lado para não ser grosseira. Mas ele não se intimidou.

– É sempre muito difícil conscientizar as pessoas de que elas precisam ter preocupação social.

– Isso é verdade, Caio. A maioria não se preocupa com isso.

– Mas não desisto. Sou insistente. Mais importante que os “não” que eu escuto são os “sim” que eu recebo. São eles que me interessam e são eles que me salvam. É como na paquera... não dá pra conquistar tudo.

– Caio, você não acha que muitos fazem doações apenas pra aparecer, pra posar de bonzinhos?

– Já sei aonde você quer chegar. Você é daquelas que pensa que algumas empresas ou pessoas famosas se envolvem com projetos sociais apenas para se promoverem, não é isso?

– Exatamente. Você acha isso válido?

– Qual problema?

Mariana fez cara de surpresa. Ele repetiu a pergunta.

– Qual problema?

Ela continuou em silêncio, talvez começando a perceber que não entendia muito do assunto.

– Mariana, nunca se deve questionar os motivos pelos quais uma empresa ou uma pessoa, seja famosa ou não, se envolve com projetos sociais. O importante é o envolvimento. O importante é doar. As pessoas mais necessitadas que vão receber aquele benefício não estão preocupadas com os motivos daquela doação. Elas querem é receber e ponto final. Nunca se deve criticar quem faz doações. Deve-se criticar quem não faz!

– Você tem razão.

– E depois, querida, a promoção que essas empresas e essas pessoas

fazem das suas doações são extremamente benéficas. Isso ajuda a divulgar o ato e estimula os outros a fazerem o mesmo. E olha que mesmo assim ainda tá difícil conseguir novos doadores pra qualquer coisa.

– Mas tem gente que não tem condições de doar nada.

– Quem tem pouco também tem condições de doar! Nem que seja qualquer coisa! E essa doação é espiritualmente mais forte, já que a pessoa está doando dentro do pouco que ela tem. É um discurso bonito, mas que nem todo mundo absorve. Só eu sei o quanto já repeti isso na minha vida.

Ele olhou para trás. Mariana fez o mesmo. Igor e Gisele caminhavam entretidos em conversas de marido e mulher. Dava pra perceber que preferiam ficar ali a escutar aquele papo lá na frente.

•

Caio avistou uma pequena queda d'água com uma boa sombra. Já estava na hora deles pararem pra descansar e aproveitar para comer alguma fruta. Chamou Igor e Gisele.

– Vejam! Dá pra gente descansar lá.

– Que oásis! – exaltou ela, lá de trás.

Os dois se aproximaram e todos ficaram caminhando lado a lado. Apesar da nova oportunidade, Caio decidiu que não falaria mais de engajamento social com os dois. O que ele tinha para falar já havia sido falado. Agora seria com eles. Caberia a cada um refletir se deveria mudar de postura ou não. Mas ainda iria insistir com Mariana. Ele achava que a rejeição dela dava para reverter.

Chegaram na queda d'água e descansaram por mais de uma hora. Igor lembrou que a cidade de Borda da Mata tinha uma igreja bastante bonita, com vitrais internos belíssimos. Combinaram de rezar lá. E partiram caminhando juntos.

•

Ao passarem por um bambuzal, no meio da tarde, Igor quis tirar fotos. Pediu para Gisele clicá-lo. Caio e Mariana se adiantaram. Ele começou.

– E você, querida? Escutou eu falar tudo aquilo e não me disse nada.

– O que você queria que eu falasse?

– Que estava disposta a me ajudar.

– Caio, acho que você está coberto de razão nessa questão social. Não discordo de nada do que você falou. Tanto que, quando chegarmos a São Paulo, pretendo realmente me tornar uma doadora mensal do seu abrigo. Quero colaborar com cinquenta reais todos os meses.

Essa mulher tá de gozação comigo!

– Já é alguma coisa – agradeceu ele, assim mesmo.

– Ótimo! Conte com isso.

– Mas acho que você pode ir bem mais longe.

– Vou começar contribuindo com cinquenta. Depois, aumento pra cem.

Como você mesmo disse, tem gente que não contribui com absolutamente nada.

– Mas poderia ser melhor.

– Nossa! O que mais você quer? Que eu doe minha casa?

– Gostaria que você me abrisse portas.

– Como assim?

– Bem, você conhece muita gente importante em várias empresas.

Poderia marcar um horário pra mim em algumas delas.

– Não dá!

– Tô pedindo muito?

– Mais ou menos. É mais pra mim e menos pra você. Se eu fizer isso, estarei misturando as coisas. Não cabe a mim pedir nada para os meus clientes. A minha relação com eles não é na base do favor. Nós temos uma relação profissional, e não passa disso.

– Eu sei. Mas você não vai pedir nada diretamente. Quem vai pedir sou eu. Apenas quero que você me coloque em contato com as pessoas que você conhece. Você não tem ideia de como eu sofro pra ser recebido por um chefão.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu sei. Nem é má vontade deles. Essas pessoas são muito ocupadas.
- Mas se você pedir...
- Caio, nisso não posso te ajudar. Sinto muito. Não pegaria bem pra mim.
- Pelo menos tente com umas três empresas pra ver no que dá.
- Não dá certo.
- Sua ajuda seria extremamente valiosa! Você poderia salvar meu abrigo.

Mariana apenas olhou. Ele viu que não estava adiantando e ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, fez uma nova proposta.

- Já que você não quer me abrir as portas, por que não se junta a nós?
- Me juntar a vocês? Como assim?
- É, lá no abrigo.
- Caio, no que você tá pensando? A gente mal se conhece.

Os dois ficaram se olhando. Depois, ele continuou.

– Eu sei que a gente tá se conhecendo agora, mas isso não é problema. O abrigo tá aberto a todos que queiram ajudar.

– Caio, além da gente se conhecer há pouquíssimo tempo, eu trabalho demais, muitas vezes, até três expedientes. Chego em casa morta. Não tenho tempo pra mais nada a não ser meu marido que, diga-se, não gostaria de me ver envolvida com essas coisas.

- Você trabalha três expedientes?
- Quase sempre.
- Você precisa mesmo disso?

Ela ficou calada.

– Quem passa três expedientes usando a mesma calcinha ou a mesma cueca tem alguma coisa errada na vida.

– Até concordo com você. Mas nesse caso – ela fez voz de irritada –, a única opção que tenho é levar uma calcinha pra trocar lá na empresa mesmo. Muitas vezes tenho que ficar trabalhando até tarde da noite. Não tem jeito.

- Jeito tem.
- Você não diria isso se tivesse o emprego que eu tenho.

PERIGOSAS ACHERON

Caio ficou calado. Mariana olhou querendo saber se ele tinha entendido, mas não conseguiu captar qualquer reação.

– Mas, por curiosidade, que ajuda seria essa no abrigo?

– Qualquer coisa! Estamos sempre precisando de voluntários. Você poderia ministrar alguma atividade para as crianças, desenvolver alguma brincadeira ou até mesmo nos ajudar na cozinha.

– Eu não sei cozinhar nada – disse, rindo.

– Dá pra perceber que você é daquelas que não sabe ferver uma água.

– Também não é pra tanto. Sei fazer uma pipoca maravilhosa.

– As crianças do meu abrigo são loucas por pipoca!

– Mas eu fazer isso lá tá fora de cogitação.

– As atividades dos voluntários não precisam ser diárias. Podem ser apenas nos fins de semana.

– Os fins de semana são meus e do meu marido! A gente passa a semana inteira trabalhando como dois condenados.

– Condenadas são aquelas crianças! Você trabalha muito, mas recebe uma remuneração compatível e tem um excelente padrão de vida. Se você é uma condenada, quem não tem o que comer é o quê?

– Você também tá esquecendo que estou envolvida até a tampa com o tratamento da gravidez. Não tenho cabeça pra mais nada.

– Você quer ganhar um filho, mas não quer retribuir à altura.

– Claro que quero retribuir! – ela levantou a voz. – Esqueceu de que vou depositar uma promessa?

Caio achou que ela fosse contar o que era. Mas não. Mariana ficou calada por alguns instantes e depois mudou de assunto.

•

Eles chegaram à Borda da Mata. Entraram na igreja e viram como os vitrais internos são lindos. Rezaram por alguns minutos. Saíram de lá bem mais

relaxados. Quando chegaram na pousada, foram direto para os quartos. Na volta, Mariana encontrou apenas Igor e Gisele.

– Vocês acreditam que o Caio me convidou pra trabalhar como voluntária no abrigo dele.

Os dois se olharam.

– E você? – perguntou ela.

– Claro que não aceitei! Não tenho tempo. Mas ele quer porque quer que eu vá. Eu mal o conheço.

– É por isso que ele quer que você vá – falou Gisele. – Quer que você o conheça melhor.

– Acho que não.

– Pois acho que sim – concordou Igor. – Esse cara tá enchendo o saco com essa história de caridade.

– Concordo! – disse Gisele. – Quanto mais ele fala, mais a gente fica sem vontade.

– Também tô começando a ficar meio abusada. Mas ele já tá aqui, né... Agora é tarde.

– A culpa foi do Igor! – acusou a esposa.

– Minha?

– Sim, foi você quem aceitou ele.

– Na hora vocês duas ficaram caladas. Eu já tava ficando com vergonha.

– Mas era pra ter dito não.

– E por que você mesma não falou, dona Gisele?

– Você aceitou antes!

Igor olhou bem sério para a esposa.

– Calma, gente! Calma! – interveio Mariana. – Ninguém teve culpa de nada. Ele é que foi descarado em se convidar. Realmente ficava difícil negar. E, depois, ele não é má pessoa, é apenas chato.

– Apenas? – Gisele levantou a voz.

– Ai, querida, vamos mudar de assunto – pediu Mariana.

- Tá bom. E o Paulo, como é que tá?
- Tá bem... A gente se falou antes de ontem... Talvez ele ligue hoje.

Capítulo 26

CAIO FOI O PRIMEIRO a chegar ao café da manhã. É que os outros três estavam mais cansados do que ele. A Serra da Mantiqueira estava exigindo muito. Quando Igor, Gisele e Mariana vieram já passava das oito. Enquanto eles se serviam, Caio comentou sobre o trajeto do dia. Iriam pernoitar em Tocos do Mogi. Até lá enfrentariam algumas subidas. Café tomado, carimbaram suas credenciais e partiram.

Assim que saíram da cidade, a primeira surpresa foi o visual de uma extensa plantação de morangos. Alguns trabalhadores estavam fazendo a colheita. Perguntaram se poderiam comer alguns e foram autorizados. Cada um deles pegou dois ou três morangos que foram lavados com a água de suas garrafas. Pronto. O café da manhã estava completo.

Igor pediu para Gisele tirar umas fotos suas com os trabalhadores. Caio e Mariana não esperaram e foram em frente. Enquanto caminhavam, ela reclamou do frio encolhendo os ombros. Caio ficou com vontade de aquecê-la com um abraço. Mas claro, ficou só na vontade. Só lhe restou consolá-la dizendo que em pouco tempo a temperatura iria aumentar. Andaram em linha reta até avistarem uma seta amarela apontando para a esquerda. Dobraram. Seguiram praticamente sem conversar até a metade da manhã, quando Caio tocou no assunto do dia anterior.

- Espero que a resposta que você me deu ontem não seja definitiva.
- Que resposta?
- Ih, acho que você tá precisando tomar chá de alecrim.
- Que chá é esse?

– É um excelente chá pra memória. Quem toma lembra até da cor da primeira chupeta.

– Você e suas piadinhas... Mas de que resposta você tá falando?

– Sobre você me ajudar no abrigo. Já esqueceu?

– Ah, Caio, por favor, vamos mudar de assunto. Como já lhe disse, trabalho demais e tô muito envolvida com o tratamento pra engravidar. E a gente mal se conhece. Não vai pegar bem pra mim. Meu marido não vai gostar disso.

– Tá bom.

Mariana virou-se para trás e chamou Igor e Gisele.

– Vaaaaamos!

Eles apenas riram. Não estavam dispostos a acelerar o passo.

•

Já eram quase duas da tarde quando Caio começou a sentir falta das conversas com Mariana. Achou que a dispersão dela estava longa demais.

– Como vai ser o tratamento pra engravidar?

Mariana virou-se com os olhinhos brilhando.

– A fertilização in vitro?... Assim que eu voltar, vou começar a tomar os medicamentos pra estimular a ovulação. É por isso que ainda não engravidei... Minha ovulação está muito baixa. Depois, o médico vai acompanhar a maturação dos óvulos com o ultrassom. Se estiverem bons, vão ser aspirados, e os espermatozoides do meu marido vão ser coletados. Aí os dois são colocados juntos pra fecundação em laboratório. Depois, é ficar torcendo pra que surjam os embriões. Pode ser que venham dois, três, cinco... E pode ser que não venha nenhum! Ninguém sabe. Se surgirem, eles serão introduzidos no meu útero. A cada tentativa vão colocar dois. Depois, é esperar a gravidez vingar!

– Estou cansado só de ouvir.

– Se você ficou cansado só ouvindo, imagine eu! É tudo muito

desgastante! Você não tem ideia do tanto que eu e meu marido já sofremos. Nós passamos mais de um ano tentando naturalmente. Só de ansiedade engordei seis quilos. Mas graças a Deus, já devo ter perdido uns três nessa caminhada. O Caminho da Fé é bom até nisso. Me deixou longe do chocolate. Ainda pensei em comprar uma caixa pra trazer, mas felizmente resisti.

– Tem chocolate pra vender nas pousadas.

– Vira essa boca pra lá, seu idiota!

– Não se preocupe. Tenho certeza que no final do Caminho você vai tá magrinha-magrinha... Uma mulher portátil, dessas que a gente leva pra todo lugar.

Mariana baixou a cabeça com vergonha, mas ficou rindo por dentro. *Tomara que eu fique bem portátil mesmo.* Brincadeiras à parte, Caio ficou mais uma vez encucado com aquele conversa. Na cabeça dele, era inconcebível um casal lutar tanto biologicamente para ser pai e mãe quando havia um sem-número de crianças abandonadas precisando de adoção. Mas ele sabia que a maioria das pessoas pensava como Mariana.

– Que luta você tá enfrentando pra engravidar, hein?

– Imensa!

– Se você vencer essa batalha, deveria colocar o nome do seu filho de Vitório... ou Vitória.

– É, são bonitos.

– Eu gostaria de ter esse nome.

– Mas eu e meu marido já escolhemos. Vai ser Gabriel ou Gabriela.

•

No final da tarde, os dois foram despertados pela voz de Igor, que vinha se aproximando com Gisele.

– Vejam lá! – disse ele apontando. – É a igreja de São Francisco de Assis. Estamos chegando perto de Tocos do Moji. Vamos parar pra rezar ou não?

– Vamos parar! – respondeu Caio.

Eles entraram na igreja e fizeram suas orações. Saíram cerca de meia hora depois. Passaram por uma ponte e caíram novamente numa estrada de terra. Dessa vez, os quatro ficaram juntos. Caminharam conversando pouco até chegarem ao calçamento da cidade. Um simpático morador reparou nos cajados e os saudou com um sorriso.

– Boa tarde!

Todos responderam de volta. E Caio emendou:

– Moço, onde podemos comer pastel de milho aqui em Tocos do Moji?

Igor, Gisele e Mariana olharam interessados. O rapaz sorriu mais ainda e explicou:

– Antes de comer pastel de milho, vocês precisam saber que aqui se fala Tócos e não Tôcos.

Todos riram. O rapaz, então, apontou.

– Ali, naquela esquina, vocês vão encontrar. Há outros peregrinos lá.

– Obrigado – agradeceu Caio para em seguida fazer uma graça. – Tenho certeza que vamos adorar Tócos do Moji.

O pastel de milho foi bastante elogiado. Mariana foi a única que não repetiu. Depois, foram para a pousada. Tinham que descansar bem, porque o percurso do dia seguinte seria com alguns trechos bastante íngremes.

Capítulo 27

ELES FORAM PARA Estiva logo depois do café da manhã. Caio e Mariana partiram um pouco à frente. Caminharam pelas ruas admirando o ambiente tranquilo da cidade. Ao chegarem na primeira estrada de terra, viram outra grande plantação de morango. Mas dessa vez passaram apenas olhando. Caio sentiu Mariana sem vontade de conversar, cabisbaixa. Ele também ficou

calado. Achou melhor curtir a paisagem e concentrar-se nas fortes subidas. Os dois permaneceram assim até o final da manhã.

Com o cansaço, fizeram uma pausa de meia hora debaixo de uma sombra pra devorar o lanche. Quando voltaram a andar, dessa vez todos juntos, Caio quis bater papo. O trecho, agora em descida, favorecia uma boa conversa. E ele decidiu voltar ao assunto que tanto agradava Mariana.

– Por que sua ovulação tá baixa?

– Quem é que sabe, meu querido? Quem é que sabe? Aliás, minha ovulação não tá baixa... Tá baixíssima! Meu médico disse que é como se eu tivesse entrando na menopausa. Na menopausa! É mole? Isso não é tão comum numa mulher da minha idade. Vou fazer 35 anos. Tô ficando velhinha, mas não é pra tanto.

Igor e Gisele acompanhavam calados.

– Mas esse problema veio com a idade? – perguntou Caio.

– Boa pergunta! Não há como saber porque nunca fiz exames antes. Mas, mesmo que antes eu tivesse uma baixa produção de óvulos, as minhas chances de engravidar seriam bem maiores do que hoje, porque os óvulos seriam mais saudáveis. O ideal teria sido eu engravidar antes dos 25.

– E por que você não casou logo? Tava faltando homem no mercado?

Igor e Gisele deram uma boa risada.

– Modéstia à parte, pra mim nunca faltou homem. Optei por casar mais tarde porque queria me dedicar ao trabalho. E se eu casasse logo, iria querer ter um filho. Então... adiei o casamento e o sonho de ser mãe.

– Isso é o que eu chamo de uma mulher determinada – comentou Igor.

– Mas você tá arrependida? – perguntou Caio.

– Acho que sim... Mas agora é tarde.

– E o teu médico não suspeita do que pode tá causando essa baixa ovulação?

– Ele falou que não tem como saber. Disse que pode ser uma característica do meu corpo ou algo provocado pelo meu estilo de vida. É

verdade que ao longo desses anos trabalhei demais, tive muito estresse. Mas foi uma coisa que eu escolhi. Nasci numa família de classe média baixa, sofri muito pra chegar aonde cheguei. Hoje vivo muito bem com meu marido. Só falta um filho.

– Compensa essa via crucis pra engravidar? – prosseguiu Caio.

– Claro! Passei mais de um ano tentando... Não veio... Não posso mais ficar tentando sozinha. Preciso de ajuda médica.

– Não é isso que eu tô querendo dizer.

– O que você tá querendo dizer?

– Por que você não adota uma criança?

Igor e Gisele tremeram. Mariana levantou a voz.

– A minha vida inteira eu sonhei em ser mãe! A coisa que mais quero é ter um filho! Não tenho a menor capacidade de criar uma criança que não seja minha!

– Mas vo...

– Tenho profunda admiração por mulheres que adotam crianças. Dou o maior apoio. Mas eu não tenho essa capacidade. Jamais olharia pra essa criança como minha. Não me sentiria mãe dela. Não iria amá-la.

– Então, no fundo, você não gosta de criança?

Igor e Gisele engoliram seco.

– Meu querido, sou louca por criança! Quem convive comigo sabe disso! Mas uma coisa é você criar uma criança qualquer, outra coisa é criar o seu filho. Existe uma diferença muito grande!

– Eu penso diferente. Se por acaso eu ou a minha futura esposa tivermos problemas para ter filho, vamos adotar.

– Vamos adotar? Você fala assim?

– Claro.

– E se sua esposa não quiser?

– Eu iria convencê-la!

– Tome cuidado, porque ela poderá ser uma mulher igual a mim.

- Mas eu tentaria mudá-la.
- Meus parabéns, se você conseguir! Posso até dar o enxoval de presente.
- Vou lhe cobrar – disse ele, rindo. Igor e Gisele continuaram sérios.
- Mas eu, meu querido, não tenho capacidade para criar filhos dos outros.

Falo isso com franqueza.

– Eu sei que você não tá sozinha nesse aspecto. Muita gente pensa igual a você. Não apenas mulheres, mas muitos homens também. Infelizmente, isso é verdade. Se todos os casais com problemas pra ter filhos adotassem uma criança o problema da adoção estaria quase resolvido. E quase não existiriam abrigos!

– As crianças do seu abrigo podem ser adotadas? – perguntou Gisele.

– Sim, mas até hoje nenhuma foi. É muito difícil por causa da idade avançada. Os mais novos têm sete, oito anos. Ninguém quer mais. Pra você ver como a vida deles é difícil. No nosso abrigo o principal objetivo é a reinserção familiar, fazer a criança retornar para o seu lar depois de algum tempo. Mas, na maioria das vezes, isso é quase impossível, porque a família é completamente desestruturada: tem alcoolismo, drogas, violência física, abuso sexual... Alguns lares são piores do que as ruas! Se vocês escutassem os depoimentos desses meninos, vocês ficariam sem acreditar no que eles já sofreram dentro da própria família. É de cortar o coração.

Os três olharam assustados. Igor decidiu abrir a boca.

- Caio, esse abrigo lhe traz muitos problemas. Já pensou em desistir dele?
- Tá louco? Aquilo é a minha vida! De forma nenhuma! Nasci pra isso.

Nasci pra ajudar aqueles meninos.

- Desculpe... Mas por que tanto apego? – insistiu ele.
- É um chamado... Um chamado...

•

Os quatro alcançaram um ciclista peregrino que estava parado,

descansando. Ele os saudou.

– Olá, companheiros!

– Olá! – responderam todos.

– Estão cansados?

– Muito – respondeu Igor.

– Em alguns trechos eu tive que descer da bicicleta e caminhar empurrando por causa da areia e das pedras. Foi muito puxado. Tô aqui recuperando o fôlego.

– Nós também sentimos como é difícil – continuou Igor. – E ainda por cima pegamos um bom sol. Minha calvície sofreu. Vai pernoitar em Estiva?

– Não. Vou passar direto.

– Vai até Aparecida?

– Sim, vou na basílica.

– Vai depositar alguma promessa?

– Não, sou ateu.

– Ah... Nós vamos depositar. Estamos indo lá pra isso.

– Boa sorte!

– Obrigado. Boas pedaladas. Até mais.

– Até mais.

Assim que eles se distanciaram, Mariana foi a primeira:

– Um ateu no Caminho da Fé?

– Qual problema? – apressou-se Caio.

– Não tem problema? – assustou-se ela.

– Claro que não!

– Tá falando sério? – perguntou Gisele.

– É proibido um ateu fazer o Caminho da Fé?

Ninguém respondeu.

– É proibido um ateu entrar na basílica e assistir à missa?

– Mas um ateu? – provocou Mariana.

– Alguns dos meus alunos do curso de teologia são ateus.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ateus estudando teologia? – Igor se surpreendeu.
- Sim, e por que não?
- O que eles vão fazer lá?
- Estudar teologia, ora! O fato de você estudar uma coisa não significa que você tenha que incorporar os conceitos dela. Se assim fosse, eu estaria numa fria! Teria que adotar os princípios de todas as religiões que eu estudo.
- Tem razão – disse Mariana.
- Se aquele ciclista viesse conversar comigo – afirmou Gisele –, eu faria ele mudar.
- Cuidado com o patrulhamento religioso! – alertou Caio.
- Não estou patrulhando ninguém.
- Como não?... Você acabou de dizer que se conversasse com o rapaz faria ele mudar. Você iria impor suas convicções, não?
- Não posso?
- Você gostaria que ele viesse conversar com você pra fazê-la deixar de acreditar em Deus?
- O quê? Eu dava logo um chega pra lá nele!
- Tá vendo como o patrulhamento não é uma coisa boa?
- Mas acho que um ateu deve ter a vida muito vazia.
- Agora você está desqualificando uma pessoa apenas porque ela tem uma convicção diferente da sua.
- Eu também acho que é vazia – concordou Mariana.
- Baseadas em que vocês dizem isso?
- Como uma pessoa pode viver sem crenças? – prosseguiu ela.
- Uma pessoa pode viver sem crenças e ser muito feliz! Não é porque nós temos religiosidade que temos que impor nossas convicções. Não se esqueçam que o estado brasileiro é laico. A nossa constituição não impõe nenhuma religião. As pessoas são livres para ter suas crenças... ou não! Mas, infelizmente, num país muito espiritualizado como o nosso o patrulhamento religioso é muito forte. E isso acontece até mesmo dentro da própria família.

PERIGOSAS ACHERON

Imagine o que é nascer num lar religioso e, ao chegar à adolescência ou vida adulta, abrir a boca pra dizer que não acredita em Deus. Muitos até escondem a sua condição na sociedade para não serem malvistas. Vários famosos brasileiros são ateus, mas evitam ficar falando isso na mídia. Políticos, então, escondem demais! No Brasil é uma loucura declarar que não acredita em Deus e depois pedir votos para um eleitorado essencialmente religioso. Aliás, nessa área há uma grande contradição: o brasileiro não gosta de votar em políticos ateus, mas não sente a menor vergonha de continuar reelegendo políticos corruptos e ladrões. Alguns deles, quando são presos, se deixam fotografar com a bíblia na mão. Fazem questão de mostrar que são religiosos. Será que são? Muita gente fica até com pena.

– Isso é verdade! – concordou Igor.

– Pois é... Mas, no Brasil o ateu é visto como anormal. No entanto, anormal pra mim é o falso religioso. É aquele que vive na igreja, mas fora dela só faz o que não presta.

– Eu conheço vários! – disse Gisele.

– Eu também! – concordou Mariana.

– Então, fica a pergunta no ar: por que algumas pessoas fazem tanta questão de demonstrar que são religiosas se suas atitudes não correspondem a isso?

– Não acho que os ateus sejam anormais – falou Gisele – mas que são estranhos, são.

– Você acha que a maior parte da população da Europa é estranha?

– Por quê?

– O ateísmo hoje está fortíssimo entre os europeus.

– Coitada da Europa! – soltou Mariana.

– Coitada?... Lá as pessoas têm alta qualidade de vida, com acesso a tudo: moradia, alimentação, saúde e educação. Até nos países que estão passando por dificuldades econômicas, a população vive muito melhor do que aqui. E olha que no Brasil a crença em Deus, independente de religiões, atinge

mais de 90% da população. É um dos maiores índices do mundo.

– Tudo isso? – perguntou Igor.

– Sim! Por aí você tira o tanto que é difícil ser ateu num país como o nosso. O constrangimento social é muito grande. Eu já presenciei situações absurdas. Numa das faculdades em que trabalho, o diretor-geral já chegou ao cúmulo de encerrar uma solenidade de colação de grau pedindo pra todo mundo ficar de pé e rezar um pai-nosso.

– Cúmulo por quê? – questionou Gisele.

– Ele está partindo do pressuposto de que aquelas quatrocentas pessoas são de religiões cristãs. Imagine o constrangimento pra quem tem uma religião diferente!... Imagine o constrangimento pra quem não tem religião nenhuma!... Pra se ter ideia do tanto que isso é grave, imagine você tendo que cumprir os rituais de uma religião diferente da sua.

– Deus me livre! – exclamou Mariana.

– Tá vendo como a coisa séria?... O diretor quando fez isso desrespeitou a constituição brasileira. O nosso país é laico. Todas as crenças religiosas, ou não, têm que ser respeitadas. Parece fácil, mas não é. Socialmente no Brasil, o patrulhamento religioso é muito forte, apesar da imensa quantidade de falsos religiosos.

– Mas, mesmo assim – continuou Mariana –, eu fico feliz em saber que se acredita tanto em Deus no Brasil.

– Eu também fico! Mas não podemos achar que nós somos melhores do que os outros por causa disso. Temos que analisar esse quadro com frieza. Essa alta crença em Deus faz o brasileiro ser mais civilizado ou mais solidário?... Se religiosidade fosse sinônimo de solidariedade, estariam sobrando doações no Brasil. Mas o que estamos vendo é exatamente o contrário. Elas estão cada vez mais difíceis. Já fui pedir doações em empresas e escritórios onde vi nas paredes imagens de Jesus ou de Nossa Senhora. E não fui nem recebido!

– Eu imagino! – disse Gisele.

– O maior doador do meu abrigo é um empresário ateu!... Será que você

tem coragem de dizer na cara dele que ele é uma pessoa estranha?

Ela apenas olhou.

– Como já disse pra vocês, somos um país altamente espiritualizado. Os brasileiros são muito religiosos, mas isso não pode ser da boca pra fora.

Igor tinha uma pergunta.

– Caio, será que é por causa desse alto nível de religiosidade que nós dizemos que Deus é brasileiro?

– Creio que não. Acho que esse ditado popular reflete muito mais a nossa irreverência. Somos um povo que tem uma incrível capacidade de rir das próprias dificuldades. Nós fazemos piada de tudo, até das nossas maiores desgraças. Somos felizes apesar dos nossos problemas. Por isso começaram a dizer que isso só é possível porque Deus é brasileiro!

•

Eles estavam chegando no calçamento de Estiva. O relógio marcava quatro e meia da tarde. Pouco depois, entraram na pousada, e todos foram diretos para o banho, menos Mariana. Ela decidiu ligar antes para o marido, já que fazia algum tempo que não se falavam. Ele atendeu e a tratou muito bem. Nem parecia que tinham brigado. Ela sentiu-se bem melhor e pediu que ele ligasse com mais frequência.

Capítulo 28

NO DIA SEGUINTE, Caio e Mariana saíram dos seus quartos ao mesmo tempo e se encontraram no corredor. Ela ficou toda sem jeito achando que talvez ele pudesse estar chateado com suas respostas firmes sobre adoção. Mas não... Caio estava acostumado com aquelas opiniões e, assim, a tratou bem como sempre, o que a deixou aliviada. Na mesa do café, os quatro ficaram

conversando por quase meia hora. O trajeto do dia seria até Consolação.

Assim que passaram sobre a Rodovia Fernão Dias e chegaram na estrada de terra, Igor lembrou que estavam começando a subir a Serra do Caçador. No topo, teriam uma linda visão do Vale dos Teodoros, umas das melhores de todo o Caminho da Fé. Não demorou muito e eles viram uma vaquinha atravessar a estrada deixando uma carreira de estrume. Caio aprontou de novo.

– Igor, não perca a chance de acabar com a calvície!

– O que foi?

– Pegue um pouco desse estrume e esfregue bem na cabeça!

Ele deu um sorriso amarelo. Gisele e Mariana levaram a mão à boca pra esconder a risada.

– É sério, cara! Esse adubo fresquinho faz nascer cabelo até em bola de sinuca!

– Você, hein!... Depois dessa, vou tirar minhas fotos. – E atrasou o passo. Gisele foi com ele, ainda escondendo o riso.

– Você é sempre gaiato assim? – perguntou Mariana.

– Sempre! Temos que encarar a vida com alegria.

– Bem, isso é verdade.

E, depois de um breve silêncio...

– Você falou que o médico não sabe explicar sua baixa ovulação.

– Não.

– E você o que acha disso?

– O que eu posso achar? Nada, né... Se a medicina não consegue explicar quem sou eu pra dizer alguma coisa? Faço parte das estatísticas de infertilidade de causa desconhecida.

– E você se conforma com isso?

– O que eu posso fazer?

Caio olhou com firmeza pra ela, o que a deixou curiosa.

– O que foi?

– Não sei se você vai acreditar no que vou lhe dizer, mas... – Ele fez uma

pausa longa.

- O que é?
- Sua dificuldade pra engravidar pode ter uma explicação espiritual.
- Você conversou com meu médico? – assustou-se ela.
- Por quê?
- Ele disse a mesma coisa!
- Não me surpreende.

– Pois a mim surpreendeu. Eu não esperava que um médico pudesse cogitar uma explicação espiritual para um problema que a ciência não consegue explicar.

– Eles são iguais a nós! Antes de serem médicos, são pessoas. E tem suas convicções espirituais, ou não.

Mariana pensou um pouco.

– É, você tem razão. Mas, se o meu problema tem uma explicação espiritual, como é que vou saber?

- Tem como saber, sim!
- Mas como?
- A minha dedicação aos meninos de rua tem uma explicação espiritual.
- E como você descobriu isso?
- Fazendo a Terapia de Vidas Passadas, a TVP.
- TV o quê?
- TVP. Terapia de Vidas Passadas.
- O que é isso? Terapia de Vidas Passadas...
- É uma terapia onde você é induzido a lembrar das suas vidas anteriores.
- Você fez isso?
- Fiz.
- E aí?

– E aí que vi o que precisava ver. A razão pra eu me dedicar tanto aos meninos de rua estava na minha vida anterior a essa. Foi isso que me fez fundar o abrigo.

– Nossa, então ela mudou a sua vida?

– Sim, totalmente! A TVP pode ajudar muito. Vou te dar um exemplo...

Uma pessoa tem um sério problema de relacionamento com seu chefe. Ela pode descobrir através da TVP que eles, em vidas passadas, foram grandes inimigos.

Ela abriu ainda mais os ouvidos.

– Outro exemplo... Uma pessoa com muito medo de entrar na água pode descobrir que em outras vidas morreu afogada. O simples fato de elas descobrirem a causa do problema faz com que passem a lidar melhor com ele. O alívio é muito grande.

– Então, no meu caso...

– No seu caso você poderá descobrir por que está com tanta dificuldade pra engravidar. A ciência não tá conseguindo te explicar. Apenas diz que sua ovulação tá muito baixa. Mas por quê? Pode haver uma explicação espiritual.

– Então, a TVP pode me fazer engravidar?

– Não é bem assim! Ela poderá te dar algumas explicações sobre o problema que você tá enfrentando. Ao entender todo o contexto, você poderá mudar de comportamento em relação a alguma coisa. E isso poderá te fazer engravidar.

Mariana amou a última frase. Ficou refletindo sobre o que acabara de escutar. Fez novas perguntas e Caio foi respondendo com prazer.

•

O visual do Vale dos Teodoros começava a se revelar deslumbrante. Eles estavam chegando no topo da Serra do Caçador.

– Igor! Gisele! – chamou Caio, gritando. – Vejam como isso é lindo! Eles se aproximaram.

– Deus, me ajuda a olhar! – disse Igor.

– Que liiiiiindo! – encantou-se Gisele.

– É uma pintura, não é? – perguntou Caio para Mariana.

Dali eles viam a Rodovia Fernão Dias e as montanhas pelas quais tinham passado. Logo depois, foram chegando outros peregrinos. Começaram a conversar e ficaram lá por mais de uma hora. Desceram a serra olhando muito para os lados. Quando chegaram embaixo, Caio comentou: – Agora deu vontade de voltar. Que lugar lindo!

•

Mariana estava silenciosa. As palavras de Caio sobre a TVP ainda martelavam sua cabeça.

- Está tão pensativa... – comentou ele.
- É, estou.
- O que você achou do que lhe falei?
- É exatamente sobre isso que estou pensando. Nunca tinha ouvido falar dessa terapia.
- Acho que você deveria fazer!
- Confesso que me interessei mesmo.
- Uma coisa me chama atenção, Mariana.
- O que é?
- A sua ovulação não está inexistente!
- Não, não está.
- Ela apenas está num nível muito baixo de forma inexplicável.
- Sim... Mas por que isso lhe chama atenção?
- Quem garante que ela não possa aumentar também de forma inexplicável?

Mariana ficou muda. Simplesmente adorou escutar aquilo. Olhou para Caio e sentiu por ele algo inexplicável. Não sabia se era carinho ou... Sentiu-se estranha. Ficou calada, bastante pensativa. Ele notou e também silenciou achando que a possibilidade de fazer a terapia estava mexendo muito com ela. Mal sabia que dessa vez o motivo era ele próprio. Os dois ficaram assim até a

chegada à Consolação. Entraram na pousada e escutaram outros peregrinos falando da beleza do Vale dos Teodoros. Eles ajudaram nos elogios.

Capítulo 29

MARIANA TOMOU O CAFÉ DA MANHÃ olhando bastante para Caio. Ele notou e correspondeu. Igor e Gisele perceberam e ficaram constrangidos. Os quatro conversaram pouco, apenas sobre o trajeto do dia. Iriam até Paraisópolis, última cidade do trecho mineiro do Caminho da Fé. Como as subidas e descidas seriam um pouco mais leves, decidiram que fariam o percurso sem qualquer parada.

Quando partiram, Mariana e Caio saíram alguns segundos à frente. Ela continuou olhando bastante para ele, que percebeu e ficou gostando. No entanto, nenhum dos dois puxou qualquer conversa mais longa. Apenas comentavam o que viam pela frente. Ficaram assim até quase o final da manhã, quando Mariana quis realmente conversar.

– Caio, você acha mesmo que devo fazer a terapia que você falou?

– Sim. Acho que deve. Você tá diante de um dilema que ninguém sabe explicar. Mas veja bem... A resposta definitiva quem tem que dar é você mesma. Por favor, não faça a terapia de vidas passadas apenas porque tem alguém lhe indicando. E também não a faça por mera curiosidade, porque não é passatempo. É um tratamento sério que requer o envolvimento da pessoa.

– Fiquei interessada em tudo o que você falou. Vou conversar com meu marido. Não quero tomar essa decisão sozinha.

– Conversar com o marido? – ele perguntou, rindo.

– Sim, por quê? Tem algum problema?

– Marido nem parente é!

Ela riu.

PERIGOSAS NACIONAIS

– É verdade... Mas, ele é meu grande amigo. Quero saber o que ele pensa.

– Tô brincando com você. É melhor mesmo conversar com ele. Até porque esse problema diz respeito a vocês dois.

– Você acha que eu deveria fazer a terapia antes ou depois da fertilização in vitro? Ou não tem nada a ver?

– Você é quem tem que saber. A decisão deve ser sempre da própria pessoa. Mas o terapeuta, na conversa inicial, pode te ajudar. Se você quiser, te passo o telefone do meu.

– Tá bom... Me tira uma dúvida. E quando a gente descobre na terapia coisas que a gente não gosta?

– Qual problema?

– Não tem problema?

– Eu não vejo problema nenhum.

– Por quê?

– Mesmo que você não goste de algumas coisas, isso vai te ajudar a entender o que tá acontecendo no presente.

– Será que eu e meu marido temos alguma ligação anterior?

– Quem sabe?

– Desde que você me falou dessa terapia tenho pensado nisso.

– Tudo é possível... Só a TVP pode te responder...

•

No começo da tarde, Mariana voltou a conversar.

– Caio, e a sua noiva?

– Ex-noiva!

– Sim, ex-noiva. Você não acha que existe a possibilidade dela te procurar novamente?

– Por que você tá perguntando isso agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por nada... Apenas me veio à cabeça.
- Como te falei, depois que ela terminou comigo, eu a procurei algumas vezes... e não fui bem recebido.
- Mas nada é impossível.
- É, nada é impossível, mas acho que ela já deve tá namorando. E, depois... tô começando a me interessar por outras mulheres – disse olhando com firmeza para ela, que ficou envergonhada. Ele gostou.
- Mas, se ela te procurasse, você aceitaria de volta?
- Sinceramente, não acredito que ela vá me procurar.
- Mas se procurar?
- Não trabalho mais com essa hipótese.
- Acho que você ainda gosta dela.
- É... Ninguém esquece facilmente um grande amor. Como diz o ditado, um amor só se cura com outro.
- Também acho. Então, quer dizer que você ainda não esqueceu ela?
Ele apenas sorriu.
- Isso é uma resposta?
- Você não desiste, né?... Querida, estou em busca de um novo amor!
- Torço muito por você. Espero que encontre uma grande mulher.
Ambos olharam um para o outro.
- Que tipo de mulher você gosta?
- Gosto de mulher que gosta de mim! Mulher interessante é aquela que me acha interessante! Parece fácil, mas não é!
- Você não vai ter dificuldade pra encontrar um novo amor. É um homem muito bonito.
- Obrigado. Você também é muito bonita.
- Tenho certeza que deve ter muita mulher interessada em você.
- Deus te ouça! Mas só preciso de uma.
- Claro! – ela sorriu. – Mas não fique na defensiva.
- Defensiva?

PERIGOSAS ACHERON

– Sim. Quando uma mulher demonstrar interesse por você, corresponda. Não fique se fazendo de gostoso.

– Você acha que sou assim?

– Acho.

E trocaram outro olhar bobo. Ficaram em silêncio. De vez em quando, ela escutava alguns sussurros. Era Caio falando sozinho. Ele tinha esse TOC desde criança. Todo mundo fazia piada, mas ele nem ligava.

– Você fala muito sozinho.

– Eu adoro falar sozinho!

– Ué, por quê?

– Porque adoro conversar com pessoas inteligentes.

– Você não tem jeito.

•

– Lá está a Pedra do Baú! – gritou Igor no final da tarde lá de trás.

Caio e Mariana viraram-se para o casal e depois voltaram-se para a frente. Os dois estavam tão pensativos que nem perceberam que à direita, no horizonte, estava a Pedra do Baú, um dos principais pontos de referência na região onde estavam. Igor e Gisele se aproximaram.

– O que vocês dois tanto conversam, hein? – perguntou ela.

– Só abobrinhas – respondeu Mariana, rindo.

Logo depois chegaram ao calçamento de Paraisópolis. Passaram em frente à igreja e decidiram entrar para fazer orações.

Capítulo 30

GISELE CHEGOU AO CAFÉ DA MANHÃ e ficou surpresa ao encontrar apenas Mariana.

- Sozinha?
- Eu não vim acompanhada ao Caminho da Fé.
- Seu guarda-costas ainda não acordou?
- Olha! – ela riu.
- O que vocês tanto conversaram?
- Só bobagens.
- Só bobagens mesmo?
- Ele é uma pessoa agradável.

Gisele aproximou a cabeça e falou baixinho.

- É um gato, não é?
- Não tô falando disso.
- Seu olhar pra ele mudou!
- Gisele, meu olhar conti...
- Não esqueça que sou mulher igual a você! Me conta. O que tá se passando?

Não deu tempo responder. Caio estava chegando à mesa. Logo atrás veio Igor, que as cumprimentou e lembrou que, quando saíssem de Paraisópolis, entrariam novamente no Estado de São Paulo. O trajeto do dia seria até Luminosa, com uma boa subida e uma boa descida. O café durou meia hora. Dessa vez, foi Gisele quem convocou para a partida.

- Vamos que tá na hora!

Pegaram os carimbos nas suas credenciais e partiram. Gisele pediu que os homens fossem na frente, pois precisava conversar coisas de mulher com Mariana. Igor filosofou:

- As mulheres mandam, os homens obedecem.
 - Que continue assim! – desejou Gisele, rindo.
- Assim que os dois ficaram fora do alcance audível delas...
- Pode contar, Mariana.
 - Você não desiste, hein?
 - Vamos.

– Tô me achando tão estranha.

– Eu que o diga! Seu olhar tá denunciando.

– Não sei o que é, mas de uma hora pra outra passei a sentir alguma coisa por esse rapaz.

– O quê?... O que é isso?...

Silêncio.

– Sei lá...

– Que alguma coisa é essa?

– Não sei se é amizade, ou se é... Acho que por tá longe do meu marido fiquei muito carente. E, depois, a gente não tá muito bem. Ele disse que ligaria todos os dias e não cumpriu. Já brigamos por telefone. De lá pra cá, a gente tem se falado muito pouco e friamente. Tem passado tanta coisa na minha cabeça. Não vou mentir... Tô temendo muito pelo meu casamento. Às vezes, acho que o Paulo tá apenas esperando eu chegar pra pedir a separação.

– Para de pensar bobagem, Mariana!

– É sério!

– Tire isso da sua cabeça! Deixe de ser boba. Teu marido não tá fazendo nada demais. Ele tá é estressado com o problema no emprego. As coisas não devem tá fáceis pra ele. Imagina o que é ser engenheiro responsável por um prédio que tá ameaçado de cair. E, depois, você vai já chegar em casa. Estamos perto do fim.

Fim do meu casamento?

– Vamos lá... Me diga o que você tá sentindo por esse rapaz. O que ele fez de bom pra você?

– Nada demais! É apenas muito carinhoso. Falou umas coisas interessantes.

– Que você era bonita?

– Também – respondeu, rindo. – Mas não é disso que estou falando. Você já ouviu falar de uma coisa chamada TVP, Terapia de Vidas Passadas?

– Já. Mas o que isso tem a ver com ele?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ele me indicou. Falou que já fez. Disse que a minha dificuldade pra engravidar pode ter uma explicação espiritual.

– É bem possível! Mas por que ele fez a TVP?

– Disse que precisava descobrir por que se dedicava tanto aos meninos de rua.

– E descobriu?

– Não falou direito. Não sei por que... mas não falou. Disse que fundou o abrigo por causa disso. Depois, falou uma coisa importante: que a minha ovulação não está inexistente. Apenas está num nível muito baixo, de forma inexplicável. Ou seja, ela pode aumentar também de forma inexplicável. Sabia que ele pode tá certo?

– É... Pra Deus nada é impossível!

– Escutar isso me deu um alento tão grande. Fiquei com vontade de dar um beijo no rosto dele.

– O quê?

– Pois é, fiquei.

– Mas ficou só na vontade, né?

– Sim, claro! Ainda bem que estamos chegando ao fim. Depois, não quero ter contato com ele.

– Nossa! Também não é pra tanto. O coitado do rapaz não te fez nada. Pelo menos que eu saiba... Ele tentou alguma coisa?

– Não, não, não! Não tentou nada! Ele tem sido muito respeitador. Sabe que sou casada. E, depois, não dou liberdade.

– Continue assim, porque se você abrir a porta, ele entra, senta no sofá e ainda coloca os pés em cima da mesinha.

– É mesmo – Mariana riu. – E é capaz até de pedir uma cervejinha.

– E você vai fazer essa terapia?

– Não sei. Mas tô com vontade. Vou falar com o Paulo pra ver o que ele acha. Você já fez?

– Não. Apenas ouvi falar. Uma amiga minha fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E aí?
- Ela tava com problema com o marido. Assim que se casou, começou a perder o interesse sexual por ele, apesar de amá-lo. Terrível.
- Nossa!
- A terapia mostrou que eles tinham sido irmãos em vidas passadas.
- Meu Deus! E ela melhorou?
- Muito!
- Será que tenho alguma ligação passada com o Paulo?
- Quem sabe?
- Será que essa crise que tô passando com ele tem explicação em vidas passadas?
- É na família onde se encontram os inimigos do passado.
- Como é?
- É na família onde se encontram os inimigos do passado.
- Por quê?
- Os espíritos que se desentenderam em outras vidas precisam de uma nova convivência pra que possam evoluir e ter uma relação harmoniosa. É por isso que as relações familiares são tão complicadas. Irmãos que brigam demais... pais e mães que não se dão com os filhos...
- Deus me livre! Tô lutando tanto pra ser mãe, que nem consigo me imaginar brigando com meu filho. Ou filha.
- Mas isso não quer dizer nada. Uma coisa é querer ser mãe... Outra coisa é ser uma boa mãe!
- É verdade.

•

Logo depois do meio-dia, passaram por uma pequena cachoeira.

– Vamos tomar banho? – propôs Caio, gritando lá de trás.

Mas a proposta não fez sucesso. Seguiram adiante, agora todos juntos. No

PERIGOSAS ACHERON

restante da tarde conversaram apenas sobre o caminho. E foi assim que chegaram ao calçamento de Luminosa. Quando entraram na pousada, foram saudados por um dos hóspedes.

- Boa tarde, amigos!
- Boa tarde! – responderam.
- Vão até Aparecida?
- Sim – confirmou Igor.
- Descansem bem! Até Campista a subida é muito forte.
- Nem nos fale!

Capítulo 31

DE LUMINOSA À CAMPISTA, eles iriam enfrentar a subida mais forte de todo o Caminho da Fé. Seriam mil metros acima e bastante íngremes, com muitas pedras soltas nesse trecho da Serra da Mantiqueira. Uma aventura e tanto. Igor explicou no café da manhã que talvez tivessem que parar algumas vezes pra descansar. A conversa foi toda sobre as dificuldades que enfrentariam ao longo do dia. Não conseguiram falar sobre outro assunto. Na verdade, sem perceber, estavam se preparando psicologicamente para a empreitada.

Assim que se levantaram, foram se despedir dos funcionários e partiram. Os quatro saíram lado a lado. Depois de uns duzentos metros, chegaram na estrada de terra. A subida começou imediatamente. Passaram a caminhar um pouco mais inclinados para frente. Os cajados ajudavam bastante. Devido ao esforço, não dava vontade de conversar. Era como se estivessem subindo uma ladeira. Em compensação, o visual era muito bonito graças às araucárias.

•

Caio demonstrava uma atenção imensa com Mariana, sempre oferecendo

a mão para apoio. Igor fazia o mesmo com Gisele. No meio da manhã, chegaram num pequeno rio e fizeram a primeira pausa para descanso. Estavam ofegantes. Caio brincou.

– Não pensem no cansaço, senão ele aumenta.

– Que subida... – comentou Igor. – Ainda não tinha suado tanto...

Todos olharam e perceberam as imensas manchas de suor embaixo das axilas, marca registrada dele. Caio não se conteve.

– Que aguaceiro é esse nos sovacos?

Mariana e Gisele se olharam esperando pelo pior.

– Infelizmente, meu caro, tenho esse problema desde criança. Ainda não encontrei solução.

– Pois eu tenho uma ótima... Pra ficar sequinho é só colocar um *modess* em cada sovaco.

Dessa vez nem o próprio Igor resistiu.

•

Num dos trechos, o celular de Caio tocou. Quando ele puxou o aparelho do bolso e viu quem era tomou um susto. *Camila!* E percebeu que estava há dias sem ligar para o abrigo. A última vez tinha sido em São Roque da Fatura, pouco antes de conhecer Mariana.

– Oi, Camila!

– Será que o meu grande amigo já conheceu alguma deusa no Caminho da Fé?

Ele olhou para os colegas e deu uma risadinha torta. Os três perceberam e voltaram a caminhar, mesmo a passos lentos.

– Hein? – continuou ela. – Conheceu alguém especial?

Mais risadinha torta.

– Não, não, não...

– Então, o que houve? Há dias que você não liga.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Desculpe, Camila. Você tem razão em reclamar. Foi puro esquecimento.
 - Esqueceu da gente, é?
 - Não, não, não... Eu já ia ligar quando você ligou.
 - Me enrola que eu tô com frio... Não é assim que você diz?
 - Que é isso, Camila?... – outra risadinha.
 - Tô ligando pra ter notícias suas. Como é que você tá?
 - Tô bem... Tô bem... Perto do fim. Chego aí na data marcada.
 - Muito cansado?
 - Muito! Muito mesmo! Mas tá valendo a pena. O Caminho é lindo.
 - Tá sozinho ou arranjou companhia?
- Ele olhou pros colegas. Já estavam a uns vinte metros dele.
- Às vezes tô sozinho... Às vezes com alguém... Têm muitos peregrinos.

É bem legal. Dá pra conhecer muita gente.

- Que bom!
- E o abrigo, como tá?
- Na mesma... Tudo bem...
- Mas tudo bem mesmo?
- Sim... Tudo bem...
- Nenhuma novidade?
- Não... Nenhuma...
- Tem certeza?
- Tenho!
- Olha lá, hein, Camila!
- As crianças perguntam muito por você.
- Diga que tô chegando!
- É o que eu sempre digo.
- Legal.
- Pois é isso, meu amigo... Liguei pra saber de você! Estamos com muita saudade!
- Obrigado, querida! Adorei a ligação!

PERIGOSAS ACHERON

- Vê se não esquece da gente. Dá notícias!
- Pode deixar, Camila! Dou sim.
- Tá bom. Vou ficar aguardando. Um beijo.
- Outro.

Quando Caio desligou e pôs o celular no bolso, ficou olhando para Mariana lá na frente. *Essa mulher tem algum feitiço...* E, para chamá-los, deu um assobio bem estridente, daqueles de garotão. Os três pararam de andar e viraram-se. Ele deu alguns passos apressados para se reaproximar.

•

O trajeto até o final foi feito de forma bastante ofegante. Pararam quatro vezes pra descansar. Até Caio, que tinha um bom preparo físico, sentiu o baque. Durante o percurso, eles foram alcançados por alguns peregrinos ciclistas que reclamaram que em vários momentos tiveram que descer e empurrar suas bicicletas. Havia muitas pedras soltas em alguns trechos o que dificultava a tração. Quando os quatro avistaram a cidade de Campista, ficaram aliviados. Mariana brincou.

- Ufa! Já tava começando a achar que o mundo era uma eterna subida.

Chegaram na pousada completamente exaustos. Arriaram as mochilas, sentaram e colocaram os pés em cima de uns banquinhos. Todos se olhavam, cansados, mas felizes por terem cumprido aquela etapa difícil do Caminho da Fé. Caio comentou:

- Agora me deu vontade de tomar um sorvete de pétalas de rosas.
- Sorvete de pétalas de rosas? – surpreendeu-se Mariana. – E esse sorvete existe?
- Sim, existe! Mas tem que ser tomado com muito cuidado.
- Por quê?
- Pra não machucar a boca com os espinhos.
- Eu suspeitava... – disse Gisele rindo.

– Claro... – seguiu Mariana, revirando os olhos.

– Calma, gente, tô brincando com vocês. Esse sorvete existe realmente.

Eu já tomei uma vez.

– E é bom? – quis saber Mariana.

– No começo se estranha um pouco, porque é bem diferente dos outros.

Tem um sabor intenso.

– Mas é bom ou não?

– Vou te deixar na dúvida.

– Agora fiquei com vontade! – disse ela.

– Nós ainda vamos tomar um!

Igor e Gisele fizeram de conta que não ouviram.

Capítulo 32

OS QUATRO AMANHECERAM falando da forte caminhada do dia anterior. Mariana e Gisele foram as que mais sofreram. Perguntaram se ainda haveria outro trecho igual àquele. Caio disse que ainda enfrentariam algumas subidas, mas não tão íngremes. Para aquele dia estava reservada uma caminhada por dentro do Vale do Paraíba. Iriam enfrentar uma longa descida e depois um “sobe-e-desce-e-sobe” até o final, quando chegariam a uma das cidades mais famosas de todo o percurso: Campos do Jordão, com seu clima frio e ambiente europeu. Partiram.

Cerca de dez quilômetros depois avistaram novamente, à direita, a Pedra do Baú. Igor quis fazer novas fotos e parou apontando sua máquina. Gisele ficou para lhe fazer companhia. O casal nem se incomodava mais em ficar lá atrás porque já tinha se acostumado com a amizade dos dois. Mariana, ainda em dúvida sobre o que estava sentindo por Caio, puxou assunto.

– Você tem notícias do abrigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Aquela ligação de ontem foi de lá. Camila. Minha principal ajudante. Tá tudo bem. Pelo menos é o que ela sempre me diz.

– Por quê? Tá desconfiando de alguma coisa?

– Mais ou menos. Às vezes acho que estão escondendo algo. Não por maldade, mas porque se preocupam demais comigo. Espero não chegar lá e descobrir que o mundo se acabou.

Mariana sentiu um frio no estômago. Estava com a mesma sensação.

– E o seu marido como está?

– Bem... – Ela fez uma longa pausa. – A gente se falou hoje de manhã.

Era mentira. Não se falavam há algum tempo. E nas últimas vezes ela é quem tinha ligado. Depois da discussão, somente ela buscava saber dele.

– Como ele tá lidando com o problema da gravidez?

– Tá do meu lado, claro. Ele também é louco pra ser pai. No começo eu até achava que o problema era com ele.

– O quê?

Mariana deu um sorriso sem graça.

– Você achava que o problema era com ele?

– Achava.

– Que loucura!

– Eu sei... Foi uma grande besteira. Me arrependo tanto.

– Mas baseada em que você achava isso?

– A grande verdade é que eu tinha medo que o problema fosse comigo e não queria enfrentar. Por isso, dizia que era com ele.

– Você dizia isso pra ele?

Ela balançou vagarosamente a cabeça confirmando.

– E ele, o que dizia?

– Nada! Acredita? Apenas falava que a gente tinha que procurar ajuda médica.

– Ele foi muito compreensivo!

– Muito! Foi espetacular comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Desculpe tocar novamente nesse assunto... Mas ele também não quer adotar uma criança?

– Não!

– Sério?

– Sério!

– Mas ele não quer por influência sua ou porque não quer mesmo?

– Porque não quer mesmo! Isso não combina com a gente!

Caio fez uma pausa antes de voltar a falar.

– Mariana, você tá preparada psicologicamente para um possível fracasso desse tratamento?

– Não... Não estou... Se não der certo, vai ser a pior coisa da minha vida. Você não tem ideia do tanto que sonho em ser mãe.

– Mas, esse tratamento não dando certo, não há outras opções?

– Sim, gravidez com óvulos doados. Mas biologicamente o filho não seria meu. E isso pra mim tá fora de cogitação.

– Você tá mesmo decidida, hein?

– Estou! Quero ter um filho que seja biologicamente meu e do meu marido. Essa coisa de óvulos doados, adoção, não combina comigo! Não tenho isso como opção!

– Mas, se você não conseguir mesmo ser mãe da forma que tá planejando, o que vai fazer da sua vida?

– Nada! O que posso fazer? Apenas ficar chorando.

– E o seu marido?

– Disse que vai se dedicar aos nossos sobrinhos. E eu com certeza vou ajudar – falou, rindo. – Mas tenho que pensar de forma positiva, né... Ainda nem fiz o tratamento. Ele costuma dar bons resultados. Não é nada garantido, mas as taxas de sucesso são relativamente boas. Eu conto com isso. Até porque é a única coisa que me resta. Por isso, tô apelando pra Nossa Senhora Aparecida.

Caio ficou em silêncio. Logo depois, falou:

PERIGOSAS ACHERON

– Eu conheço um casal que se separou por causa disso.

Mariana ficou calada. Ele continuou.

– Fico imaginando como deve ser difícil lidar com esse problema.

Ela baixou a cabeça e mordeu os lábios. Caio, quando viu, percebeu que tinha falado demais.

– Mariana, por favor, me perdoe! Eu não devia ter falado isso!

Mas já era tarde. Ela apenas balançou a cabeça como quem diz “deixa pra lá”. Não conseguiu falar nada. Caio ficou nervoso. Virou-se para trás a fim de verificar se Igor e Gisele estavam percebendo algo. Ainda não. Olhou novamente para Mariana e a viu deixar cair duas lágrimas. Ficou aflito, teve vontade de abraçá-la, mas como não podia fazer isso, ficou em silêncio esperando a emoção dela passar.

Mariana, aos poucos, foi se recompondo. Enxugou as lágrimas, mas ficou muda. Não conversou mais nada. Caio respeitou. Ficaram assim até o momento de pararem para descansar pouco antes do meio-dia. Quando voltaram a caminhar, ele reclamou que Igor e Gisele estavam muito afastados e pediu que todos ficassem juntos.

•

Assim que entraram em Campos do Jordão, Mariana elogiou a beleza da cidade. Todos concordaram. Antes de irem para a pousada, optaram por parar num dos aconchegantes cafés. Igor e Gisele, que já conheciam bem o local, comentavam como tinha sido a viagem no ano passado e os locais que tinham visitado. Ambos estranharam a pouca conversa de Caio e Mariana. Quando foram questionados por que estavam tão calados, deram a boa desculpa de que era devido ao cansaço.

Capítulo 33

NO CAFÉ DA MANHÃ, Caio foi o último a chegar. Ele ainda estava com muita vergonha por ter feito Mariana chorar, mesmo de forma involuntária. Sentou-se à mesa, deu os cumprimentos e apenas escutou a conversa. Quase não olhou para ela. Quando Igor comentou do seu silêncio, brincou dizendo que era o café que estava muito gostoso. Gisele perguntou sobre o trajeto do dia e Igor explicou que iriam descer a Serra da Mantiqueira. Iriam até Piracuama. Lá não é propriamente uma cidade, mas um bairro de Pindamonhangaba, o município seguinte, com algumas pousadas para os peregrinos.

Caio e Mariana saíram um pouco à frente. Apesar de constrangido, ele fazia questão de continuar grudado nela. Mas não ousou puxar qualquer conversa. Com a cabeça pra frente, olhava-a com o canto dos olhos para tentar captar alguma reação. Mas nada. Ela ficou em silêncio até o meio da manhã, quando tomou a iniciativa.

– Caio, me responde uma coisa.

– Sim, claro.

– Se tua esposa não quisesse adotar uma criança, você continuaria casado com ela?

Lá vem ela de novo.

– Eu conseguiria convencê-la!

– Você fala com tanta certeza.

– Porque realmente tenho certeza que iria convencê-la.

– Você tá contando com uma coisa que não depende de você.

– Você não desiste, né?

– Anda, fala...

– Por que você quer tanto saber disso?

– Porque quero.

Se ela não quisesse adotar, eu a largaria. Seria preciso muita paixão pra eu continuar com uma mulher dessas.

– Acho que o casal deveria conversar bastante sobre o que cada um

deseja pra si. Afinal, é conversando que todos se entendem.

– Caio, você tá fugindo! Você largaria ou não a sua mulher?

Meu Deus, perdão pelo que eu vou dizer...

– Eu não acabaria meu casamento por causa disso. Uma vida em casal significa uma vida a dois nos bons e nos maus momentos.

Mariana escutou e ficou calada. Caio ficou esperando ela reiniciar a conversa. Mas isso não aconteceu.

•

No final da manhã, eles começaram a andar ao lado da linha de trem mais alta do Brasil. É por ela que os trenzinhos sobem e descem de Campos do Jordão. É um momento de grande cuidado para os peregrinos. Em hipótese alguma se deve andar em cima dos trilhos. Os quatro seguiram corretamente, pelo lado esquerdo da linha.

Pouco depois, chegaram à estação Eugênio Lefreve, em Santo Antônio do Pinhal. Lá é o ponto final dos trenzinhos. Aproveitaram para comer um excelente bolinho de bacalhau num dos barzinhos da estação. Uma placa indicava que estavam a mais de mil metros de altitude. Em seguida, foram apreciar a linda vista do Vale do Paraíba proporcionada pelo mirante Nossa Senhora Auxiliadora, que fica bem perto. Permaneceram ali por mais de vinte minutos. Depois, iniciaram a descida por dentro da mata. Caio e Mariana seguiram à frente. O caminho era bastante íngreme, cheio de pedras. Ela reiniciou a conversa.

– Tô com medo que meu marido me largue se eu não conseguir engravidar.

Ele olhou surpreso.

– Apesar de eu estar confiante no sucesso do tratamento, no fundo tenho medo que não dê certo. E, depois, ando tão desconfiada de algumas atitudes dele.

– Que atitudes?

– Tanta coisa...

– O que ele fez?

Ela deu uma longa olhada para Caio.

– Pode falar que morre aqui comigo – garantiu ele. – Não vou contar pra ninguém. Aliás, nem tenho pra quem fazer isso. Não temos amigos em comuns. O que ele fez?

– Quando Igor e Gisele nos convidaram pro Caminho da Fé, eu não queria fazer, mas ele insistiu e acabei cedendo. Na última hora, apareceu um problema no emprego dele e ele teve que ficar. Até aí tudo bem, a gente ia cancelar a viagem. Mas, de forma surpreendente, ele insistiu pra eu fazer sozinha. Você acredita? Eu só faltei cair pra trás. Jamais esperaria isso dele. A gente brigou feio por causa disso. E, pra não ficar mal com ele, topei vir. Não sei se fiz certo. Só o tempo vai dizer. Ainda tô sem entender por que ele quis tanto ficar sozinho.

– Você acha q...

– Não sei!... Pode ser que eu esteja pensando bobagem. Mas que ele tá com atitudes muito estranhas, tá. Disse que me ligaria todos os dias. Não cumpriu. Quem mais ligou fui eu. Eu sei que ele tá estressado com o problema no emprego, mas sou a esposa dele, cara! Tô num momento difícil da minha vida. Ele tinha que ter mais atenção comigo. Custava ele fazer uma simples ligaçãozinha pra mim toda noite?

Caio escutou aquelas palavras e sentiu uma alegria por dentro. Olhou pra ela e teve vontade de beijá-la.

– E você, como homem, o que acha?

– Hã?

– Você não acha que ele deveria me dar mais atenção?

– Como?

– Ai, Caio, você tá surdo?... Você não acha que ele deveria me dar mais atenção?

– Sim!... Sim!... Certamente eu faria isso!

– Pois é... Tô com um pressentimento ruim, muito ruim mesmo! Tô com a sensação de que, assim que chegar em casa, ele vai me chamar e pedir a separação. Ai, meu Deus! Tomara que eu esteja errada.

Quando chegaram em Piracuama e entraram na pousada, Caio lembrou a Mariana que faltavam apenas dois dias para terminarem o Caminho da Fé. E pediu:

– Gostaria de conversar contigo mais tarde.

– Sobre o quê?

– Na hora eu te falo.

Capítulo 34

MARIANA CHEGOU AO CAFÉ DA MANHÃ pedindo desculpas a Caio por não ter ido conversar na noite anterior. Igor e Gisele se olharam. Ela falou que após o banho ficou com muito sono e acabou dormindo cedo. Se era verdade, não havia como saber. Mas ele, educadamente, disse que estava tudo bem. Igor começou a falar do percurso do dia.

– O trajeto até Pindamonhangaba é todo plano. Aliás, até o final do Caminho da Fé será assim. Se tudo der certo, amanhã às quatro da tarde vamos assistir à missa na basílica. Não vejo a hora.

– Como assim, Igor, se tudo der certo? – questionou Gisele. – Claro que vai dar!

– Tem razão! Claro que vai dar!

Caio lembrou:

– E, depois da missa, vamos juntos depositar as nossas promessas.

– Isso mesmo! – confirmou Mariana.

– Falta pouco, muito pouco pra gente terminar! – disse ele, olhando pra

ela.

– Será que vamos sentir falta? – perguntou Gisele.

– Com certeza! – respondeu Igor. – Vamos sentir falta de tudo.

Após alguns minutos, ele chamou.

– Vamos! Tá na hora!

Foram caminhando lado a lado. Pouco depois, atravessaram uma linha de trem e chegaram na rodovia. Como o acostamento era estreito, ficaram um atrás do outro por algumas centenas de metros. Caio era o primeiro e Igor o último. Quando o acostamento se alargou, Mariana ficou ao lado de Caio e assim prosseguiram dois a dois. O barulho dos carros e caminhões atrapalhava muito qualquer tentativa de conversa.

•

Na hora do almoço, pararam pra descansar numa pousada à beira da estrada e comeram sanduíches feitos no local. Assim que saíram, cruzaram mais uma vez a linha férrea. Quando já tinham se distanciado uns cem metros, escutaram barulho de trem se aproximando. Pararam e ficaram assistindo à composição passar. Igor ficou tirando fotos. Caio e Mariana não esperaram até o final e se adiantaram. Logo começaram a conversar.

– Mariana, desculpe a pergunta...

– O que é?

– Se o seu casamento acabar, o que você vai fazer da sua vida?

– Que pergunta, hein, Caio?

Ele deu uma risadinha e tentou se sair.

– Desculpe... Realmente não faz sentido lhe perguntar isso. Deixa pra lá. Faz de conta que não lhe perguntei.

– Não... Já que você perguntou, vou te responder. Se por uma grande infelicidade meu casamento acabar... vou ter que começar de novo, né?... Não quero ficar sozinha. Então, terei que ir atrás de outro homem.

Caio ficou olhando.

– E olha que eu já desaprendi a paquerar. Depois de tanto tempo convivendo com o mesmo homem, já esqueci o jogo da sedução. Tenho que fazer um curso pra aprender de novo.

Ele deu uma gargalhada.

– É verdade, meu caro!

– Fala sério.

– Entre namoro, noivado e casamento, tô com meu marido há praticamente dez anos. E são quase dez anos de fidelidade! É uma vida! Nem sei o que é a boca de outro homem. Então, imagine o que é pra uma mulher da minha idade começar tudo de novo. Não é fácil voltar a ser solteira depois de tanto tempo. E ainda mais agora, prestes a fazer trinta e cinco... Tem muito homem que não quer!

– Que é isso, Mariana! Não exagere!

– Não tô exagerando. Pergunte pras mulheres.

Ele riu de novo.

– Você tá rindo porque os homens não passam por isso. Homem careca ou grisalho fica charmoso. Agora vai uma mulher ficar grisalha... Envelhece uns quinze anos! Ninguém quer.

– Mas você nem tá grisalha.

– Grisalha mesmo ainda não estou, mas o que você acha que essas luzes aqui escondem? – perguntou, pegando no cabelo.

– Escondem o quê?

– Deixa pra lá.

– As mulheres da sua idade são uma graça. Vivem se achando velhas, e olha que ainda nem chegaram aos quarenta.

– É a vida, meu querido.

– Você sabe como se mata uma mulher de trinta e poucos anos?

– Eita... Lá vem...

– Diz que ela tá ficando uma coroa enxuta. Se ela não morrer de enfarte

na hora, depois se suicida.

Mariana mordeu os lábios segurando o riso.

– Ai, meu Deus, se um homem me chamasse de coroa enxuta... Nem sei o que eu faria com ele...

– Mas você é muito bonita! Não teria dificuldade pra encontrar outro homem.

– Deus te ouça! – disse ela olhando pro céu.

Ele riu.

– Mas veja bem, Caio! Apesar da crise que tô passando no meu casamento, amo meu marido e, se depender de mim, fico com ele até o fim da minha vida. Quero que ele seja o pai do meu filho. Ou dos meus filhos, se vier mais de um! Nenhuma mulher se casa achando que um dia vai se separar. Mas se acontecer, o que se pode fazer, né? Nada.

Ele ficou sério.

– E você? – indagou ela, olhando com firmeza.

– Eu o quê?

– Tá só perguntando de mim e não fala nada de si.

– O que você quer saber?

– Como vai arranjar uma namorada se tá tão ocupado em salvar o abrigo?

– Na verdade só poderei me preocupar comigo depois disso. A minha prioridade é salvar aquelas crianças. Você sabe disso.

– Mas precisa ser uma coisa ou outra? Será que não dá pra investir nas duas ao mesmo tempo?

– É... Vamos ver... Não depende de mim...

– Depende, sim. Não esqueça que você já perdeu uma bela mulher por causa dos seus excessos profissionais.

– Nunca vou esquecer.

– Não tá com saudade dela?

– Você adora perguntar isso.

– Tá ou não tá?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Agora, não mais.
- Vou ficar torcendo pra você arranjar uma mulher interessante.

•

Assim que chegaram nas ruas de Pindamonhangaba, Caio lembrou:

- Aqui será o nosso último pernoite!

Os dois pararam e esperaram Igor e Gisele se aproximarem. Seguiram juntos e, logo em seguida, passaram pela Praça Cornélio Lessa, no Bosque da Princesa. Dois quilômetros depois chegaram na pousada. Todos se encaminhavam para os quartos, quando Caio segurou Mariana pelo braço.

- Preciso conversar com você mais tarde.
- O que é?
- Na hora eu te falo.
- Caio, tô tão cansada. É algo importante?
- Sim!
- Mas o que é?
- Preciso de uns conselhos amorosos.
- Conselhos amorosos? – Ela riu assustada. – Quem sou eu pra te dar conselhos amorosos?
- Bem, você é uma mulher experiente...
- E eu sou a única mulher experiente que você conhece?
- Não, mas é a que está mais perto!
- Ah, Caio, tô tão cansada...
- Não tô te chamando pra caminhar! Apenas quero uns conselhos.
- Por que não pediu esses conselhos quando a gente tava na trilha?
- É que só lembrei agora.
- Então, fala logo que te respondo agora mesmo. – E virou-se para uma cadeira.
- Não! Vamos tomar banho! Tá todo mundo suado. Eu te aguardo mais

PERIGOSAS ACHERON

tarde!

– Ai, meu Deus... Tá bom.

Ela foi em direção ao quarto, mas antes de entrar ainda escutou:

– Por favor, não falte! Essa é a nossa última noite no Caminho da Fé.

•

Mariana demorou bastante para retornar à sala. Quando chegou, encontrou Igor e Gisele conversando com Caio. Ele abriu um longo sorriso quando a viu banhada e cheirosa. Não conseguiu disfarçar o encantamento e grudou os olhos nela. Gisele percebeu e cutucou discretamente o marido. Igor baixou a cabeça. Era visível o constrangimento dos dois por estarem presenciando o assédio à esposa de um grande amigo. E o pior é que eles tinham prometido tomar conta dela. Mas, àquela altura, Igor e Gisele não tinham certeza do que se passava com Mariana. O que fazer? Afinal, ela era uma mulher adulta e deveria saber o que seria melhor pra si. Conversaram amenidades por mais de uma hora e depois se recolheram.

Caio e Mariana ainda tinham a companhia de outros hóspedes. Alguns ainda estavam por ali batendo papo e puxavam assunto. Outros saíam e voltavam. Ele perguntou se ela não queria fazer o mesmo. Mariana disse que não, que estava muito cansada. E, como ainda havia muita gente passando por ali, não dava pra ele conversar o que queria com ela.

A sala foi ficando vazia aos poucos. Por volta das dez, os dois finalmente ficaram a sós. Caio deu uma olhada ao redor e viu apenas o recepcionista assistindo à televisão. Mas, de onde ele estava, não dava pra vê-los sentados no sofá. Sentiu o ambiente mais tranquilo, apesar de saber que a qualquer momento alguém poderia chegar ou sair dos quartos. A conversa foi uma continuação do papo que rolara durante o dia.

– Fiquei pensando no que você me falou sobre ter desaprendido a paquerar.

– Você não me chamou aqui pra me ensinar, não foi? – perguntou ela, rindo.

– Não, claro que não. É que achei engraçado.

– Você me disse que queria uns conselhos amorosos.

– É verdade.

– Então, vamos lá! O que você quer saber? Como conquistar uma mulher?

– Mais ou menos – Ele também riu e ficou olhando nos olhos dela. Mariana afastou-se um pouco.

– Vamos, Caio, pergunta logo o que você quer. Tô muito cansada e quero dormir cedo. Amanhã é mais um dia de caminhada.

Caio ficou apenas olhando. Ela perdeu a paciência e fez o movimento de se levantar. Ele a conteve delicadamente com o braço. Mariana ficou olhando sem entender o que ele queria finalmente. Caio aproveitou e pegou na mão esquerda dela. Ficou acariciando sem parar de olhá-la. Ela deixou. Gostou daquela carícia masculina, ainda mais depois de tanto tempo sem homem. Mas gostou mais do que devia. Os dois continuaram se olhando sem se falar. Estavam tão perto que podiam sentir a respiração e o cheiro um do outro. Era um momento de intimidade totalmente inadequado a uma mulher casada. Quem os visse daquele jeito pensaria que eram namorados. Caio, com certeza, estava se sentindo assim. Da parte dela era apenas um momento de fraqueza e solidão.

– O que você quer comigo?

Ele não respondeu. Mas, lentamente, ergueu sua mão e começou a acariciar o rosto dela. Mariana, mais uma vez, gostou e deixou. Ela mesma não estava se reconhecendo. Nunca estivera num momento tão íntimo com outro homem desde que conheceu o Paulo. Sem perceber, deixou-se ficar numa situação em que estimulava uma iniciativa masculina. Caio continuou com as carícias. Ora se concentrava no rosto, ora nos cabelos. Nenhum dos dois falava nada. Olhavam nos olhos, desciam pra boca, voltavam pros olhos... Não era só a carência dos dois que explicava aquilo. Ambos estavam hipnotizados um com

o outro. Eram duas pessoas muito bonitas e, naquele momento... sozinhas! Mariana estava imóvel. Queria ter forças para empurrá-lo, mas não conseguia. Olhou pros lábios dele e gostou da barba por fazer ao redor. Ficou imaginando como seria o beijo. Caio percebeu a fraqueza. Era a sua grande oportunidade. Começou a aproximar seu rosto... mais... mais... e mais... quando estava quase... sentiu a mão dela sobre seus lábios...

– Sou casada! – E levantou-se de supetão para o quarto.

Capítulo 35

CAIO PASSOU A NOITE praticamente sem dormir. Ficou quase o tempo inteiro pensando na besteira que fizera. Precisava falar urgentemente com Mariana e pedir perdão. Chegou cedo ao café da manhã e ficou esperando os três. Pensou no que Mariana poderia estar achando dele. *Um homem atrevido? Um homem metido a conquistador? Um homem...* Tudo se passava pela sua cabeça.

Torceu para que ela fosse a primeira a chegar, porque assim poderia pedir desculpas sem chamar atenção. Mas, tomou seu café, comeu uma fruta e nada. Nenhum dos três aparecia. Olhou no relógio para checar se tinha chegado cedo demais, mas não... Já era pra eles estarem ali. Como não podia fazer outra coisa a não ser esperar, serviu-se de mais uma xícara de café e ficou elaborando o discurso que faria para pedir perdão.

Mais meia hora e nada deles aparecerem.

Caio ficou encucado. Pensou em ir até os seus quartos e bater nas portas. Chegou a se levantar, mas o bom senso lhe fez desistir. Achou melhor pedir ao recepcionista para ir até lá ver o que estava acontecendo. Assim o fez... Mas quase caiu para trás quando escutou a resposta.

– Eles já foram embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

– O quê?

– Sim, já foram. De manhã bem cedo.

– Você não tá confundindo com outros hóspedes? Tô falando daqueles três que chegaram comigo ontem!

– Sim, eles mesmos. Já saíram. Fecharam as contas e devolveram as chaves.

– Você tem certeza?

O rapaz então pegou as fichas de encerramento das diárias e mostrou apontando os nomes com o dedo.

– Aqui está, ó... foi encerrado um quarto de casal do seu Igor e da dona Gisele, e um quarto de solteiro da dona Mariana. Eles já foram.

Meu Deus!

– Foi há quanto tempo?

– Quase duas horas.

Caio olhou no relógio: eram oito da manhã.

– Não tomaram café?

– Não. Mas cada um levou uma maçã. Parece que estavam muito apressados. Saíram rapidamente. Disseram que precisavam chegar logo à Aparecida.

– Não deixaram nenhum recado?

– Não.

– Tem certeza?

– Absoluta! Eles não me falaram nada.

– Nem com o outro funcionário?

– Moço, quando eles se levantaram eu estava sozinho aqui na pousada. O outro funcionário acabou de chegar.

– Será que não deixaram algum bilhete no quarto?

– Pra quem? Pro senhor?

– Sim!

– Por que deixariam lá e não aqui comigo?

PERIGOSAS ACHERON

- É... Tem razão... Por que você não pediu pra eles me aguardarem?
- Eu pedir isso?... Moço!...
- Podia pelo menos ter dito que tava cedo demais pra sair.
- Moço, por favor!

Mariana contou pra eles! Tá todo mundo puto comigo!

Caio fechou sua conta com o recepcionista, foi pegar sua mochila, carimbou a credencial e... saiu voando de Pindamonhangaba! A primeira coisa que pensou foi na distância que os separavam: duas horas. Mas dava pra alcançar! Seu bom preparo físico possibilitava isso.

O trajeto até Aparecida é quase todo em rodovia, com bastante sol. O visual é essencialmente urbano, com muito barulho de carro. Mas, ao longo do trecho, presencia-se a chegada de muitos peregrinos, que chamam a atenção com suas mochilas e cajados. E eles sempre passam cumprimentando ou dando palavras de apoio. Os que não querem chegar cansados e suados na basílica, podem optar pelo pernoite nas pousadas que ficam três quilômetros antes. No entanto, o desejo de estar lá é tão forte que a grande maioria passa direto.

•

Mariana, Igor e Gisele estavam bem adiantados. Ela não tirava da cabeça o que Caio tinha feito na noite anterior. *O que será que esse cara tá pensando de mim?... Que traio meu marido?... Era só o que faltava... Já imaginou se o Paulo fica sabendo disso?... Ainda bem que não aconteceu nada!... Será que ele tá achando que tem alguma chance comigo?... Coitado!... Não quero mais ver esse cara de jeito nenhum!... Sou casada, meu filho!... Procure outra!...*

A ideia de sair antes de Caio, claro, foi dela. Após a tentativa do beijo, ela foi para o quarto com a cabeça cheia de marimbondos. Estava muito confusa sobre si mesma. Chorou sentindo a falta do marido. Ligou pra ele aos prantos dizendo que estava com muita saudade. Ele correspondeu e foi carinhoso. Combinaram a hora de ele buscá-la na rodoviária. Ela sentiu-se bem melhor.

Depois, foi até o quarto de Igor e Gisele e contou tudo o que havia acontecido. Mas contou numa perspectiva que a favorecia. Em nenhum momento falou que estava carente e que tinha dado liberdade demais. E propôs que saíssem mais cedo a fim de se livrarem daquele maldito rapaz. Os dois concordaram, afinal não fazia sentido continuar na companhia de um sujeito que não tinha respeitado a amiga casada. E, depois, também eram amigos do marido dela. No entanto, assim que Mariana saiu do quarto, o casal se olhou como quem diz “*eu sabia!*”. Apesar de terem escutado com atenção a versão da amiga, eles tinham consciência de que ela tinha uma boa parcela de culpa no que tinha acontecido.

Igor e Gisele caminhavam ao lado de Mariana sem tocar no assunto. Se ela quisesse conversar sobre o ocorrido, ela mesma que iniciasse. Mas Mariana ignorava, apenas comentava o que via de interessante pela frente. Estava louca para chegar à Aparecida, depositar a sua promessa e voltar pra casa. O que ela mais queria naquele momento era rever o marido.

•

O ritmo de Caio seguia forte. Suas passadas eram largas. *Será que ela vai contar pro marido?... Meu Deus!... Será que ele vai me procurar?... Não dei meu endereço, mas eles sabem que tenho um abrigo em Lajeado... Não seria difícil me achar... Mas peraí... Vai contar o quê?... Não tive nada com ela!... Será que vai inventar algo que não aconteceu?... Droga!... Se não tivesse feito a besteira que fiz não estaria passando por isso... Pra quê tanta pressa, meu Deus?... O casamento dela vai já acabar...*

•

Os três chegaram a um pequeno bar por volta das dez da manhã e pararam por uns quinze minutos para descansar. Era quase a metade do caminho. Mariana, Igor e Gisele praticamente não tinham conversado até ali. Mas uma coisa não saía da cabeça deles: Caio. Todos sentiam isso, mas

ninguém falava nada. Mariana ainda tentou disfarçar.

- O que será que o Paulo tá fazendo numa hora dessas?
- Liga pra ele – sugeriu Gisele.
- Não... É só curiosidade boba...
- Se fosse boba você não tava perguntando.
- É só bobagem.
- Ele vai te pegar na rodoviária?
- Vai.
- E aí, preparada pra reencontrar o amor?
- Claro! Tô morrendo de saudade!
- Também tô morrendo de saudade dos meus filhos. Não vejo a hora de sentir o cheirinho deles.

•

A falta de companhia naquele trajeto fez Caio sentir muito a falta dos três. Ele já tinha se acostumado com a presença deles, afinal eram pessoas bem agradáveis. Lembrou do momento em que viu Mariana pela primeira vez. Ela lhe fizera esquecer a ex-noiva. E olha que ele havia passado quase toda a primeira parte do Caminho lamentando a perda da mulher da sua vida! E começou a comparar as duas. Tinham mais de trinta anos... bonitas... bom papo... Mas Mariana era muito mais bem-sucedida financeiramente. *Será que foi por causa disso?... Não!... Nunca busquei isso em mulher nenhuma... Mas o que foi, então?... Boa pergunta... Tem coisas que ninguém consegue explicar...*

•

Uma dupla de ciclistas se aproximava. Ao verem os cajados, emparelharam para trocar algumas palavras.

- Boa tarde, peregrinos.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Boa tarde! – respondeu o trio sem parar de andar.
 - Começamos em Águas da Prata, e vocês?
 - Em Mococa – respondeu Igor.
 - Essa é a nossa segunda vez no Caminho da Fé.
 - É a nossa primeira – continuou ele. – Mas acho que um dia faremos novamente, partindo de outro ponto.
 - Vão depositar alguma promessa ou só assistir à missa?
 - Depositar promessa e assistir à missa! Somos devotos de Nossa Senhora Aparecida.
 - Nós também!... Foi um prazer! – finalizou o ciclista, apressando-se. – Quem sabe nos veremos na basílica.
 - Sim! Até lá. Foi um prazer! – despediu-se Igor.
- Gisele e Mariana deram tchauzinhos.

•

A passagem de Caio pelo mesmo bar onde os três haviam parado foi rapidíssima. Ele nem se animou a conversar com os vários peregrinos que estavam ali. Apenas tomou água e trocou umas palavrinhas com a balconista.

– Você sabe informar se um casal passou por aqui acompanhado de uma mulher muito bonita?

– Ih, meu senhor... tanta gente passa por aqui.

– Deve ter sido há pouco mais de uma hora.

– Não sei... Hoje o movimento foi grande aqui.

Ele teimosamente ainda deu as características físicas dos três. Mas não havia nada que se destacasse.

– Não lembro.

– Tá bom... Obrigado.

E saiu com suas passadas largas. O forte toc-toc do seu cajado no asfalto do acostamento chamava a atenção. Ele pouco se importava com quem olhava.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhava na direção do seu nariz. Tinha a certeza de que iria reencontrá-los, provavelmente pouco antes da missa. Pensou em qual seria a reação deles ao lhe verem novamente. *Vão fazer de conta que não me conhecem?... Ou vão me cumprimentar e dar alguma desculpa sem graça?... Uma coisa é certa: estão muito chateados comigo!... Como faço?... Apenas apareço na frente ou chego dizendo alguma coisa?... Faz diferença?... Sei lá!... Na hora eu vejo...*

Seu ritmo de caminhada era tão intenso que já estava alcançando dois peregrinos que tinham saído da pousada cerca de uma hora antes dele. Ele passou rápido pela dupla sem falar nada. Mas eles o saudaram.

– Boa viagem, companheiro!

– Boa viagem, amigos! – respondeu virando-se rapidamente. – Desculpe não parar. É que estou com um pouco de pressa.

– Tudo bem. Vá com Deus!

– Vocês também! Obrigado!

•

Mariana, Igor e Gisele fizeram uma curva e...

– Senhoras, vejam!

– É liiiiiinda! – elogiou Gisele.

– Geeeeeeeente, que emoção! – exclamou Mariana. – Obrigada, meu Deus!

A Basílica de Nossa Senhora Aparecida surgiu lá na frente! Os três já a conheciam. Já tinham visitado antes. Mas chegar até lá depois de fazer o Caminho da Fé é uma sensação inigualável. Só fazendo pra saber como é.

A basílica é gigantesca e emocionante com a sua aura de religiosidade. Tem capacidade para 45 mil fiéis. Por ano, é visitada por mais de 10 milhões de pessoas. É o maior santuário mariano do mundo e o segundo maior templo católico do planeta, perdendo apenas para a Basílica de São Pedro, no Vaticano. O seu ponto mais alto, a torre, mede 100 metros de altura, com 18 andares. No

topo há um mirante que proporciona uma linda visão para o Vale do Paraíba.

O lugar mais visitado é o nicho onde está a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a santa de maior devoção no Brasil. A imagem mede 40 centímetros e pesa 2,7 quilos. É feita de terracota (argila cozida em forno). A coroa de ouro cravejada de diamantes e o manto azul foram ofertados pela Princesa Isabel, em 1888, como pagamento de uma promessa. Como a devoção se expandiu por todo o País, a santa foi proclamada padroeira do Brasil, em 1930, por decreto do Papa Pio XI. E, em 1980, o governo brasileiro estabeleceu o dia 12 de outubro como o seu dia oficial, decretando-o feriado nacional.

Em maio de 1978, a imagem sofreu um atentado, quando um jovem tentou roubá-la. Após quebrar o vidro do nicho, ele a pegou para levá-la consigo, mas na fuga a deixou cair quebrando em 165 pedaços. Felizmente, ela pôde ser restaurada. O serviço foi feito pela artista plástica Maria Helena Chartuni, que na época chefiava o departamento de restauração do Masp (Museu de Arte de São Paulo). O atentado gerou grande comoção nacional e despertou ainda mais o interesse pela história de Nossa Senhora Aparecida no Brasil.

História que começou na segunda quinzena de outubro de 1717. Foi quando Dom Pedro de Almeida, o Conde de Assumar, então governante da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, estava de passagem pela cidade de Guaratinguetá, no interior de São Paulo. Ele fazia uma viagem até Vila Rica, hoje Ouro Preto, no estado de Minas Gerais. A câmara municipal de Guaratinguetá decidiu dar uma festa em homenagem à passagem de Dom Pedro. Assim, convocou três pescadores experientes para buscarem no Rio Paraíba uma refeição para impressionar o conde. Eram eles: Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves.

No entanto, não era época de peixes, e por várias vezes eles recolheram suas redes sem nada. Já estavam para desistir quando tomaram a decisão de descer o Rio Paraíba até o Porto de Itaguaçu. Lá, o pescador João Alves voltou a jogar a sua rede. Novamente, ele a recolheu sem peixes, mas trazendo um

objeto inusitado: uma imagem de Nossa Senhora sem a cabeça! Ele continuou tentando... Ao jogar a rede mais vez, recolheu-a novamente sem peixes, mas, de forma surpreendente, trazendo a cabeça da imagem! Os pescadores, então, enrolaram as duas partes num lenço. E, a partir daí, aconteceu algo só explicado de forma divina: eles jogavam as redes e as recolhiam cheias de peixes. Esse foi o primeiro milagre atribuído à imagem.

Posteriormente, os pescadores uniram as duas partes e a guardaram num oratório na casa de um deles, Felipe Pedroso. Durante quinze anos a residência recebeu a visita de inúmeras pessoas para fazer orações. Com o aumento da devoção o espaço se tornou pequeno e a família decidiu construir um oratório no Porto de Itaguaçu. No entanto, ele também logo se tornaria pequeno. Assim, em 1734, o vigário de Guaratinguetá construiu uma capela no alto do Morro dos Coqueiros.

Com o tempo, o número de devotos aumentou ainda mais e, um século depois, em 1834, foi construída uma igreja maior, que hoje é conhecida como “basílica velha”. Aos poucos, a população começou a construir casas para morar no entorno da igreja. Isso deu origem a uma vila e, posteriormente, à cidade de Aparecida, que foi oficialmente fundada em 1928.

A atual basílica começou a ser construída em 1955, em forma de cruz grega, com quatro entradas imensas e um altar central que pode ser visto de qualquer lugar do templo. Em 1980, ela foi consagrada santuário nacional pelo Papa João Paulo II. Atualmente, a basílica nova e a velha estão interligadas através de uma passagem conhecida como “passarela da fé”. Nela, é comum alguns fiéis pagarem promessas fazendo o trajeto de joelhos.

•

Um grupo de três ciclistas encosta em Caio. Sua caminhada mais parecia um trote. Um deles o saúda.

– Olá, peregrino! Está com pressa pra chegar à basílica?

– Sim, uns amigos estão me esperando lá – respondeu ele, sorridente.
– Você tá indo mais rápido que alguns ciclistas. Caminhando desse jeito vai ficar com bolhas nos pés.

– Não, tô acostumado... Vocês são de São Paulo?

– Sim.

– Como vão voltar? Também de bicicleta?

– Não, temos um carro de apoio que está em Aparecida.

– Ah, sim.

Um caminhão passou fazendo barulho.

– Boa viagem, peregrino! – desejou o ciclista.

– Boa viagem pra todos nós!

Logo depois passou uma moto e Caio lembrou que já teve uma. Foi o seu primeiro transporte na vida. Ficou com saudade das duas rodas.

•

A imagem da basílica no horizonte estava emocionando os três. Mas eram emoções diferentes. Enquanto Igor e Gisele faziam comentários exaltando a construção, Mariana ficou pensando na alegria que teria quando soubesse que estava grávida. Fechou os olhos e passou a mão sobre a barriga imaginando-se com seis, sete, oito, nove meses... *Como seria bom ter alguém aqui dentro!... Menino ou menina?... A essa altura não tenho direito de escolher nada!... Que venha com saúde!... Por que tá demorando tanto, Mãe?... Por quê?... Será que a Senhora pode me explicar?... Tanta mulher que não tem onde cair morta tendo um monte de filhos... E eu sem conseguir nenhum... Mas tudo isso vai mudar!... Tenho fé na Senhora que vai mudar!... Eu não mereço tá passando por isso!...*

Ou mereço?...

•

Ao passar por um grupo de meninos jogando bola num campinho de terra ao lado da pista, Caio imediatamente lembrou do abrigo. Sentiu saudade. *Como será que estão?* Lembrou que prometera levar bombons para as crianças. Não podia esquecer. Ficou pensando se no tempo que estivera fora algum menino de rua havia batido na porta querendo entrar. *Espero que Camila e Aurora tenham permitido. Eu jamais daria “não” para uma criança daquelas.*

•

Mariana, Igor e Gisele chegaram na basílica. Pararam em frente a uma das entradas e ficaram admirando a grande movimentação dos fiéis. Estava lotada, mês de julho. Ainda faltava uma hora para iniciar a missa das quatro. Os três aproveitaram para tirar fotos no meio da multidão tendo a basílica ao fundo. Depois, sentaram-se nos degraus para dar uma boa descansada. Rapidamente traçaram um roteiro. O primeiro programa seria visitar a Capela das Velas, onde acenderiam algumas para demonstrar sua devoção a Nossa Senhora Aparecida. Em seguida, a missa. Logo após, iriam visitar o nicho onde fica a imagem e, depois, a Sala das Promessas no subsolo. Lá, iriam depositar aquilo que traziam de mais importante e que era o motivo de estarem ali. E, finalizando, pegariam o Certificado de Peregrino Mariano na secretaria da basílica, entregando suas credenciais com todos os carimbos do Caminho da Fé. E, no começo da noite, voltariam de ônibus para São Paulo.

•

Caio continuava andando rápido. Fez uma curva e... avistou a basílica! Parou por alguns segundos, sorriu e suspirou. *Mariana, tô chegando!* Teve a certeza que estaria lá pouco antes da missa. Prosseguiu na mesma velocidade, apesar de muito cansado. Seu cajado continuava batendo no chão num toc-toc acelerado. Mas sentiu alguma coisa e parou! Ficou pensativo. *Meu Deus, o que tá acontecendo comigo?... Eu vim aqui pra depositar minha promessa e salvar*

o abrigo!... Não vim pra conhecer nenhuma mulher!... Não faz sentido!... Será que tô tão carente assim?... Mal conheço ela!... Bateu algumas vezes com a palma da mão na testa reprovando o que estava fazendo. Ficou pensando, pensando e pensando... *Mas preciso me desculpar!... Preciso falar com ela!...* E voltou a andar acelerando o passo.

•

Igor, Gisele e Mariana chegaram à Capela das Velas e se emocionaram com o espetáculo de luz. Eram milhares delas e de todos os tamanhos. As maiores, com mais de um metro, são acesas bem próximas das paredes laterais. As menores, mais tradicionais, ficam numa plataforma no centro da sala. No local há um exaustor que retira a fumaça e o cheiro da parafina. Os três acenderam suas velas na parte central, fizeram o sinal da cruz e rezaram um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria*. Ficaram algum tempo num momento de introspecção. Depois saíram pra assistir à missa.

•

Caio finalmente chegou à basílica. Sorriu e fez o sinal da cruz. Ficou apreciando aquela imensa quantidade de gente. *A maior parte é de catopíritas!* Como ainda faltavam uns trinta minutos para começar a missa, aproveitou pra descansar um pouco sentado numa mureta. Depois, subiu os degraus da entrada. Encontrar os três ali não seria fácil. Ele andou bastante olhando pra tudo quanto é lado. Viu gente de todo o tipo, mas não viu o trio. *Mãe, me mostra onde eles estão.* Procurou mais um pouco. Nada. Depois de muitas idas e vindas, teve que interromper a busca porque a missa estava prestes a iniciar.

Mariana, Igor e Gisele entraram no meio da multidão e se sentaram pouco depois da metade da fileira de bancos. Rapidamente, todos os assentos foram ocupados. A partir dali, quem chegasse teria que assistir de pé. E foi o que aconteceu. Em poucos segundos as laterais também ficaram lotadas. Mas todos

poderiam acompanhar sem problemas porque o altar foi planejado para ser visto de qualquer lugar das quatro entradas. Além disso, as missas eram filmadas e exibidas em monitores espalhados por toda a basílica.

O padre estava se posicionando.

Caio parou numa das entradas. Estava atrás de todo mundo. Tentou avançar mais um pouco. Foi difícil, mas conseguiu. Ficou ao lado do último banco. Estava apertado, mas o ambiente da basílica lhe dava uma grande sensação de paz. Agradeceu por estar ali. Deu uma olhada geral no público que assistia. *Que lindo!* Virou o pescoço pra lá e pra cá procurando os três. Sem efeito. Voltou a se concentrar no padre. De repente, algumas pessoas se movimentaram e surgiu uma brecha bem à frente. Através dela viu algo que lhe chamou atenção: três cajados deitados no chão. *Três?* Ficou desconfiado. Os donos deveriam estar do lado. Ficou na ponta dos pés tentando visualizar... Seu coração disparou!

Reconheceu as três cabeças... Lá estavam Mariana, Igor e Gisele, uns dez metros à frente. Ele sorriu como uma criança e seus olhos se encheram. E tudo o que vivenciara ao lado de Mariana passou rapidamente pela sua cabeça. Teve a sensação de que a conhecia há muito tempo. Mas ela só surgira na sua vida há poucos dias. Então, por que toda aquela emoção com uma mulher que acabara de conhecer? Ele não entendia. E talvez nunca entendesse. Pensou em gritar por ela, mas teve que se conter, porque o padre dirigiu-se aos fiéis fazendo o sinal da cruz: *“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”*

Capítulo 36

QUANDO A MISSA ACABOU, Mariana, Igor e Gisele saíram no meio da multidão. Caio acompanhou de onde estava sem se mexer. Não dava para ser visto porque havia uma barreira humana entre eles. Esperou passarem para

segui-los. A abordagem teria que ser feita num lugar mais tranquilo. Os três dobraram à direita, em direção ao nicho onde está a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Era tanta gente que parecia que o mundo inteiro estava indo pra lá. Pouco depois, entraram numa das filas para passar em frente à santa. Caio entrou noutra.

De pouquinho em pouquinho, todos foram se aproximando da imagem. Quando chegaram exatamente em frente, fizeram o sinal da cruz e suplicaram suas preces sem parar de andar, afinal todos atrás também queriam fazer o mesmo. Depois desceram a rampa e se encaminharam ao subsolo. Estavam indo para a Sala das Promessas! *Vou falar com eles assim que chegar lá.*

Mas, apesar de determinado, Caio estava com vergonha de encontrá-los. Nem parecia que tinha passado quase dez dias caminhando ao lado deles. O seu constrangimento era por saber que provavelmente ela teria contado tudo para os amigos. *Será que é melhor apenas aparecer na frente pra ver como reagem?*

O trio entrou no vão que dá acesso à sala. Caio, alguns segundos depois. Nele, há uma série de quadros que mostram como os três pescadores encontraram a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A sala é o segundo lugar mais visitado da basílica. Em todas as partes estão expostos objetos trazidos pelos fiéis que representam a materialização dos seus agradecimentos por uma graça alcançada ou por uma promessa feita à santa. Esses objetos podem ser reais ou uma imitação feita de madeira, gesso, barro, tecido ou cera.

Pessoas que pedem alguma graça ou se curam de algum problema de saúde levam imitações da parte atingida do corpo humano. Por isso são bastante comuns a exposição de peças que imitam pernas, braços, mãos, cabeças, fígados, corações *etc.* Outro bom exemplo são os copos e garrafas levados pelos que se curaram, ou que querem se curar do alcoolismo. Há ainda bolas, chuteiras e camisas de clubes entregues por torcedores pedindo ou agradecendo um título. Também são muitas as fotos, placas e cartas contando milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida.

No centro da sala, há um local específico com imagens da santa onde os

fiéis podem fazer orações e depositar nas urnas as suas mensagens de agradecimento ou de pedido de uma alguma graça. Era ali onde eles iriam depositar suas promessas.

Mariana, Igor e Gisele se aproximaram. Chegaram, fizeram o sinal da cruz e começaram a orar. Caio ficou olhando à distância. Viu quando terminaram de rezar e retiraram os papéis do bolso. Decidiu se aproximar. Também pegou o seu e caminhou até eles. Quando estava a três passos, parou e falou em voz alta exibindo o papel dobrado: – A gente tinha combinado de depositar juntos!

Os três se viraram. Os queixos caíram. Ficaram sem ação por uns dez segundos. Ora olhavam para Caio, ora para o papel que estava na sua mão erguida. Não sabiam o que dizer. Ele gostou de ser o responsável por aquela surpresa e sorriu. Repetiu a mesma frase, mas dessa vez com um tom de voz meloso, como quem cobra a falta de carinho dos amigos.

– A gente tinha combinado de depositar juntos...

Mariana olhou para Igor... que olhou para Gisele... que olhou para Mariana... Eles não sabiam onde enfiar a cara. O silêncio era constrangedor. Era quase uma punição por terem cometido a falta de educação de terem saído sem ao menos se despedir. Caio sentiu a importância daquele silêncio e não o quebrou. Igor e Gisele viraram-se para Mariana. Ela captou a mensagem e deu uma das desculpas mais sem graça da sua vida.

– Você ainda tava dormindo.

– Me enrola que eu tô com frio!

Mais silêncio. Ele continuou.

– Deixa pra lá! O importante é que estamos juntos novamente pra depositar nossas promessas.

– É... – concordou Igor, finalmente falando alguma coisa.

– Seja bem-vindo, Caio – disse uma envergonhada Gisele. – Chegou agora?

– Não. Cheguei bem na hora da missa. Tava poucos metros atrás de

vocês.

Eles se olharam.

– A missa foi linda – desviou Mariana.

– Sim, foi. Eu adorei – concordou Caio.

– É sua promessa? – perguntou Igor, apontando pra mão dele.

– Sim! – disse olhando pro seu papel e depois pra imagem de Nossa Senhora Aparecida que estava bem à frente. – Ela é a minha última esperança.

– Pra nós também – falou Mariana.

Enquanto olhava para a imagem, Caio balançou a mão e mordeu o lábio inferior. *Tem que dar certo!* E sem que ninguém tivesse perguntado finalmente falou da sua promessa.

– Se Nossa Senhora Aparecida salvar o meu abrigo, prometo fundar uma escola de informática com o nome dela. Será uma escola gratuita voltada para adolescentes carentes a partir dos quinze anos.

Mariana, Igor e Gisele se olharam num misto de surpresa e admiração. A promessa de Caio era um projeto de grande magnitude.

– Parabéns pelo projeto! – elogiou Igor. – Espero mesmo que ele se realize. Por favor, nos convide para a inauguração. Já estou vendo até a placa na frente: *Escola de Informática Nossa Senhora Aparecida*.

– Obrigado. Vou convidar todos vocês. Mas não vale faltar!

Ele fez o sinal da cruz com o papel dobrado na mão, beijou e depositou na urna.

– Vai dar certo! – disse Mariana. Igor e Gisele balançaram a cabeça, concordando.

– Vai! – Caio ficou pensativo olhando para a urna, apoiado com as duas mãos em cima. Ficou alguns segundos assim. Os outros respeitaram aquele momento de introspecção. Depois, ele virou-se.

– E vocês? A urna os espera.

Igor tomou a frente.

– Se eu conseguir a promoção no meu emprego, virei visitar a basílica

todos os anos. – E depositou o papel. Ele e Gisele fizeram o sinal da cruz. Mariana sorriu. Caio ficou sério.

– É a mesma promessa que a minha! – disse ela. – Se eu conseguir engravidar e tiver um filho, eu e meu marido viremos todos os anos à basílica, sempre na data de aniversário dele, até ele completar 18 anos. – Mariana fez o sinal da cruz e também depositou.

– Missão cumprida! – disse Gisele. – Agora é só aguardar.

Os três ficaram sorridentes. Caio não.

– O que foi? – perguntou Igor para ele.

– Desculpem a intromissão. Mas não gosto desse tipo de promessa.

– Como assim? – quis saber Igor.

– Não gosto desse tipo de promessa.

– Ninguém deve fazer uma promessa pra agradar os outros! – disse Mariana contraindo a testa.

– Claro! – acompanhou Gisele. – Uma promessa só diz respeito a quem faz e ao santo de devoção.

– Por que você não gosta desse tipo de promessa? – continuou Igor.

– Quando vocês prometem vir aqui todos os anos estão demonstrando sua devoção...

– Sim! – afirmaram os três ao mesmo tempo.

– E isso é ótimo!

– Então?... – Mariana o questionou.

– Mas não estão beneficiando ninguém!... Vocês recebem uma graça e não dão nada ao próximo?... A promessa de vocês seria muito mais interessante se acrescentassem a doação de alguma coisa ou a prestação de algum serviço em algum lugar. Se alguém conquista um benefício, precisa retribuir a quem precisa de ajuda. Pra mim uma promessa só faz sentido se for feita dessa forma. Essa é a minha opinião.

Igor continuou com cara de dúvida. Já as duas...

– Vamos na secretaria da basílica! – chamou Mariana. – Vamos pegar o

certificado de conclusão!

– Vamos! – concordou Gisele imediatamente.

Igor ficou imóvel, mas elas o puxaram. Caio sentiu que ficaria sozinho.

– Posso acompanhá-los? Também tenho que pegar meu certificado.

As duas o ignoraram, mas Igor olhou para trás e respondeu:

– Sim.

Ele estava visivelmente confuso com as palavras de Caio sobre as promessas, mas caminhou sem falar nada. Aliás, ninguém abriu a boca, com certeza, por causa da presença dele bem atrás. Chegaram na secretaria e apresentaram suas credenciais cheias de carimbos. Cada um recebeu o seu Certificado de Peregrino Mariano com um enorme sorriso de satisfação. Mariana foi a primeira a se manifestar.

– Vou colocar num quadro e pendurar na parede da minha sala de trabalho.

Caio acompanhou querendo despertar alguma simpatia.

– Também vou fazer o mesmo na minha sala no abrigo.

– Colegas, missão cumprida! – disse Igor. – Hora de voltar pra casa.

– Posso voltar com vocês? – pediu Caio.

– Claro! – respondeu Igor. Mariana e Gisele ficaram caladas.

Os quatro foram em direção à saída da basílica. Quando já estavam do lado de fora, olharam para trás e fizeram o sinal da cruz. Foram a pé até a rodoviária, que fica a uns quinze minutos de distância. Estava anoitecendo, mas ainda havia muita gente indo e voltando. A viagem de ônibus até a cidade de São Paulo demoraria duas horas e meia. Os quatro caminharam em silêncio apenas escutando o zunzunzum das conversas paralelas. Caio vinha atrás com Igor e olhava bastante para Mariana. Estava com muita vontade de conversar com ela, mas sabia que não teria mais chance. A não ser que pedisse descaradamente para viajar ao seu lado. Era melhor não! O atrevimento seria grande. Então, àquela altura, a única possibilidade de conversar calmamente e pedir desculpas seria em São Paulo. Teria que procurá-la. *Mas será que ela vai*

me receber?

Chegaram na rodoviária. Lotada. Um vendedor ambulante, ao vê-los com seus cajados, perguntou se não queriam doá-los. Os quatro acharam uma boa ideia e o fizeram. Foram aos guichês e compraram as passagens. Não tiveram que esperar muito porque o ônibus já estava com a porta aberta. Mas Mariana pediu que aguardassem um instante e puxou seu celular para falar com o marido na frente de todos. Precisava informar o horário que chegaria na rodoviária para ser pega por ele.

Falou alegremente. Quem ouviu o papo ficou com a sensação de que estavam felizes da vida. Igor e Gisele se olhavam. Caio ficou de cabeça baixa, percebeu que o teatro era pra ele. No entanto, aquele telefonema lhe lembrou que também precisava ligar para o seu amigo Olavo. Mas ele o fez de maneira discreta, falando baixinho. Recados dados, os dois foram os primeiros a subir. Receberam e deram boa-tarde ao motorista. Mariana sentou-se à frente com Gisele. Caio e Igor logo na fila de trás. Em menos de cinco minutos todos os acentos estavam ocupados. O motorista sentou-se ao volante e fechou a porta.

O veículo partiu. As duas logo iniciaram um bate-papo animado. Caio ficou atrás como ouvinte, porque Igor começou a cochilar. Mariana estava comentando que tinha perdido pelo menos uns cinco quilos, já que suas roupas estavam bem mais folgadas. Quando ela lembrou que o marido estaria lhe esperando na rodoviária, Caio ficou pensando. *Será que eu deveria conhecê-lo?... Não, é melhor não...*

E, sem ter alguém para conversar, também acabou cochilando.

•

Ele despertou com Igor batendo no seu braço.

– Chegamos, companheiro!

– Hã?

– Chegamos na rodoviária. Hora de descer.

Caio olhou apressado para frente. Pensou que Mariana já tivesse descido. Mas não, ela ainda estava ali, de pé, com Gisele, pegando sua mochila. Os outros passageiros faziam o mesmo. *Será que nunca mais vou vê-la?* Bateu-lhe um desespero. Criou coragem, levantou e pediu: – Mariana, posso falar com você em particular antes da gente descer?

Igor e Gisele olharam pra ela, que olhou de volta. Ficou séria com o pedido, mas respondeu positivamente com um aceno de cabeça. E virou-se para o casal:

– Me aguardem aí fora que desço já.

Igor estendeu a mão para Caio.

– Foi um prazer!

– O prazer foi meu.

– Que o sonho da sua escola de informática se realize.

– O seu também.

Gisele deu-lhe apenas um breve aceno com a mão. Caio deu outro de volta. O casal saiu. Os últimos passageiros foram logo atrás. Ele e Mariana ficaram a sós no ônibus. Os dois estavam de pé segurando suas mochilas. O motorista estranhou e deu um aviso lá da porta.

– Precisamos desembarcar!

– Só um minutinho, por favor! – pediu ela, virando-se. O motorista ficou sem entender, mas desceu os degraus do ônibus.

– O que você quer? Seja rápido! Meu marido tá me esperando.

– Desculpe por aquilo.

Ficaram se encarando.

– Deixa pra lá.

– Eu não sei o que aconteceu comigo. Isso nunca me ocorreu antes. Você deve ser uma mulher muito especial... Eu senti uma grande atração por você desde a hora em que te vi. Nunca tinha ficado desse jeito por causa de uma mulher... Você não percebeu nada?

Mariana lembrou dos olhares que ele lhe deu assim que entrou na

pousada.

– Você tá muito carente, Caio. Precisa de uma namorada.

– Eu sei que não podia ter ignorado que você é casada. Por favor, me perdoe por ter tentado aque...

– Tá perdoado!

Caio escutou o que queria escutar. Aquilo o fez tirar um enorme peso das costas. Ela virou-se pra sair, mas ele a segurou delicadamente pelo braço.

– Espera só mais um pouquinho!

– O que é?

– Pegue o meu cartão. – Ele tirou a carteira do bolso. – Ligue pra mim. Vá conhecer o abrigo. As crianças vão te adorar.

Mariana pegou o cartão, mas nem olhou, nem falou nada. Caio sentiu a indiferença, por isso nem pensou em pedir o dela.

– Tente mudar de ideia sobre o que lhe falei.

– O quê?

– Você pode me abrir muitas portas. Conhece muita gente importante em várias empresas. Basta você ligar e eles me recebem. Tenho certeza que graças a você muitos vão se tornar doadores.

Mariana não falou nada. Ele, então, apelou para o emocional.

– Você tem que dar mais de si para quem precisa!

O motorista voltou a subir os degraus, bateu palmas de alerta e voltou a avisar, dessa vez com voz mais grossa.

– Por favor, precisamos desembarcar!

Eles balançaram a cabeça respondendo que tinham entendido. O motorista fez cara feia, mas desceu novamente os degraus.

– Quando a gente se vê? – perguntou Caio.

Ela fez cara de desentendida.

– Quando a gente se vê?

– Qualquer dia desses.

– Essa data não existe no calendário.

Breve silêncio.

– Mariana, quando a gente se vê?

– Adeus, Caio! – E virou-se para sair.

Ele mais uma vez a segurou pelo braço, agora com mais firmeza. Sentiu o sangue ferver. Detestou ter escutado aquele “adeus”. Isso significava não querer vê-lo nunca mais. E, rapidamente, decidiu se vingar.

– Mariana...

– O que é? – perguntou ela demonstrando impaciência.

Caio olhava nos seus olhos. Ela teve certeza que tentaria beijá-la de novo. Para se defender, afastou-se levemente para trás. Não precisava disso. Ele não iria cometer duas loucuras em tão pouco tempo. Mas queria deixar uma forte lembrança. Então, num gesto rápido, beijou seus dedos como quem vai mandar um beijo para quem está longe, e os pousou na boca de Mariana, pronunciando a única frase que lhe veio naquele momento.

– Um beijo no teu sorriso.

Ela ficou imóvel de susto. Não esperava tamanha ousadia. Sua face ficou vermelha. Ele sentiu-se vingado. Depois do toque nos lábios, Mariana abriu a boca para dizer algo, mas desistiu. Virou-se e saiu rapidamente do ônibus. Lá fora reencontrou Igor e Gisele.

– Vamos!

Assim que passou pela primeira lixeira, jogou fora o cartão de Caio.

Ele desceu do ônibus e ainda viu os três dobrando a caminho do saguão. Achou melhor deixá-los se distanciar. Ficou alguns instantes por ali pensando na cara de susto de Mariana. Riu de satisfação. O motorista do ônibus se aproximou.

– E aí, jovem, brigando com a namorada?

– Acontece...

– Não esquentar. Já passei muito por isso. Ela ainda vai te procurar.

– Tomara! – Bateu no ombro do motorista e foi pegar o metrô.

Capítulo 37

PAULO ESTAVA ESPERANDO Mariana na entrada da rodoviária. Quando a viu de longe, deu um grande sorriso e foi na sua direção. Ela também sorriu. O abraço foi forte.

– Amor, que saudade! – disse ele, gemendo de paixão no pé do ouvido dela e com os olhos fechados. – Eu já não aguentava mais ficar tão longe...

– Eu também, amor! – respondeu Mariana, mas sem a mesma vibração.

Ficaram enganchados um no outro por alguns segundos. Igor e Gisele apenas sorriam enquanto aguardavam o desenlace. Ele ficou pensando... *Nem parece o casal que andou se estranhando nos últimos dias.* Gisele também colocou sua mente pra trabalhar... *Será que é encenação?*

– Como você tá mais magra, amor!

– Acho que perdi uns cinco quilos. Minhas roupas estão folgadas.

– Tá linda!

Finalmente, ele olhou para o casal.

– E aí, ela se comportou direitinho?

– Não deu trabalho em nada – adiantou-se Gisele.

– Que bom! Eu sabia que ela era uma boa menina.

– E você, comportou-se direitinho também? – quis saber Mariana.

– Claaaaaaaro, amor! Foram problemas e mais problemas no trabalho! Mas deu tudo certo. Depois eu conto os detalhes. Vocês não imaginam como foi a minha vida por aqui.

– Eu imagino, sim – disse Igor.

– Vamos pro carro! Venham com a gente que eu deixo vocês em casa.

– Oba! – festejou Gisele.

E foram para o estacionamento. Assim que entraram no veículo e

partiram, Mariana puxou conversa.

– Amor, que pena que você não foi com a gente. O Caminho da Fé é lindo. Pra mim, o momento mais marcante foi quando avistei a basílica de longe.

– Pra mim também – afirmou Gisele.

Igor decretou:

– Com certeza vamos fazer o Caminho novamente, mas partindo de outro ponto. E, dessa vez, Paulo, você terá que vir conosco!

– Nem tenha dúvida disso! Eu faço questão!

– Espero que o seu emprego não volte a atrapalhar – desejou Mariana.

Ele riu e perguntou pelo mais importante.

– E as promessas? Foram depositadas?

– Sim! – responderam os três ao mesmo tempo.

Igor lembrou da coincidência:

– Paulo, fizemos promessas semelhantes pra Nossa Senhora Aparecida.

– Foi mesmo?

– Sim... Nós e vocês prometemos visitar a basílica todos os anos se alcançarmos nossas graças.

– Que legal!

Igor aproveitou e tocou num assunto que não lhe saía da cabeça.

– Paulo... Você acha que as nossas promessas estão simples demais?

– Não entendi – disse ele, olhando pelo retrovisor.

Mariana se adiantou.

– Igor, não há nada de errado nas nossas promessas! Quem tem que saber somos nós.

– Mas o Caio falou q...

– O Caio não sabe de nada! Não é ele quem vai pagar as promessas! Somos nós! Então, somos nós que temos que saber!

– Caio? – Paulo ficou curioso. – Quem é Caio?

Fez-se um silêncio constrangedor dentro do carro. Gisele cutucou o braço

de Igor. Mariana se mexeu no banco da frente. Um esperava o outro falar. Paulo não entendeu o silêncio e voltou a perguntar, agora virando-se para Mariana.

– Quem é Caio?

Igor se apressou.

– É um rapaz que conhecemos no Caminho da Fé. Professor de Sociologia das Religiões, uma coisa assim... Também estava indo depositar uma promessa na basílica.

– Mas o que ele falou?

– Disse que nós estamos desejando muito e oferecendo pouco.

– Esse cara tá achando pouco que a gente vá todos os anos à Aparecida?

– Pois é... Ele disse que demonstrar a devoção é importante, mas que a gente devia acrescentar alguma doação ou algum serviço em alguma instituição pra beneficiar quem tá precisando.

Paulo olhou pelo retrovisor pensativo. Igor continuou.

– Eu confesso que fiquei com isso na cabeça. Tô começando a achar que ele tem razão. Mas a promessa já tava feita. Foi depositada assim mesmo.

– E vocês, o que acham? – perguntou Paulo para as duas.

– Eu acho que não tem nada a ver! – respondeu Mariana. – Quem faz a promessa é quem tem que saber como vai pagar.

– E você, Gisele?

– Digamos que estou pensativa.

Fez-se um novo silêncio dentro do carro. Dos quatro, Paulo era o que tinha a fisionomia mais reflexiva. Em seguida, disse o que estava achando.

– Prezados... talvez esse rapaz esteja certo. Preciso conversar com ele.

•

Caio estava sentado no vagão do metrô. Depois ainda teria o trem até chegar na estação perto de casa. *Ainda bem que o Olavo tá me esperando.* Era a vida de quem morava no extremo da zona leste de São Paulo. Mas ele ia

sorrindo de satisfação. Ainda lembrava do susto que dera em Mariana. Sentiu-se vingado com a brincadeira. Mas, claro, tinha sido uma brincadeira com fundo de verdade. Ele não iria desistir dela, até porque estava com a certeza de que aquele casamento iria para o brejo em pouco tempo. Assim, tinha que estar por perto quando tudo acabasse. Uma das leis do amor estava funcionando direitinho com ele.

•

– Acho que agora não dá mais pra conversar com ele – respondeu Igor.

– Por quê?

Mariana olhou para o marido com o canto dos olhos. Depois buscou o espelho do parasol e ajeitou os cabelos. Igor cutucou a esposa antes de falar.

– Não pegamos nenhum contato dele. Não sabemos onde mora. Depois que nos despedimos na basílica cada um foi para um lado.

– Que pena... Professor de Sociologia das Religiões... Deve ser uma pessoa interessante pra conversar.

Os três engoliram seco.

– É... É um grande cara – respondeu Igor, olhando para Gisele. Mariana continuou no espelho.

Ele achou melhor mudar de assunto e perguntou como Paulo tinha lidado com o prédio. Foram conversando sobre isso até chegarem em casa. Eles eram relativamente vizinhos em Moema. Residiam a poucas ruas de distância.

•

Caio chegou ao seu ponto final. Saiu do trem e procurou pelo amigo Olavo. Logo o viu. Aproximou-se e deu-lhe um abraço. Subiu na garupa e partiu. Poucos minutos depois, estava na porta do abrigo. Foi cobrado novamente:

– Irmão, não esquece: vamos sair qualquer dia desses. Aquela gata que te

falei ainda tá sozinha.

Ele riu.

– Vamos, sim. Eu te ligo.

– Mas é pra ligar mesmo! Não esquece!

– Pode deixar.

– Vou ficar aguardando. Tchau, irmão.

– Tchau.

Ele meteu a chave no cadeado do portão, mas hesitou em abrir. Lembrou-se que não tinha ligado para ninguém. *Ih, Camila vai ficar danada!*... Olhou no relógio e viu que já eram quase 22 horas. Tava tudo apagado, as crianças deviam estar dormindo. Achou melhor ir pra sua casa, que ficava a dois quarteirões. De lá, ligaria para Camila ou Aurora informando que já tinha chegado, mas que só iria na manhã seguinte.

•

Quando Mariana se viu sozinha com o marido dentro do carro, mudou a fisionomia. Ele continuou sorridente, mas ela ficou séria.

– Você ficou de me ligar todas as noites – comentou, olhando fixamente pra ele, que nem se mexeu.

– É, amor, eu sei... Mas foi um período muito difícil pra mim... Às vezes, chegava muito cansado e esquecia.

– Esquecendo de mim?

– Claro que não, amor! Esquecia apenas de ligar. E, depois, você também não ligava de lá pra cá. Então, ficava um a um.

Silêncio. Depois, ele olhou pra ela e fez um elogio.

– Tá mais magra, bronzeada e linda!

– O Caminho da Fé é saudável... Que bom que deu tudo certo no seu trabalho.

– Sim. A obra tá praticamente salva.

– Graças a Deus!

– Dentro de mais uma semana vou poder tirar as férias que foram canceladas. Vai ser bom porque vou ficar concentrado no seu tratamento.

– Não vejo a hora de começar.

– Quando vamos voltar ao médico?

– Tá marcado pra depois de amanhã. Acho que devo começar a tomar a medicação no mesmo dia.

– Que bom! Temos que iniciar logo isso.

Pouco depois chegaram na garagem do prédio onde moravam. Subiram no elevador de mãos dadas. Assim que entraram, Mariana foi direto para o quarto do bebê. Paulo foi atrás. Ela parou na entrada, acendeu a lâmpada e apreciou mais uma vez a decoração. Aproximou-se do berço e ficou olhando pra dentro enquanto acariciava a borda. Ficou emocionada, os olhos se encheram. Paulo colocou a mão na sua cintura. Ficaram quietos por alguns segundos. Depois, ela ficou de frente para a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A voz saiu rouca.

– Mãe... Tô de volta... A promessa foi depositada... O tratamento vai começar... Me ajuda!

Ela ajoelhou-se nas almofadas e começou a rezar. Paulo fez o mesmo. Quando terminaram e ficaram de pé, ele a abraçou e deu-lhe um beijo. Depois, ela encostou a cabeça no seu ombro. Ele ficou acariciando.

– Paulo, o que vamos jantar?

– Pizza?

Ela ergueu a cabeça e olhou assustada.

– Você já quer que eu recupere o que eu perdi?

– Come apenas uma fatia – ele sugeriu, rindo. – Deixa o resto pra mim.

– Sabe quantas calorias tem uma fatia de pizza?

– Come sem catchup!

– E vai adiantar alguma coisa?

– Pizza sem catchup tem menos calorias.

– Engraçadinho...

– Então, você come a metade da metade de uma fatia.

– Tá bom... – E ela olhou pra barriguinha dele. – Mas acho que tá na hora de você tirar essa pochete.

Ele deu uma risada.

– Isso não é uma pochete!

– Então lhe venderam uma blusa com uma almofada dentro.

– Eita que a minha mulher voltou animada! Meu bem, isso na minha idade é charme!

– E desde quando gordura é charme?

– Desde quando ganhei essa barriga.

E pediram a pizza. Enquanto ela não chegava, Mariana reclamou com o marido que ainda tinha mais alguns dias de férias. Isso mesmo: reclamou! Ela era viciada em trabalho e já tinha passado muito tempo longe dele. Paulo achou melhor que ela continuasse descansando, mas como conhecia bem a esposa, sabia que era quase impossível impedi-la de voltar a trabalhar já no dia seguinte. No entanto, essa vontade de Mariana tinha outro motivo: ela queria ocupar a sua mente. Senão...

Capítulo 38

ANTES DE IR PARA O ABRIGO, Caio passou na padaria e comprou cinco caixas de bombons. Não podia chegar de mãos vazias. Ele entrou em silêncio. Queria fazer uma pequena surpresa. Quando já estava na sala principal, falou bem alto: – Tem alguém em casa?

Pronto. Foi o suficiente para as crianças que estavam no café da manhã reconhecerem a sua voz e correrem gritando:

“Tio Caaaaaaaio!”

PERIGOSAS NACIONAIS

Todas queriam abraçá-lo. Não se sabe quem estava mais feliz: se as crianças com o retorno do tio querido ou o próprio. Caio abraçava cada uma delas e beijava no rosto. Camila e Aurora assistiam sorridentes àquela linda cena de reencontro. Depois da sessão de abraços e beijos, a “dívida” foi cobrada. A mais novinha e mais esperta foi a primeira a lembrar.

– Tio, cadê os bombons?

“É, cadê?”

– Calma! Aqui está! – disse ele, tirando as caixas da mochila.

"Êêêêêêêêêêêêêêêê!"

– Tem pra todo mundo.

“Eu quero! Eu quero! Eu quero!”

– Calma, crianças! Vocês vão ganhar bombons, mas depois do café da manhã.

"Ahhhhhhhhhhhhh..."

– Camila e Aurora, peguem aqui e depois distribuam.

“Agora! Agora! Agora!”

– Crianças, vocês estavam tomando o café da manhã. Agora vocês precisam voltar pra mesa. Depois, os bombons.

Alguns ainda reclamaram, mas acabaram cedendo e voltaram pra mesa. Caio finalmente abraçou Camila e Aurora.

– Que saudade de vocês!

– Ah, tá com saudade? – reclamou a primeira, brincando. – E por que passou tanto tempo sem ligar?

– É mesmo, Caio? – concordou Aurora. – A gente já tava achando que tinha acontecido alguma coisa.

– Claro que não!

– Então, o que foi? Por que não ligava? – insistiu Camila.

– Eu fiz de propósito! Foi pra vocês ficarem com mais saudade ainda.

– Você não tem jeito... – repreendeu Aurora, ajeitando carinhosamente a gola da camisa dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

- E, depois, vocês também não me ligavam.
- Quem viaja é quem tem que ligar! – brincou Camila.
- Tá bem queimado de sol, hein! – observou Aurora.
- Foram as luzes do Caminho da Fé. Como estão as coisas por aqui?
- Tudo bem... – disse Camila, diminuindo o sorriso.
- Tudo bem com essa cara?

As duas se olharam.

- Temos muito o que conversar, Caio – prosseguiu Camila.
- O que houve?
- Venha tomar café na sua sala. Deve tá com fome.
- Vão que eu levo uma bandeja – pediu Aurora.

Caio caminhou lembrando dos telefonemas no Caminho da Fé. Assim, que entrou na sala, olhou para a imagem de Nossa Senhora Aparecida e mentalmente pediu a sua benção. Ficou alguns segundos em reflexão. Depois sentou-se.

- Vamos lá, Camila, estou pronto.
 - Deixe Aurora vir com a bandeja. Tome o seu café antes. Me conte como foi a viagem. Tô louca pra saber.
 - Camila, sem ardeios, por favor!
- Ficaram se olhando. Ele sentado, esperando. Ela em pé, criando coragem.
- Caio, aconteceu algo bem desagradável por aqui.
 - O que foi?
 - Recebemos o aviso de corte da água, da luz e do telefone...
 - O quê?...
 - Serão cortados nos próximos dias se a gente não pagar.
 - Como assim?...
 - Não deu pra entender, Caio?... Foi isso que você escutou!
 - Como assim? Você me disse que havia sido pago!
 - Eu pedi perdão a Deus por isso.
 - Você tá dizendo que mentiu pra mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tive que fazer isso, Caio, pelo seu próprio bem!
 - Meu Deus! Como é que você faz uma coisa dessas comigo?... Você nunca mentiu pra mim antes!
 - Por favor, me perdoe! Foi pelo seu bem.
 - E o dinheiro daqueles dois novos doadores?
- Camila ficou olhando.
- Foi por isso que eu menti pra você!... Eles não pagaram!
 - O quê?
 - Infelizmente, aqueles dois doadores desistiram. Não pagaram os boletos que você deixou com eles. Nós ligamos, mas disseram que no momento não podiam contribuir. Talvez no futuro.
 - Você não podia ter escondido isso de mim!
 - Ah, Caio...
 - Que raiva!
 - De mim ou dos doadores?
 - De todo mundo!
 - É melhor você se acalmar. Raiva nesse momento não vai adiantar de nada.
- Caio arriou as costas na cadeira. Camila esperou um pouco e depois continuou.
- Mas aconteceu algo pior... É melhor eu lhe contar logo tudo de uma vez.
 - O que foi?
 - Alguns dos doadores antigos não puderam doar esse mês. Ou não quiseram! Ligamos pra todos. Uns disseram que estão sem condições e vão voltar a fazer assim que puderem. Outros nem conversaram, mandaram ligar depois.
 - Eu não acredito...
 - Pois, pode acreditar! Como você sempre diz: não basta ser pobre, tem que ter azar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Isso é o fim do mundo! Quem deixou de doar? Empresa ou pessoa?

– Tanto um como o outro.

– Meu Deus!

– E, como você bem sabe, a maior parte dos que deixam de doar não volta.

– Temos que fazer o possível pra manter quem está doando! Temos que ligar pra todos falando da importância dessa doação! Não temos condições de perder mais ninguém! Se perdermos... tzhac! – Caio usou a mão pra cortar o pescoço.

– Pra fazer isso não podemos perder o telefone.

– Sim, sim, sim!

Aurora chegou com a bandeja de café.

– E a comida? – ele lembrou. – Vocês fizeram supermercado?

– Fizemos, mas não vai dar pra muito tempo – informou Camila.

– Como assim?

– Com três refeições por dia, o que temos na despensa só dá pra mais uma semana. Se não entrar dinheiro, teremos que começar a racionar. Vamos ter que tirar uma das refeições. Sugiro que seja o café da manhã.

– Meu Deus! – Ele se levantou, nervoso. – Camila, o abrigo cheio de problemas e você me dizendo que tava tudo bem...

– Claro! Imagine você em pleno Caminho da Fé sabendo dessas coisas. Era capaz de interromper a viagem e voltar imediatamente pra cá.

Silêncio.

– Um dos meus maiores orgulhos é fornecer três refeições por dia pra esses meninos. E agora vou ter que racionar? Será que alguém jogou praga em mim? O que fiz pra merecer isso? Tirei esses meninos das ruas pra que eles não passassem necessidade e vão passar justamente aqui dentro? Onde foi que eu errei?

As duas se olharam.

– Onde foi que eu errei?

PERIGOSAS ACHERON

Aurora criou coragem.

– Caio, você sabe que esse abrigo não foi projetado para tantas crianças.

– Sim, eu sei!

– Então?...

Ele ficou olhando pras duas. Camila endossou a colega.

– Caio, esse abrigo nasceu há pouco mais de um ano pra acolher vinte crianças e está com quarenta! Não podíamos ter crescido tanto em tão pouco tempo. Não temos estrutura física nem doadores pra isso.

– Eu sei! – ele disse, levantando a voz. – Mas o que vocês queriam que eu fizesse? Que eu mandasse uma criança esfomeada parar de bater na minha porta? Que eu mandasse ela de volta pras ruas? Jamais faria isso! Se fosse pra ser assim, nem teria aberto o abrigo.

Camila continuou.

– Caio, nós só temos duas opções: ou conseguimos mais doações, ou...

– Ou o quê? – ele interrompeu, gritando.

– Ou teremos que pedir ao juizado que transfira metade dessas crianças pra outros abrigos.

– Eu não vou fazer isso!

Aurora deu uma explicação plausível.

– Caio, se a gente não fizer isso, eles mesmos vão fazer. Não se esqueça de que nós já recebemos uma advertência dos fiscais. E uma nova fiscalização deve aparecer a qualquer momento.

Ele sentiu a pancada. Sabia que aqueles argumentos eram verídicos. O risco do fechamento por determinação judicial realmente existia.

– Não temos outra saída – prosseguiu Camila. – Ou conseguimos mais doações, ou vamos mesmo ter que pedir a transferência de algumas crianças. Aqui não cabe tudo isso. E olha que nós estamos com sorte.

– Sorte?

Aurora explicou.

– Até agora nenhuma criança adoeceu seriamente desde que o abrigo foi

fundado. O máximo que tiveram foi gripe ou diarreia. Já imaginou uma delas com alguma doença infecciosa? Onde é que a gente ia colocar? Não temos espaço. E os remédios? Comprar como?

– Estamos mesmo com muita sorte – concordou Camila.

Ele pensou de cabeça baixa por alguns segundos. Depois, ordenou:

– Façam um apanhado de tudo o que estamos devendo e de tudo o que temos que comprar.

– Já tá feito – disse Aurora.

– Então tragam pra mim. Vou vender meu carro amanhã.

As duas se olharam assustadas. Caio tinha um carro de professor: um gol 1000 com dois anos de uso. Era o seu primeiro carro, antes só tivera moto. O dinheiro não seria grande coisa, mas daria uma boa ajuda emergencial.

– Caio, você não pode fazer isso! – disse Camila, levando as mãos à cabeça.

– Você ficou louco? – desesperou-se Aurora.

– Tragam a lista pra mim!

Elas ficaram imóveis.

– Tragam a lista pra mim!

Aurora foi pegar e voltou rapidamente. Ele olhou... somou por alto as despesas... rabiscou umas contas... e deduziu quanto conseguiria pelo veículo... Falou olhando para o papel:

– Vai dar!... Vendendo o carro vai dar pra pagar água, luz, telefone... comprar um pouco mais de comida... e quitar metade do que estamos devendo de aluguel. Dos seis meses, vai dar pra pagar três. Espero que isso acalme o seu Osvaldo. Mas, mesmo assim, só vamos ter sossego por mais uns trinta dias. No máximo! Nesse período vai ter que aparecer mais doadores e não podemos perder mais ninguém!

– Caio, como é que tá a sua vida financeira? – perguntou Camila. – Você pensa que a gente não tá sabendo que você tá endividado? Faz tempo que você vem botando seu dinheiro aqui dentro. Como estão seus cartões de crédito?

– Essas contas aqui precisam ser pagas! Não há outra opção. Quem idealizou esse abrigo fui eu. Então, quem tem que se sacrificar sou eu.

Aurora ainda tentou.

– Caio, é muito melhor você pedir imediatamente a transferência de metade das crianças.

– Eu não vou fazer isso!

– E como você vai fazer pra ir trabalhar, sem carro? – ela questionou.

– Vou comprar uma moto! Uma motinha simples... Dez anos de uso...

Bem baratinha. Aliás, faz tempo que não ando de moto. Tô com saudade!

– Moto é uma coisa tão perigosa! – temeu Camila.

– Eu já andei de moto durante muito tempo e nunca me aconteceu nada!

– Pra tudo existe a primeira vez – alertou Aurora.

Capítulo 39

PAULO ESTAVA NO SOFÁ DA SALA com o olhar perdido quando Mariana chegou e perguntou:

– Pensando na vida?

Ele olhou e não falou nada.

– O médico é às duas e meia. Não vai esquecer. Você tem que ir comigo.

– Antes de irmos ao médico, precisamos conversar.

– O que foi?

– Senta aqui.

– O que é?

– Senta um pouquinho aqui.

– Paulo, o que houve?

– Precisamos conversar. Só isso.

Ela sentou no sofá.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mariana, você tem certeza que quer esse filho?

– Que conversa é essa?

– Estou querendo saber se você realmente quer esse filho?

– Que pergunta mais absurda, Paulo! Você ainda tem alguma dúvida? Até parece que não convive comigo há dez anos. O que deu em você? Nunca me veio com essa história antes.

Os dois ficaram se olhando.

– Você não quer mais ser pai? É isso?

– Mariana, como você mesma disse, estamos juntos há dez anos. É muito tempo. Muita coisa muda. A vida muda, as pessoas mudam.

– Paulo, que conversa é essa? Você não quer mais ser pai?

– Ter um filho é uma coisa muito séria. É algo pro resto da vida. Um casal precisa estar muito preparado pra isso.

– Você acha que não está em condições de ser pai?

Ele não respondeu.

– Paulo, eu entendo. É o nosso primeiro filho. Eu sei como você se sente. Às vezes, eu também fico nervosa. Mas acho que essa insegurança é normal. Todo casal deve passar por isso. A única maneira da gente descobrir se tem condições de ser pai ou mãe é tendo um filho.

– Mariana, eu não tenho insegurança nenhuma em relação ao fato de ser pai. Estou muito bem resolvido em relação a isso.

– Então, o problema sou eu? Você acha que eu não estou preparada pra ser mãe? É isso? Paulo, às vezes, me sinto insegura, mas isso é normal. Vou ser uma mãe de primeira viagem, mas não sou nenhuma adolescente. Sou uma mulher de 35 anos. Tô mais do que pronta pra ter um filho.

– Ter um filho é uma decisão muito séria.

– Eu sei disso! E nós já tomamos essa decisão há muito tempo! Aliás, tomamos quando ainda éramos namorados! O senhor lembra disso?

– Claro que lembro. Mas o tempo passa, as pessoas mudam.

– Ai, meu Deus! Além da dificuldade pra engravidar, agora me aparece

PERIGOSAS ACHERON

essa... Um marido que não sabe se quer ser pai! Era só o que me faltava!

– Já te disse que estou muito bem resolvido em relação a isso.

– Então, o que é pelo amor de Deus? Fala logo!

Mais uma vez ficaram se olhando.

– Mariana, ao longo de todo esse tempo eu descobri como você é uma mulher maravilhosa. Sempre estive do meu lado, nunca falhou em nada comigo. Qualquer homem se sentiria muito orgulhoso em ter você como esposa.

– Você tá muito esquisito!

– Chega um momento em nossas vidas que temos que repensar algumas coisas. E foi o que eu fiz nos últimos tempos. Eu cheguei à conclusão que nós precisamos enfrentar novos desafios.

– Você acha que eu não tenho condições de ser mãe, não é?

– Na verdade, acho que não deveríamos insistir da forma que estamos insistindo.

– Você quer adotar?

Ele não respondeu.

– Você quer adotar uma criança? Meu Deus! Nós já discutimos tanto isso. Como é que você muda de opinião de uma hora pra outra?

– Mariana, não é bem is...

– Eu já entendi! Não precisa dizer mais nada! Eu já entendi! Alguém meteu coisa na sua cabeça e agora você quer adotar uma criança. Ai, meu Deus!... Paulo, entenda de uma vez por todas: entre adotar uma criança e não ter filho, eu prefiro não ter. Ouviu bem? Estou muito bem resolvida em relação a isso!

– Mariana, eu es...

– Não precisa dizer mais nada! Se você está nessa dúvida idiota, não vale a pena ser pai. Vamos esquecer o tratamento. Vou ligar pro médico cancelando a consulta.

Ela se levantou do sofá pra pegar o telefone. Ele também ficou de pé.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mariana, eu não quero adotar nenhuma criança!
- O que você quer, então? – ela gritou, voltando-se pra ele.
- Acho que tudo que falei até agora pode ser resumido numa frase.
- Qual?

Ele suspirou antes de falar.

- Mariana, eu não te amo mais!

Ela ficou imóvel.

- É isso... Eu... Eu não te amo mais!
- O que houve? – ela perguntou baixinho.

Paulo deu as costas, caminhou até o final da sala... parou... suspirou novamente e voltou de cabeça baixa. Parou perto dela... e a olhou nos olhos.

– Quando você esteve fora, pensei muito em nós dois. Foi por isso que eu insisti tanto pra você ir sozinha. Eu precisava de um tempo longe de você. Eu queria saber se eu ia sentir sua falta... Mas confesso: não senti! Eu não te vejo mais como minha esposa. O nosso casamento não existe mais.

- O que você disse?
- Que o nosso casamento não existe mais!

Ela deu as costas e ficou pensativa por alguns segundos. Depois virou-se de uma vez.

- Você acha que eu não vou conseguir te dar um filho, não é?
- Não é isso, Mariana!
- Paulo, você tá confuso! Mas o tratamento vai dar certo!
- Para com isso, Mariana!

Silêncio. Ficaram se olhando longamente.

– Paulo, o médico é às duas e meia... Você precisa ir comigo... Não esquece... Não esquece...

- Mariana...
- Se tudo tiver bem comigo, começo a tomar a medicação hoje mesmo... O tratamento vai dar certo... Vai dar certo...

- Mariana, eu não te amo mais!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Paulo, nós vamos ter um filho... Eu vou ser mãe... Você vai ser pai...

– Não podemos mais ter um filho! Eu não te amo mais! Eu quero me separar de você, Mariana!

Outro silêncio.

– Não me ama mais?...

– Não!

– Por quê?... Por que não me ama mais?...

– Porque o amor acabou. Eu não sinto mais nada por você. O nosso casamento chegou ao fim.

– Chegou ao fim?... – perguntou com uma risada nervosa. – Dez anos de convivência jogados no lixo... Onde já se viu isso, Paulo?... Há dez anos que não sei o que é outro homem...

– Eu sei disso. Mas, infelizmente, o nosso casamento chegou ao fim!

– Por quê?

Ele não respondeu.

– Por quê?

– Eu já falei.

– O que houve?

– Eu já falei. O amor acabou.

– Como assim, acabou?

– Acabou!

– Você tem outra mulher?

Ele não respondeu.

– Você tem outra mulher? – gritou ela. – Responde, eu quero saber!

– Sim. Eu tenho outra mulher.

Os olhos dela começaram a se encher.

– Você me traiu... Você me traiu... Você me traiu, seu desgraçado!

– A vida muda, Mariana. As pessoas mudam.

– Você me traiu!

– Sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quem é ela?
- Você não conhece.
- Quem é ela? – gritou de novo.
- Já disse! Você não conhece.
- Há quanto tempo vocês estão juntos?
- Isso não interessa.
- Há quanto tempo vocês estão juntos?
- Pra quê você quer saber?
- Responde!
- Quatro meses.

As lágrimas começaram a cair.

- Você bebeu?
- Que besteira é essa? – ele perguntou, rindo.
- Você bebeu?
- E desde quando eu preciso beber pra falar com você? Era só o que me faltava.

- Eu sei... Você bebeu!
- Não, Mariana, não bebi! Por favor, pare com essas bobagens. Vamos nos separar sem briga.

- Você tem certeza do que tá falando?
- Sim! A nossa história acabou.
- Paulo, você é casado comigo! – ela gritou novamente. – Você é meu marido! Eu sou sua mulher!

- Agora tenho outra mulher. Nós temos que nos separar.
- Paulo, eu investi dez anos da minha vida em você. Você é o homem que eu escolhi pra casar e ser pai dos meus filhos. Como é que eu vou encarar todo mundo agora? Separada. O que eu vou dizer quando perguntarem por você? O quê?

- Tenho certeza que você vai logo encontrar outro homem.
- Paulo, eu ainda gosto muito de você!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu também ainda gosto muito de você, Mariana... Mas como amiga.

– Amiga?... Que história é essa de amiga?... Você vem fazendo sexo com uma amiga?...

– É assim que eu me sinto. Eu não te vejo mais como mulher.

O choro aumentou. Mariana ficou de costas. Ele apenas olhava. Depois de alguns segundos, ela virou-se.

– Ela é mais bonita do que eu?

– Você é uma mulher linda, Mariana. E muito inteligente. Não vai ter dificuldade pra arranjar outro homem. Não precisa ficar assim. Uma separação é uma coisa normal.

– Ela é mais nova do que eu?

– Que bobagem, Mariana! Pra que você quer saber disso? Isso não tem importância nenhuma, não teve nenhum peso na minha decisão.

– Ela é mais nova do que eu? Responde!

– É.

– Quantos anos ela tem?

– 25.

– E se ela também tiver problemas pra engravidar?

– Impossível!

– Como você pode ter certeza disso?

Silêncio.

– Como você pode ter certeza disso?

– Porque ela já está grávida.

Outro silêncio.

– Canalha! Canalha! Canalha!

– Mariana...

– Nojento! Nojento! Nojento! Ela começou a esmurrar o peito dele. Ele tentou segurar os braços dela.

– Nojento! Nojento! Nojento!

– Mariana!

PERIGOSAS ACHERON

– Sai daqui! Sai daqui!

Ele a sacudiu.

– Mariana!

– Sai daqui! Sai daqui!

– Mariana!

– Sai daqui! Sai daqui!

Ele a sacudiu com mais força.

– Mariana! Acorda, Mariana!

Ela ergueu o tronco de uma vez e ficou sentada... na cama... no seu quarto!

– Mariana, meu bem, você tá tendo um pesadelo!

Ela olhou para o lado e viu o marido assustado pegando no seu braço. Paulo a abraçou. Aquele gesto de carinho a fez desabar num choro compulsivo. Ele a beijou e a consolou.

– Calma, amor, foi só um pesadelo. Já passou.

Felizmente, Paulo não perguntou nada. Nem ali, nem depois. E ela também nada falou. Melhor assim.

Capítulo 40

DEPOIS DAQUELA TENSA CONVERSA sobre a realidade do abrigo, Aurora foi cuidar dos seus afazeres e deixou Camila com Caio. Ela sentou-se na frente dele e tentou relaxar o ambiente.

– Como foi o percurso?

Ele, que estava de cara fechada olhando para a lista de pendências, ergueu a cabeça e sorriu.

– Foi maravilhoso! Deu tudo certo! – Depois virou-se para a imagem na parede. – A promessa foi depositada na basílica. Se esse abrigo for salvo, vai

nascer a Escola de Informática Nossa Senhora Aparecida.

Camila também olhou. Ficaram por alguns instantes em contemplação.

– E, no Caminho, não encontrou ninguém?

– Sim, muitos peregrinos – respondeu ele, sem tirar os olhos da imagem.

– Não tô falando disso.

– Do que você tá falando?

– Engraçadinho...

– Do que você tá falando?

– Quer que eu desenhe?

– Deixa de onda.

– Não encontrou alguma mulher interessante?

– Muitas! – falou sorrindo.

– E aí?

– Não tava lá atrás de mulher.

– Caio, deixa de ser chato. Eu sei que você não tava lá atrás de mulher.

Mas e aí?... Alguma interessante?

– Apenas uma me chamou a atenção.

– Nossa! Já tô gostando dela. Quem é?

– Mariana!... Linda!...

– Claro! Você sempre teve bom gosto.

– 35 anos. Quer dizer... Vai fazer dentro de pouco tempo. Putz!...

Esqueci de perguntar o dia do aniversário dela... Seria uma excelente oportunidade pra... – Ele não terminou a frase e ficou pensando.

– Pra quê?

– Pra eu dar os parabéns. Ou mandar um presente... Mas agora é tarde.

– Tarde por quê? Liga pra ela e pergunta.

– Eu não peguei o telefone dela.

– Eu não acredito! Que vacilada! Você conheceu uma mulher linda e interessante, e não pegou o telefone dela?... Tô lhe desconhecendo, Caio.

– Mas sei onde ela trabalha... É fácil achar!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Então, liga pra ela... O que essa moça faz da vida?

– Tsc... Ela poderia nos ajudar tanto...

– Como assim?

– Ela tem um emprego! Trabalha numa consultoria de recursos humanos muito grande aqui em São Paulo. Conhece muita gente importante. Poderia me abrir muitas portas. Bastaria ela querer.

– E ela não quer?

Ele torceu a boca.

– Essa é uma das partes chatas dela... Não quer.

– Por quê?

Caio respondeu em tom de deboche, imitando voz feminina.

– Diz que não tem tempo pra isso... que não se sente bem pedindo favor aos clientes... que não pode misturar as coisas... Toda cheia de nhenhém....

– Mas Caio, quase todo mundo é assim. Não é qualquer um que se dispõe a ajudar. Você, mais do que ninguém, sabe disso. Ou pelo menos deveria saber.

– É, eu sei. Mas como ela tá querendo muito, deveria dar mais.

Camila fez cara de curiosa.

– Ela tá tentando muito engravidar e não tá conseguindo.

– O quê? Ela é casada?

Ele riu da reação da amiga, mas confirmou com a cabeça.

– Caio, você se interessou por uma mulher casada?

– Malcasada.

– Ou seja... casada!

– Calma! Ainda não tive nada com ela.

– Ainda? Você tá pensando mesmo em ter algo com uma mulher casada?

– Malcasada!

– Que história é essa de malcasada? Como você sabe disso? Conheceu o marido dela?

– Não, ela tava com um casal de amigos. O marido não pôde ir porque teve um problema de última hora no emprego. Ela me disse que tá passando por

PERIGOSAS ACHERON

uma crise. Anda meio desconfiada de uma possível traição dele. Acho que o casamento dela não vai muito longe.

– Não vai muito longe? E ela tá querendo engravidar? Então, meu querido, ela ainda é apaixonada por ele!

– Você acha?

– Claro, meu bem! Se ela não sentisse mais nada, não ia engravidar dele. Seria uma coisa sem lógica. E, se o casamento tá em crise, deve ser uma coisa passageira.

– Ela tá muito desconfiada dele. Passou quase o Caminho inteiro se queixando que ele não ligava. Às vezes, ficava bem pra baixo.

– Isso não quer dizer nada! Entre uma crise e uma separação há uma boa distância.

– Mas ela tá muito desconfiada!

– Ela o flagrou em alguma coisa?

– Pelo que ela falou, acho que não.

– Pode ser que isso seja coisa da cabeça dela. Tá passando por um momento difícil... Tá querendo engravidar... Isso é terrível pra uma mulher, dá uma tensão muito grande.

– É verdade.

– Uma coisa é certa: desconfiada ou não, ela ainda gosta muito dele. E mesmo que descubra uma traição é bem provável que perdoe.

– Tá falando sério?

– Sim!

– Perdoar uma pulada de cerca?

– Meu querido, eu conheço várias que já perdoaram. Isso é mais comum do que você pensa. Há vários motivos pra isso: preservar a família, manter o padrão de vida, não perder pra qualquer vagabunda, medo de não arranjar outro homem... Tem tanta coisa! E, quanto mais idade tem a mulher, mais ela tende a perdoar.

– Poxa.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sai dessa, Caio! O mundo tá cheio de mulher solteira desesperada atrás de homem.

– Mas, se ela não engravidar, o marido deve dar um chute.

– Quem te garante isso?

– Garantia eu não tenho, mas essa possibilidade existe. O cara é normal, o problema da infertilidade é com ela. Ela morre de medo que isso aconteça.

– E o doutor Caio tá torcendo muito por isso, né?

– Não.

– Você pensa que me engana? Teus olhos tão dizendo outra coisa.

– Não nego que ela mexeu muito comigo.

– Mais do que a Isadora?

– Mais do que a Isadora! – enfatizou, balançando a cabeça.

– Meu Deus, essa mulher tem açúcar?

– Ainda não sei... – disse, rindo.

– E ela gostou de você?

– Acho que sim.

– Você tentou alguma coisa com ela?

– Nãããããão!

– Não mesmo?

– Nããão! Acho que ela nem percebeu o meu interesse.

– Fala sério.

– Tô falando sério.

– Ainda bem! Espero que continue assim. Você já tem problemas demais na sua vida. Vai que o marido dela desconfia de alguma coisa e vem aqui tomar satisfação.

Caio ficou sem jeito. Camila levantou-se pra se retirar.

– Se você procurar essa mulher, seja profissional! Peça apenas doações e nada mais. Não procure sarna pra se coçar. Até onde sei você nunca se interessou por mulher casada antes.

– Nunca!

PERIGOSAS ACHERON

– Então?... Pra que começar agora?

Capítulo 41

MARIANA SURPREENDEU OS SEUS colegas de trabalho com o retorno antecipado. Sua presença foi bastante festejada, já que era muito querida. Todos perceberam que estava mais magra. Ela, claro, adorou. Quando contou que as férias não tinham sido passadas na praia e sim no Caminho da Fé, todos se surpreenderam. Muitos fizeram perguntas. Ela respondeu dando detalhes de cada cidade e fornecendo dicas preciosas. Vários prometeram que iriam fazer, mas Mariana percebeu que era apenas da boca pra fora. Afinal, são poucas as pessoas que conseguem colocar em prática aquilo que prometem para si mesmas.

No final da manhã, uma das suas colegas de trabalho mais próximas foi lhe contar um “segredo”. O sorriso imenso e os olhos de Leila denunciavam que a coisa era boa.

– Tenho uma novíssima pra te contar!

– Eita, conta logo! – pediu ela, sorrindo.

– Advinha.

– Leila, deixa de onda. Conta logo! Ganhou alguma promoção aqui na empresa?

– Nãããããão! É muito melhor do que isso!

– Recebeu alguma proposta de fora? Vai nos deixar?

– Nãããããão! Que é isso...

– Conta logo, menina! Que coisa...

Leila aproximou o rosto e falou baixinho.

– Eu-tô-grá-vi-da.

Mariana foi no teto e voltou. Sentiu um grande vazio dentro de si. Não

era a primeira vez que uma amiga transbordando de felicidade vinha lhe contar que estava grávida. E nem seria a última! Portanto, ela tinha que se acostumar. Mas não conseguia. Por isso, sempre precisava se esforçar ao máximo e dividir a alegria. E foi o que ela fez naquele momento.

– Não acredito! – comemorou com um lindo sorriso artificial que só as mulheres sabem fazer. E se levantou para abraçar a amiga.

– Mariana, você não tem ideia de como eu tô feliz! Já tô com três meses. Fiz o teste na semana passada.

– Vai querer menino ou menina?

– Eu e o Sérgio queremos uma menina. Tô tão feliz!

– Eu imagino – disse ela, ainda lutando para manter o sorriso. – Parabéns, Leila! Não esquece de ficar me contando todos os detalhes.

– Pode deixar.

E, em seguida, a amiga perguntou na maior tranquilidade.

– E o seu tratamento, como tá?

– Vou ao médico amanhã. Acho que vamos começar logo.

– Que bom! Vou ficar torcendo. Com fé, tudo dá certo.

– Dá sim!

Assim que Leila saiu, Mariana mandou sua secretária comprar uma caixa de chocolate. Devorou mais da metade.

Capítulo 42

CAIO ESTAVA NA SALA DOS PROFESSORES e sentiu a fome bater. Pensou em se levantar para fazer um lanche na cantina. Mas antes teve o cuidado de checar a sua carteira. Abriu e só viu os documentos. Nenhuma cédula, nenhuma moedinha. *O fim do mundo deve tá perto...*

Se a sua situação continuasse daquele jeito em pouco tempo teria

dificuldade até para colocar gasolina na moto. Na moto! Olhou pros lados para pedir alguns míseros reais emprestados, mas só viu a faxineira limpando o chão. *Não... Seria humilhante demais.* Decidiu enganar a fome com água. Levantou-se e tomou três copos. Até que deu um pouco de resultado, mas ficou se achando a merda do cavalo do bandido. Para distrair, ficou pensando nas suas aulas.

Pouco depois, despertou com a chegada de outros colegas, inclusive a professora mais gata da faculdade: Daniele, 29 anos, solteira! Ela sentou ao seu lado com um “sorriso teclado de piano”.

– Oi, Caio!

– Oi, Dani. Tudo bem?

O simples fato daquela maravilha genética ter se acomodado ali chamou a atenção dos outros professores marmanjos. Caio percebeu e ficou sem jeito. A sua condição de bonitão lhe fazia ser o sonho de consumo de todas as professoras solteiras e, provavelmente, de algumas casadas. A moça começou falando baixinho.

– Faz tempo que gente não se vê...

– É mesmo, Dani. A gente vive nesse corre-corre.

– Mas e aí, me fala de você. Casou?

Caio lembrou que ainda não tinha contado para algumas pessoas que o seu noivado tinha acabado. Ele então respondeu apenas mostrando as mãos.

– O que houve? – surpreendeu-se ela.

– Não tô mais noivo.

– Que novidade é essa? Tá falando sério?

– É sério. Já faz algum tempo. Pensei que tivesse lhe contado.

– Não, você não me falou nada. O que houve?

– Ih, amiga... É uma longa história...

– Quero saber! – disse ela, sorrindo e colocando sua mão sobre a dele.

Caio percebeu que alguns professores assistiam à cena.

– Ah, Dani, depois eu conto... Foi tanta coisa... Mas e você, como tá?

– Você tá bem com sua nova namorada?

– Eu ainda tô sozinho.

– Tá falando a verdade? – ela perguntou bem baixinho, quase num sussurro. Sua mão continuava sobre a dele. – Ainda não achou ninguém?

– Não... Não... Ainda não...

Ela tirou sua mão de cima da dele e mexeu sensualmente os cabelos.

– Que pena...

Caio olhou para os lábios daquela gata e depois para os olhos. Foi e voltou rapidamente durante uns três segundos. Viu Mariana na sua frente! Ficou hipnotizado. Só despertou quando a colega voltou a falar.

– Tá passando tanto filme bom.

– Hã?

– Tá passando tanto filme bom.

– É...

– Tem ido ao cinema?

– Não...

– Eu também não!... Sozinha é muito sem graça.

A professora então pegou seu celular, foi na agenda e virou pra ele.

– Teu número ainda é esse?

– É.

– Você ainda tem o meu?

– Tenho.

– Então me liga qualquer dia desses.

Capítulo 43

MARIANA FOI AO MÉDICO e fez a ultrassonografia para averiguar como estava o útero, as trompas e os ovários. Tudo bem. Então, ela poderia

iniciar naquele momento a aplicação dos medicamentos para induzir a ovulação. Ela e o marido ouviram o doutor repassar as informações. Seriam cerca de dez dias com injeções diárias. E a cada três, ela faria novas ultrassonografias para o acompanhamento da maturação dos óvulos.

Se após a fecundação em laboratório surgissem embriões, a transferência deles para o útero seria de acordo com o que determina o Conselho Federal de Medicina no Brasil: dois embriões para mulheres com até 35 anos, três para as que têm entre 36 e 39 anos, e quatro para aquelas com 40 anos ou mais. Assim, se caso fossem obtidos seis embriões, quatro seriam congelados para novas tentativas em caso de insucesso da anterior.

Esse controle científico é para evitar uma múltipla gestação. Apesar disso, a fertilização in vitro faz algumas mulheres engravidarem de gêmeos ou até mesmo de trigêmeos. Claro que, se isso acontecesse com Mariana e o marido, eles iriam adorar. Mas não são todos os casais que estão preparados do ponto de vista psicológico e, principalmente financeiro, para a chegada de dois ou três bebês de uma vez.

Após tomar a primeira injeção para induzir a ovulação, Mariana brincou:

– Doutor, agora está nas suas mãos e de Nossa Senhora Aparecida.

Ele riu.

– Não me ponha no mesmo patamar Dela. Não tenho tanto poder assim!

– Sabe-se lá se o senhor não tem – torceu Paulo.

– Espero que sim! – reforçou Mariana.

– O que posso dizer é que existem boas chances de gravidez. Na sua idade, é de cerca de 50%. É um bom índice.

– Com certeza é bem melhor do que zero! – disse Paulo.

Mariana mudou de assunto.

– Fiquei pensando muito naquilo que o senhor disse da última vez.

– O quê?

– Que a minha dificuldade pra engravidar pode ter uma explicação espiritual.

– Sim, tudo é possível. Há coisas que a ciência ainda não consegue explicar.

– Se a causa é espiritual, deve-se resolvê-la de forma espiritual – afirmou Paulo.

– A viagem que eu fiz nas férias foi por causa disso – disse Mariana.

– Como assim? – quis saber o doutor.

– Eu e o Paulo fizemos uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida. Se nós tivermos um filho, vamos todos os anos à basílica, sempre na data de aniversário dele, até ele completar 18 anos.

– Que bom! Parabéns! Vocês foram à Aparecida fazer essa promessa?

– Sim, mas eu fui de uma maneira diferente. Fui pelo Caminho da Fé.

– Ah, já ouvi falar desse caminho. Vocês gostaram?

– Eu fui sozinha. – Ela olhou para o marido, que ficou sem jeito.

– Sozinha?

– Quer dizer... Fui com um casal de amigos. Na última hora o Paulo teve um problema no emprego e não pôde ir.

– Que pena... Você gostou?

– Foi muito bom. Pretendo fazer de novo saindo de outro local. Há vários pontos de partida. Mas dessa vez quero fazer com o Paulo... Né, amor?

– Sim, com certeza.

Ela mudou novamente de assunto.

– Doutor, diga-me uma última coisa.

– Pois não.

– O senhor já ouviu falar da Terapia de Vidas Passadas, a TVP?

Paulo olhou com surpresa e reprovação para Mariana. Ele ainda nem sabia do que se tratava porque não tinham conversado sobre isso. Mas na cabeça dele aquilo não era conversa apropriada para um consultório médico.

– Sim, eu sei o que é.

– O que o senhor acha dela?

– Parece uma coisa boa. Eu nunca fiz, mas conheço pessoas que tiveram

bons resultados. Assim me disseram.

– O senhor acha que eu deveria fazer?

– Isso é tratamento médico? – interrompeu Paulo.

– Não, de forma nenhuma! – rebateu o doutor.

– Então, Mariana, por que estamos conversando sobre isso aqui?

– Qual problema, amor? Tá esquecendo que ele foi o primeiro a falar disso?

Paulo olhou para o médico esperando uma posição.

– Ok, sem problema.

Mariana prosseguiu.

– Então, o senhor me diga, por favor, não como médico, mas como pessoa. Eu deveria fazer a TVP?

– É você mesma quem tem que responder. Acho que você deve procurar um terapeuta que trabalhe com isso e trocar algumas ideias. Com certeza, ele vai lhe dizer com muito mais precisão do que eu.

– Não tô entendendo nada... – reclamou Paulo.

– Já-já eu te explico... – respondeu Mariana sem olhar pra ele – Doutor, qual sua religião?

– Sou católico.

– Mas o senhor acredita na reencarnação?

Paulo olhou para Mariana e riu. Estava mesmo sem entender.

– Sim, eu acredito. Acho que a morte é apenas um momento de passagem. Mas por que você tá me perguntando isso?

– Também quero saber! – intrometeu-se Paulo mais uma vez. Ela não deu bola.

– Sabia que o senhor por ser católico não deveria acreditar na reencarnação?

– Por que não?

– Porque o catolicismo não adota o princípio da reencarnação. Fiquei sabendo disso há pouco tempo. De acordo com a religião católica, as almas não

reencarnam, como afirma o espiritismo.

– Eu não sabia disso! – confessou o médico surpreso.

– Eu também não! – endossou Paulo ainda irritado.

– Pois é... Mas boa parte dos católicos acredita.

– Isso é muito interessante – disse o doutor. – Realmente, alguns católicos que conheço acreditam.

– Eu conheço vários! Eu sou uma. Boa parte dos católicos no Brasil é simpatizante do espiritismo. Somos catopíritas!

– Onde você aprendeu isso? – perguntou Paulo, de olhos arregalados.

– Um peregrino me explicou no Caminho da Fé.

– Um peregrino catopírita? – ironizou ele.

– Exatamente. Um peregrino catopírita!

– Eu nunca tinha ouvido falar nisso – ressaltou o doutor.

– Eu também não! – prosseguiu ela. – Esse peregrino me disse que o catopiritismo é a maior religião do Brasil.

– Poxa, sou dessa religião e não sabia... Aliás, eu e minha mulher! Ela também é catopírita. Preciso contar isso pra ela.

•

Paulo, assim que entrou no carro e deu a partida, comentou:

– Jamais pensei que um médico pudesse conversar tanto sobre assuntos espirituais. Será que a medicina tá mudando?... Ou será que sou eu que ainda não mudei?

– Antes de eles serem médicos, são pessoas. E têm suas convicções espirituais, ou não. Não vejo nada demais.

– Você tá tão moderninha...

– Você não acha que tenho razão?

– É... Pode ser! Com quem você aprendeu aquelas coisas?

– Com aquele peregrino que lhe falei.

Um longo silêncio se fez.

– É aquele rapaz que vocês falaram?

Ela confirmou com a cabeça.

– Quem é esse cara, finalmente?

– É um peregrino que a gente conheceu no Caminho da Fé.

– Isso eu já sei... Mas parece que ele fez muito sucesso com vocês...

– Ele falou algumas coisas interessantes sobre fé e religião. É uma boa pessoa.

– Espero que sim. – Paulo olhou pra ela. Mas não era um olhar qualquer.

Outro silêncio. Pouco depois, Mariana virou-se pra ele.

– Amor, você acha que devo fazer a TVP?

– Eu nem sei o que é isso...

– É uma terapia onde as pessoas fazem regressão. Regridem às suas vidas anteriores em busca de explicações pra algum problema que esteja incomodando na vida atual.

– E você vai em busca de quê?

– Dos motivos pra eu não engravidar!

– E quem te falou dessa terapia?

– Foi aquele peregrino... o Caio.

– Claro!... Esse Caio tá em todas!

– Ele falou a mesma coisa que o médico... Que a minha dificuldade pra engravidar pode ter uma explicação espiritual.

– Tô percebendo que você conversou muito com esse rapaz. Muito mesmo! Acho que até mais do que devia!

– Sim! Eu, o Igor e a Gisele! Não vejo problema nenhum nisso.

– E você falou de mim pra ele?

– Claro!

– Ele é casado?

– Não... – ela respondeu baixinho.

Paulo apenas olhou.

PERIGOSAS NACIONAIS

– E aí, faço ou não faço a TVP?

– Não sei... Preciso me informar sobre isso. Não sei nada sobre essa terapia. Vai que você faz e fica completamente louca.

Mariana deu uma gargalhada. Ele também riu.

– Louca eu tenho certeza que não vou ficar. Mas talvez eu descubra algumas coisas interessantes.

– O quê, por exemplo?

– Sei lá... Que a gente teve alguma relação em vidas passadas.

– Tudo é possível... Quem sabe...

– É na família onde se encontram os inimigos do passado.

– Como é?

– É na família onde se encontram os inimigos do passado.

– Aprendeu isso com o Caio também?

– Não! Isso foi a Gisele que me disse.

Ele ficou repetindo baixinho a frase para si mesmo: *“É na família onde se encontram os inimigos do passado...”*.

– Por quê? – virou-se para ela.

– Os espíritos que se desentenderam no passado precisam de uma nova convivência para que possam evoluir e ter uma relação harmoniosa.

– Eu não sabia disso.

– Eu também não... É por isso que muitas vezes as relações familiares são tão conflitantes.

Paulo pensou na péssima relação que tinha com um dos seus irmãos.

– Estou aprendendo cada coisa... – disse ele.

– Eu também.

– Mas se tivemos alguma relação em vidas passadas, deve ter sido excelente!

– Por quê?

– Porque acho que te amo desde o surgimento do universo.

Mariana riu.

PERIGOSAS ACHERON

- E só agora você descobriu?
- Você sempre foi e sempre será a mulher da minha vida!
- Bravo!
- Eu amo a minha esposa!
- Sentiu muito a minha falta quando estive fora?
- Você ainda tem alguma dúvida?
- Mas eu quero escutar.
- Eu senti muito a falta da minha esposa! – disse levantando a voz.

Capítulo 44

APROVEITANDO O FINALZINHO das suas férias, Caio reiniciou a busca por doações. Pouco depois das oito da manhã, saiu de casa e foi visitar uma empresa, com sede no centro da cidade. Era a sugestão de um amigo. Ao chegar, se apresentou na recepção e disse com quem queria falar. O cargo que mirava sempre era de acordo com o porte da companhia. Como aquela era de tamanho médio, pediu para ir até o diretor comercial. A recepcionista fez as perguntas de sempre: “*De onde é?*”, “*Qual é o assunto?*”.

- É do Abrigo do Tio Caio. Viemos fazer um convite.

Ele sabia que se dissesse de cara que estava em busca de doações haveria uma grande possibilidade de nem passar dali. A recepcionista ligou para o ramal da secretária, disse o que era, aguardou alguns segundos e falou pra ele ainda segurando o telefone.

- Ela tá dizendo que não há nada marcado com o nome do senhor. Tem certeza que é aqui?

- Eu não liguei antes porque achei que não fosse necessário. Eu vim apenas fazer um convite. É rápido. Prometo que não vou demorar muito.

A recepcionista voltou a falar com a secretária. Logo em seguida...

– Ela disse que o senhor pode deixar o convite aqui na recepção.

– É que tenho ordens para entregar em mãos – disse levantando a pasta com o nome do abrigo. O “convite” estava lá dentro: a empresa seria convidada a ser doadora mensal.

A recepcionista falou com a secretária mais uma vez. Depois...

– Ela falou que o senhor pode ficar tranquilo que ele vai receber. Pode deixar aqui comigo que eu entrego.

– Desculpe, mas é que não posso fazer isso. Veja se há condições de eu subir pra pelo menos explicar isso pra ela.

A recepcionista surpreendeu-se com a insistência dele, mas foi educada e voltou ao telefone para comunicar. Deu certo!

– Ok, ela disse que o senhor pode subir. Por favor, deixe comigo o seu RG. Aqui está o crachá de visitante. O elevador fica ali.

– Obrigado.

Caio sorriu e vibrou internamente com a primeira vitória: passar pela recepção. Ele entrou no elevador e subiu até o quarto andar pensando em quantas vezes já tinha vivenciado por aquilo. Assim que chegou, apresentou-se falando que era o rapaz do convite.

– Seu Caio, pode deixar comigo que eu prometo que ele vai receber.

– Ele tá aí?

– Ainda não chegou. Mas o senhor pode deixar comigo.

– Desculpe, mas é que faço questão de deixar pessoalmente com ele.

A moça riu da insistência.

– Fique tranquilo! Eu lhe prometo que entrego. Pode deixar comigo.

– A senhora se incomoda se eu esperar ele chegar?

– Mas não há nada marcado com o senhor.

– Eu sei... Vim sem marcar porque achei que não fosse necessário.

– É convite pra que mesmo?

– É pessoal. Posso esperar?

– De onde é mesmo?

– Do Abrigo do Tio Caio.

– É pedido de doação?

Ele tremeu nas bases. Pensou rápido e preferiu sair pela tangente.

– Na verdade, queremos convidar o diretor pra conhecer o nosso abrigo de crianças. Mas preciso explicar algumas coisas pessoalmente.

– Eu acho pouco provável que ele atenda esse convite. A empresa não tem nenhuma ligação com esse tipo de trabalho.

– Isso é comum!... Já tô acostumado. Mas depois que a gente explica melhor quase todos aceitam. Tudo depende de como a gente fala. Muitos empresários já foram lá – disse, surpreendendo-se com a sua capacidade de mentir.

A secretária apenas levantou as sobrancelhas.

– Posso esperar?

– Tá bom... Mas acho que vai ser difícil ele lhe receber porque tem muita gente pra atender – disse apontando para cinco pessoas.

Caio olhou e ficou desanimado. Mas não tinha opção. Ou esperava e arriscava, ou ia visitar outras empresas, nas quais iria passar pela mesma dificuldade. Como já estava ali, era melhor ficar.

– Vou esperar. Não custa nada. Quem sabe hoje é o meu dia de sorte...

– Nunca se sabe, né... Fique à vontade. O senhor aceita um café?

– Sim, aceito.

Tomar aqueles cafezinhos nas recepções das empresas era uma das coisas que ele mais tinha feito na vida desde que fundara o abrigo. Quase sempre ficava com a bunda quadrada de tanto esperar. E, muitas vezes, nem era recebido.

O tempo passou, passou e passou... Ele olhou no relógio: já eram quase 11 horas e nada do diretor chegar. Das cinco pessoas que estavam esperando, duas tinham desistido. *Por que não faço o mesmo?*

Pouco depois o “homem” chegou. Veio andando rápido, parou na secretária e perguntou o que tinha pra despachar. Ela falou baixinho, mas deu

pra todos escutarem. Informou sobre as três pessoas que estavam na frente dele. Eram assuntos bem técnicos. O diretor ouviu com atenção, olhou e acenou. Parece que sabia quem eram. Depois disso, ela falou ainda mais baixo. Não deu pra ouvir, mas apontou para o Caio. O diretor olhou na sua direção e não acenou como fizera com os outros. *Eita! Vai me despachar agora mesmo.* Mas... surpresa: – Ok, recebo depois dos outros. Mande o primeiro entrar.

E o diretor foi para a sua sala. *Tem cara de antipático... Não, não, não!... Antipático é quem não me recebe. Esse, como vai me receber, é gente fina. Já tô gostando dele.* A secretária mandou o primeiro entrar e depois sorriu para Caio. Ele sorriu de volta.

O primeiro foi atendido, o segundo também e o terceiro ainda estava na sala do diretor. Já passava das 13 horas. Caio se lamentou. *Esse cara deve tá morrendo de fome, vai já sair daí e dizer: “Volta outro dia!”.* Chegou a pensar em ir embora, mas não podia fazer isso. Ficou com fome. Pediu mais um café para enganar o estômago. Levantou-se e andou um pouquinho pra lá e pra cá. Quando estava de costas, percebeu o diretor abrindo a porta. *Será que vai embora?* Virou-se apressado, mas tranquilizou se ao vê-lo levando a última visita até o elevador.

Quando ele voltou, os dois se encararam. Teve a certeza que seria despachado ali mesmo sem ao menos ser questionado sobre o que desejava. Mas parecia que era mesmo o seu dia de sorte.

– Agora é você, rapaz. Pode vir.

Ele nem acreditou. O diretor iria recebê-lo em pleno horário de almoço. *Esse cara deve tá de regime.* Pegou sua pasta, sorriu mais uma vez para a secretária e entrou. O diretor lhe apertou a mão e perguntou seu nome.

– Caio! Muito prazer!

– Eu sou o Walter. – E apontou uma cadeira. – Em que posso servi-lo?

– Eu vim aqui lhe fazer um convite!

– A secretaria me falou. Convite pra quê?

– Pra sua empresa se tornar doadora mensal do nosso abrigo de crianças.

O diretor deu uma risadinha.

– Não é bem um convite, né... É um pedido!

– É um convite-pedido – disse Caio meio envergonhado.

Logo em seguida, ele abriu sua pasta, tirou três páginas e colocou sobre a mesa com vista para o diretor. Começou a explicar apontando o que estava escrito. O cara acompanhava. Ou fazia que. Tanto que esperou apenas chegar ao fim da primeira folha e interrompeu.

– É um projeto belíssimo, meu caro! Mas infelizmente não temos condições de doar nada agora.

Caio percebeu que não adiantaria insistir. Ele já conhecia aquelas reações. Colocou os papéis dentro da pasta e a trouxe para o seu colo. O diretor continuou.

– Estamos com alguns projetos urgentes dentro da nossa empresa e eles são o nosso foco agora. Lamento, mas não podemos lhe ajudar. Mas, veja bem, não tô dizendo que o seu abrigo não é uma coisa boa. Muito pelo contrário, é uma coisa belíssima. Tenho certeza que se você for noutras empresas vai conseguir o que quer.

Eles sempre dizem a mesma coisa.

– Vou deixar o projeto com o senhor. Quem sabe vocês mudam de ideia.

– Ok, pode deixar. Tudo é possível. A esperança é a última que morre.

– Sim, com certeza – respondeu Caio, sorrindo. – Ah... uma coisa...

– Pois não.

– Já que a empresa não está em condições de doar... O senhor não gostaria de doar como pessoa física?

– Ih, rapaz...

– O senhor contribui com o que puder.

– Você me pegou desprevenido...

– Não precisa doar nada agora. Pode ser depois.

– Eu sei... Vamos fazer o seguinte... Vou ler com atenção o seu projeto e lhe dou um retorno. Pode ser?

– Sim... Pode ser...

Apertou a mão do diretor e saiu. Passou pela secretária e agradeceu a boa vontade. Foi para a frente do elevador e apertou o botão. Enquanto aguardava, percebeu que o diretor chamou a secretária pelo ramal. Ela entrou, mas deixou a porta aberta, provavelmente porque não havia mais ninguém ali. Deu para escutar ambas as vozes saindo lá de dentro.

– *Pois não, seu Walter.*

– *Mabel, informe a recepção que não deixe mais subir nenhum desses representantes de entidades sociais. É só pra tomar o nosso tempo. Não temos nada a ver com isso.*

A secretária veio apressada até a porta, colocou a cabeça pra fora e checkou se ele ainda estava ali. Claro que estava, mas se fez de desentendido olhando para o display do elevador. Escutou a secretária fechando a porta e trincou os dentes de raiva. Teve vontade de voltar e mandar o diretor praquela lugar. Felizmente, o elevador chegou. Entrou e foi embora pensando nos dilemas da vida. *Caixão não tem gaveta, nem cemitério tem garagem.*

•

Nos seus últimos dias de férias, Caio visitou três empresas e dois renomados profissionais: um arquiteto e um advogado. O resultado tinha sido o pior possível. Só fora recebido por um deles e com resultado zero. Nos outros, não conseguiu passar das secretárias e teve que deixar o projeto com elas. Ele ficou muito abatido. Se com tempo para fazer as visitas o resultado tinha sido aquele, imagine depois que começasse a dar aulas ficando apenas com as tardes livres. Sua vida de professor recomençaria em dois dias. Temeu pelo pior. O abrigo estava cada vez mais dependente de uma ajuda divina.

Capítulo 45

DEPOIS DE FAZER MAIS UMA ultrassonografia, Mariana foi passear no shopping com Paulo. Estava bastante contente com o começo do tratamento. O médico dissera que tudo estava ocorrendo de acordo com o planejado. Bastava ter paciência e esperar os óvulos amadurecerem para fazer a fertilização in vitro. Ela estava tão animada que, quando passou em frente a uma loja de produtos para bebês, não resistiu e puxou o marido. Encantou-se com tudo que viu pela frente como se ainda não tivesse o enxoval pronto e o quarto da criança totalmente decorado. E não deu outra: quis comprar mais uma roupinha linda. Paulo ainda tentou fazê-la desistir, mesmo sabendo que não adiantaria.

– Já não tem tudo isso lá em casa?

– Criança sempre suja muito.

Havia cinco cores disponíveis e Mariana ficou na dúvida sobre qual levar. Chamou a atendente.

– Moça, me ajuda. Qual você acha mais bonita?

– Qual o sexo do bebê?

– Ainda não sei.

– Então, leva essa branquinha que pode ser usada por qualquer um.

– Gostei.

– Eu também – concordou Paulo.

– Pra quando é a criança?

– É pra breve! – respondeu ela.

– Parabéns! A senhora tá uma grávida linda.

Os dois se olharam.

– Obrigada.

– Também acho! – aproveitou ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

– A senhora não quer levar o enxoval completo?

– Já comprei tudo! Tenho até o quarto decorado. Mas, quando vejo uma coisinha linda como essa daqui, não resisto.

– A senhora já comprou tudo?

– Já.

– Mesmo sem saber o sexo do bebê?

– Sim, sou muito precavida. Detesto deixar as coisas pra última hora.

– Então, veja essa roupinha aqui também. Olhe como é linda.

A conversa entre as duas estava bem animada, quando tocou o celular de Paulo. Ele tirou do bolso, viu quem era e balançou a cabeça negativamente. Não atendeu. Optou por desligar. Mariana, mesmo conversando com a moça, percebeu.

– O que foi?

– O pessoal do trabalho me ligando uma hora dessas.

– E por que você não atendeu?

– Tô com a minha esposa num shopping... de noite... Meu expediente terminou às dezoito. Se eu atender, esses caras ficam viciados. Eles têm que aprender a respeitar os horários da gente. Tão pensando o quê? Que eu tenho que ficar à disposição deles vinte e quatro horas?

O humor de Mariana mudou visivelmente. Encerrou a compra e pediu pra ir embora. Paulo sugeriu um cinema, mas ela não quis. Disse que já estava cansada e que era melhor ir pra casa. Ele estranhou já que tinha sido ela quem tinha chamado pra sair. No entanto, não reclamou, obedeceu e foram embora.

No caminho de casa, ela ficou bastante silenciosa.

– Tava passando aquele filme que você tanto queria assistir – lembrou Paulo.

Ela apenas torceu a boca. Nem olhou pra ele.

– Por que você quis voltar tão cedo?

– Cansada.

– É a medicação?

PERIGOSAS ACHERON

- O quê?
- A medicação... É ela que tá te deixando assim?
- Assim como?
- Meio enjoada.
- Não tô enjoada. Só um pouco cansada.
- Cansada de quê?
- Cansada, ué...
- Que ir pra outro lugar?
- Não, vamos pra casa.
- Ah, já sei... Quer ficar sozinha com o maridinho, né?

Ela apenas deu um meio sorriso.

– Acho que essa medicação tá começando a te dar alguns efeitos colaterais.

Silêncio entre eles. Paulo deixou pra lá e seguiu olhando pra frente. Mas foi surpreendido algum tempo depois.

- Amor, por que você não atendeu aquela ligação?

Ele olhou e ficou pensando. Como não respondeu de imediato, ela se antecipou.

– Você sempre atendeu as ligações do seu trabalho, mesmo fora do expediente. Por que não atendeu aquela?

– Se eu continuar atendendo essas ligações fora de hora, eles nunca vão perceber que estão sendo inconvenientes. Tenho que dar um basta. E eu estou com a minha esposa. A prioridade é ela.

- O que eles querem ligando a essa hora?
- Sei lá! Nem quero saber. Deixa isso pra lá. Amanhã, eu fico sabendo.
- E se for algo urgente?
- Se fosse algo urgente, eles já teriam ligado de novo.
- Você desligou o celular.

Ele tocou no seu celular no bolso da calça, todo sem jeito. Mas, para sua sorte, Mariana decidiu encerrar aquela conversa. Pelo menos ali dentro do

carro.

– Você tem razão... Eles são muito folgados... Ligam a qualquer hora como se a gente estivesse o tempo inteiro à disposição.

Paulo concordou com a cabeça. Ela continuou.

– Acho bom mesmo você colocá-los nos eixos, porque depois que o nosso filho nascer você vai ter que se dedicar ainda mais à família.

– Isso, amor, isso!

– Já basta a falta que eu senti de você no Caminho da Fé.

– Amor, prometo que isso não vai mais acontecer.

Ao chegarem em casa, jantaram e ficaram assistindo à televisão no quarto. Paulo dormiu primeiro que ela. Mariana não resistiu e foi checar o celular dele. Queria saber quem tinha feito aquela ligação. Verificou o histórico e viu que a última tinha sido feita por alguém chamado Alberto. Menos mal. Mas, mesmo sendo homem, achou estranho. Ela conhecia vários colegas de trabalho de Paulo, mas nunca tinha ouvido falar daquele. *E se na verdade fosse uma mulher?*

Teve arrepios só de pensar. Lembrou de um amigo casado muito mulherengo que lhe contara cinicamente que gravava no celular os números das amantes com nomes de homens. *Que sem vergonha!* Pensou em ligar de volta. Mas logo desistiu. Recriminou a si mesma achando a atitude muito feia. Olhou para o espelho do quarto e teve vergonha da cena: o marido dormindo tranquilamente e ela em pé mexendo no celular dele em busca da prova de uma possível traição. *Meu Deus, que ridículo!*

Pôs de volta o aparelho em cima do criado-mudo e foi até a cozinha... comer um chocolate! Pegou um e colocou por inteiro na boca. Rapidamente sentiu o doce se espalhando. *Como isso é bom...* Sentou um pouco e ficou pensando na vida. Desde que conhecera o Paulo nunca tinha passado por uma fase tão grande de desconfiança como aquela. E olha que já tinham dez anos de convivência. Ela mesma estava sem entender, afinal não tinha presenciado nada. *Mas, e se for verdade?... O que vou fazer da minha vida?... Perdoar?...*

E se eu engravidar e só descobrir depois?...

Capítulo 46

QUANDO ABRIU O PORTÃO DO ABRIGO no meio da manhã vindo de casa, Caio percebeu um silêncio que nunca tinha visto antes. Realmente era de se estranhar já que barulho era o que não faltava naquele lugar. Ele tinha sido chamado por Camila para uma conversa sobre as crianças, mas ela não quis adiantar o assunto ao telefone. Apenas disse que era um papo de rotina, “coisas bobas”, como enfatizou.

No entanto, como já vinha desconfiado em relação à amiga, Caio caminhou até lá tentando adivinhar qual seria o problema a ser resolvido. Logo de cara, achou que alguns dos meninos poderiam estar doentes. Foi logo torcendo para que não fosse nada contagioso. *Ou será que é coisa pior do que isso? Se for, como é que eu vou resolver, meu Deus?* Mas, felizmente, sua aflição durou muito pouco.

Assim que passou pela porta, todas as crianças começaram a cantar os parabéns! Era o aniversário dele: 31 de julho. Caio não sabia onde enfiar a cara. No meio de tanta notícia ruim, ele não estava mesmo esperando por aquilo. A sala estava toda enfeitada, e na mesa havia um lindo bolo com velinhas no formato dos seus 33 anos. Além das crianças e funcionários, muita gente da redondeza marcava presença.

Caio estava precisando daquele gesto de carinho. Beijou e abraçou cada uma das crianças. Fez um breve discurso de agradecimento e cortou o bolo. O primeiro pedaço foi para a menina mais novinha. Ele ganhou alguns presentes, mas um chamou a sua atenção. Os funkeiros lhe fizeram uma apresentação especial. Adorou.

– Vocês vão longe! Esse grupo de funk ainda vai nascer!

A festa durou até o final da manhã, quando todos voltaram às suas atividades. Caio aproveitou que estava ali e chamou Camila e Aurora para uma reunião na sua sala. O assunto não era dos mais agradáveis.

– Queridas, a coisa está feia. Fiz cinco visitas a possíveis doadores e não consegui absolutamente nada. Parece que a nossa situação vai demorar um pouco pra melhorar. Amanhã, volto a trabalhar normalmente e vou ficar com pouquíssimo tempo pra fazer visitas.

– Nós podemos te ajudar nisso, Caio – sugeriu Camila.

– Não, é melhor vocês ficarem por aqui. O abrigo precisa de vocês.

– Tem certeza? – seguiu Aurora.

– Tenho!

– Por que tanta dificuldade pra conseguir doadores? – perguntou Camila.

– Tô me fazendo essa pergunta há bastante tempo. A única coisa que podemos fazer é continuar na luta em busca de um anjo salvador.

– Mas quem? – provocou Aurora.

Ele olhou pra imagem de Nossa Senhora Aparecida.

– No Caminho da Fé conheci uma moça muito bem relacionada.

Camila baixou a cabeça.

– Se ela quisesse, poderia nos ajudar muito. Bastava dar algumas ligações.

– Mas ela não quer? – continuou Aurora.

– Aí é que está... Ela não quer. Ou pelo menos não queria quando fiz o pedido. A minha esperança é que tenha mudado de opinião.

– E o que tá faltando pra você falar com ela novamente?

– Vou ligar ainda hoje. Rezem pra que ela tenha mudado de opinião.

– Veja como você vai pedir! – alertou Aurora. – Não vá assustar a moça!

– Fique tranquila.

– Peça pra ela vir aqui nos conhecer – sugeriu. – Quem sabe ela não se encanta com essas crianças.

– Eu já pedi. Mas vou pedir de novo.

Aurora saiu da sala e Camila ficou a sós com Caio. Ela o encarou.

– O que foi? – perguntou ele.

– Nada, meu caro... Nada.

– Então, para de me olhar com essa cara.

– Só tenho essa.

•

Logo depois Caio entrou no seu computador, foi num site de busca e digitou o nome da empresa que Mariana lhe falara: Beta Consultoria. O link para o site apareceu. Ele clicou e procurou o *fale conosco*. Lá estava o telefone, o endereço... Teve um susto agradável. Ficava na Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini, no Brooklin Novo, região sudoeste da capital. Ou simplesmente na Berrini, como os paulistanos dizem. Ela se tornou a avenida mais bonita do Brasil com seus prédios comerciais belíssimos. Caio passava constantemente por ali para ir e voltar de um dos seus empregos.

A Berrini foi construída na década de 70 e, dos anos 90 pra cá, tornou-se a queridinha de dezenas de multinacionais que instalaram ali as suas sedes brasileiras. Isso fez dela uma avenida muito mais charmosa que a Paulista ou a Brigadeiro Faria Lima. Passar por ali significa desfrutar de um visual urbano de primeiro mundo. A Berrini é um dos maiores exemplos da pujança de um país que faz de tudo para se consolidar como uma das grandes potências econômicas.

No entanto, a avenida não deixa de apresentar outra realidade bem brasileira: a desigualdade social. Ao longo da sua extensão, é comum a presença de meninos de rua fazendo malabares nos semáforos em troca de algumas esmolas. São crianças sujas, descalças e esfarrapadas que ficam jogando bolinhas para cima, equilibrando garrafas na cabeça ou revirando copos no ar. Há ainda aqueles que tentam fazer tudo isso em cima de pernas-de-pau. É um show circense humilhante que acontece bem na frente de alguns dos

melhores carros nacionais ou importados. Esse contraste torna os meninos de rua ainda mais “meninos de rua”. Parece que ali eles são ainda mais sujos, mais descalços e mais esfarrapados.

Caio ligou. A telefonista atendeu.

– Beta Consultoria, boa tarde.

– Boa tarde. Eu gostaria de falar com a gerente Mariana.

– Vou transferir para a secretária.

Cinco segundos depois:

– Flávia. Boa tarde.

– Por favor, a gerente Mariana.

– No momento ela está em reunião. Quem deseja?

– É o Caio. Diretor do Abrigo do Tio Caio.

– Abrigo do Tio Caio?

– Sim.

– Posso lhe ajudar em alguma coisa? Sou secretária dela.

– Não, creio que não.

– É doação o que o senhor deseja?

Caio ficou mudo.

– É doação o que o senhor deseja?

– Não...

– Ah, sim, porque se fosse doação, eu iria informar que a empresa no momento está sem condições de doar. O senhor quer deixar algum recado?

Silêncio.

– Alô... O senhor quer deixar algum recado?

– Sim... Quer dizer... Diga apenas que eu liguei e que eu volto a ligar.

– Ok. Boa tarde.

Caio desligou o telefone e um eco ficou na sua cabeça: “É doação o que o senhor deseja?”... “É doação o que o senhor deseja?”... “É doação o que o senhor deseja?”...

Capítulo 47

O PRESIDENTE DA BETA CONSULTORIA estava radiante. O crescimento da empresa aumentava mês a mês com a captação de novos clientes. Ele estava reunido com todos os seus principais executivos e apresentava os números no telão. Todos prestavam atenção no que estava sendo exposto e, de vez em quando, olhavam para Mariana. Ela ficava meio sem jeito, mas também muito feliz com os resultados que eram apresentados. O presidente finalizou: – Esses números espetaculares devem-se ao excelente trabalho da nossa gerente de novos negócios.

Pronto. Foi o suficiente para os executivos naquela longa mesa aplaudirem Mariana. Quase 90% dos novos clientes conseguidos nos últimos doze meses eram resultado direto do departamento que ela chefiava. Quando a reunião acabou, todos os executivos apertaram sua mão e lhe deram os parabéns. O presidente pediu para falar com ela em particular.

– Estamos muito satisfeitos com o seu trabalho.

– Obrigada, presidente. Eu fico muito feliz com tudo isso.

Ele conhecia todas as qualidades de Mariana porque vinha acompanhando de perto o seu desempenho. O departamento que ela comandava estava chamando atenção não apenas internamente, mas em todo o segmento em que a empresa atuava. Tanto que nos últimos tempos ele estava com muito receio de que ela recebesse alguma proposta irrecusável da concorrência. Por isso, alguma atitude precisava ser tomada.

– E aí, Mariana, como você está vendo a nossa empresa?

– Acho que ela tá no caminho certo. Se continuarmos desse jeito, em breve poderemos abrir uma filial em outra cidade.

Aquilo era música para os ouvidos do presidente.

– E você? O que tá planejando para a sua carreira?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Quero continuar na Beta! – disse ela sorrindo.

– Isso eu sei! – ele também sorriu. – Mas também sei que você aprecia novos desafios...

– Com certeza! Mas tô satisfeita com meu trabalho aqui.

– Que bom! Você gosta da Beta e a Beta gosta de você! Mas eu lhe chamei pra dizer que vamos implantar uma diretoria de operações.

Ela se arrepiou.

– Precisamos de alguém que divida comigo as funções executivas na empresa. E nós achamos que essa pessoa pode ser você.

– Eu? – disse fazendo charme.

– Sim, você! Queremos lhe convidar para ser a nossa diretora de operações.

Ela sabia que aquela proposta era uma coisa bastante óbvia. Os resultados do seu departamento eram de encher os olhos. E, se a empresa não lhe fizesse aquele convite, alguma outra faria.

– Poxa, tô surpresa!

– E, antes que você nos pergunte, vamos falar da parte financeira.

– Opa! Será que hoje é o meu dia?

– Nós vamos dobrar o seu salário!

Mariana sorriu. O seu salário já era alto... dobrado, então...

– E aí, o que você me diz?

– O senhor me pegou de surpresa. Esse cargo é de muita responsabilidade.

– Sim! É por isso que estamos lhe convidando... Porque achamos que você é a pessoa ideal para exercê-lo... E aí, o que você me diz?

Mariana chegou a pensar em pedir um tempo pra pensar. Mas rapidamente se deu conta que seria ridículo. Pensar em quê? Há alguns convites profissionais que não podem ser rejeitados. Aquele era um deles.

– E, se eu aceitar, quando assumo?

– Amanhã, mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

– Amanhã?

– Sim! Quanto mais rápido melhor.

– Ufa!

– Se você me confirmar agora, amanhã de manhã chamo todos os executivos para uma nova reunião e anuncio a diretora de operações.

Ela apenas ficou olhando.

– E aí?... Negócio fechado?

– Sim, presidente! Eu aceito!

Ele levantou o punho comemorando.

– Eu sabia! Eu sabia!

– Espero que ninguém se oponha.

– Claro que não. Muito pelo contrário, você é muito querida aqui dentro.

– Que bom! Fico muito feliz com isso.

– Se nós não lhe fizéssemos esse convite, alguma outra empresa iria fazer. Você já está bastante conhecida no mercado e já tem muita gente de olho. Parabéns pela sua carreira! Estamos orgulhosos de ter você com a gente.

– Obrigada, presidente.

•

Ao voltar para a sua sala, Mariana ligou para o marido para contar a novidade. Ele ficou radiante com o sucesso da esposa. E ela adorou sentir que Paulo estava alegre por causa dela. Naquele momento que passava na vida, com temores no casamento, era o tudo o que ela mais queria. Depois da gravidez, claro.

Quando chegou na sua mesa, Mariana chamou a secretária querendo saber dos despachos do dia. A agenda estava lotada, como sempre. Também perguntou sobre as ligações e a secretária falou de uma por uma. À medida que ouvia, dizia quem merecia retorno ou não. Quando terminaram, a secretária levantou para sair, mas parou...

- Ah, também ligou um senhor de um abrigo.
- De um abrigo?
- É, ele falou que era de um abrigo. Acho que era algum pedido de doação. Eu despachei logo, achei que não fosse importante.
- Ele disse o nome?
- Deixe-me ver aqui... – A secretária procurou em todas as suas folhas e não encontrou nenhuma anotação. – Ih, dona Mariana, eu não anotei... Desculpe... Mas se não me falha a memória, ele se chama... Caio... Acho que é...

Ela fechou a cara. A secretária pensou que fosse por causa dela.

- Desculpe, dona Mariana. Eu despachei achando que não era importante.
- Não, tudo bem... Não é importante. Mas o que ele queria?
- Não falou. Eu que achei que fosse algum pedido de doação.
- Mas o que você disse?
- Que a empresa no momento não está em condições de doar.
- Sim, isso mesmo! E ele?
- Não falou nada. Apenas disse que voltaria a ligar. Quando ele retornar eu passo pra senhora?
- Não!... Sempre que ele ligar, diga que estou em reunião e que não posso atender. Deve ser mesmo algum pedido de doação. Infelizmente, não temos como ajudar nesse momento.
- Tá bom.

Não acredito... Não acredito... Será que ele tá pensando que tem alguma chance comigo?... Ainda bem que não aceitei aquele b... Já imaginou como eu estaria agora?... Eu, hein... E o abrigo?... Sim, e o abrigo?... Será que ele tá conseguindo aquelas doações?...

Capítulo 48

FORAM TRÊS DIAS DE ESPERA e nada de Mariana retornar a ligação. Na verdade, Caio já esperava por isso. Mas mesmo assim, tomou a decisão de ligar novamente. No entanto, o resultado foi ainda pior. A recepcionista atendeu e transferiu para a secretária.

– Diretoria da Beta Consultoria, Flávia, bom dia.

– Bom dia. Por favor, gostaria de falar com a senhora Mariana.

– Quem deseja?

– É do Abrigo do Tio Caio.

– Ah... Ela tá em reunião! Mas posso lhe adiantar que a empresa não tá fazendo nenhum tipo de doação.

Eu não estou lhe pedindo nada.

– Alô... Alô... Alô...

– Que horas posso falar com ela?

– A agenda dela tá muito cheia... vários compromissos... Após a reunião, vai fazer algumas visitas, e amanhã viaja.

– Você falou que eu liguei?

– Falei.

– E o que ela disse?

– Ela não lembra do senhor.

Ele ficou em silêncio.

– Alô...

– Quando ela retorna de viagem?

– Não sabemos!

– Será que se eu for pessoalmente aí depois, ela me recebe?

– É muito difícil porque a agenda dela é muito cheia. Mas é como eu falei pro senhor... a empresa não tá doando nada.

Outro silêncio.

– Alô...

– Tá bom... Obrigado de qualquer forma.

- Por nada. Bom dia.
- Bom dia.

Capítulo 49

DEPOIS DE MAIS ALGUNS DIAS de medicação, o doutor vibrou ao fazer mais uma ultrassonografia em Mariana.

– Opa, opa, opa!... Tá quase na hora! – disse ele, olhando para a tela. – Os óvulos estão praticamente maduros. Hoje você vai tomar a última injeção para completar a maturação e, depois de amanhã, volta com o seu marido pra fazermos a aspiração dos óvulos e a coleta dos espermatozoides.

Mariana sorriu de orelha a orelha.

– O senhor tem certeza doutor?

– Claro! A ultrassonografia não mente.

– Faça de novo, doutor! É melhor ter uma contraprova.

O médico riu.

– Não há necessidade, Mariana. O resultado vai ser o mesmo.

– Meu Deus, eu não tô acreditando...

– Pois acredite!

– Que bom que tá tudo dando certo.

– Sim, que bom! Tá tudo conforme o planejado. Sua ovulação correspondeu à medicação e evoluiu bem. Nem parece que você tava sem produzir quase nada. Eu não sabia que tava com a mão tão boa assim.

– Ainda bem que tá, doutor. Meu filho vai ser muito grato ao senhor. Ou filha, né?... Ninguém sabe o que vai vir por aí...

– O que você deseja? Menino ou menina?

– Doutor, o que vier é lucro. Não tô em condições de escolher nada.

E, naquele momento, Mariana lembrou das palavras de Caio: “*Sua*

ovulação não está inexistente... Apenas está num nível muito baixo de forma inexplicável... Quem garante que ela não possa aumentar, também de forma inexplicável?...”. E agradeceu a Nossa Senhora Aparecida.

Assim que saiu da sala, contou para o marido. Ele também vibrou. Combinaram de jantar fora naquela noite para comemorar os bons resultados do tratamento.

•

– Algo me diz que não vou ser pai de apenas um filho – disse Paulo, rindo durante o jantar. – Acho que depois que a porta abrir vem mais gente nos fazer companhia.

– Deus te ouça, amor! Mas vamos com calma. Deixa pelo menos o primeiro vir. Ainda é muito cedo pra gente comemorar.

– Eu sei. Mas não consigo esconder... Estou feliz, muito feliz! Ainda sonho com três crianças na minha casa. Quero ver a casa toda desarrumada com os gurizinhos correndo pra lá e pra cá.

– Também sempre sonhei com três, mas a essa altura se a gente conseguir um já tá de bom tamanho.

– Que um que nada, Mariana... Vão ser três, você vai ver!

– Paizão... – disse rindo.

Paulo estava com uma dúvida cruel:

– Amor... quando o nosso filho estiver na escola, quem vai levar: eu ou você?

– Num dia vou eu, noutro vai você.

– É, boa ideia. Não vejo a hora de colocar um neném nos meus braços.

– Se você tá desse jeito, imagine eu.

E brindaram, com refrigerante mesmo:

– À saúde do nosso filho, mamãe!

– Ou filha, papai!

– Tintim!

Capítulo 50

CAIO ESTAVA CAMINHANDO em direção à sala dos professores, quando um dos seus alunos lhe abordou.

– Professor Caio!

Ele virou-se.

– Oi!

– Tudo bem?

– Tudo bem.

– Quero falar um pouquinho com você.

– Pois não.

– Estamos lhe achando muito triste.

Caio tomou um susto. Ficou olhando para o aluno sem saber o que dizer. E, como ele não disse nada, o rapaz continuou.

– Você tá muito calado. Entra sério na sala, dá o conteúdo e vai embora. Nunca lhe vimos desse jeito. O que houve?

Ele continuou quieto.

– Nós já fomos seus alunos antes e sabemos que é bem brincalhão. Antes, quando terminava a aula, você ficava conversando um pouco com a gente... e nunca mais fez isso...

– As aulas estão ruins?

– Não, professor! Muito pelo contrário, continuam excelentes. Apenas estamos lhe achando muito triste.

– Ainda bem que as aulas estão boas!

– Sim, continuam ótimas! Você é um dos melhores professores, senão o melhor. Mas o que houve pra você ficar tão triste?

Ele baixou os olhos. O aluno fez uma graça.

– Brigou com a namorada?

Caio deu uma risada gostosa.

– Atualmente, eu nem tenho uma. Estou em busca de.

– Ah, então deve ser isso... – disse o aluno, também rindo.

– Não, rapaz, não...

– Então, o que é? Será que você não tá gostando da turma?

– Não! Que é isso... A turma é excelente. Mas acho que não tô tão calado assim... Talvez seja impressão sua.

– Não é não! Todo mundo tá percebendo. Nós até já conversamos entre nós.

– Talvez eu esteja mais concentrado no conteúdo porque essa disciplina é muito densa.

– E o abrigo, como vai? Você nunca mais falou dele.

– Tá indo...

– Ih, professor... Tá indo como?

– Tá como antes... Ainda temos dificuldade pra conseguir doações, mas sempre damos um jeito pra ele continuar de pé.

– Que bom!

– Mas fique tranquilo!... Prometo que vou sorrir mais de agora em diante.

– Isso, professor! É assim que gostamos.

– Vou até treinar em casa alguns sorrisos cativantes – disse, rindo.

– Beleza! – o aluno também riu.

– Tchau. Até a próxima aula.

– Tchau, professor.

Caio voltou a caminhar em direção à sala dos professores. Foi pensando no tanto que a situação do abrigo tinha contaminado o seu estado emocional. As pessoas estavam percebendo: ele não era o mesmo, estava abatido. Também não era pra menos. O maior projeto da sua vida estava ameaçado de ruir.

Ele chegou à sala com fisionomia séria. Mas sorriu ao ver dois colegas conversando animadamente. O motivo do entusiasmo era a participação num grande congresso acadêmico que seria realizado em poucos dias. Ambos iriam apresentar seus artigos científicos. Caio parabenizou, mas sentiu o baque. Aquilo lhe mostrava como a sua carreira docente praticamente tinha parado. Ele estava apenas dando aula, o que era muito pouco para um doutor. *O que posso fazer?* Ele não tinha condições de se afastar do abrigo pra nada. Então, só lhe restava esperar a situação melhorar.

Capítulo 51

MARIANA E O MARIDO estavam na clínica para a aspiração dos óvulos e a coleta dos espermatozoides. Os dois procedimentos são simples. Na mulher é feito sob anestesia local e com uma leve sedação para que ela possa dormir de cinco a dez minutos, o tempo da aspiração. Depois, irá descansar por meia hora esperando a anestesia passar.

A coleta dos espermatozoides é ainda mais fácil. Na grande maioria dos casos é feita através de masturbação. O homem vai para uma sala específica onde poderá, se quiser, estimular-se com revistas masculinas ou filmes eróticos. Caso ele prefira, a esposa pode estar presente. Esse tipo de coleta só não é usado nos homens que tenham feito vasectomia. Nesse caso, a retirada dos espermatozoides é feita através de uma punção num dos testículos. Independente do processo, depois que eles são coletados, passam por uma seleção onde são escolhidos os mais saudáveis.

Depois da coleta, óvulos e espermatozoides são colocados num mesmo recipiente para que ocorra a fecundação e surjam os embriões. Se tudo der certo, o casal é comunicado e a mulher retorna cinco dias depois para que eles sejam transferidos para o útero. A partir daí, ela deve esperar catorze dias para

fazer o teste de gravidez. Se confirmada, todos os cuidados serão exatamente os mesmos que para qualquer mulher grávida.

Ao final, o médico deu novas felicitações para Mariana e Paulo.

– Prezados, estamos com o processo bem encaminhado. Já fizemos a nossa parte. Agora é esperar a natureza fazer a dela.

Os dois se olharam e sorriram.

– Temos certeza que ela vai fazer! – afirmou Paulo.

– Espero ver vocês dois em breve com boas notícias.

– Quantos embriões o senhor acha que vão surgir? – continuou ele.

– Não temos como responder isso. Pode ser que sejam dois, quatro, seis... ou nenhum. É imprevisível.

– Mas eles vão surgir! Tenho certeza! – torceu Paulo.

– Se Deus quiser! – acompanhou ela.

Capítulo 52

CAIO SENTIU UM FRIO NA ESPINHA ao receber pelo correio as faturas dos seus dois cartões de crédito. Pegou os envelopes e ficou olhando sem coragem de abrir. *Não desejo isso pra ninguém.* Era uma hesitação típica das pessoas que estão endividadas. Ele vinha pagando apenas o mínimo dos cartões há mais de seis meses. Quem já ficou nessa situação no Brasil sabe que é uma das piores condições financeiras que existem. Sobre o débito que fica incidem juros e correção, fazendo a dívida aumentar mês a mês num efeito bola de neve.

O mal-estar foi tão grande que ele teve vontade de jogar os envelopes no lixo sem abrir. Mas claro que não iria fazer isso, pois, como já lhe dissera um amigo, *“não adianta ignorar as dívidas, porque elas não ignoram você”*. Criou coragem e abriu o primeiro... O rombo era grande. Abriu o segundo... O

rombo era ainda maior. Somadas, as duas faturas tinham um débito incompatível com a renda de um simples professor universitário. Era o preço que estava pagando por ter usado o limite máximo dos seus dois cartões para ajudar nas compras do abrigo. Mas estava arrependido? Claro que não!... Caio nunca se arrependia de nada do que fazia em prol daquelas crianças.

Ele pegou a máquina de calcular e descobriu que para pagar as dívidas teria que trabalhar durante um ano sem fazer qualquer despesa pessoal. Ou seja, era impossível nas condições em que estava. E o pior é que, por já ter dois empregos, ficava bastante impedido de ter um terceiro. Caio trabalhava dando aula nas faculdades de manhã e à noite. As suas tardes eram reservadas para elaboração de aulas, correção de trabalhos, provas e... captação de doadores!

Enfim, a única forma de se livrar das dívidas era fazendo o abrigo ser rentável para que pudesse retirar tudo o que tinha investido. Mas como? Mal conseguia mantê-lo de pé... Ele precisava mais do que nunca de um anjo salvador. E esse anjo precisava chegar rápido.

Capítulo 53

MARIANA FOI DAR algumas orientações para os funcionários de outro departamento, quando foi abordada por uma estagiária de uns vinte anos.

- Ei, parabéns!
- Parabéns?... Pelo quê?
- A senhora agora não é a diretora de operações?
- Ah, sim! – sorriu.
- Obrigada!

Ela ainda não tinha se dado conta de que a sua promoção estava repercutindo muito dentro da empresa.

- Fiquei muito feliz pela senhora!

- Obrigada.
- Sou sua fã!
- Minha fã?
- É, sou sua fã!
- Mas o que fiz de tão bom assim pra você ser minha fã?
- A senhora é uma mulher que consegue tudo na vida! E é linda e elegante. Quero ser que nem a senhora.
- Meu Deus, sou tão poderosa assim? – Mariana riu e olhou em volta pra saber se mais alguém acompanhava aquele papo. Quatro pessoas escutavam. Ela ficou um pouco constrangida, mas alegre.
- Eu admiro muito a senhora. Faz pouco tempo que eu tô estagiando aqui na empresa, mas já ouvi falar muito do seu trabalho.
- Obrigada! Eu não sabia que era tão bem falada aqui dentro.
- Aqui todo mundo gosta da senhora!
- Poxa vida, como é bom saber disso! Fico muito feliz mesmo! – disse, olhando em volta e sorrindo como se estivesse agradecendo aos que escutavam.
- Quero ter uma carreira igual a da senhora.
- Mariana deu um abraço na estagiária.
- Se Deus quiser, você vai ter uma carreira melhor do que a minha.
- Depois eu quero que a senhora me dê algumas dicas.
- Tá bom! A gente marca um almoço.
- Nossa! Eu almoçando com a diretora! Quanta honra!
- E por que não? Você também merece, não é mesmo?
- Se antes eu já gostava da senhora, agora tô gostando mais ainda.
- Obrigada, querida!

Capítulo 54

A SECRETÁRIA DE MARIANA foi até a mesa dela com a fisionomia bastante fechada.

- O que foi?
- Aquele rapaz está aí!
- Que rapaz?
- Aquele do abrigo! Caio.

Mariana foi no teto e voltou. Não conseguiu falar nada.

– Não sei como conseguiu passar pela recepção... Mas está aí... O que eu faço?

Ela pensou por alguns segundos.

– O que ele quer?

– Diz que quer falar com a senhora! Eu disse que a sua agenda tá lotada até o final do dia, mas ele disse que vai esperar. Que cara inconveniente... Eu, hein!

– Ai, ai, ai...

– A senhora quer que eu chame os seguranças pra tirar ele daqui?

– Não! Também não é pra tanto!

– O que eu faço, então?

– Ele não falou nada sobre o que quer?

– Não. Disse apenas que deseja muito falar com a senhora. Eu perguntei se era pedido de doação, mas falou que só poderia explicar pessoalmente. Disse que ia ficar esperando alguma brecha. Tá lá sentado... E aí?

Mariana ficou pensando mais uma vez.

– Daqui a uma hora a senhora vai sair pro almoço e vai dar de cara com ele.

- Ih, é mesmo...
- Esse cara é teimoso, hein, dona Mariana?
- Ele é assim mesmo.

Silêncio entre as duas.

– Dona Mariana... Desculpe o comentário, mas...

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que é?

– Que homem bonito, hein?

Ela deu uma risada.

– Gostou? Então fica pra você?

– Não, tenho namorado! – rejeitou a secretária, rindo. – Se eu estivesse solteira...

– Ele tá solteirão. Terminou um noivado faz pouco tempo.

– Bonito desse jeito e solteiro? Então, deve ser liso... Se tivesse grana, a mulherada já tinha pego pra casar.

– Liso realmente ele é.

– Não disse?... É por isso que tá solto.

– É verdade.

– Mas como a senhora sabe que ele tá solteiro? Conhece ele?

– Conheci no Caminho da Fé. Lembra?

– Sim, nas férias.

– Pois é... Nos conhecemos num dos pontos e ele se ofereceu pra ir com a gente até o final. É uma boa pessoa.

– Então, por que a senhora não recebe e despacha de uma vez?

– Não!... – E parou pra pensar. – Peraí... Será que você tá me dando uma boa sugestão?

– É, dona Mariana, recebe logo esse cara e despacha de uma vez. Senão, ele vai ficar aqui pentelhando.

– Sabe que você tem razão... Chama logo ele aqui!

A secretária virou-se pra sair da sala. Deu três passos e...

– Não! Volta, volta, volta...

– O que foi?

– É melhor não! Não quero que ele fique pensando que tem alguma chance comigo. Deixa pra lá.

– Chance com a senhora? Como assim?

Ela não respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ele deu em cima da senhora?

Mariana confirmou com a cabeça, lentamente.

– Sêrio?... E aí?...

– Não rolou nada, claro! E depois disso, eu fugi dele. Mas agora ele tá aí me procurando de novo.

– E o seu marido sabe disso?

– Tá louca?... Não sabe de nada e nem vai saber! E você não comenta com ninguém aqui dentro.

– Claro que não, dona Mariana! Fique tranquila! Mas qual é a dessa cara? O que ele quer realmente? Ele não sabe que a senhora é casada?

– Sabe sim! Falei muito do meu marido pra ele logo nas primeiras conversas.

– Que sujeitinho atrevido, dando em cima de mulher casada.

– Como muitos, né?

– Verdade. Isso é verdade. Mas dona Mariana... Desculpe...

– Diga.

– A senhora não deu nenhuma abertura pra esse rapaz?

– Nããããã! Imagina...

– Não mesmo?

– Claro que não! Ficou louca?

– Eu tô perguntando isso porque, às vezes, sem querer, nós, mulheres, tomamos algumas atitudes que fazem os homens pensar que a gente tá querendo alguma coisa. Isso já aconteceu comigo.

Mariana ficou sem jeito.

– Não, não foi o meu caso. Não dei abertura nenhuma. Ele é que se jogou.

– Mas, finalmente, quem é ele?

– É um professor... professor universitário... sociólogo.

– Ihhhhh... Liseira pura...

– Para com isso! – disse, rindo. – Ele tem um abrigo de meninos de rua.

– Então, ele quer mesmo é doação?

PERIGOSAS ACHERON

- Provavelmente! O abrigo dele tá ameaçado de fechar.
- Coitado... Então, por que ele não fala logo que tá atrás de doação?
- Acho que ele também quer outra coisa.
- Sim... Claro! E a senhora prometeu ajudar?
- Tinha prometido dar uma contribuição mensal, alguma coisa desse tipo.

Mas aí ele deu em cima de mim e achei melhor me distanciar.

– Foi melhor mesmo! Se a senhora deixar ele se aproximar, vai continuar insistindo. É melhor dar um basta.

– É por isso que não quero receber. Não quero que ele fique pensando que tem alguma chance comigo.

– É melhor assim! E, depois... doação ele pode arranjar noutro lugar.

– Então, faz o seguinte... Mais tarde, você vai lá embaixo e compra o meu almoço. Vou almoçar aqui dentro. Deixe ele esperando até cansar. Vá repetindo que a minha agenda tá lotada e que eu não tenho condições de receber mais ninguém. Mate no cansaço!

– Pode deixar comigo – disse a secretária, saindo. – Quando eu comprar o almoço da senhora, vou comprar pra ele um suco de mamão batido com leite. Ele vai sair correndo daqui antes de chegar na metade do copo.

– Ai...

Capítulo 55

JÁ ESTAVA NO MEIO DA TARDE, e Caio não saía de lá. Continuava esperando por uma oportunidade para falar com Mariana. Levantou-se e foi fazer algumas perguntas para a secretária.

- Você falou mesmo que eu tava aqui?
- Sim, falei.
- Mas falou o meu nome?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim... Senhor Caio... Falei.

– E ela não disse nada?

– Ela tá tão ocupada, meu senhor. Não vai ter condições de lhe receber.

Eu já lhe falei isso mais de uma vez.

– Que horas ela vai embora?

– Não tem hora. Só vai depois de atender a última pessoa. Hoje, deve ser após as 20 horas.

Caio torceu a boca. Às dezoito teria que sair pra faculdade.

– Tá bom. Mas vou esperar até o finalzinho da tarde. Quem sabe alguém falta e ela me recebe.

– Ok...

O resto da tarde passou e já eram 17h30. Em pouco tempo, ele teria que sair. Levantou-se impaciente e ficou caminhando pra lá e pra cá por alguns segundos. Depois, foi na secretária.

– Posso deixar um bilhete?

– Bilhete?

– Sim, um bilhete. Você promete que entrega?

O tom de voz de Caio foi tão suplicante que ela ficou com pena.

– Sim... entrego...

– Promete?

– Prometo...

– Então, me arranja papel e caneta.

– Tá aqui.

Caio pegou e voltou ao sofá. Sentado, começou a escrever em cima da sua pasta, sobre as pernas. Foi rápido. Quando terminou, leu para si mesmo. Os lábios se mexerem em tom sério, mas no final se abriram num sorriso safado. Foi até a secretária e pediu um envelope. Dobrou e colocou dentro. Pegou um clip de cima da mesa e anexou seu cartão. Entregou e fez um alerta: – Não se esqueça... Você prometeu de entregar!

– Pode deixar. Fique tranquilo que ela vai receber daqui a pouco.

PERIGOSAS ACHERON

– Conto com isso, hein? – E soltou um beijinho.

Ai, ai... meus tempos de solteira... Ela ficou olhando ele sair em direção ao elevador. Assim que Caio sumiu da sua vista, voltou-se para o envelope e foi entregar à destinatária. Entrou brincando.

– Correioooooo!

Mariana olhou sem entender.

– Aleluia, chefe! O rapaz desistiu...

– Ele ainda tava aí?

– Tava. O rapaz é teimoso mesmo. Foi embora, mas lhe deixou um bilhete.

– Bilhete?

– Aqui está.

Ela pegou e tirou do envelope, desdobrou e leu em voz alta, sem se inibir com a presença da secretária.

“Mariana, preciso muito falar com você. A situação do abrigo tá cada vez pior. Não estou conseguindo novas doações. Sei que você é muito ocupada, mas se quisesse poderia me ajudar. Espero muito que você mude de ideia. Por favor, me liga. E o teu tratamento pra engravidar, como está? Que Nossa Senhora Aparecida te abençoe e te dê um filho lindo e com muita saúde.”

Ela não quis ler em voz alta a frase de despedida: *Um beijo no teu sorriso*. Pegou uma caneta e riscou tornando-a ilegível. A secretária viu, ficou curiosa, mas não perguntou nada.

– Meu Deus, ele tá na pior... – lamentou Mariana. – Como é que vai sair dessa?

– O negócio tá ruim mesmo?

– Pelo que ele tá dizendo aqui...

– Mas é verdade mesmo?

– Creio que sim. Logo no começo ele me falou da situação horrível do abrigo. Era por isso que ele tava no Caminho da Fé... Pra depositar uma promessa na basílica. Ele também é devoto de Nossa Senhora Aparecida.

– E ele disse o que era a promessa?

– Disse. Falou que se conseguisse salvar o abrigo fundaria uma escola de informática pra adolescentes carentes com o nome de Nossa Senhora Aparecida.

– Que bonito!

– É... realmente é uma coisa muito bonita da parte dele.

– E a senhora não vai mesmo ajudar?

Mariana apenas levantou as sobrancelhas.

– Dá pelo menos uma ajudinha... Não custa nada. Até pra ver se ele para de procurar a senhora.

– Vamos ver... Mas agora não. Tô tão preocupada com esse tratamento pra engravidar. Felizmente, tá tudo dando certo. Nossa Senhora Aparecida tá escutando minhas preces.

– Que bom... A senhora é muito católica?

Ela pensou antes de responder.

– Sou catopírita.

– A senhora é o quê?

– Catopírita... Católica simpatizante do espiritismo.

– A senhora tem duas religiões?

– Não... Só uma... O catopiritismo.

– Eu não tô entendendo nada, dona Mariana.

– No começo, eu também não.

– De onde a senhora tirou isso?

Ela respondeu apontando pro bilhete.

– Esse rapaz marcou a vida da senhora, hein?

– É... Acho que sim...

- Mas como é essa história de catopírita?
- No Brasil, grande parte dos católicos acredita na reencarnação.
- Eu também acredito!
- E eu também. Mas o Caio me explicou que o catolicismo não adota o princípio da reencarnação e sim o da ressurreição, onde as pessoas têm apenas uma vida sobre a terra e, após a morte, devem ressuscitar pra enfrentar o juízo de Deus.
- Agora é que eu não tô entendendo mesmo... Quer dizer que os católicos não podem acreditar na reencarnação?
- Não deveriam! Só que grande parte acredita. São os catopíritas... Católicos simpatizantes do espiritismo.
- Que coisa... Eu sou catopírita e não sabia...
- Eu também não sabia que era. Aliás, muita gente. É como o Caio me falou... O catopiritismo é a maior religião do Brasil.
- Agora fiquei com vontade de conversar com esse rapaz... E olha que ele passou um tempão aí sem fazer nada...
- Mas é vontade de conversar... ou de...
- A secretária riu.
- Não, dona Mariana... É só vontade de conversar mesmo. Esse assunto me deixou intrigada.
- É, no começo também fiquei.
- Assim que a moça saiu, ela leu novamente o bilhete. Um cheiro agradável saía dele. Era o mesmo cheiro... daquela noite.

Capítulo 56

DOIS DIAS SE PASSARAM e nada de Mariana dar algum retorno para Caio. Ele sentiu-se sozinho e voltou a pensar na ex-noiva. Teve curiosidade de

saber como ela estava, já que nunca mais tinha tido notícias dela. Não a via há seis meses. *Será que tá namorando?... Que pergunta imbecil, né, Caio... Claro que tá... Uma mulher daquela não fica solta por muito tempo... Alguém já pegou...*

Ou será que não?...

Ficou curioso e aproveitou que a porta da sua sala estava aberta.

– Camiiiiiiila! Ô, Camiiiiiiila!

– Oooooi...

– Vem aqui, por favor!

Alguns segundos depois...

– Oi, Caio.

– Você tem notícia de Isadora?

Camila sorriu.

– Sim. Um dia desses, ela passou aí em frente. Eu tava na calçada. Parou pra me cumprimentar e a gente conversou um pouquinho.

– Como ela tá?

– Disse que tava bem.

– O que vocês conversaram?

– Pouca coisa. Ela ficou uns três minutinhos aí.

– Mas o que ela falou?

– Você quer saber se ela perguntou por você?

Caio silenciou como quem consente.

– Sim, ela perguntou. E eu disse a verdade... Que você tá muito preocupado com o abrigo... Que tá lutando muito pra conseguir doações... Essas coisas...

– Ela não perguntou mais nada sobre mim?

– Não.

– Ela ainda tá sozinha?

– Não me falou nada. E eu também não perguntei. Mas soube aí pela vizinhança que de vez em quando um rapaz vem buscar ela de carro.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tá namorando quem?
- Não sei. O rapaz não mora por aqui. Por que tanta curiosidade?
- Nada... Só curiosidade boba mesmo. Quero muito bem a ela.
- Tem certeza que é só curiosidade boba?
- Tenho!
- Olha lá, hein!
- Não, não é nada. Isadora já faz parte do meu passado.

Breve silêncio.

- E sua amiga, Mariana?
- Ela não é bem minha amiga.
- E é o quê, então?
- Sei lá...
- Ligou pra ela?
- Liguei.
- E aí?
- Não quis atender. Mandou dizer que não tava.
- Você sentiu isso?
- Hunrum.
- Deve ser o destino mandando um recado pra você. Esquece.
- Eu fui lá.
- Você foi lá?...

Ele confirmou com a cabeça.

- A mulher não te atende e você foi se rebaixar desse jeito?
- Não é por mim, Camila, é pelo abrigo!
- Ela não quer te ver, Caio!
- Alguns doadores são mais difíceis que os outros. A gente precisa insistir.

– Caio, não vá atrás dessa mulher com segundas intenções! Por favor! Não se esqueça de que ela é casada! Quando encontrá-la fale apenas de doações. Só isso!

PERIGOSAS ACHERON

Ele baixou a cabeça. Camila saiu da sala.

Capítulo 57

CINCO DIAS DEPOIS da aspiração dos óvulos e da coleta dos espermatozoides, Mariana e Paulo receberam a informação de que tinham sido gerados quatro embriões! Poderiam fazer duas tentativas de fertilização in vitro. Ela e o marido vibraram. Tanto que não se contiveram e comentaram com alguns amigos. Rapidamente a boa nova se espalhou e os telefonemas com os parabéns começaram a vir. Era muito cedo pra isso porque o surgimento de embriões não é garantia de que a gravidez vá adiante. Mas, muitas vezes, é impossível controlar a euforia do casal.

Os dois estavam nesse estado. Aqueles embriões eram uma coisa muito adiante do que tinham alcançado. Aliás, os dois sozinhos não tinham conseguido nada. Tentaram durante mais de um ano com resultado zero. Por isso, chegaram na clínica encarando o médico quase como um milagreiro.

– Doutor, parabéns! – disse Paulo.

– Eu já tava achando que nunca ia engravidar.

O médico, pela sua experiência, entendeu claramente a alegria precipitada do casal. Ele sorriu e parabenizou, mas achou melhor colocar um freio.

– Calma! Demos um passo muito grande. Mas não há garantia de nada. Portanto, não podemos comemorar uma gravidez que ainda não existe.

Não adiantou muito. Os dois balançaram a cabeça concordando com o médico, mas, logo depois, estavam novamente radiantes. Era compreensível.

•

Após a transferência dos embriões, Mariana despediu-se do médico com uma mão sobre a barriga como se ali já estivesse um bebê.

– Ah, doutor, tô tão feliz!

O médico apenas sorriu.

– O senhor merece um prêmio! – disse Paulo.

– Também não é pra tanto. Mas fico feliz por vocês. Tá tudo dando certo.

Vamos apenas aguardar um pouco mais pra comemorar.

E Paulo fez uma sugestão para a esposa:

– Mariana, depois que o teste de gravidez der positivo, vamos oferecer um belo jantar pro doutor lá em casa.

– Isso mesmo, Paulo! Excelente ideia! Doutor, o senhor tá convidado desde já! Gosta de bacalhau?

– Adoro! – disse, rindo.

– Então, vamos lhe oferecer a bacalhoadada mais saborosa do mundo! – garantiu ela.

E despediram-se. A caminho do carro, Mariana teve a ideia de passar no shopping pra comprar roupas de... gestante! Dessa vez, o marido não tentou impedir como fizera nas compras do bebê. Gostou da ideia e até estimulou.

•

A cada peça que experimentava, Mariana queria saber a opinião do marido. Ele elogiava todas e ainda brincava.

– Essa também tá ótima! Mas vai ficar melhor ainda quando a barriguinha começar a aparecer.

Mariana adorou escutar aquilo. A atendente da loja, ao presenciar a cena, fez a pergunta padrão:

– Pra quando é a criança?

– Pra daqui a nove meses – disse ela.

– Já estamos iniciando a contagem regressiva – reforçou Paulo.

A moça estranhou um pouco, mas não falou nada. Mariana comprou cinco vestidos de gestante. Por enquanto. Antes de irem embora, Paulo quis

passar numa livraria. Chegando lá, perguntou para o atendente se havia algum livro que tratasse de cuidados com o bebê. Não tinha. Mas o rapaz percebendo que ele ia ser pai ofereceu outro.

– Tem um livro aqui que talvez o senhor goste.

– Qual é?

O rapaz foi buscar e voltou mostrando a capa: *Pai de Primeira Viagem: dicas e conselhos*. Ele adorou a sugestão. Pegou o livro, deu uma leve folheada com Mariana e depois ficou olhando para a capa onde tinha um pai com um bebê nos braços. Fez graça.

– Amor, esse cara parece comigo!

– Não, você vai ser um pai muito mais bonito!

– É menino ou menina? – perguntou o atendente.

– Ainda não sabemos – respondeu Paulo tocando a barriga da esposa. –

Mas pra mim tanto faz.

– O importante é que venha com saúde – disse ela.

Eles estavam adorando aquelas perguntas. Era como se de uma hora para a outra tivessem adquirido o status de pai e de mãe.

Compraram o livro e foram embora.

•

Ao chegar no prédio onde moravam, Mariana começou a descobrir um marido cheio de cuidados com a esposa “grávida”. Na saída do carro, ele fez questão de oferecer a mão para ela se apoiar.

– Cuidado pra não cair.

Mariana sorriu. Não havia o menor perigo de isso acontecer. Quando caminharam para o elevador e o toc-toc do salto alto dela ecoou pela garagem, Paulo comentou:

– Meu bem, esquecemos de perguntar pro médico se você vai poder continuar usando esse salto.

– Acho que não.

Entraram no apartamento e ele quis saber o que havia pra jantar.

– Tem comida no freezer. Depois que eu tomar banho, esquento pra você.

– Não, nada disso! De hoje em diante você não vai fazer mais nenhum serviço pesado. Deixa isso comigo.

Ela sorriu novamente com o exagero do marido.

– Gravidez não é doença, amor!

– Mas também não é o estado normal da mulher. Por isso, cuidado nunca é demais. Vá tomar seu banho e deixe que eu preparo o jantar.

– Amor, se for assim, nem poderei mais trabalhar.

– Bem que eu gostaria – disse ele, rindo.

•

Depois do jantar, os dois foram assistir à televisão. Mariana esparramou-se no sofá e ele sentou-se na ponta. Todo compenetrado, Paulo puxou os pés dela e ficou massageando numa típica cena de marido cuidando dos pés inchados da esposa grávida. Aquela troca de carinhos era muita bonita, sem dúvida, mas refletia uma irreabilidade. Se o médico pudesse presenciar aqueles excessos, iria ficar muito preocupado com o estado psicológico do casal. Eles estavam num momento perigoso de encantamento. Ainda faltavam catorze dias pra fazer o teste de gravidez. Se desse positivo, uma maravilha. Mas, se desse negativo, com certeza iriam desabar.

Assim que terminou o programa a que estavam assistindo, Paulo pegou o livro que comprara e começou a ler alguns trechos em voz alta. Um lhe chamou atenção.

– Ei, amor, olha só! Veja isso aqui... Sabia que o homem pode ficar grávido junto com a mulher?

– Sabia, sim.

– Você sabia disso?

– Claro.

– Você sabia e nunca me falou?...

– Você nunca perguntou...

– Engraçadinha.

Ela riu.

– Vai, fala... O que você viu aí?

– O homem pode sentir alguns sintomas de mulher grávida. Pode sentir enjoos... ficar cansado... mal-humorado... ter desejo por comidas estranhas... Aqui diz que atualmente é cada vez mais comum isso acontecer, porque os homens estão muito mais envolvidos emocionalmente com a gravidez de suas mulheres. Nossa senhora!... Eu não sabia disso...

– Pois eu sabia.

– Bom... se isso tá acontecendo porque os homens estão mais envolvidos com a gravidez... então, eu tô é lascado!

Mariana deu uma gargalhada.

– Quer dizer que se você enjoar eu também vou... Se você tiver vontade de comer areia, eu também vou ter... Se você tiver prisão de ven... Deixa pra lá!

Paulo, então, fez graça. Levantou a blusa e inchou a barriga.

– Amor, será que vou ficar grávido?

– Acho que você já está! – disse ela, dando outra gargalhada.

Capítulo 58

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, tanto bate até que fura. Com esse velho ditado na cabeça, Caio seguiu adiante na sua busca por novos doadores. Ele tinha esperança de encontrar algum anjo salvador. Reviu a lista dos que ainda não tinha visitado e priorizou os que ficavam no centro da cidade. Assim,

se logo recebesse um não, iria imediatamente a pé para outro, já que estaria próximo. Tinha que ganhar tempo, porque só poderia fazer aquele trabalho de captação no período da tarde. E foi o que aconteceu logo na primeira visita a um renomado escritório de contabilidade. Não passou da recepção. A moça que o atendeu disse que o patrão não tinha a menor condição de recebê-lo.

– Obrigado. Eu volto outro dia.

Partiu para uma loja de construções. Era uma empresa de tamanho médio. Nessa, para sua surpresa, conseguiu chegar à secretária, coisa que há muito tempo não conseguia. Ela perguntou o que era. Caio pensou rapidamente e optou por dizer a verdade para ver se dava certo.

– Sou diretor do Abrigo do Tio Caio. Nós abrigamos quarenta meninos de rua. Estamos em busca de doações.

– Geralmente, ele não recebe ninguém sobre esse assunto. Mas de qualquer forma vou avisar.

Ela foi até a sala do chefe e voltou rapidamente.

– Ele disse que pode te receber, mas não agora. Caso alguém da agenda se atrase, eu posso te encaixar. Quer esperar?

Caio vibrou. Fazia tampo que não era recebido por nenhum diretor.

– Sim, eu espero!

– Tá bom, pode sentar ali. O senhor aceita água ou café?

– Os dois.

Ele se sentou tendo a certeza que alguém iria se atrasar porque o trânsito de São Paulo estava horrível. Como sempre!

Mas... até duas horas depois, todos os agendados tinham chegado na hora. *Putz, que azar!* Não lhe restou outra opção a não ser mergulhar a cabeça numa revista... e noutra... e noutra... e noutra... O tempo passava e nenhuma brecha surgia na agenda do diretor. Olhou para a secretária e ela apenas retribuiu o olhar. Pensou em ir embora. Mas desistiu por causa da certeza que ele dera de recebê-lo se surgisse algum espaço. Era melhor esperar porque já estava ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

No final da tarde, ele cansou e levantou-se pra ir embora. Foi avisar a secretária que estava ao telefone. Aguardou terminar pra agradecer a boa intenção. Mas assim que ela baixou o telefone...

– Você, tá com sorte!

Eu não acredito...

– Um dos agendados está preso no trânsito. Acabou de ligar cancelando a visita. Você pode entrar assim que a pessoa que tá lá dentro sair.

– Fala sério.

– Tô falando sério – disse ela, sorrindo.

– Será que essa pessoa sai logo?

– Creio que sim. Já faz algum tempo que tá lá, né...

– Não tem como você me ajudar?

– Ajudar?... Como?...

– Não tem como você ir lá e checar se ela vai sair logo? Porque se for demorar pra mim não compensa esperar. Tenho que dar aula agora à noite.

– Ah, você é professor? Que legal. Mas você disse que trabalhava com abrigo...

Caio sorriu vendo que tinha caído na simpatia da moça.

– Os dois. Eu trabalho com abrigo e também sou professor. Dou aula de sociologia em duas faculdades. Daqui a pouco vou pra uma delas.

– Sei como é essa vida... Minha mãe também é professora. Vive numa correria. Mas ela adora o que faz.

– Eu também.

– Vou te ajudar. Vou lá ver se estão perto de terminar.

A secretária foi e voltou num pulo.

– Ele vai já te receber.

Caio sorriu, ergueu o polegar e piscou o olho.

Passaram-se dez minutos... quinze... trinta... Parece que a sorte não estava do seu lado. Levantou-se pra ir embora. A secretária falava ao telefone, mas pediu com a mão pra ele esperar. Sentou de novo, suspirando de

PERIGOSAS ACHERON

impaciência. *Ai, que vida essa minha... Por quanto tempo ainda vou ficar nessa?...*

Depois de 45 minutos, a visita saiu da sala do diretor e a secretária o chamou.

– Vamos!

Ela abriu a porta e ele entrou. Ficou surpreso ao conhecer o diretor. Era um rapaz bem mais novo que ele. Apesar do terno e gravata, tinha o cabelo espetado com gel.

– Boa tarde, senhor Caio – disse o jovem diretor, estendendo a mão.

– Boa tarde.

– O senhor está em busca de doações para um abrigo, não é isso?

– Sim, é por isso que estou aqui.

– Conte-me a sua história.

– Tenho um abrigo com quarenta meninos de rua, fundado há cerca de um ano e meio. Ele sobrevive de doações. Mas nos últimos tempos tem sido muito difícil conseguir novos doadores. E, pra piorar, alguns desistiram de doar.

– Poxa! Alegando o quê?

– Falaram que estavam sem condições...

– Já ouvi muito isso.

– Pois é... Estamos numa situação delicada. Se continuar desse jeito, o abrigo corre o risco de fechar.

– E o que o senhor vem pedir exatamente?

– Que vocês se tornem doadores fixos com uma contribuição mensal. Vocês poderão usar à vontade o nome e a imagem do abrigo na divulgação das suas atividades de responsabilidade social. Também vamos lhe conceder uma placa com o título de *Amigo do Abrigo do Tio Caio*.

– Legal. Gostei.

– Então, o que o senhor me diz?

– Rapaz, você tá com sorte! Estamos mesmo querendo investir em responsabilidade social.

Caio sorriu. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

– Até agora não fizemos nada nessa área, infelizmente. Foi uma grande falha nossa. Mas temos consciência de que precisamos fazer. Porém, nós ainda não temos condições de contribuir todos os meses.

Ele tirou o sorriso.

– Mas fique tranquilo... Vamos contribuir com alguma coisa.

E chamou a secretária pelo ramal:

– Carla, venha cá, por favor.

Depois voltou-se novamente pra ele:

– O senhor tem recibo?

– Sim.

– É um trabalho muito importante esse de vocês, sem dúvida.

– Ainda bem que o senhor acha isso... Nem todos pensam assim.

– É mesmo?

– Demais.

– Por quê?

– De modo geral as pessoas não se preocupam em ajudar.

A secretária chegou.

– Carla, providencie uma doação de cem reais.

Caio fechou a cara.

– Pegue dinheiro no nosso caixa. Ele vai te dar um recibo. Por favor, não esqueça de passar isso pro nosso contador.

Ele não estava acreditando no que tinha acabado de escutar. Tinha esperado a tarde inteira pra receber míseros cem reais de uma empresa de porte médio. Se pelo menos o diretor estivesse fazendo a doação como pessoa física... Mas como empresa? E ainda por cima daquele tamanho... Uma contribuição avulsa de uma companhia como aquela era pelo menos dez vezes maior. Ficou com vontade de falar: *“Muito obrigado, doutor, mas é melhor o senhor ficar, porque pode lhe fazer falta”*.

Mas tinha que disfarçar o desapontamento.

- Obrigado... Toda ajuda é bem-vinda...
- Acho muito bonito esse trabalho de amparar meninos de rua.
- Obrigado.

Pouco depois, a secretária voltou.

- Chefe, não temos cem reais em caixa, só cinquenta...
- Serve!

Caio sentiu o sangue ferver. Teve que tirar forças do além para pegar o bloco de recibos dentro da sua pasta e preencher. Assim que o fez, entregou, pegou a doação, agradeceu e saiu. Nem esperou a secretária lhe acompanhar. *Esse aí poderia ser presidente da Abremi... Associação Brasileira dos Empresários Miseráveis.*

Capítulo 59

O TELEFONE TOCOU na casa de Mariana. Era Gisele. Ela deu a boa notícia de que Igor havia conseguido a promoção no emprego. Agora era um dos diretores da empresa.

– Mariana, Nossa Senhora Aparecida olhou pra nós. Igor está soltando fogos de artifício. O salário dele mais do que dobrou.

– Que bom, Gisele! Fico muito feliz por vocês! O Igor tava merecendo muito. Vou logo contar pro Paulo. – E virou-se para o marido que olhava algumas correspondências. – Amor, o Igor conseguiu aquela promoção! Agora é diretor!

- Ooopaaa! – gritou ele. – Isso merece uma gelada. Aliás, uma não... três!
- Tá ouvindo, Gisele?
- Tô sim! – respondeu ela, rindo.

Paulo gritou de novo:

- Gisele, diga ao Igor que tô lhe mandando os parabéns!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ouviu? – perguntou Mariana.

– Sim. Diga aí pra ele que tô mandando um abraço.

Ela virou-se para o marido:

– Gisele tá te mandando um abraço.

– Outro!

A amiga lembrou de comentar mais uma coisa.

– Mariana, ainda nem lhe contei. Sabe a nossa promessa?

– Claro. O que foi?

– Assim que a gente chegou em casa, depois do Caminho, o Igor decidiu levar a sério o que aquele rapaz falou. O Caio.

– O quê?

– Que a gente precisa ter a intenção de beneficiar alguém quando faz uma promessa.

– Sei...

– Pois é... Naquele dia, o Igor pensou bastante e decidiu que, além da viagem que a gente faria todos os anos pra Aparecida, ele iria doar uma vez por mês algumas cestas básicas para um lar de idosos.

– Que bom.

– O Caio tem razão. Se a gente quer uma coisa, é preciso dar algo em troca pra quem tá precisando.

Silêncio entre as duas.

– Você tem notícia dele? – continuou Gisele.

Mariana olhou para o marido. Ele permanecia entretido com as correspondências. Mas por segurança, afastou-se discretamente e foi para a cozinha.

– Alô?... – cutucou a amiga.

– Tô ouvindo.

– Tem notícias do Caio?

– Acredita que ele teve lá na empresa?

– Não acredito!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acredite.
 - E aí? Como foi o papo?
 - Que é isso?... Eu não recebi! Mande a secretária dizer que eu tava ocupadíssima. Ele ainda esperou horas. Depois foi embora.
 - Meu Deus.
 - Mas deixou um bilhete.
 - Dizendo...
 - Que o abrigo tava muito mal e que precisava da minha ajuda.
 - E você?
 - Ignorei.
 - Sêrio?
 - Claro.
 - Não acha melhor dar uma ligada pra ele?
- Mariana pensou um pouco.
- Gisele, confesso que fiquei com muita pena ao ler o bilhete. Mas não quero ligar, porque ele pode achar que tô dando abertura. E eu não quero passar de novo por aquele constrangimento.
 - Mas nem uma ligadinha? Nem pra mostrar solidariedade?
 - Melhor não.
 - Se eu fosse você, ligaria. Acho que você não precisa encontrar com ele. Basta ligar dizendo que tá mandando alguma doação por um motoboy.
 - Tá falando sério?
 - Claro! Não custa nada fazer isso. Ele não é má pessoa, muito pelo contrário.
 - É, eu sei...
 - Então?...
- Silêncio.
- Vou pensar. Não sei se vale a pena me arriscar agora. Ainda mais nesse momento tão bom que eu tô passando... Falta pouco tempo pra fazer o teste de gravidez.

PERIGOSAS ACHERON

- Mas o que tem a ver? Ligar pra ele vai te atrapalhar em alguma coisa?
- Sei lá... Essas coisas mexem tanto com a gente.
- Bem, isso é verdade. Eu acho que você deveria ligar, mas... quem tem que saber realmente é você. Se você acha que não é o momento, então não liga.
- Vou pensar. Vou ver se vale a pena dar um retorno pra ele.
- E a barriga como está?
- Ih, não vejo a hora de fazer o teste.
- Muita ansiedade?
- Nem me fale... Já comi todos os chocolates que podia. Tô mais gorda do que antes do Caminho da Fé.
- E o Paulo? Preparado?
- Tá todo compenetrado, se achando o paizão.
- Se der positivo, vamos sair pra comemorar.
- Que é isso, Gisele?... Como assim “se der positivo”?... Claro que vai dar!
- Deus te ouça! Tô torcendo muito por vocês.

Capítulo 60

COMO CAIO NÃO LIGAVA, Olavo tomou a iniciativa e telefonou para o amigo marcando uma saída. O convite foi aceito sem muito entusiasmo apesar da proposta tentadora: tomar um chocolate quente com a amiga linda da sua namorada que estava solteirinha da silva. Caio ficou de encontrá-los num dos points da zona leste.

Assim que o viu passando, Olavo acenou. Caio caminhou até a mesa percebendo que o amigo não tinha exagerado na beleza da moça. Era uma morena pra ninguém botar defeito. Chamava-se Kelly, 32 anos, tava louca por um namorado, mas não apenas pra passar o tempo, queria investir seriamente

na relação. Os olhos dela brilharam quando ele chegou. Os quatro conversaram juntos por algum tempo. Depois, a namorada de Olavo o chamou pra dar uma olhada nas lojas.

Caio e Kelly ficaram a sós. Seria uma excelente oportunidade pra... Mas a moça não foi correspondida. Ele passou a conversar de forma burocrática mostrando-se pouco interessado. Foi tão sem sal que ela chegou a reclamar:

– Você tá mais frio que o tempo...

E olha que naquela noite a temperatura em São Paulo estava na casa dos dez graus graças a uma frente fria “estacionada” em cima da cidade. Diante da brincadeira da moça, Caio apenas sorriu com cara de maionese. Ela ainda arriscou.

– Gosta de teatro?

– Gosto.

– Vamos assistir alguma pe...

– Cadê o Olavo que não chega?

– Deve tá se divertindo por aí... Gosta de comédia?

– Gosto. Humpf... Tá frio aqui, hein?

Hoje não é meu dia de sorte, pensou Kelly. E, percebendo que estava cavando poço onde não tinha água, tirou o brilho dos olhos e retraiu-se. No dia seguinte, ainda se queixou com Olavo: “*Aquele teu amigo é um chato!*”. Ele quase não acreditou que aquela gata tinha sido dispensada pelo mesmo homem que até pouco tempo era conhecido no bairro como “areia”, o que come tudo.

Capítulo 61

DEPOIS DO ALMOÇO, uma das funcionárias da Beta Consultoria estava lendo uma revista num dos sofás do corredor, quando Mariana passou. Ela parou assim que viu a capa: *Terapia de Vidas Passadas*. A moça percebeu o

interesse dela e virou a revista pra si mesma para checar o que era. Depois, perguntou: – A senhora gostou?

– Já ouvi muito falar disso aí.

– A senhora já fez?

– Não, não preciso! Você já?

– Ainda não. Mas tô com vontade.

– Desculpe, mas por quê?

A moça gostou da pergunta. Colocou a revista sobre as pernas.

– Tô com alguns probleminhas no meu namoro. Meu namorado é muito agressivo comigo. Aliás, sempre foi...

– E por que você continua com ele?

– Sou louca por ele! É isso que não consigo entender... Como uma mulher pode gostar tanto de um homem que vive lhe tratando mal? Só pode ser por causa do outro lado dele. Ele é agressivo, mas gosta de mim. Quando tá calmo, me cobre de mimos. É a melhor pessoa do mundo.

– Que coisa, hein... Há quanto tempo vocês estão juntos?

– Dois anos.

– Dois anos desse jeito?

– Desse jeito.

– Ele já lhe agrediu fisicamente?

– Não! Mas confesso que tenho muito medo que isso aconteça. Às vezes, ele fica completamente descontrolado.

– Cuidado! É nesses momentos que as tragédias acontecem.

– Eu sei...

– E você já tentou conversar com ele sobre essa agressividade?

– Já. Mas é um assunto que ele odeia. Fica ainda mais agressivo.

– Tenha muito cuidado mesmo. Se você terminar esse namoro, é capaz dele não aceitar e fazer alguma coisa contra você.

– Nem me fale! Minha mãe vive me dizendo isso. Mas o pior é que minha família adora ele. Quando ele tá calmo é a melhor pessoa do mundo.

Supercarinhoso. Lá em casa todo mundo reza por ele.

– E a TVP, você ainda não fez por quê?

– Tô pensando.

– Já ouvi dizer que ela pode ajudar muito nesses casos.

– Eu também... Já li muita coisa boa. Acho que vou marcar uma consulta. Não custa nada, né?

– Espero que a TVP lhe ajude. Depois você me conta.

Capítulo 62

ASSIM QUE CHEGOU na sua sala, Caio viu um bilhete em cima da mesa. Pegou e começou a ler:

Querido, Caio.

Desculpe a demora em responder o seu recado. Como você está? Preciso muito lhe ver. Quero fazer uma grande doação para o abrigo. Por favor, me procura ainda hoje.

Beijos.

Mariana.

Ele não acreditou no que acabara de ler. Era bom demais pra ser verdade. Mariana estava lhe procurando para fazer uma grande doação. *Será alguma brincadeira de mau gosto?...Quem veio deixar esse bilhete?...* Gritou por Camila e Aurora, mas nenhuma das duas respondeu. Melhor deixar pra lá. Olhou no relógio: eram quatro da tarde. Ainda dava tempo. Pegou sua moto e partiu.

No caminho pensava apenas nela.

Quando chegou no prédio, subiu rápido. Apareceu ofegante na frente da secretária, que lhe recebeu com simpatia.

- Meu caro, hoje é seu dia de sorte. Ela tá lhe aguardando.
- O que deu nela pra me procurar?
- Não sei, pergunta pra ela...
- Ainda tô achando que não é verdade.
- É verdade, sim. Ela quer falar com você. Venha.

Caio entrou... Mariana estava mais linda do que nunca! Levantou-se para cumprimentá-lo com um sorriso enorme. Ele não acreditou. A mulher que desejava estava ali na sua frente.

- Como você está? – perguntou ela.
- O que deu em você pra me procurar?
- Você veio atrás de mim, não veio?
- Sim, esperei tanto...
- Desculpe, estive muito ocupada. Que bom te rever.
- Digo o mesmo.
- E aí, como está o abrigo?
- Daquele jeito.
- Muito difícil?
- Péssimo!
- Ainda atrás de ajuda?
- E como!

Ela virou-se para a mesa e pegou um cheque.

- Aqui está a minha doação. Espero que goste.

Caio pegou e olhou o valor. Quase caiu para trás! Eram trezentos mil reais. Nunca um doador havia doado tanto.

- Você ficou louca?
- Louca por quê?
- Isso tudo?

PERIGOSAS NACIONAIS

- E por que não?
- Mariana, você tem certeza que vai doar isso tudo?
- Nossa! – Ela riu. – Quando a gente não doa, ele reclama... Quando a gente doa demais, ele critica... E agora?
- É que nunca recebi uma doação desse tamanho...
- Pra tudo existe a primeira vez. Espero que lhe ajude.
- Ajudar? Isso salva completamente o meu abrigo. Vamos fazer uma reforma grande. Vai ter comida o dia inteiro.
- Que bom que você gostou!
- Claro!
- Ainda bem!
- Por que não foi lá conhecer as crianças?
- Ando tão ocupada! Mas prometo que vou qualquer dia desses. Acho que você já pode falar de mim pra elas.
- Sim! Elas vão adorar a Tia Mariana. O que te fez mudar pra fazer uma doação dessas?
- Foram suas palavras. Elas ficaram na minha cabeça. Você tem razão, as pessoas estão doando muito pouco, até mesmo aquelas que podem doar.
- Você não imagina o tanto que eu sofro.
- Mas acho que agora você não vai sofrer tanto, não é?
- Isso aqui é uma senhora ajuda!
- Se depois você precisar de mais, não se preocupe, fale comigo novamente que eu dou outra contribuição.
- Meu Deus...
- Depois que a gente faz a primeira fica gostando.
- Que bom que você mudou!
- Foi você quem me ensinou. E a sua vida como está? Arranjou uma namorada?
- Não!
- Você está precisando de uma. A vida não pode ser só trabalho. Invista

PERIGOSAS ACHERON

mais em você mesmo.

– Eu sei, mas o abrigo tem me ocupado bastante. Corri muito atrás de doações.

– Agora, já pode dá uma descansada.

– Sim! Graças a sua ajuda. Vou mandar fazer uma placa em sua homenagem e colocar na frente do abrigo.

– Deus! – exclamou ela, levando as mãos à boca.

– Quero que todo mundo saiba que o abrigo só continua existindo por sua causa. Você foi um anjo que apareceu pra nós.

– Nossa! Eu, um anjo?

– Sim, um anjo!

– Então, venha cá e me dê um abraço.

– Um abraço?

– Sim, um abraço!

– Você tem certeza?

– Ai, era só o que me faltava... E eu preciso ter certeza pra lhe pedir um abraço?

– É que você nunca me pe...

– Deixa de onda e vem cá me dar um abraço.

Ele sorriu. Aproximou-se para encaixá-la.

Toc-toc-toc!

Caio virou-se para a porta.

– Deixa pra lá! – pediu Mariana.

Ele se reaproximou.

Toc-toc-toc!

Ele olhou de novo para trás.

– Você não tá esperando alguém?

– A prioridade nesse momento é você!

Toc-toc-toc!

Dessa vez alguém chamou pelo seu nome.

– Caiôôôôô...

Toc-toc-toc!

– Caiôôôôô...

A voz era bastante familiar. Mas ali na empresa de Mariana?... Quem?

Toc-toc-toc!

– Caiôôôôô... Sou eu, Camila!

Camila? Como assim? O que ela tá fazendo aqui na empresa de Mariana? Me seguiu? Mas pra quê?

Toc-toc-toc!

– Caio, tá na hora de você ir pra faculdade!

Faculdade? Que história é essa? Ele despertou assustado na cadeira. Olhou para os lados e viu que estava... na sua sala... no abrigo!

Toc-toc-toc!

– Caio, acorda! Tá na hora! Você pediu pra lhe avisar.

Ele olhou pra porta.

– Já vai, já vai...

Levantou-se e abriu.

– Que sono pesado, hein, Caio?

– É... Cochilei mais do que devia.

– Cochilou? Eu já tava achando que você tinha morrido.

– Não exagera... – disse ainda “meio-acordado-meio-dormindo”. – Ai, ai, ai... dormi que sonhei...

– Sonhou com quem? Com alguma deusa?

– Você só fala nisso...

– Já são cinco e meia. Tá na hora de você ir pra faculdade. Não vá se atrasar.

– Tá bom. Obrigado por ter chamado.

•

Meio quarteirão depois do abrigo, Caio teve que parar a moto porque viu Olavo lhe acenando na calçada.

– Meu amigo, o que houve? Dispensou a gata?

– Ih, rapaz, não é isso... É que tô cheio de problema pra resolver... Nem tenho tempo pra pensar em mulher.

– O meu amigo “areia”... sem tempo pra mulher?...

Caio riu. E tentou inverter.

– E você, como tá com a Cris?

– Tô um pouco triste... Ela vai passar três meses no Rio de Janeiro trabalhando como modelo.

– Ihhhh...

– Pois é... A gente vai ficar namorando a distância.

– Namoro a distância? Ha-ha-ha... Que sejam felizes os quatro!

Olavo ficou com cara de maionese. Mas Caio fez ainda pior.

– Fica assim não, meu velho... Todo ser humano já nasce corno! Os mais sortudos são os que morrem sem saber!

– Sai daqui, seu safado! – gritou Olavo, dando uma tapa nas costas do amigo.

Capítulo 63

O 14º DIA APÓS a implantação dos embriões havia chegado. O teste de gravidez já podia ser feito. Mariana e o marido amanheceram apreensivos. A caixa com o teste estava em cima da mesa da sala. Paulo tinha acordado antes dela e a esperava sentado. Ela chegou e ficou olhando pra ele. *Mais um!*

Mariana pegou o recipiente para a coleta da urina e foi ao banheiro. Voltou, colocou sobre a mesa e sentou-se. O marido abriu a caixa, rasgou o envelope e retirou a haste. Ele mesmo mergulhou no copo. Esperou um pouco,

retirou e colocou sobre a embalagem. Ela deu um suspiro nervoso. Suas mãos tremiam. Não era pra menos. Aquela cena lhe trazia más recordações. Os dois olharam para o relógio de parede. Seriam cinco minutos de tortura esperando as duas listras aparecer. Ficaram olhando para a haste. Sobre a mesa, ela agarrou a mão do marido. Ele sentiu o tremor e pediu: – Tenha calma.

Apareceu a primeira listra. Mariana nem se mexeu. E, como sempre, começou a lembrar de algumas coisas. Lembrou das amigas de faculdade que já eram mães... Lembrou da compra do quarto do bebê... da fertilização in vitro... do convite para ser a nova diretora de operações... do salário muito maior que o das amigas...

Mais de quatro minutos. Nada da segunda listra. Ela olhou pro marido, ele olhou pra ela. Ambos apertaram as mãos. Mariana não conseguiu pensar em mais nada. Seus olhos grudaram na haste aguardando o final. Os de Paulo também.

Os cinco minutos chegaram ao fim... A segunda listra não apareceu... Mariana não estava grávida!

Paulo baixou a cabeça. Ela continuou olhando para a haste. Imóvel... petrificada... O tratamento não tinha dado certo. A ciência ainda não tinha ajudado. Depois de alguns segundos, ele olhou para a esposa e viu seus olhos cheios d'água. Fez um carinho na sua mão. Ela lembrou de Caio no bilhete querendo saber como estava o tratamento para engravidar. *Uma droga... Uma droga...* Ficou com vontade de ligar pra ele e perguntar por que nada dava certo para os dois. *O que fizemos de errado?*

Levantou-se da cadeira e foi até o quarto do bebê. Ficou de frente para a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ajoelhou-se e começou a rezar. Paulo chegou e ficou parado na entrada, quieto. Esperou ela terminar. Mariana levantou-se e abraçou o marido. As lágrimas lhe molhavam o rosto.

- Tenha calma, meu amor. Estamos apenas no começo do tratamento.
- Eu não aguento mais – disse ela, quase sem voz.
- Não diga isso!

- O que fiz de errado?
- Você não fez nada de errado.
- Paulo, eu nunca vou ser mãe.
- Não diga isso!

Mariana chorou nos braços do marido por quase dois minutos. Quando melhorou um pouco, virou-se para a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

- Mãe, por que tá sendo tão difícil?

Capítulo 64

OS DIAS DE FOLGA FINANCEIRA proporcionados pela venda do carro chegaram ao fim. Mas essa não era a pior parte. A busca por mais doadores não tinha dado resultado. O abrigo teria que seguir adiante apenas com as atuais doações, o que era pouco para suprir o custo. O racionamento de comida teria que ser feito. Das três refeições, uma teria que ser cortada. Após uma triste reunião com Camila e Aurora, chegou-se rapidamente à conclusão que deveriam tirar o café da manhã.

- Como vamos explicar isso pras crianças? – perguntou Caio.
- Temos que falar com franqueza – sugeriu Aurora.
- E elas vão entender? – questionou ele.

Camila usou um bom argumento.

- O almoço e o jantar ainda são muito mais do que elas comiam nas ruas.
 - Muito mais! – concordou Aurora.
 - Eu sei disso. Mas o problema é que elas estão há um bom tempo acostumadas com essas três refeições. Tirando uma, o impacto vai ser grande.
- Silêncio.

- Quando vamos iniciar o racionamento? – seguiu ele.
- Amanhã mesmo – informou Camila. – Não temos opção.

- Comunicamos hoje, ou amanhã pela manhã? – perguntou Caio.
- Amanhã.
- Eu não sei se tenho coragem. Acho melhor vocês duas falarem.
- Não, Caio! – rejeitou Aurora. – Temos que ir juntos. Não adianta você se ausentar, porque depois vão lhe procurar. Acho que temos uma saída psicológica.
- Qual? – indagou ele.
- Podemos antecipar o almoço em uma hora e meia. Em vez de servirmos ao meio-dia, podemos fazer às dez e meia. O que acham?
- Parece uma boa ideia – concordou Camila.
- Também acho – disse Caio.

•

No dia seguinte, de manhã bem cedo, os três estavam prontos para o terrível anúncio. As crianças, depois da higiene matinal, chegaram à sala de refeições e não viram nada em cima da mesa. Alguns começaram a fazer perguntas.

- Tio, cadê o café?
- Vão sentando... – disse ele. – Vamos já explicar...
- Tia, traz logo meu pão! – pediu outro, olhando para Camila. Ela apenas sorriu e passou a mão na cabeça do garoto.
- Tia, cadê meu leite?

Caio tomou a frente. Pediu que os últimos se sentassem. Estava emocionado, mas soube se controlar. Não podia chorar na frente das crianças. Tentou puxar a voz e não conseguiu. Suspirou e esperou passar. Teve sorte que as crianças ainda não prestavam atenção nele. Quando sentiu que estava pronto, bateu palmas pedindo silêncio. Não deu muito resultado, como era de se esperar. Camila e Aurora lhe ajudaram repetindo o gesto. Agora eram três batendo palmas e pedindo que se calassem. Finalmente, foram atendidos. Caio

começou. Achou melhor ser direto.

– Crianças, nós vamos passar alguns dias sem o café da manhã.

Foi uma confusão geral. Os cinco funkeiros, talvez por serem os mais velhos, foram os que mais se exaltaram.

– O que houve?

– O tio nunca fez isso com a gente!

– Tio, deixa de enrolação!

– O abrigo vai fechar?

– É verdade? A gente vai voltar pra rua?

Os três tiveram que bater palmas novamente pedindo silêncio. Não foram bem atendidos. Caio continuou falando assim mesmo, no meio da barulheira.

– Calma, crianças! Calma!

Elas foram se calando.

– Infelizmente, é verdade! Não estamos brincando. O abrigo está sem condições de oferecer o café da manhã. Mas é uma coisa temporária. Logo vai voltar.

Nova gritaria. Caio tentou tranquilizar dizendo que o almoço seria servido, a partir daquele dia, às dez e meia. Não adiantou muito.

– Por favor, tenham paciência! Eu sei que é difícil, mas o café da manhã não vai faltar apenas pra vocês, mas também pra mim, pra Camila, pra Aurora... pra todo mundo aqui.

Mais gritos. Os mais novinhos começaram a chorar pedindo comida. Assistir àquilo era de cortar o coração. Caio não aguentou e se retirou. Foi trabalhar.

Capítulo 65

ALGUNS FAMILIARES DAS CRIANÇAS se reuniram e procuraram

Caio preocupados com a situação do abrigo.

– É verdade que o abrigo vai fechar? – perguntou uma avó.

– Quem disse isso?

– As crianças tão comentando.

– Ninguém falou isso pra elas.

– Mas vocês tiraram o café da manhã – argumentou um tio.

– Sim, isso é verdade. Estamos com algumas dificuldades momentâneas porque alguns doadores não depositaram suas contribuições esse mês. Mas logo tudo vai voltar ao normal.

– Seu Caio, vocês explicaram isso direito pras crianças? – questionou a irmã de um garoto. – Porque tão tudo dizendo que isso aqui vai fechar.

Caio ficou apenas olhando.

– É verdade! – confirmaram os outros.

– O abrigo não vai fechar! Eu sei que a notícia do corte do café da manhã pegou todos de surpresa, mas é uma coisa temporária. Estamos com algumas dificuldades, nós reconhecemos isso, mas ninguém falou em fechamento.

– Ai, meu Deus... – lamentou-se a avó. – Esse é o terceiro abrigo do meu neto e foi o único de onde ele não tentou fugir. Não tem pai nem mãe e eu não tenho a menor condição de ficar com ele. Como é que vai ser se isso aqui fechar?

– Eu tô na mesma situação – disse outra familiar.

– Calma, gente, calma! Isso aqui não vai fechar! Ninguém falou isso!

– O senhor promete?

Caio fez um breve silêncio, antes de responder.

– Prometo.

Capítulo 66

O MÉDICO RECEBEU A NOTÍCIA do teste de gravidez dando uma nova esperança:

– Pode ser que esteja errado.

– Alguma vez deu errado comigo, doutor? – questionou Mariana.

Um ficou olhando para o outro. Ele propôs:

– Vamos fazer o teste de gravidez através do exame de sangue.

– Não precisa, doutor. É perda de tempo. Não tô grávida. Vamos logo falar da transferência dos outros embriões.

O médico olhou para Paulo, que fez um sinal com a cabeça concordando com a esposa. Eles queriam logo tratar da próxima fase.

– Tá bem. Mas temos que esperar mais um ciclo menstrual seu. Depois disso, você volta aqui.

– E se também não der certo dessa vez? – perguntou Paulo. Ele sabia a resposta, mas queria escutar da boca do médico.

– Podemos fazer uma nova tentativa partindo do zero. Vamos dar um tempo pra ela descansar e depois começamos a aplicar novamente a mesma medicação pra induzir a ovulação.

Os dois fizeram cara de cansados.

– É o mesmo processo – continuou o doutor. – E, infelizmente, com a mesma ansiedade. Aliás, talvez até mais... Tenho que ser honesto. Por isso, cabe ao casal definir se vale a pena continuar tentando.

– O que o senhor acha? – quis saber Paulo.

– Da minha parte não há nenhum problema. Vocês é que têm que decidir se querem passar por tudo de novo. Mas não vamos pensar nisso agora. Vamos primeiro fazer a transferência dos outros dois embriões. Temos que ser otimistas, mas sem exageros. Na primeira vez, vocês tiveram um excesso de expectativa. Não pode ser assim. Sei que é momento de muita ansiedade para o casal, mas é preciso ter calma. Não dá pra comemorar antes do teste dar positivo.

Os dois se olharam.

– O senhor tem razão – disse Paulo. – Cantamos vitória muito cedo.

– Mas também... – lamentou Mariana. – Depois de tudo que nós passamos... Aqueles embriões eram muito mais do que a gente tinha conseguido.

O médico não falou mais nada.

Capítulo 67

ASSIM QUE ENTRARAM NO CARRO, Mariana perguntou para o marido:

– Paulo, o que vamos mesmo fazer se também não der certo dessa vez?

– Acho que devemos fazer outra tentativa partindo do zero, do jeito que o médico falou. Não custa nada. Aliás, custa!... É um sacrifício psicológico muito grande... Mas não temos opção.

– Também acho. Não queria passar por tudo de novo... Tomar todas aquelas injeções... Horrível... Mas...

– É... Vamos continuar tentando. Mas não vamos pensar nisso agora! Você ainda tem dois embriões pra colocar.

Ficaram em silêncio, cada um pensando na vida a seu modo. Mas ambos os pensamentos foram interrompidos quando o carro parou no primeiro semáforo. Uma moça esbelta, muito bonita, de uns vinte anos, começou a passar pela faixa de pedestres. Mariana discretamente olhou para o marido e viu o que não queria. Paulo secava a guria com os olhos. O movimento da sua cabeça acompanhava aquele corpo. Ela sentiu-se inferiorizada diante da beleza e juventude da moça. Era terrível para uma mulher da sua idade, prestes a fazer 35 anos, enfrentar a concorrência de outra bem mais jovem, e ainda por cima magrinha e com tudo em cima.

O semáforo abriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Paulo...
- O que é, amor?
- E seu eu não conseguir mesmo engravidar?
- Lá vem você de novo com aquelas conversas! Nãããã...
- Mas vo...
- Não tem “mas”, amor! Eu já lhe disse o que penso sobre isso. Por favor, vamos falar de outra coisa.
- Tá bem... Mas espero não ser surpreendida em nada.
- Surpreendida em quê?... Não comece a delirar!... Surpreendida em quê?...
- Eu já vou fazer 35 anos. E vocês homens adoram mulheres novinhas...
- Ai, meu Deus do Céu! Hoje não é meu dia! E desde quando uma mulher de 35 anos não é mais nova? Você fala como se tivesse oitenta!... Ah, Mariana, para com essas histórias! Você tá se tornando inconveniente!
- Diante dessas meninas de vinte e poucos anos...
- Ai, ai, ai... Tenho que rir pra não chorar! Vou fazer de conta que não escutei, viu dona Mariana?
- Ficaram em silêncio por alguns instantes. Depois, ela voltou a tocar no assunto.
- Você vai continuar casado com uma mulher que não pode te dar um filho?
- Eu não vou mais responder essa pergunta!
- Novo silêncio.
- Olha, Mariana, ao longo de todos esses anos jamais pensei que um dia você fosse desconfiar de mim! Isso tá se tornando uma coisa agressiva! Eu não quero mais conversar sobre esse assunto! Fui claro?
- Mariana ficou calada.
- Fui claro? – ele levantou a voz.
- Não grite comigo!
- Outro silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

- Desculpe... Mas você me tirou do sério.
- Depois de algum tempo...
- E o seu aniversário, Mariana?
- Quê que tem?
- Estamos a poucos dias do seu aniversário... Uma bela festa?
- Não, não, não!... Não tô com cabeça pra isso!
- Por quê?
- Você ainda pergunta... Pelo momento que estou passando. Não tô pra festa. A gente sai pra jantar e pronto.
- Eu, hein... Pensei que você fosse querer uma senhora comemoração. Acaba de ser promovida. Tá conquistando tudo.
- Quase tudo!... Deixa a festa para o próximo ano. Quem sabe será o meu primeiro aniversário como mãe.

Capítulo 68

A VISITA QUE ACABARA DE CHEGAR ao abrigo era uma das mais desagradáveis. Não pela pessoa dele, mas pela situação. Camila foi avisar a Caio que o seu Osvaldo estava querendo lhe falar. Ele soltou um suspiro de impaciência e mandou entrar. Mais de trinta dias haviam se passado desde a última conversa e, claro, o abrigo não tinha a menor condição de quitar o débito que voltara a crescer e agora somava quatro meses de atraso.

- Seu Osvaldo!... Como vai o senhor?
- Bem e você?
- Mais ou menos. Dentro daquela situação que o senhor já sabe.
- É sobre isso que vim conversar.
- Eu imaginava. Vamos lá.

Os dois se sentaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

- E aí, meu jovem? Nenhuma perspectiva de melhora?
- Continuo à espera de um anjo salvador.
- Tá demorando, né?
- É, tá demorando... Não sei por que, mas tá. Mas ainda tenho esperança.

Tenho que acreditar.

- E quanto ao nosso aluguel?
- Não há como o senhor esperar um pouco mais?
- Mais do que já esperei, Caio?
- Só mais um pouquinho.
- Preciso do dinheiro! É uma parte importante da minha renda!
- Eu sei...
- Bem, Caio, vou ser rápido! Vou falar com franqueza. Hoje, eu vim ter uma conversa definitiva com você. Ou você paga o que está em atraso ou me devolve o imóvel. Não tem mais jeito.

- O que é isso, seu Osvaldo?
- Não dá mais! Não tenho como ficar sem essa renda. Já fiz tudo que podia por você. Aluguei esse imóvel com um preço camarada porque simpatizei muito com o seu projeto. E eu ainda gosto de lhe ver ajudando essas crianças. Mas não posso ficar na mão.

Caio ficou calado.

- E aí, o que você me diz?
- O que eu posso lhe dizer, seu Osvaldo?
- Então, vou repetir: ou você me paga os quatro meses de atraso, ou desocupa o imóvel nos próximos trinta dias.
- Trinta dias? Impossível! E pra onde essas crianças vão?
- Não sei. Isso é um problema pra você resolver. Foi você quem fundou isso aqui e, então, cabe a você procurar uma solução.
- Não é tão simples assim, seu Osvaldo.
- Sei que não é. Mas todo mundo aqui na redondeza sabe da paciência que eu estou tendo com você. Já teve gente me chamando de idiota.

PERIGOSAS ACHERON

– Como assim?... Não comentei com ninguém que estou devendo para o senhor!

– Infelizmente, as notícias vazam. Por aqui todo mundo sabe que esse abrigo tá muito mal. É uma situação que não dá pra esconder. Ainda mais levando em conta a quantidade de gente que trabalha aqui. Mas isso não me diz respeito. É um problema seu com a sua equipe.

Caio mais uma vez ficou calado.

– E aí, o que você me diz?

– Seu Osvaldo, não tenho a menor condição de pagar o que lhe devo! E também não tenho como desocupar o imóvel em trinta dias! Eu não tenho onde colocar essas crianças. Mesmo que eu comunique amanhã o fechamento desse abrigo ao juizado levaria algum tempo pra elas serem transferidas. Não se resolve uma situação dessas em poucos dias.

– E a minha como é que se resolve?

Os dois ficaram se encarando.

– Eu preciso da grana...

– Por favor, me dê mais três meses pra eu quitar o débito!

– Três meses?... Ficou louco?... Não posso, meu querido!... Se você não desocupar o imóvel em até trinta dias, infelizmente, vou ter que pedir a desocupação de forma judicial. Eu lamento, mas vai ter que ser assim.

– Seu Osvaldo...

– É isso!

– Seu Osval...

– Estamos conversados! – disse o velho, levantando-se para sair. – Você tem trinta dias pra quitar o débito ou me devolver o imóvel.

Capítulo 69

A SECRETÁRIA DE MARIANA percebeu que ela vinha trabalhando muito triste e foi perguntar o que era.

- A senhora ultimamente anda tão abatida. O que houve?
 - Tá dando mesmo pra perceber?
 - E como! Já faz alguns dias que a senhora tá desse jeito... com uma cara... Algum problema pessoal?
 - Não fiquei grávida!
 - Já saiu o resultado? A senhora nem me falou nada...
 - Fiquei tão arrasada que nem quis tocar nesse assunto.
 - Eu lembro que a senhora tava contando demais com isso.
 - Tava mesmo! Mas não deu certo.
 - E agora?
 - Ainda tenho dois embriões congelados. Vamos tentar de novo, em breve.
 - Vou ficar torcendo! – A secretária cruzou os dedos.
 - Obrigada. Mas confesso que eu não tô tão otimista quanto antes.
 - E, se agora também não der certo, o que a senhora vai fazer?
 - Até já conversei com meu médico e meu marido sobre isso. Vou fazer uma nova fertilização in vitro, partindo do zero, começando tudo de novo e – fez cara de abusada –, tomando mais uma vez aquelas terríveis injeções pra estimular a ovulação.
 - Eu lembro que a senhora não gostava.
 - Detestava! Engordei demais... Fiquei uma baleia!
- A secretária riu.
- E se também não der certo?
 - Paciência...
 - Ô, dona Mariana, sinto tanto pela senhora. Ainda não me casei, mas nem quero pensar na possibilidade de não ter filho.
 - Eu também nunca pensei que fosse passar por isso.
 - Vou ficar torcendo muito pela senhora.

- Obrigada, querida. Já sofri muito. Não desejo isso pra mulher nenhuma.
- E a promessa que a senhora fez?
- Tá lá depositada, né... Se vou ser atendida ou não, só Nossa Senhora Aparecida sabe.
- É verdade, só Ela sabe.

Capítulo 70

VINTE DIAS JÁ HAVIAM SE PASSADO desde o cancelamento do café da manhã. Caio estava na principal sala do abrigo e começou a conversar com as duas ajudantes sobre como estava o clima entre as crianças.

– Estão um pouco mais calmas – informou Aurora. – A antecipação do almoço pras dez e meia ajudou.

Os funkeiros grudaram os ouvidos na conversa. Caio percebeu e discretamente as chamou para a sua sala. Lá, Aurora continuou:

– O que vamos fazer se alguma das crianças adoecer seriamente? Não temos recursos pra nada... Como vamos comprar remédio?

– Só nos restar torcer pra isso não acontecer – disse ele.

– Já estamos fazendo muito isso – garantiu Camila.

– Nada de novos doadores? – quis saber Aurora.

– Nada!

– E o que vamos fazer?

– Continuar tentando. Nós vamos conseguir!

As duas se olharam. Camila decidiu tocar no terrível assunto de novo.

– Caio, esse abrigo não existe mais. Vá no juizado e comunique o fechamento.

Ele baixou a cabeça. Aurora foi na mesma linha.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Caio, o juizado vai encontrar um lugar pra todas essas crianças. Do jeito que nós estamos, superlotados e racionando comida, se alguma fiscalização vier aqui, vai mandar fechar o abrigo. É melhor você ir antes.

– Não, não, não! Vamos tentar um pouco mais.

Aurora não aguentou e saiu da sala.

– Vou tentar mais uma vez com Mariana – disse ele, pegando o telefone.

– Vou ligar pra ela agora. Ela tem que me atender.

– Caio, você tá apaixonado por essa mulher? – fuzilou Camila.

Ele recolocou o telefone no gancho assustado com a pergunta.

– Teu olhar diz tudo!

– Diz o quê?

– Caio, ela é uma mulher casada!

– Malcasada!

– Ainda aposta nisso?

Ele não respondeu.

– Caio, deve ter sido apenas uma crise!

– Ela pode ser o nosso anjo salvador.

– Qualquer doador pode ser o nosso anjo salvador! Você não precisa apostar tanto nela! Você fica dizendo isso porque quer uma desculpa pra ir atrás dela, não é? Onde já se viu isso, cara?... Ficar se rebaixando por uma mulher que não quer saber de você. Ô, Caio...

– Ela pode nos trazer bons doadores.

– Você tá cada vez mais apaixonado por essa mulher!

Caio voltou a pegar o telefone.

– Tá bom, meu amigo... Não falo mais com você sobre isso... Mas peço muito pra que Nossa Senhora Aparecida te proteja. Boa sorte! – E se retirou.

Ele teclou o número da empresa de Mariana. A telefonista atendeu e repassou.

– Beta Consultoria, diretoria, boa tarde.

– Por favor, a senhora Mariana.

PERIGOSAS ACHERON

- Quem deseja?
- Caio...
- É do abrigo?
- Exatamente!
- Ela não está, senhor Caio.
- Por que ela nunca está pra mim?
- Como assim? Ela simplesmente não está.
- Era verdade. Mariana estava visitando um cliente.
- Faz tempo que eu procuro ela e nunca sou atendido.
- Senhor Caio, ela atende todas as pessoas que são de interesse da empresa. E eu já lhe informei que não estamos em condições de fazer qualquer doação.
- Mas eu preciso falar com ela. É rápido. Não vou tomar muito tempo.
- Tá bom. Vou dizer mais uma vez que o senhor ligou.
- Você ainda tem meu número?
- Tenho!... Quer dizer... É melhor o senhor me dar novamente.
- Claro!
- Pode falar. – Dessa vez ela realmente anotou. – Vou passar pra ela.
- Obrigado!
- Disponha.

Capítulo 71

MARIANA CHEGOU NA BETA CONSULTORIA e sua secretária lhe puxou para a sala de reuniões. Perguntou o que era, mas a moça apenas sorriu. Assim que entrou... teve que enfrentar os parabéns! Ela escutou com um lindo sorriso. A emoção foi tanta que não conseguiu segurar o choro. Estavam todos ali: o presidente, os executivos, as secretárias, os estagiários... Na parede da

sala alguns enfeites desejavam “feliz aniversário”. Em cima da mesa havia um bolo com duas velinhas com a nova idade: 35. Mariana as apagou debaixo de um grande aplauso. Cortou o bolo e agradeceu.

– Gente, obrigada pela surpresa. Estou um ano mais velha, mas também um ano mais experiente.

Ao voltar para a sala, foi surpreendida mais uma vez: vários clientes tinham enviado flores. Um havia mandado chocolate também! No finalzinho da tarde, quando já estava perto de ir embora, ficou olhando para os buquês e lembrou de Caio pedindo que ela usasse sua influência para ajudá-lo na busca por doações. Ficou mais uma vez com vontade de saber como estava o abrigo.

Seu celular tocou! Ela ficou alegre ao ver que era o marido.

– Oi, amor! – atendeu.

– Como está a aniversariante mais linda do mundo?

– Superfeliz! Fizeram uma festinha surpresa pra mim aqui na empresa. Adorei.

– Espero que você não tenha comido muito. Olha o nosso jantar mais tarde!

– Só comi um pedacinho de bolo – disse ela, rindo.

– Ainda bem! Amor, tô ligando pra dizer que vou chegar um pouco atrasado.

– O que houve?

– Tô com um problema pra resolver aqui na construtora, mas não é nada grave.

– Você acha melhor cancelar o jantar?

– Não, amor, de forma alguma! É só um atraso. Em vez de jantarmos às oito, vamos às nove. Tá bom?

Ela fez um breve silêncio.

– Mariana?

– Tá... Tá bom... Eu te espero...

– Até mais tarde. Beijo.

– Beijo.

Mariana ficou pensativa...

Mas, assim que voltou a olhar para os buquês, sorriu novamente. Pegou sua bolsa e foi embora. Ao passar pela secretária, recebeu a última informação.

– Dona Mariana, aquele rapaz do abrigo ligou de novo.

– O Caio?

– O próprio.

– O que você falou?

– Falei a verdade... que a senhora não estava. Mas ele foi arrogante. Perguntou por que a senhora nunca estava pra ele.

Mariana riu.

– Sério! Só faltou me chamar de mentirosa. O que esse rapaz tem de bonitinho tem de prepotente.

– Ele disse o que queria?

– Não. Apenas falou que desejava muito falar com a senhora. Até pediu pra eu anotar o telefone. Tá aqui.

– Não, deixa aí com você.

– Ele é muito insistente, dona Mariana.

– É...

– Parece que tá mesmo completamente apaixonado pela senhora.

Mariana bateu três vezes na mesa e saiu.

Capítulo 72

TODOS FICARAM APREENSIVOS quando chegaram os fiscais do juizado. Assim como das outras vezes, eles vieram de surpresa. Entraram em todos os cômodos do abrigo para fazer a checagem e tirar fotos. Foram aos quartos, aos banheiros, à cozinha, à despensa... tudo! Conversaram com vários

funcionários e com algumas crianças. Caio, Camila e Aurora acompanhavam apenas respondendo o que era perguntado ou apresentando algum documento administrativo quando era solicitado.

O fiscal-chefe ficou surpreso ao saber do racionamento da comida.

– Infelizmente, tivemos que fazer – disse Caio. Camila e Aurora baixaram os olhos.

Ao final da visita...

– Seu Caio, esse abrigo foi advertido há alguns meses e vocês não conseguiram melhorar em nada. Muito pelo contrário... De lá pra cá, a situação só piorou. Lamento, mas vamos ter que dar uma nova advertência.

Os três ficaram calados, conformados.

– Mas vocês estão com sorte!

– Sorte? – perguntaram Camila e Aurora ao mesmo tempo. – Como assim, com sorte? – continuou a primeira.

– Até agora vocês não tiveram nenhuma fuga. Se alguma dessas crianças tivesse fugido, o juiz já teria mandado fechar isso aqui. Ele só mantém esse abrigo aberto porque sabe que elas são loucas pelo senhor. Mas agora, não sei qual vai ser a reação dele quando receber esse novo relatório. Com certeza, alguma atitude vai tomar.

– Você acha que ele vai fechar o abrigo? – perguntou Caio.

– Eu prefiro não responder essa pergunta porque não quero me antecipar ao juiz. Mas posso dizer que as perspectivas são muito sombrias. Como estão suas buscas por doações?

– Terríveis! – reconheceu ele. – Tenho ido muito atrás, mas sem sucesso. Mas ainda tenho esperança!

Camila e Aurora se olharam.

– O senhor precisa ser rápido! – ressaltou o fiscal.

– Eu sei. Vou reforçar as visitas nos próximos dias.

– Desejo-lhe boa sorte!

Caio os acompanhou até o portão. Ainda conversaram por uns quinze

minutos. Quando ele voltou, encontrou as duas de cara fechada.

– Precisamos conversar – pediu Camila.

– O que foi?

– Caio, não tem mais condições da gente continuar aqui. Eu e Aurora queremos sair do abrigo. – A outra confirmou com a cabeça.

– Como é?

– Isso mesmo que você ouviu, Caio! – falou Aurora. – Nós queremos sair.

– Que história é essa, agora?

– Não dá mais pra gente ficar! – repetiu Camila.

– O que tá havendo?

– Como, assim, Caio? Você ainda pergunta...

– Sim, o que tá havendo?

– O abrigo acaba de ser advertido pela segunda vez, tá prestes a fechar e você pergunta o que tá havendo?

– O abrigo ainda não fechou.

– Você disse bem... ainda! – ressaltou Aurora. – É só uma questão de tempo.

– Quem disse isso?

– Caio, em que mundo você tá vivendo?... – seguiu ela. – Isso aqui não existe mais. Vai ser fechado. Quando você vai enxergar isso? Pelo amor de Deus...

Ele ficou em silêncio. As duas ficaram esperando.

– Peço a vocês que, pelo amor de Deus, esperem mais alguns dias. Não por mim, mas por essas crianças. Preciso pensar em muita coisa antes de tomar qualquer decisão.

Camila foi taxativa.

– Se você não fechar esse abrigo, o juiz vai fechar.

Capítulo 73

PAULO CHEGOU EM CASA trazendo um buquê de flores e o presente de Mariana. Assim que entrou foi para o quarto. Ela estava no banho.

– Amor, cheguei!

– Oooooi!... Saio já!

Ele colocou o presente e as flores em cima da cama e sentou-se. Não demorou muito e Mariana passou pela porta. Paulo cantou os parabéns para a esposa enrolada na toalha. Ela adorou a pequena surpresa. Ele se aproximou, deu-lhe um abraço e cobriu-lhe de beijos. Mariana curtiu de olhos fechados aquele momento de carinho e de amor do marido. Quando se soltaram, ela viu as flores e o presente. Fez cara de surpresa.

– O que é isso?

– É para a mulher mais especial desse mundo!

– São liiiiiindas!

Desfez o laço do presente... Abriu... Era um lindo vestido vermelho!

– É liiiiiindo!

– Quero que você vá jantar com ele.

– Já?

– Claro. Comprei pra você usar, não pra guardar.

Os dois riram. Agora foi a vez de Mariana abraçar o marido e cobri-lo de beijos.

– Te amo! – disse ela.

– Também te amo muito!

•

Assim que chegaram no estacionamento do restaurante, Paulo atiçou...

– Aí dentro tem mais uma surpresa pra você.

– Qual?

– Você já vai ver.

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que é, Paulo?

– Calma, meu bem! Se eu contar agora deixa de ser surpresa.

Tão logo entraram, Mariana avistou Igor e Gisele acenando.

– Amei!

De longe, eles viram que na mesa havia uma caixa com um laço em cima.

Mariana caminhou sorridente, e quando chegou:

– Gente, que prazer rever vocês! Como estão?

O casal se levantou para os beijinhos.

– Estamos bem, querida. E você? – perguntou Gisele.

– Um pouco mais velha, mas também um pouco mais experiente.

– Isso é pra você – mostrou Igor.

– Hoje eu tô ganhando tudo!

Ela abriu a caixa... Era um quadro pintado a partir de uma foto que haviam tirado em Aparecida. O rosto de Mariana estava de perfil com a basílica ao fundo.

– Que liiiiiindo!

– Feliz aniversário! – desejaram os dois ao mesmo tempo.

– Poxa, vocês capricharam, hein! – disse Paulo.

– É mérito do pintor – afirmou Gisele.

– Vou pendurar na minha sala de trabalho – disse Mariana, olhando bem para a foto e depois pra eles. – E vocês, o que contam?

– Estamos tão felizes quanto você – afirmou Igor. – A promoção chegou na hora certa. Valeu a pena fazer o Caminho da Fé e depositar aquela promessa.

– Agora só falta eu!

Gisele pegou na mão dela.

– Vai dar certo. É só uma questão de tempo.

– Tomara que sim!

– Quando você vai transferir os outros embriões? – prosseguiu a amiga.

– Acho que na próxima semana. A não ser que haja algum problema com meu organismo... Mas acho que tá tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

– Vamos ficar na torcida – garantiu Igor.

Paulo mudou a conversa para um assunto mais ameno. Ficaram nesse ritmo até pouco depois do jantar. O clima só mudou quando o celular dele tocou. Ela olhou esperando ele atender. Mas Paulo não o fez à mesa. Depois que viu quem era, pediu licença e se afastou. Pronto. Foi o suficiente para ela ficar intrigada. Igor e Gisele perceberam e tentaram evitar o constrangimento voltando a conversar normalmente. Mas Mariana ficou monossilábica e não parou de olhar para o marido falando ao telefone. Ele estava de costas e com a mão na frente da boca numa clara postura de evitar que o som da sua voz se propagasse pelo ambiente. Igor espertamente pediu licença para ir ao banheiro. Assim que ele saiu...

– Tá vendo? – perguntou Mariana para Gisele.

– Calma, calma... Isso não quer dizer nada.

– Como não?

– Não quer dizer nada!

Mas as duas ficaram olhando para Paulo, cada uma tirando suas conclusões.

– Tomara mesmo que não! – disse Mariana com raiva.

– Não vá discutir com seu marido quando ele voltar. Não estrague a noite do seu aniversário.

Elas não puderam continuar falando, porque Paulo retornou. Ele não falou nada apesar do olhar fulminante da esposa. Sentou-se, sorriu e perguntou por Igor.

– Foi ao banheiro – respondeu Gisele.

– Quando ele voltar, vamos pedir a conta – pediu Mariana. – Amanhã tenho que acordar cedo.

Gisele baixou os olhos. Paulo concordou com a cabeça.

Capítulo 74

UMA CENA COMUM na história do abrigo estava se repetindo naquele exato momento. Um menino de rua, de uns treze anos, batia no portão querendo entrar. Uma das cuidadoras foi chamar Caio, mas Camila interrompeu.

– Deixe que eu e Aurora resolvemos.

Assim que as duas chegaram ao portão...

– Tia, deixa eu entrar.

– Filho, infelizmente, o abrigo está sem vagas – explicou Camila.

– A tia tá mentindo.

– Não, querido! Não faria isso com você.

– Tem muito amigo meu aí dentro.

– Sim, deve ter – concordou Aurora. – Mas não cabe mais ninguém.

– Então, me dá almoço.

As duas se olharam. Já estava no final da tarde. Camila falou a verdade:

– Infelizmente, não sobrou nada.

O garoto ainda insistiu algumas vezes, mas diante das negações, saiu xingando os palavrões mais feios que elas poderiam escutar. No entanto, felizmente, ficou só nisso. Às vezes, alguns meninos de rua rejeitados costumam revidar com algum ato hostil como jogar pedras.

Assim que entraram, Camila perguntou pra Aurora:

– O que você acha que Caio teria feito?

– Pelo menos um sanduíche ele teria dado. Mas logo depois viria outro garoto... e outro... e outro.

– Lembra da primeira vez em que ele deixou uma criança entrar.

– Claro, a gente tava do lado dele.

– Na hora eu tive um pressentimento ruim. Eu pensei “*isso não vai dar certo...*”.

– Eu também, Camila, tive um mau pressentimento naquele dia. Mas acho que nós duas também erramos. A gente devia ter impedido aquela primeira

vez.

– Mas como? Ele é teimoso demais... Se a gente tivesse feito alguma coisa, ele teria ficado com raiva. Teria sido pior.

– É mesmo. Tem razão. Agora tá sem jeito... Isso aqui vai já fechar! Só ele não consegue ver isso.

Capítulo 75

FALTAVAM APENAS DOIS DIAS para Mariana fazer a implantação dos outros dois embriões. Enquanto esperava o marido chegar em casa, ficou imaginando como ficaria a sua vida se mais uma vez não desse certo. Sentiu-se tão pra baixo que, por incrível que pareça, pensou nas outras duas opções para ser mãe: engravidar com óvulos doados ou adotar uma criança. Entrou na internet e releu mais uma vez sobre as duas formas. Sim, releu, porque ela já tinha visto tudo o que fosse relacionado à maternidade. Assim, viu novamente que a legislação brasileira determina que a doação de óvulos deve ser feita de forma anônima e sem qualquer grau de parentesco, apesar de algumas mulheres desejarem manter a herança genética. No entanto, os óvulos doados terão características físicas semelhantes às do casal: etnia, estatura, cor da pele, cor dos olhos, cor do cabelo e grupo sanguíneo.

Depois da doação, o processo de fecundação é o mesmo da fertilização in vitro. Em nenhum momento, qualquer informação sobre as partes pode ser repassada. Por isso, a receptora não deve temer no futuro uma possível procura da doadora. Além disso, a legislação considera como mãe apenas a mulher que desenvolve a gravidez. Em hipótese alguma quem doou os óvulos terá qualquer direito sobre a criança. Mariana viu que as vantagens eram muitas. Por alguns instantes, balançou... Lembrou de uma amiga que tinha engravidado dessa forma. A filha já tinha uns cinco anos. Era linda. Pensou em ligar pra perguntar

se ela realmente se sentia mãe da garota. *O quê, Mariana?... Que loucura!... Onde já se viu perguntar uma coisa dessas?...*

Esqueceu aquele assunto e ligou a televisão para se distrair. Passou pelos canais e parou num daqueles programas que discutem relacionamentos. O título escrito embaixo da tela lhe chamou atenção: *O Homem de Duas Mulheres*. O debate girava em torno dos homens que dividem suas vidas entre a esposa e a amante. Um dos especialistas começou a falar. Ela abriu os ouvidos.

É uma situação mais comum do que se pensa. Isso acontece porque os homens se cansam facilmente da vida monogâmica. Aquela esposa maravilhosa pouco a pouco vai se tornando uma mulher comum. Um dos melhores exemplos disso são aquelas atrizes lindas e famosas que vivem sendo surpreendidas pela infidelidade dos seus maridos. Muitas vezes, as amantes nem são bonitas. E aí todo mundo fica se perguntando como é possível ser casado com uma mulher daquelas e desejar outras. É possível, sim! O homem tem uma grande necessidade de mostrar pra si mesmo e para o seu grupo de amigos que é um bom macho. Quando eles estão reunidos, um dos maiores divertimentos é ficar contando as suas aventuras com múltiplas parceiras. Quanto maior o número, mais se fica com a imagem masculina consolidada, apesar de boa parte dessas histórias ser exagerada ou até mesmo fantasiosa. Agora, imagine um homem fiel abrindo a boca nessa turma pra dizer que se relaciona sexualmente apenas com a esposa. Então...

Ela desligou a televisão.

Capítulo 76

O FINAL DE MAIS UM MÊS tinha chegado e a situação do abrigo era desesperadora. O dinheiro que havia em caixa não dava pra pagar o salário de todas as funcionárias. Seria a primeira vez que isso iria acontecer e já se sabia qual seria a reação delas. Outra péssima notícia é que teriam que sacrificar ainda mais a alimentação. Mais uma refeição teria que ser cortada.

– Eu não acredito! – disse Caio.

– Como não?... – questionou Camila, já bastante impaciente com o amigo. – Estamos nadando em dinheiro?

– Isso é praticamente o fim do abrigo!

– O abrigo já acabou há algum tempo, Caio – arriscou Aurora.

– Como vamos dar uma notícia dessas para as funcionárias e para as crianças?

– Temos que encarar o problema de frente – afirmou Camila. – Vamos primeiro falar com as funcionárias que não vão receber. É quase a metade. Depois falamos com as crianças. Vamos nós três juntos.

– Com as funcionárias eu falo – disse ele. – Mas com as crianças não sei se tenho coragem.

– Você vai ter que estar presente! – contestou Aurora. – Se você não for, vão te procurar depois. Você sabe muito bem disso! Não tem como você escapar.

Ficaram se olhando em silêncio. Caio interrompeu se lamentando.

– De uns tempos pra cá, nada de bom acontece com esse abrigo...

Camila e Aurora baixaram as cabeças.

– Qual das duas refeições vamos cancelar? – perguntou ele.

– O jantar, né? – sugeriu Camila.

– Isso – concordou Aurora. – E temos que voltar o almoço para o meio-dia.

– As crianças não vão aguentar ficar apenas com uma refeição – questionou Caio. – Vai ter muita choradeira. Será que não dá pra colocar pelo

menos uma fruta no jantar? Num dia uma banana... noutro uma maçã... uma laranja...

Camila disse que dava, mas fez um alerta.

– Desde que nenhuma criança queira repetir a fruta. E não vai dar pra ficar muito tempo. No máximo um mês.

– Então, teremos um jantar-fruta – decretou ele. – Quando vamos anunciar?

– Amanhã de manhã – respondeu ela.

– Meu Deus do Céu... – lamentou-se Caio, mais uma vez. – Espero que isso não provoque nenhuma fuga. Nunca tivemos isso. Temos que redobrar a vigilância. Não podemos perder nenhuma das crianças para as ruas.

– Esse risco realmente existe – concordou Aurora. – Depois do cancelamento do café, percebemos algumas crianças cochichando sobre isso.

– Caio, desculpe voltar a esse assunto... – começou Camila –, mas, é muito melhor você comunicar o fechamento do abrigo ao juizado. Peça logo a transferência dessas crianças. Faça isso. Deixe de ser teimoso.

Ele ficou olhando. Baixou a cabeça pensativo. Depois, falou:

– Vou fazer a última tentativa! Vou visitar cada um dos nossos atuais doadores e pedir que dobrem suas doações. Se pelo menos a metade topa, nós temos como continuar abertos enquanto outros doadores não chegam.

Camila olhou descrente para Aurora, que perguntou:

– E se também não der certo?

– Aí eu desisto! Vou ao juizado e comunico o fechamento.

As duas ficaram sérias, mas sorriram por dentro.

•

As crianças foram reunidas na principal sala do abrigo para o anúncio do jantar-fruta. Como sempre, a barulheira era grande. Caio estava com muita vergonha e não conseguiu fazer o comunicado. Pediu para Camila começar a

falar.

– Crianças, por favor, silêncio. Nós precisamos conversar.

Aurora ajudou batendo palmas e pedindo que todos se calassem.

Demorou um pouco, mas o silêncio veio. Uma das crianças se antecipou.

– Tia, quando o café da manhã vai voltar?

Os outros aderiram.

– É, a gente tá com fome!

– Vocês disseram que o café voltaria em pouco tempo!

– É, Tio Caio, você prometeu!

Todos olharam pra ele, que continuou imóvel. Apenas olhou de volta. Mais barulho. Aurora reforçou o pedido de silêncio. Caio ficou de cabeça baixa. Camila prosseguiu.

– Crianças, infelizmente, o abrigo está passando por um momento difícil.

Não temos condições de retornar com o café da manhã.

“Ahhhhhhhhhhhhhh...”

– Eu não aguento mais passar a manhã com fome!

– Nós sabemos disso – seguiu ela –, mas estamos sem condições...

Infelizmente, além de não podermos retornar com o café, a partir de hoje teremos apenas uma fruta no jantar.

A gritaria foi geral. Os funkeiros, como sempre, foram os que mais se exaltaram. Caio levantou a cabeça e assistiu tudo aquilo com um aperto no coração. Ficou com vontade de sair dali, mas conteve-se. As crianças reclamavam uma atrás da outra.

– Eu não quero mais ficar aqui!

– Eu também não!

– Eu também não vou ficar!

– Por quanto tempo vai faltar comida?

– O almoço também vai ser cancelado?

Caio não se conteve e tomou a frente.

– Crianças, sinto muito por tudo isso. O abrigo tá passando por um

momento difícil. Atualmente, só temos condições de servir o almoço.

– Por quanto tempo vai ficar assim? – perguntou um dos funkeiros.

– Não sei... Mas lembrem de uma coisa: mesmo faltando comida, aqui dentro ainda é melhor do que lá fora.

Outro dos funkeiros disparou.

– Não é, não!... Lá fora a gente sempre arranja comida!

Caio se irritou.

– Arranja como? Roubando? Pedindo esmola? Comendo do lixo? Ou vão enganar a fome com outras coisas?... Apesar de todos os problemas, aqui ainda é melhor do que lá fora! Aqui vocês têm onde dormir! Aqui ninguém ameaça a vida de vocês!

– Tio, por que o abrigo tá com tanto problema?

– Não estamos conseguindo doadores e alguns deixaram de doar.

– Por que deixaram de doar?

– Não sabemos.

– Tio, o abrigo vai fechar?

– Não!

– O tio promete?

Silêncio na sala. Aquilo já significava bastante, mas Caio respondeu.

– Prometo...

Capítulo 77

ANTES DE SAIR PARA A CLÍNICA, Mariana e o marido rezaram no quarto do bebê, ajoelhados nas almofadas, de frente para a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Pediram mais uma vez a sua benção para a transferência dos dois embriões que seria feita naquela manhã. Se na primeira vez eles estavam alegres e contando com o resultado positivo, agora estavam mais

realistas. Sabiam que as chances dela engravidar na segunda tentativa seriam até um pouco menores. Ao final, eles se abraçaram.

– Estamos prontos de novo – disse Paulo.

– Que luta... Jamais pensei que fosse ter tanta dificuldade pra engravidar. Sempre achei que teria filhos normalmente... dois... três... Mas, tô aqui... sem nada. A única coisa que me restou foi a fé.

– Isso já é muita coisa!

– É... Mas só com a fé eu também não consegui engravidar. Pelo menos até agora.

– Tenha paciência. O jogo ainda não terminou.

– Mais paciência do que eu estou tendo, amor?

– Já imaginou se você engravida dessa vez? Como é que você vai se sentir?

– E você ainda pergunta? A mulher mais feliz do mundo! Quantas vezes eu já me imaginei com aquele barrigão aqui na frente...

Ficaram pensativos por alguns segundos.

– Paulo, alguma vez na sua vida você atingiu o estado de felicidade plena?

– Por que você tá perguntando isso?

– Só curiosidade... Será que foi quando me conheceu?

Ele apenas riu.

– Foi ou não foi?

– Claro que não, amor! Quando a gente se conheceu nem sentimos atração um pelo outro.

– Quando foi então?

– Deixe-me ver... Foi quando ganhei medalha de ouro no campeonato de natação do colégio. Tinha dezesseis anos. Chorei feito uma criança. Foi o dia mais feliz da minha vida.

– O meu estado de felicidade plena foi quando coleí grau na faculdade. Aquilo foi tão importante pra mim.

Voltaram a ficar pensativos.

– Mas esse dia da colação vai ser superado – disse ele.

– Vai sim!

– Vamos que tá na hora.

•

Após a transferência dos embriões, Mariana ficou descansando por trinta minutos. Assim que o médico voltou, ela perguntou:

– E aí, doutor, o senhor tava com a mão boa?

Ele riu.

– Só vamos saber daqui a catorze dias. Mas estou torcendo muito por vocês.

– Estamos precisando de muita torcida – disse Paulo.

– Doutor, se não der certo dessa vez, vou fazer outra fertilização. Tenho que continuar tentando. Não posso desistir de ser mãe.

– Não fale agora em outra fertilização – pediu o médico. – Pode ser que você tenha uma grande surpresa dessa vez.

– Foi o que eu disse pra ela! Não podemos brincar com a ciência. Ela já fez muita gente feliz.

– Doutor, quantos filhos o senhor tem? – perguntou Mariana.

– Três moças.

– Ai, que lindo! Vieram todas de maneira natural?

– Sim, minha mulher nunca teve nenhum problema pra ter filhos. Muito pelo contrário, eu não podia abraçá-la que engravidava.

– Será que ainda vem mais uma? – continuou ela.

– Agora não dá mais. Ela já fez laqueadura de trompas.

– Ela fez? – assustou-se Mariana. – Por que o senhor não fez vasectomia?

– É... Acho que... Acho que naquela época os tempos eram outros, né?... Era a mulher quem fazia...

– Era uma época de machismo puro! – atirou ela. – Onde já se viu isso?... O casal decidia não ter mais filhos e a mulher é quem se sacrificava. Coisa horrível.

– É verdade – reconheceu o médico. – Havia muito machismo. Felizmente, isso está mudando. Hoje, muitos homens procuram a vasectomia, que é um processo mais simples que a laqueadura.

– Pois eu acho que nenhum dos dois deveria fazer! – disparou Paulo.

– Nenhum dos dois? – intrigou-se Mariana.

– Claro! Vai que o casamento acaba e eles entram numa nova relação onde o cônjuge quer ter um filho.

Ela tremeu. O médico percebeu e tentou encerrar:

– Bem... A sua meia hora de descanso já passou. Pode ir pra casa.

– É melhor mesmo eu ir.

– Doutor, mais uma vez obrigado por tudo – disse Paulo.

– Vão com Deus. Daqui a catorze dias, vocês poderão ser muito felizes.

Quando eles saíram da sala e passaram pela recepção, notaram outro casal sorridente com um lindo bebê no colo. Já sabiam o que era: vinham apresentar o filho para o médico. Dessa vez, Mariana não quis se aproximar. Saiu caminhando na frente do marido.

•

– Paulo?... – chamou ela, deitada na cama, de costas pra ele antes de dormir.

– O que é?

– Você consegue se imaginar separado de mim?

– Lá vem você de novo!

– Responde.

– Claro que não, meu amor. Nunca me imaginei separado de você.

– Tem certeza?

- Claro! Por que você tá perguntando isso?
- Você disse lá no médico que nenhum dos dois deveria fazer nada pra não ter mais filho.
- Ah, sim... É verdade.
- Então?... Você consegue se imaginar separado de mim?
- Ah, Mariana, já lhe disse que não!
- Então, por que você falou aquilo?
- Falei me referindo aos outros casais! Não a nós! Foi isso... Dorme, meu bem.
- Eu não consigo me imaginar separada de você.
- Eu também não! – Ele deu um beijo no ombro dela. – Como é que eu posso me imaginar separado de ti se você tá tentando engravidar de mim?
- Será que um filho mantém o casamento de pé?
- Que papo horrível antes de dormir, hein?
- Responde.
- Os outros casamentos eu não sei... Mas o nosso com certeza fica de pé, com ou sem filho.
- Tem tanta mulher separada.
- Dorme, Mariana!... Dorme!...

Capítulo 78

CAIO FOI VISITAR o primeiro doador com a intenção de fazê-lo dobrar a sua contribuição mensal. Era um pequeno empresário. Foi recebido depois de um longo chá de cadeira. O doador escutou com bastante atenção, mas no final... rejeitou! Disse que não tinha a menor condição de aumentar a sua colaboração. Não falou os motivos. No entanto, garantiu que continuaria doando. Menos mal.

Noutro dia, foi a vez de visitar o segundo. Era um auditor fiscal que ganhava um alto salário e proporcionava uma das maiores doações mensais do abrigo. Ele também ouviu com atenção. Mas após escutar o pedido de acréscimo...

– Caio, eu entendo suas dificuldades, sei como sua luta é grande... Mas a vida não tá difícil só pra você. Tá difícil pra todo mundo!

– Eu sei disso.

– Ultimamente, eu não tô conseguindo manter o meu padrão de vida. Não tô conseguindo fazer as coisas que eu fazia antes.

– Eu também não.

– Ainda bem que você entende. Há até pouco tempo, eu conseguia ir pra Europa duas vezes por ano. Hoje, só tô conseguindo uma... e olhe lá! Não passo mais do que quinze dias.

Esse cara tá de gozação comigo!

– A vida tá tão difícil que do ano passado pra cá não consegui trocar nenhum dos meus cinco carros...

Humpf!

– ...E pra piorar minha esposa não ajuda em nada. Detona os cartões de crédito.

A lamúria durou quase meia hora. Caio saiu dali tendo a certeza que aquele cara achava que seu ouvido era penico. A tristeza novamente começou a tomar conta dele. Mas mesmo assim, seguiu para o terceiro doador. Foi a pior visita de todas. Era um médico desses medalhões, muito bem-sucedido. Mas ele sequer teve paciência pra escutar o motivo da sua presença ali. Atendeu Caio de pé na porta da sua sala.

– Rapaz, ainda bem que você veio aqui. Eu tava mesmo querendo falar contigo.

– Pois não, doutor Juarez.

– Cara, infelizmente, não vou poder continuar doando...

Caio congelou.

– ...Tô precisando ampliar meu consultório e o orçamento tá estourado... Mas não se preocupe que dentro de uns seis meses eu volto a contribuir.

– Tá bom, doutor Juarez... Sem problema...

– Acho que vocês devem ter outros doadores que podem suprir a nossa ausência nesse período, não é?

– Sim... Temos sim...

– Mas vamos lá... Por que você veio aqui?

– Ah... Vim apenas pra... pra agradecer as doações...

– Beleza! Pena que eu não possa continuar doando. Lamento muito mesmo. Mas vou voltar assim que puder.

Caio sorriu e se despediu. Saiu dali se achando mais uma vez a merda do cavalo do bandido. Apenas três visitas e resultado zero. Ou melhor: menos um! Olhou para a lista de doadores... amassou... e jogou na primeira cesta de lixo que encontrou. *Não vou procurar mais ninguém!*

Capítulo 79

CAIO CHEGOU À CONCLUSÃO que a única coisa que lhe restava era apelar para Mariana. Ela representava a sua última esperança. Mas por que ele ainda a via como um anjo salvador se nem era recebido? Não sabia explicar, apenas sentia e pronto. Era uma força que vinha lá de dentro. Lembrou do seu ditado predileto: água mole em pedra dura tanto bate até que fura. E foi novamente procurá-la no seu trabalho. De surpresa. Pegou sua moto e saiu. Chegando lá, conseguiu passar pela recepção com uma boa conversa e foi para a secretária.

– Senhor Caio! O senhor por aqui de novo?

– Já decorou meu nome?

– Como não?... A dona Mariana não está!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Grande novidade!
- Ela foi almoçar. Depois vai visitar um cliente. Não sabe se volta.
- Não sabe se volta?
- Exatamente.
- Então, ela também não sabe se vai direto pra casa... Ou seja, pode

voltar.

A secretária fez cara de tédio.

- Vou esperar! – continuou ele.
- Acho que o senhor vai perder seu tempo.
- Acho que não! Quando ela passar por aqui, falo com ela.

A secretária tomou um susto. Realmente, quando voltasse, Mariana iria passar por ali. Então, depois que Caio foi se sentar, ela achou melhor avisar a chefe. Mas não daquele telefone. Foi lá dentro e ligou.

- Dona Mariana?
- Oi.
- A senhora tá vindo para a empresa?
- Vou daqui a pouco. Chego em trinta minutos.
- A senhora não imagina quem tá aqui lhe esperando...
- Eu não acredito!
- Acredite... Chegou de surpresa, mais uma vez.
- Ai, meu Deus!
- Parece determinado. Acho que não vai embora tão cedo. Eu, hein...
- Tsc...
- A senhora não quer mesmo que eu chame os seguranças pra tirar ele daqui?
- Não, não!
- Então, o que eu faço?
- Ele disse o que queria?
- Não. Falou apenas que queria falar com a senhora. Só isso.
- Droga! E eu cheia de relatórios pra fazer.

PERIGOSAS ACHERON

– Dona Mariana, por que a senhora não recebe logo esse cara e despacha de uma vez? É muito melhor. Se a senhora não fizer isso, ele vai continuar tentando.

– Não, querida, não! Não quero vê-lo!

– Tá bom... Então, o que eu faço?

– Deixa eu pensar.

Meio minuto depois...

– Deixa ele esperando aí. Não vou pro escritório agora. Vou aproveitar e visitar outro cliente. Assim que ele for embora, por favor, me avise.

– Pode deixar.

A secretária voltou e Caio falou com um sorriso irônico:

– Foi avisar que eu tô aqui?

– Não, não... Claro que não!

– Fala pra ela que não vou desistir!... Não custa nada me receber... Não sei por que tá se fazendo de difícil.

•

Caio esperou até onde pôde folheando todas as revistas que estavam na mesinha. Já eram cinco e meia da tarde quando se levantou.

– O que ela disse quando você falou que eu tava aqui?

– Eu não falei com ela... Já lhe disse! Você tá me chamando de mentirosa?

– Tá bom... Então, diga que eu estive aqui. Mais uma vez!

– Pode deixar. Eu sempre falo.

– Obrigado.

– Disponha.

Chato!

•

Assim que parou sua moto no primeiro semáforo, Caio viu uma faixa na frente de uma agência lotérica: *Mega-Sena Acumulada: previsão de R\$ 30 milhões para o próximo sorteio.* Ele riu. Nunca tinha apostado na loteria mais milionária do Brasil. Pensou na grana e ficou imaginando o que faria se ganhasse tanto dinheiro sozinho. Não conseguiu, até porque aquilo era uma coisa muito distante da sua realidade. Pra salvar o abrigo, por exemplo, precisaria de menos de 1% daquele montante.

Mas não teve dúvidas. Encostou a moto e foi fazer a sua fezinha. Pegou o cartão e marcou os seis números de forma aleatória. Saiu dali pensando nos acasos da vida. *Já imaginou se acerto depois de tanto sofrimento...* A busca por doações não tinha dado resultado, a procura por Mariana também não... Então... Não custava nada acreditar, apesar de nunca ter ganho nem sorteio de chiclete.

Capítulo 80

JÁ FAZIA ALGUNS DIAS que o abrigo estava apenas com o almoço e o jantar-fruta. Caio chegou a pensar que as crianças tinham se adaptado. Mas teve um mau pressentimento quando por volta das onze da noite o seu celular tocou.

- Oi, Camila.
- Caio, tenho uma péssima notícia pra lhe dar!
- O que foi?
- Senta!
- Tô sentado! – ele mentiu.
- Os funkeiros fugiram!... Todos!
- Meu... Deus...
- Foi agora no começo da noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

- As duas meninas também?
- Também! Os cinco!
- Como foi?
- Aproveitaram um momento de distração das cuidadoras e pularam o muro.
- Será que vão voltar?
- Fala sério, né, Caio... Fala sério... Eles abandonaram o abrigo.
- Droga!... As outras crianças já sabem?
- Sim!
- E como estão?
- Até que estão calmas.
- Redobre a vigilância, porque isso pode incentivar outras fugas.
- Já redobramos!
- Ótimo!
- E aí, o que vamos fazer? Ligo pra polícia?
- Não, peraí! Acho que sei onde eles estão. Vou lá.
- Quer que eu vá com você?
- Não! Fique aí no abrigo. Encontrando ou não os meninos passo aí na volta.
- Tá bom.

Caio desligou o telefone e pensou na gravidade da situação. Os cinco funkeiros tinham um passado que não ajudava em nada. Eram ex-usuários de drogas e ex-praticantes de furtos. Se não voltassem para o abrigo, cairiam na mesma vida de antes. Ele saiu de moto tendo a certeza que iria encontrá-los. Por isso nem foi com tanta pressa. Mas foi pensando no que dizer para fazê-los voltar.

Em apenas dez minutos, dito e feito. Avistou os cinco no cruzamento mais movimentado do bairro. Uns estavam fumando cigarros. Por ser muito tarde da noite, todos os carros avançavam o semáforo vermelho. A presença daquelas crianças ali contribuía muito para assustar. Caio foi se aproximando

lentamente com a moto. Quando já estava bem perto, foi reconhecido, mesmo de capacete. Os meninos ficaram sem jeito e se sentaram no meio-fio. Ele estacionou a moto do lado deles. Desceu, tirou o capacete lentamente e fez-se de desentendido.

– Que horas vocês vão voltar?

Os cinco se olharam. O mais velho disparou:

– Tio, a gente só volta quando tiver comida o dia todo.

– E aqui vocês têm comida o dia todo?

Não responderam.

– Tá na hora de vocês irem dormir. Voltem pro abrigo que a Camila tá esperando com o portão aberto.

Agora foi uma das meninas:

– Tio, a gente acha melhor ficar aqui.

Caio enganchou o capacete no guidão da moto... olhou para os lados... e teve medo daquele cruzamento meio deserto naquela hora da noite. Sabia que tinha que ser rápido.

– Por que vocês querem ficar aqui?

– Aqui é melhor.

– Vocês querem voltar a usar drogas? É isso? E voltar a roubar?

– Aqui ninguém é ladrão! – rebateu um.

– Tá bom... Desculpem... Onde vocês vão dormir?

– A gente dá um jeito.

– Jeito como? Em cima de papelão?

Os meninos não responderam.

– Mesmo com pouca comida, o abrigo é muito melhor do que a rua.

– Tio, a gente não quer mais voltar.

– Lembram da vida que vocês tinham antes de ir para o abrigo?... Lembram do risco que vocês corriam dormindo nas calçadas?... Lembram que vocês não tinham onde tomar banho?... Não lembram de nada disso?... E do abrigo vocês só lembram que está faltando comida!... Não lembram das coisas

boas?...

– Tio, a gente acha melhor ficar aqui.

– É, a gente não quer mais voltar.

Os outros balançaram a cabeça concordando.

– Só porque tá faltando comida?

– Tio, a gente sabe que o abrigo vai fechar. Todo mundo que tá lá sabe.

Caio ficou em silêncio... Olhou nos olhos de cada um por um bom tempo... Tentou falar mais alguma coisa, mas não conseguiu. Virou-se e pegou o capacete. Antes de colocá-lo na cabeça, viu um rapaz de uns vinte anos se aproximando. Estava com um pequeno pacote na mão.

– E aí, molecada, vão querer o bagulho ou não?

– Mais tarde! – gritou o mais velho dos meninos.

O rapaz aproveitou a presença de Caio.

– E aí, brother... uma pedra?

Caio olhou para os funkeiros. Todos baixaram a cabeça.

– E aí, brother... vai ou não vai?

– Não... obrigado...

– Ei, molecada, bora logo com isso, hein! O bagulho tá esperando!

O rapaz se afastou. Caio continuou:

– É essa vida que vocês querem?... Vocês tinham o sonho de se tornar cantores de funk! Acham que vão conseguir aqui nas ruas?

Ninguém abria a boca.

– Vocês sabem que legalmente sou obrigado a informar a fuga de vocês à polícia e ao juizado?

Nada.

– Pois eu sou! Vou ter que fazer isso! Vocês serão procurados e, se achados, serão levados de volta para o abrigo. Compensa?

Capítulo 81

NAS SUAS ANDANÇAS PELA EMPRESA, Mariana voltou a conversar com a funcionária com a qual trocara ideias sobre a TVP.

– E aí, moça?

– Oi...

– Já conseguiu resolver aqueles probleminhas?

– Sim! Estou bem melhor. Fiz a TVP.

– E aí?

– Descobri por que meu namorado é tão agressivo comigo. Fomos casados numa vida passada. Ele era completamente apaixonado por mim, mas eu o traía.

– Meu Deus!

– Ele descobriu a traição e o nosso casamento acabou. Esse era o motivo da agressividade dele comigo. O espírito dele ainda guarda lembranças do que aconteceu.

– Que interessante! E ele, o que achou disso?

– Não contei nada. Achei melhor. Queria ver se eu conseguia resolver sozinha. Tá dando certo. Depois que fiz a TVP, parei de reagir às agressões dele. Procuro ser carinhosa nesses momentos. Se ele fala alto ou fica nervoso, não digo nada, espero passar. Foi o suficiente. Ele tá bem mais calmo.

– Que bacana!

– Tô superfeliz! Se eu soubesse que ia me ajudar tanto, teria feito antes.

– Que bom! Fico feliz por você.

– Amo muito meu namorado. Quero me casar com ele. Vai dar certo.

Mariana pegou no braço dela.

– Vai sim. Vou ficar torcendo por você.

Capítulo 82

CAIO ACORDOU MUITO MAL. Quase não dormiu na noite anterior preocupado com a situação do abrigo. Fez a sua higiene matinal e foi tomar o seu café. Assim que terminou, lembrou da sua aposta na mega-sena. Entrou na internet e conferiu os números. Nada! Ele deu uma boa risada de si mesmo. *Quem diria, eu contando com essas coisas...* Foi para o abrigo.

Chamou Camila e Aurora para uma reunião na sua sala.

– Que tristeza é essa? – perguntou a primeira.

– Não dá mais...

– O que foi?

– Vou fechar o abrigo.

Uma olhou para a outra. Era a primeira vez que escutavam aquilo da boca dele.

– Vocês têm razão... Isso aqui não existe mais. Já fizemos de tudo e nada melhora. Vou comunicar o fechamento ao juizado.

– Essa fuga foi a gota d'água pra você, não foi? – perguntou Aurora.

– Foi. Ao longo de todo esse tempo nunca passamos por isso. Encontrar aqueles meninos no meio da rua optando pela péssima vida de antes foi demais pra mim.

– Quando você vai comunicar o fechamento? – continuou ela.

– Amanhã.

– Isso, Caio! – apoiou Camila. – Não adianta insistir numa coisa que a gente sabe que não vai mais dar certo.

– Vou comunicar logo porque a transferência das crianças deve demorar algum tempo. Só serão transferidas à medida que forem surgindo vagas em outros abrigos. Vai ser um baque pra essa meninada. São muito unidos, e isso é mérito nosso!... Mas vão ter que se separar.

As duas torceram a boca.

– Eu tava sonhando muito com um anjo salvador, mas ele não veio...

– E nem vai vir! – ressaltou Camila.

– Eu sei.

– Quando vamos comunicar às crianças? – perguntou Aurora.

– Logo após eu falar com o juiz. Mas depois que a gente avisar as crianças, vamos ter que ficar atentos pra evitar novas fugas. Temos que dizer que eles vão para um lugar bem melhor.

– E isso é verdade? – quis saber ela.

– Acho pouco provável, mas temos que falar! Temos que fazer de tudo pra evitar problemas até a transferência.

Os três ficaram se olhando.

– Minha vida não será a mesma sem esse abrigo – lembrou ele. – Vai ser difícil tirá-lo da minha rotina. Foram quase dois anos convivendo com isso. Essas crianças são como filhos pra mim!

– Pra nós também! – disse Camila. Aurora concordou com a cabeça.

– Não descarto a possibilidade de fundar outro abrigo no futuro. E por que não?... Pode ser daqui a cinco, dez, quinze anos! Estarei bem mais experiente. Tenho consciência de que as minhas atitudes contribuíram pra esse fracasso. Eu não deveria ter aceitado tanta gente. Mas agi com a melhor das intenções.

Ele olhou para a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Seus olhos rapidamente se encheram. Teve que se segurar.

– Não sei por que dessa vez Ela não me atendeu. Mas deve ter seus motivos. Ela sempre sabe o que faz.

Capítulo 83

AQUELA TARDE DE SÁBADO estava reservada para um momento a dois num dos mais charmosos cafés da cidade, mas Mariana foi surpreendida

pelo marido. Logo cedo, ele cancelou informando que teria o aniversário de um amigo de faculdade pra ir. Seria uma tarde com muita bebida e muita conversa sobre futebol, por isso iriam apenas homens. Ela perguntou o nome do amigo. Não conhecia e ficou desconfiada. Quis saber se ele chegaria logo, mas foi surpreendida mais uma vez.

– Claro que não, amor! Faz um tempão que a gente não se reúne.

– Mas que horas você vai chegar?

– Acho que lá pelas oito.

– Tão tarde assim?

– Não é tão tarde...

– Mas vocês são casados, têm filhos!

– Eu ainda não tenho filho.

Ela olhou com raiva.

– Desculpe, amor – disse ele, dando-lhe um beijo. Ela nem se mexeu. – Não tenho filho, mas tenho uma esposa maravilhosa. Amanhã o dia será todo dela.

– Eu pensei que seria o fim de semana inteiro.

– Amor, não precisa dramatizar. É o aniversário de um amigo de faculdade. Faz tempo que a gente não se vê. Se as esposas fossem, com certeza eu lhe levaria. Mas só vai homem. Amanhã, eu passo o dia inteiro com você.

Mariana ficou emburrada até a hora do marido sair. Assim que ele abriu a porta, lembrou que ainda não tinha perguntado onde seria o encontro com os amigos. Ele deu o nome do bar, mas ela não conhecia. Era na Vila Madalena, bairro boêmio de São Paulo.

– Já vou, amor. Tchau!

– Ei...

– O que foi?

– Alguém vem te pegar? A chave do carro tá aí, ó.

– Não, vou de táxi. Muita cerveja... – disse rindo.

– Deixa o celular ligado.

– Vai ficar ligado. Tchau!

– Ei...

– Diz.

– Tem certeza que não posso ir? – perguntou ela, com voz de menina mimada.

Ele riu do dengo.

– Amor, só vai homem...

Mariana adorou escutar novamente aquele “*só vai homem...*”. Ficou séria, mas sorriu por dentro. Conformou-se:

– Tá bom... Tchau.

– Tchau.

Ela viu Paulo sair e ficou com muita vontade de segui-lo. Mas rapidamente desistiu. Recriminou-se. Nunca tinha feito isso na vida. Lembrou de algumas amigas que faziam. *Que coisa feia, parece coisa de adolescente*. E pra não cair na tentação tratou de arranjar alguma coisa pra se ocupar, afinal iria passar muito tempo sozinha.

Ficou lendo.

O tempo passou e já estava de noite. Ela, sem querer, começou a contagem regressiva para a chegada do marido. Ele prometera que seria às oito. Faltava pouco mais de uma hora pra isso. Ficou pensando em ligar e perguntar se já estava chegando. Mas não quis ser chata. Aproveitou e ligou a TV. Assistiu até faltar dez minutos para as oito. Foi esperar na sala. Ficou olhando para o relógio de instante em instante.

Oito em ponto!

Paulo deveria chegar a qualquer momento. Mas passaram cinco... dez... quinze minutos... Ela começou a ficar impaciente. Pensou novamente em ligar para o celular dele. *Não, não posso fazer isso!* Esperou mais vinte minutos. Ele não apareceu. Mariana começou a andar de um lado para o outro. Ficou com o celular na mão. *Quem sabe ele liga...*

Passaram-se 45 minutos! Ela perdeu a paciência e ligou. Chamou uma...

duas... três... cinco... sete vezes... caixa postal. Ela começou a ficar nervosa. Ligou de novo. A mesma coisa. Mariana ficou totalmente estressada. Seu marido estava quase uma hora atrasado e não atendia o celular. Começou a ter pensamentos terríveis. *Será que mentiu pra mim?* Olhou-se no espelho da sala e viu uma mulher desesperada. Teve vergonha de si mesma e saiu da frente. Começou a achar realmente que estava sendo traída. *Será que eu conheço essa infeliz?*

Ficou com muita raiva. Levantou-se determinada e se olhou no espelho novamente. Agora viu uma mulher enfurecida, disposta a se vingar. Disse pra si mesma em voz alta:

– Vou pegar no flagra! Ah, vou!

Foi no quarto, trocou de roupa e pegou a bolsa pra sair. Abriu a porta e hesitou. Voltou a se sentir ridícula. Fechou a porta novamente e ficou pensando. Pensou tanto que a raiva voltou. Saiu! Entrou no elevador e lembrou o nome do bar. Não sabia exatamente onde era. Achou melhor ir de táxi.

Assim que chegou no térreo, saiu voando em direção à rua. Deu sorte. Um estava parado na porta. Entrou esbaforida no banco de trás. Disse o nome do bar. O motorista conhecia e fez um comentário terrível...

– É cheio de mulher bonita. É um dos mais bem frequentados da Vila Madalena.

Ai, meu Deus! Vamos logo! Rápido!... Será que ela é mais bonita que eu?... Será que é mais nova?... E se eu já tiver grávida?...

– Moço, você tem certeza que esse bar é cheio de mulher?

– Sim! A senhora nunca ouviu falar dele?

– Não...

– Vai até gente famosa lá.

– Moço, não dá pra você ir um pouco mais rápido?

– Senhora, o trânsito não deixa.

– Desculpe.

– A senhora tá muito atrasada?

– Muito!

O que eu vou fazer quando encontrar com aquela desgraçada, hein?... Sair na tapa?... Não, nunca fui mulher disso... E se ele já tiver voltando pra casa?... Ai, meu Deus, que vergonha!...

Chegaram na rua do bar. O carro ficou andando devagarinho por causa do congestionamento.

– Senhora, é aquele ali, ó – disse o motorista apontando para um local cinquenta metros adiante. Tava lotado. Muita mulher! Várias mesas do lado de fora.

Foi preciso esperar uns dez minutos até chegar na frente. Mariana olhou prum lado e pro outro. Estalava os dedos de cada mão com os polegares. Tinha muita gente em pé, ele poderia estar por trás. Pra ter certeza, teria que descer do carro. Mas jamais iria fazer isso.

– A senhora vai lá?

– Não! – respondeu, sem tirar os olhos do bar.

– A senhora tá procurando quem? Homem ou mulher?

Ela não respondeu. Mas o taxista entendeu.

– Vou baixar as janelas pra senhora ver melhor.

– Não! Quer dizer... deixa que eu mesma baixo.

Ela baixou apenas um pouco, o suficiente pros seus olhos captarem o que estava lá fora. O táxi começou a andar. Mariana continuou olhando ali... acolá... Os que estavam em pé atrapalhavam ver quem estava sentado. *Acho que perdi a viagem.*

– A senhora quer que eu passe de novo?

– Sim, quero!

O táxi deu uma volta no quarteirão e voltou para o congestionamento. Foi preciso esperar mais uns quinze minutos pra chegar em frente ao bar. Mariana quase morreu de aflição. Mas quando chegou lá, alegrou-se ao saber que um grupo de pessoas que estava em pé anteriormente havia saído. Ela fixou o olhar naquela direção. Havia três mesas grudadas uma na outra. Só homens. Uns dez.

Um bem gordo estava encobrendo outros dois. Parecia que ele contava piada, pois gesticulava muito e os outros riam. Tinha que esperar o táxi andar um pouco pra checar de outro ângulo. Mas o trânsito não deixava. Pouco depois, o carro começou a se mexer.

Pronto. Os outros dois apareceram... Um era Paulo!

Os olhos de Mariana brilharam. Ela sorriu. Hipnotizada, apenas conseguiu pronunciar baixinho:

– Achei...

Paulo estava visivelmente alegre no meio dos seus amigos. Havia muita cerveja em cima das mesas. Dentro daquela algazarra masculina, qual homem iria se preocupar com celular chamando? Assim que o táxi saiu da frente, Mariana respirou aliviada no banco de trás. Seus olhos começaram a se encher.

– Senhora, pra onde vamos?

– Vamos voltar – respondeu ela com a voz presa.

– A senhora tá bem?

– Sim...

Mas não conseguiu se segurar. O choro veio forte. O motorista ficou constrangido e manteve-se olhando pra frente, mas checando pelo retrovisor. Ela chorou feito uma criança durante uns dois minutos.

– A senhora quer que eu pare?

Mariana disse não com a cabeça. Aos poucos foi se acalmando. Depois de completamente desidratada, enxugou o rosto e ficou quieta até chegar ao seu endereço. Pagou o taxista com uma cédula alta. Não esperou o troco.

Entrou no apartamento e foi tomar banho. Ao sair, mais relaxada, olhou para o relógio e viu que já passava das onze. Decidiu ligar para o marido novamente. Dessa vez, ele atendeu. Falou mais enrolado do que repolho.

– Oi, amor... Tô a caminho... Chego já...

– Ah... Era só pra saber onde você tava. Você falou que ia chegar às oito e já passa das onze. O que houve?

– Ô, amor, desculpe... É que a turma tava bem alegre... Quando chegar

aí, eu te conto...

– Tá bom.

– Beijo.

– Beijo.

Paulo chegou em vinte minutos. Quando entrou na sala, dava pra perceber que seria um perigo acender um isqueiro perto dele. Foi beijar Mariana e tropeçou no tapete. Riu de si mesmo e depois perguntou:

– Amor, como é que cê tá?

– Bem.

– Não vai brigar comigo?

– Eu?... Por quê?...

– Por ter chegado tarde.

– Imagina...

Ele foi tomar banho e depois não teve força pra mais nada. Caiu na cama e dormiu feito um cachorro. Mariana ficou na sala assistindo à televisão até tarde.

Capítulo 84

NAQUELA NOITE, CAIO entrou de moto na Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini pensando na visita que faria ao juizado no dia seguinte. Como sempre, diminuiu a velocidade quando se aproximou do edifício onde Mariana trabalhava. Era um prédio belíssimo, como quase todos ali. Parou sem desligar o motor e ficou olhando. Quem o visse daquele jeito poderia achar que era algum caipira impressionado com as coisas da cidade grande. Mas não estava admirando nada. Apenas sentia um grande vazio dentro de si. Ficou poucos segundos e seguiu. Quando parou num dos semáforos, começou a presenciar algumas performances de malabares. Ficou refletindo sobre como aquilo não

incomoda quase ninguém. O máximo de atenção que aquelas crianças recebem é quando um ou outro motorista cria coragem e baixa a janela para entregar alguma moedinha.

– Professor, sempre dou esmola pros meninos de rua.

– Você acha que tá fazendo certo?

– Por quê? Você é contra a esmola?

– Totalmente!

Os alunos olharam espantados.

– Mas professor, você vive reclamando que as pessoas não fazem caridade.

– Não confundam caridade com esmola! A caridade é muito maior do que isso. Caridade não é doar um restinho de dinheiro ou um restinho de comida pra quem está nas ruas. Caridade é doar mais de si, é doar mais do seu tempo àqueles que precisam da sua ajuda. E isso não pode ser de forma eventual, mas de forma sistemática, frequente e correta.

– A esmola é incorreta?

– Sim!

– Por quê?

– Essas pequenas doações de dinheiro ou comida fazem essas crianças permanecerem nas ruas. Na maioria das vezes, a esmola serve pra sustentar o vício no álcool ou nas drogas.

– Então, como ajudar?

– Você deve procurar uma entidade filantrópica. Há várias delas. Lá você pode doar de forma sistemática o que quiser: dinheiro, alimentos ou roupas. E tudo será direcionado para os mais carentes. É muito melhor do que dar esmolas.

– Mas professor, você já entregou sopão nas ruas...

– Sim.

– Não é uma esmola?

– Não! O sopão não é uma esmola!

– Como não? Qual a diferença entre doar uma moeda e um copo de sopa?

– Primeiro: quando você doa uma moeda nas ruas, está doando apenas um resto de dinheiro que não vai lhe fazer falta. Segundo: você não estabelece qualquer vínculo com a pessoa necessitada. Terceiro: você não está dando de si, não está dando o seu tempo em prol delas. O sopão não é um resto de comida. É preparado especialmente pra eles. O sopão não é uma contribuição eventual. A gente voltava lá todas as semanas pra estabelecer um vínculo. O sopão é o nosso tempo em prol deles.

Silêncio.

– Eu já fiz esse convite aqui. Quantos de vocês se dispuseram a distribuir o sopão com o meu grupo?

Alguns alunos baixaram a cabeça.

– É mais cômodo doar apenas uma moedinha nos semáforos... Ela não vai fazer falta... Isso não vai tomar o seu tempo... E você ainda vai passar alguns minutos alegre por ter feito uma “boa ação”. Entre aspas!

– Mas professor, o sopão não estimula os meninos a permanecerem nas ruas?

– Não, pelo contrário! O sopão é apenas a parte inicial de um longo processo de assistência social. Com o vínculo que é criado nós os levamos a acreditar novamente em si mesmos. Quase todos que moram nas ruas, sentem-se completamente excluídos da sociedade. Eles se veem como pessoas que não tem mais chances. E com essa visão pessimista de si mesmo, ficam a um passo do crime. Então, a primeira vantagem do sopão é dar calor humano e levantar a autoestima. Já conseguimos encaminhar alguns usuários de drogas para tratamento. Outros, direcionamos para abrigos. Claro que isso não é um processo fácil. Se fosse, tudo já estaria resolvido e não haveria mais meninos de rua.

O semáforo ficou verde. Caio seguiu.

Capítulo 85

OS CATORZE DIAS após a segunda implantação dos embriões já tinham se passado. Era hora de fazer mais um teste de gravidez. Mariana coletou a urina e foi para a sala. Paulo já estava lá. Ela quis ser rápida. Abriu a caixa, tirou o envelope e rasgou. Pegou a haste e mergulhou no copo. Esperou um pouco e colocou sobre a embalagem. Pronto.

Logo depois, a primeira listra apareceu. Mariana começou a ter pensamentos que nunca tivera antes e os verbalizou para o marido, sem tirar os olhos da haste.

– Amor, será que tô preparada pra ser mãe?

Paulo olhou surpreso.

– Agora é tarde... Se você estiver grávida, preparada ou não, vai ser mãe.

– Será que vou ser uma boa mãe?

Ele riu.

– Hein?... Você acha que a sua mulher vai ser uma boa mãe?

– Por que a dúvida?

– Tem tanta mulher que não sabe criar os filhos.

– Isso é verdade. Mas, você acha que vai ser uma dessas?

– Não sei...

– Só depende de você, Mariana!

– E você?... Tá preparado pra ser pai?

– Preparadíssimo!

– O que você vai fazer se eu estiver grávida?

– Vamos comemorar juntos!

– Só isso?... Pensei que fosse colocar no jornal...

Paulo riu. Ele sabia que a esposa estava brincando pra esconder o nervosismo. As mãos dela estavam embaixo da mesa, mas o seu lábio superior denunciava. Era compreensível. Só quem já passou pela aflição de um tratamento pra engravidar sabe o tanto que é difícil enfrentar mês a mês os testes de gravidez.

Ficaram em silêncio por algum tempo.

Mariana olhou para o relógio de parede. Paulo também. Quatro minutos! O tempo estava chegando ao fim. A segunda listra tinha que surgir de qualquer jeito dentro daquele pedacinho de tempo. Faltava pouco para eles mudarem suas vidas ou permanecerem na mesma. Paulo colocou sua mão aberta em cima da mesa como que pedindo pra ela segurar. Mariana ignorou. Com certeza sua mão estava trêmula e gelada. Ele entendeu e deixou pra lá. Ela continuou com os olhos na haste.

Paulo virou-se para o relógio. Os cinco minutos se esgotaram. A segunda listra não apareceu. Mariana não estava grávida!

– O tempo acabou... – disse ele, com voz triste.

Ela permaneceu olhando para a haste como se alguma coisa ainda pudesse surgir. Depois, baixou levemente a cabeça. Ficou calada.

– A vida continua... – seguiu Paulo. – Vamos tentar de novo.

Mariana se levantou lentamente e foi para o quarto do bebê. Ao chegar em frente à imagem de Nossa Senhora Aparecida, fez o sinal da cruz e disse baixinho:

– A Senhora deve saber o que tá fazendo... Mas eu queria entender.

Dessa vez ela não chorou. Paulo chegou e a abraçou.

– Vamos tentar de novo – repetiu ele.

– Vamos... – disse ela, sem muito alento.

Capítulo 86

- **INFELIZMENTE, NÃO DEU** certo, doutor – disse ela.
- Que pena...
- E como já lhe dissemos – lembrou Paulo – queremos fazer uma nova fertilização in vitro o quanto antes.
- Vocês estão certos disso?
- Sim, estamos. Né, Mariana?
- É.
- É preciso que vocês tenham certeza que estão em condições psicológicas de passar por todo o processo de novo. Nada garante que você vá engravidar nessa segunda tentativa. Pode até ser que dessa vez você gere uma quantidade menor de embriões ou não gere nenhum. O casal precisa tá preparado pra isso.
- Estamos! – disse Paulo, olhando pra esposa.
- Não temos opção, doutor – seguiu ela.
- Opção vocês têm.
- Nem pensar! – rejeitou Mariana. – Nós já conversamos sobre isso.
- No entanto, Paulo a surpreendeu:
- Meu bem... Você tem certeza que a gente não deveria conver...
- Sobre doação de óvulos? Nem pensar! Nós já conversamos sobre isso.
- Amor, eu sei que já falamos muito sobre isso. Mas...
- Não tem mas!
- Mas e se você também não engravidar nessa segunda tentativa?
- Você me disse que se eu não engravidasse de jeito nenhum, a gente iria se dedicar aos nossos sobrinhos! Lembra?
- Eu sei que falei isso, mas... será que não é o momento da gente re...
- Não!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vamos ter calma! – pediu o médico constrangido.
 - Não dá pra ter calma, doutor! Nós já conversamos sobre isso e ele agora tá mudando de ideia. – E virou-se para o marido. – O que te fez mudar?
 - Tá bom. Não se fala mais nisso!
 - Vamos esperar mais um ciclo menstrual seu. Assim que terminar, você retorna aqui e vamos refazer alguns exames pra ver como está o seu organismo. Se tudo estiver bem, começaremos a aplicar as injeções pra induzir a ovulação.
- Os dois ficaram em silêncio.
- É isso! Aguardo vocês dentro de alguns dias. Vamos começar tudo de novo.
 - Tá bom, doutor – disse Paulo, levantando para ir embora.
 - Ah, uma pergunta por mera curiosidade – lembrou o médico. – Por acaso vocês pararam pra pensar naquilo que falei uma vez... que a sua dificuldade pra engravidar pode ter uma explicação espiritual?
 - Sim! – respondeu Mariana. – Eu penso nisso todos os dias.
 - Então, orem bastante. Isso ajuda muito.

•

- Assim que entraram no carro...
- Que dizer que o senhor agora é a favor de óvulos doados?
- Paulo nem olhou. Deu a partida e saiu.
- Tô querendo saber! Que história é essa?
 - Foi o que falei, amor. A gente precisa rever algumas coi...
 - O que tá se passando com você, Paulo?
 - Nada, amor! Apenas acho que diante das circunstâncias nós poderíamos cogitar os óvulos doados. Por que não?
 - Porque não! – ela gritou. – O que te fez mudar?
 - As circunstâncias... Não conseguimos nada até agora...
 - Ponha uma coisa na sua cabeça: eu-não-quero-um-filho-de-óvulos-

PERIGOSAS ACHERON

doados!... Não quero!... Fui clara?

Paulo não respondeu.

– Fui clara?

– Tá bom! Tá bom! Foi clara! Não se fala mais nisso. Vamos ficar em paz. Não quero brigar com a minha esposa.

– Ainda bem!

Ficaram em silêncio por vários minutos. Depois...

– O que você acha de eu fazer a Terapia de Vidas Passadas?

– Vai adiantar alguma coisa?

– Não sei... Preciso conversar com o terapeuta.

– Vai lá... Se bem não te fizer, mal acho que não vai fazer.

Capítulo 87

POUCO ANTES DE IR AO JUIZADO comunicar o fechamento do abrigo, Caio ficou sozinho na sua sala. Naquele momento muita coisa começou a passar pela sua cabeça. Lembrou da sua infância quando oferecia comida para os meninos de rua... lembrou do sopão... da fundação do abrigo... das primeiras crianças chegando... do juiz elogiando... das oficinas de arte... Ele tinha feito o melhor possível, mas o abrigo estava sendo fechado e aquelas crianças deixariam de fazer parte do seu dia-a-dia.

Estava triste, mas conformado. No entanto, ele não conseguia entender por que sua promessa a Nossa Senhora Aparecida não estava sendo atendida. Chegou a se questionar se estava indo pouco à missa. Não, claro que não! Ia quase todos os domingos. Pensou que talvez estivesse se preocupando apenas consigo mesmo. Também não! Era um exemplo de dedicação aos mais necessitados. E, então, chegou ao cúmulo de achar que a sua promessa não fazia sentido.

Do outro lado da cidade, bem longe dali, Mariana também estava num momento reflexivo. Sozinha na sua sala de trabalho, pensava no tanto que tinha se preparado para ser mãe. Lembrou do adiamento do casamento... das pílulas pra não engravidar... das primeiras conquistas profissionais... da compra do apartamento... do quarto do bebê... Ela tinha planejado tudo, mas não tinha conseguido ser mãe. Assim como Caio, fez-se uma série de questionamentos.

As atitudes dos dois eram típicas de quem não consegue entender por que sua promessa não está sendo atendida. Às vezes, quando isso acontece, muitos até questionam a existência das forças superiores da sua religião.

Capítulo 88

CAMILA ENTROU CORRENDO na sala de Caio.

– Vem cá rápido!

– O que foi?

– Vem aqui na TV!

Ele levantou-se apressado. Assim que chegou no salão, viu todas as funcionárias assistindo a um programa policial. Camila pegou o controle e aumentou o volume.

“Esses cinco menores, três meninos e duas meninas, foram apreendidos ontem à noite pela polícia. Eles assaltaram, armados de faca, um casal que saía a pé de um dos principais shoppings da zona leste de São Paulo. Os meninos estão aqui na Delegacia da Infância e Juventude.”

Caio congelou. Os rostos dos menores não apareciam porque estavam

propositalmente borrados. Mas ali no abrigo, ninguém precisava ver. Eram os funkeiros! As funcionárias, aflitas, acompanhavam a matéria com um olho na TV e outro em Caio.

“Segundo o relato do casal, os garotos se aproximaram por trás e anunciaram o assalto. Eles não reagiram e entregaram bolsas, carteiras e celulares. Assim que os meninos fugiram, a polícia foi acionada. Algumas horas depois, já no final da madrugada, uma viatura flagrou os cinco numa das principais zonas de comércio de drogas da zona leste. Estavam trocando os objetos roubados por pedras de crack. Tentaram fugir, mas foram apreendidos. Hoje pela manhã, o casal foi chamado e fez o reconhecimento. Por serem menores de idade, os cinco serão encaminhados nas próximas horas ao Juizado da Infância e Juventude. De lá, deverão ser transferidos para os centros de internação provisória para menores infratores. Se condenados, irão cumprir medida socioeducativa por até três anos.”

– Pra que eu fui viver pra ver isso? – lamentou-se Caio. – É a primeira vez que vão para um reformatório... Era de se esperar... Não tinham outra coisa pra fazer nas ruas... É uma pena... Vão ser condenados! Vão passar algum tempo convivendo com gente muito pior do que eles: menores assassinos, estupradores... Era melhor terem ficado aqui, mesmo com todos os nossos problemas. Mas como colocar isso na cabecinha deles, meu Deus? A tentação das ruas é muito grande. E o pior é que eu me sinto culpado.

Todas as funcionárias rebateram imediatamente.

– Que absurdo, Caio! – disse Camila. – Você não tem culpa de nada! Nós somos testemunhas de que você foi um pai pra essas crianças!

– Mas é assim que eu me sinto... Eles voltaram pras ruas... Eu fracassei...

– Caio, não fique assim – pediu Aurora, tocando no ombro dele.

– O abrigo tá fechando da pior forma possível.

Seus olhos se encheram rapidamente. Foi impossível segurar. Duas lágrimas caíram na frente de todo mundo. Houve um silêncio respeitoso. Aurora o consolava passando a mão na sua cabeça.

Depois de algum tempo, Camila perguntou:

– Você vai visitar os garotos?

– Sim... Assim que possível, vou levar alguns biscoitos e cobertores.

Capítulo 89

NÃO FOI À TOA que Mariana passou pela sala da funcionária com a qual tinha conversado sobre a TVP. Desde o último teste de gravidez, ela vinha pensando na possibilidade de fazer a Terapia de Vidas Passadas.

– Quero o telefone daquele terapeuta.

– Ah, a senhora decidiu fazer?

– Vou conversar com ele.

– Ainda tá na dúvida?

– Nem sei direito... Penso em fazer, mas ao mesmo tempo tenho medo.

Medo do que eu possa descobrir.

– Eu também tinha, mas fiz... Você quer fazer por quê?

Mariana sentou.

– Tô com uma dificuldade imensa pra engravidar. Já fiz tratamento, mas até agora não deu certo. E nem sei se vai dar... Tenho um problema de baixa ovulação, muito baixa mesmo. E eu tô com 35 anos...

– Qual foi o tratamento da senhora?

– Fertilização in vitro. Mas não deu certo.

– Tá há quanto tempo tentando engravidar?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Desde que me casei. Mais de um ano e meio.
- Acho que a TVP vai lhe ajudar muito.
- Será que vou gostar do que vou descobrir?
- Pior do que não gostar é não descobrir nada e continuar nessa dúvida.

Pelo menos a senhora vai entender por que não tá conseguindo engravidar.

– É, não custa nada tentar... – Ela se levantou. – Até meu médico já disse que isso pode ter uma explicação espiritual.

– Pois é. Quem sabe os espíritos estão querendo lhe mandar alguma mensagem e a senhora tá se recusando a receber.

- Será?
- Quem sabe?...
- Agora fiquei encucada...
- E vai que depois da terapia a senhora engravida.
- Eita! – Ela riu. – Agora fiquei animada!
- Faz a TVP. Depois a senhora me conta.

•

Ao chegar em casa, Mariana conversou de novo com o marido sobre a TVP.

– Será que isso vai mudar alguma coisa nas nossas vidas? – perguntou ele.

- Não sei...
- E eu também preciso fazer?

Ela olhou surpresa.

– Taí... Boa pergunta! Acho que não... Ou será que sim?... Vou perguntar isso pro terapeuta. E se você tiver que fazer, vai fazer?

- Mas pra saber o que mesmo?
- Pra saber por que você ainda não é pai, ora... Sabe-se lá se você não casou com a mulher errada...

PERIGOSAS ACHERON

- Lá vem a dona Mariana com suas teorias da conspiração... Eu, hein!
- Ela ficou rindo.
- Ah, querida, vai lá nessa TVP.

Capítulo 90

CAIO AINDA FICOU quase uma semana esperando pelo dia oficial de visitas para ir até os funkeiros. Por ser mais perto, primeiro foi no centro de internação provisória onde estavam os três meninos. Durante o caminho ficou pensando no sofrimento que aqueles garotos iriam passar ficando tanto tempo num lugar daqueles. Além da péssima convivência com menores “barra pesada”, iriam enfrentar terríveis condições de higiene e alimentação. Isso porque os centros de internação para menores no Brasil em nada diferem dos presídios tradicionais. São alguns dos piores lugares para se viver, até mesmo para criminosos.

Essa situação se deve a um contínuo “esquecimento” por parte dos governantes, pois, como se sabe, investir em centros de internação ou presídios não proporciona retorno político ou eleitoral. E a sociedade, por sua vez, não costuma fazer cobranças sobre isso, porque guarda dentro de si um sentimento eterno de vingança contra bandidos. Acha que eles devem mesmo conviver em condições sub-humanas, esquecendo que um dia irão sair numa situação muito pior do que entraram, já que não existe prisão perpétua no Brasil.

Assim que viram Caio, os três meninos desabaram no choro. Ele também não resistiu. As lágrimas caíram.

- Tio, perdoa a gente!
- Sim, eu perdoo!... Como vocês estão?
- Tio, tira a gente daqui!
- É, tio, a gente quer sair daqui!

- Infelizmente, não posso fazer nada. Vocês vão ter que ficar o tempo determinado pelo juiz.
- Fala com ele, tio! A gente tá arrependido!
- Eu sei, mas não adianta.
- A gente não quer ficar aqui! Aqui não presta, só tem coisa ruim!
- Eu sei... mas, não há nada a fazer.
- Um menino grande bateu em mim!
- Bateu por quê?
- Porque eu me deitei no colchão dele.
- Tio, a gente tá dormindo no chão! Não tem colchão pra todo mundo!
- Meu Deus!
- Tio, a gente tem que sair daqui!
- Eu trouxe alguns biscoitos e cobertores pra vocês. Peguem.
- Tio, vão tomar da gente!
- Quem?
- Os “menino grande”! Todo mundo tem medo deles!

•

As duas meninas também choraram bastante quando viram Caio no centro de detenção. Mas a situação delas era ainda pior: não tinham comido quase nada desde o dia anterior porque havia faltado comida. As outras garotas disseram que isso acontecia constantemente. Ele questionou os funcionários do lugar, e escutou que tudo voltaria ao normal no dia seguinte. Não acreditou muito. Parecia ser uma resposta padrão. Mas o pior é que ele não podia fazer nada.

Uma das meninas pediu pra falar baixinho no ouvido dele.

- Tio, trouxe absorvente?

Aquela pergunta foi uma tapa na cara de Caio.

- Não lhe deram?

– Aqui não tem.

Ele foi até uma funcionária saber o motivo e escutou que chegaria em breve. Voltou-se para a menina. Ia perguntar algo, mas ela falou antes, ainda mais baixinho.

– Tio, tô usando miolo de pão.

Capítulo 91

A CONSULTA COM O TERAPEUTA teve início com algumas breves explicações sobre a TVP. Mariana já sabia de muita coisa, porque tinha pesquisado bastante na internet, como todos fazem. Em seguida, foi iniciada a anamnese, que é a entrevista onde se pergunta fatos importantes sobre o paciente ou se faz algumas abordagens para que ele fale abertamente das suas aflições. O objetivo é detectar o foco do tratamento e o ponto de entrada da regressão. Portanto, esse momento não pode ser tratado, nem pelo terapeuta nem pelo cliente, como uma simples coleta de informações. Tudo o que é dito ali é de fundamental importância para o sucesso da TVP. O conteúdo do que é abordado varia de acordo com o profissional.

– Como você tomou conhecimento da Terapia de Vidas Passadas?

– Através de um amigo. Ele me falou que teve um resultado muito bom. Aliás, mais do que isso! Disse que sua vida mudou muito com a TVP.

– E o seu amigo lhe falou por que fez?

– Sim. Disse que precisava saber por que gostava de ajudar meninos de rua.

– Só por isso?

– Ele falou que isso tava atrapalhando a vida pessoal dele.

– E ele descobriu o motivo?

– Sim, mas não me falou.

– Por quê?

– Sinceramente, não sei... Também não insisti.

– E quando ele falou da TVP, você acreditou em tudo?

Mariana parou pra pensar.

– Sim... Acreditei.

– E, depois de saber da existência da TVP, você foi buscar mais informações?

– Sim. Conversei com algumas pessoas e li muito na internet.

– Como todos – disse o terapeuta, sorrindo.

– Sim, como todos – ela também sorriu.

– Acreditou em tudo o que viu?

Ela parou novamente pra pensar.

– Sim.

– Antes de vir aqui foi em algum outro terapeuta da TVP?

– Não.

– Já fez alguma outra forma de terapia na sua vida?

– Não, nenhuma.

– Por quê?

– Nunca achei que precisasse.

– Por que agora você acha que precisa fazer a TVP?

– Tô com um grande problema na minha vida...

Ela olhou para o nada antes de continuar. O terapeuta ficou esperando. Ele anotava tudo, inclusive suas reações.

– Não tô conseguindo engravidar... Meu sonho é ser mãe... Tô sofrendo muito por ainda não ser... Eu e meu marido tentamos durante mais de um ano e não conseguimos. Fomos ao médico e ele recomendou a fertilização in vitro. O senhor sabe o que é?

– Sim, sei como funciona.

– Ele disse que era o tratamento mais adequado pra uma mulher da minha idade... 35 anos.

– Está casada há quanto tempo?

– Um ano e meio.

– O problema é com você?

– Sim.

– O que você tem?

– Ovulação muito baixa.

– Por quê?

– A medicina não sabe explicar. Talvez seja uma característica do meu corpo. Mas não há como saber se sempre fui assim, porque nunca fiz exames de fertilidade antes.

– Tem casos na sua família?

– Não. Na minha família todas as mulheres tiveram filhos normalmente. Minha mãe e minhas irmãs. A única infeliz sou eu.

– Você se sente muito mal com isso?

– Muito! Me sinto a ovelha negra. Não desejo isso pra ninguém.

– Seu marido é normal?

– É.

– Como vocês reagiram ao saber disso?

– Meu marido sempre foi um cavalheiro comigo. Antes de irmos ao médico eu tinha certeza que o problema era com ele.

– Certeza? Por quê?

– Não sei... Aliás, sei! Eu não queria que o problema fosse comigo, então jogava pra cima dele.

– Dizia pra ele?

Ela confirmou com a cabeça.

– E ele?

– Não reagia! Apenas dizia que nós deveríamos procurar um médico.

– E quando vocês descobriram onde estava o problema, ele ficou com raiva?

– Não!

- Como ficou a relação de vocês?
- Eu pedi perdão... Ele ficou do meu lado. Foi muito carinhoso comigo.
- Então, podemos dizer que o seu casamento não se alterou por causa

disso?

Ela ficou pensando.

- Até agora não.
- Você acha que isso pode afetar futuramente?

Mariana pensou mais ainda.

- Não sei...

Seguiu-se um longo silêncio com ela olhando para o nada.

- Fale da sua fertilização in vitro.

– Comecei tomando injeções pra aumentar a ovulação. O meu organismo correspondeu. Consegui gerar quatro embriões. Primeiro eu coloquei dois... Não deu certo. Depois, coloquei os outros... Também não deu.

- Por que não deu certo?
- Ninguém sabe. Destino.
- E agora?

– Agora só me resta fazer uma nova fertilização in vitro partindo do zero... Tomando todas aquelas porcarias de injeções pra aumentar a ovulação e engordando!... É um terror!... Você fica naquela tensão... não sabe se tá grávida!... não sabe se não tá!... É muita ansiedade!... Quando chega a hora de fazer o teste de gravidez fico toda me tremendo. Às vezes dá vontade de desistir de tudo. Mas quero muito ser mãe!

- E se a nova fertilização também não der certo?

Mariana ficou pensando.

– Eu poderia tentar outras vezes. Mas não aguento mais. Se não der certo dessa vez, vou desistir de ser mãe. Eu e meu marido vamos nos dedicar aos nossos sobrinhos. Mas nem gosto de pensar nisso. – Ela sentiu um nó na garganta. – Tenho muito medo que meu casamento acabe...

Silêncio.

– Por quê?

– Meu marido é normal, né... Apesar dele me fazer juras de amor, não sei qual vai ser a reação dele quando tiver certeza que eu não vou lhe dar um filho.

– Vocês já conversaram sobre isso?

– Já. Ele detesta quando eu toco nesse assunto. Diz que me ama e que vai continuar comigo independente de tudo.

– E isso não lhe acalma?

– Não!

– Você se considera bem casada?

– Sim... – respondeu baixinho.

– Sim ou não?

– Sim... Fora esse problema da gravidez, me sinto bem casada. Apesar de que... – ela suspendeu a frase e baixou os olhos. O terapeuta ficou esperando.

– Apesar de quê?

– Ultimamente ando meio desconfiada dele...

– Desconfiada de quê?

– De que ele possa tá me traindo...

– Por que o seu marido lhe trairia?

– Não sei...

– Você já viu alguma coisa?

– Não... Ainda não!

– Ele já lhe deu motivos pra isso?

Silêncio.

– Às vezes acho que é coisa da minha cabeça... Ando tão confusa... Talvez eu possa tá imaginando coisas... Mas às vezes, ele tem cada atitude que... que me faz ter certeza que tem outra mulher... Só o tempo vai dizer...

– Você já teve essas desconfianças antes?

– Não. Mas antes ele não tinha essas atitudes.

– Que atitudes?

Ela ficou pensando.

- Deixa pra lá...
- Está casada há quanto tempo?
- Um ano e meio.
- Você está satisfeita com a sua vida sexual?
- Sim.
- Você acha que seu marido também está?

Mariana tomou um susto, mas respondeu com firmeza.

- Sim!
- Vocês já conversaram sobre isso?
- Não...
- Nunca escutou nenhuma queixa da parte dele?
- Não...
- Fale mais da sua relação com ele.

– Estamos juntos há dez anos. Eu adiei o meu casamento ao máximo porque queria me dedicar à minha profissão. Ele queria logo, mas eu não. Só queria me casar depois que tivesse um grande emprego, com a vida garantida. Consegui e então me casei. Talvez se tivesse me casado cedo já fosse mãe. Mas ninguém sabe.

– Você acha que sacrificou a sua vida pessoal em prol da vida profissional.

- Sem dúvida!
- Tá arrependida?

– Sim! Acho que poderia ter investido nas duas coisas ao mesmo tempo. Não havia necessidade de privilegiar tanto o aspecto profissional. Eu poderia ter me casado bem antes. O Paulo insistiu muito, mas eu não queria. Achava que era melhorar esperar.

- Por que você quis privilegiar tanto a vida profissional?

Ela olhou pro nada novamente.

– Acho que por ter nascido numa família pobre. Meu pai era motorista de ônibus e minha mãe, dona de casa. Eles tiveram cinco filhos e nos educaram

com muita dificuldade. Nunca passamos fome, mas lá em casa tudo era contado. E eu não queria uma família assim. Não queria, por exemplo, ter filhos me pedindo roupa e eu sem condições de dar, como aconteceu com meus pais.

- Hoje, você está bem de vida?
- Muito bem!
- Trabalha com quê?
- Sou diretora numa empresa de consultoria de recursos humanos.
- E seu marido?
- É engenheiro. Trabalha numa construtora.
- Vocês dois ganham bem?
- Muito bem!
- Alguém ganha mais do que o outro?
- Eu ganho bem mais do que ele.
- Muito mais?
- Quando nos casamos a gente ganhava praticamente a mesma coisa. Mas hoje eu ganho três vezes o que ele ganha.
- Isso tá interferindo no casamento de vocês?
- Não...
- Tem certeza?
- Certeza nunca dá pra ter... mas, acho que não.
- Ele já falou alguma coisa sobre isso?
- Não! Nunca percebi nenhum incômodo da parte dele em relação a isso.
- Ok... Seus pais são vivos?
- Sim.
- Você se dá bem com eles?
- Sim.
- E com os irmãos?
- Também.
- Como foi a sua infância?
- Normal, dentro das limitações naturais de uma família com poucos

recursos.

- E a sua adolescência?
- Também normal. Nasci numa família pobre, mas muito amorosa.
- Sofreu alguma agressão na escola?
- Não.
- Há casos de alcoolismo ou uso de drogas na sua família?
- Nenhum.
- Algum caso de abuso sexual?
- Também não, graça a Deus!
- Sua família era muito religiosa?
- Éramos todos católicos não-praticantes. Hoje, sou catopírita.
- Catopírita?
- Católica simpatizante do espiritismo.
- Quero lhe deixar claro que a Terapia de Vidas Passadas não tem vínculo

com qualquer religião.

- Eu sei disso.
- Por isso, qualquer pessoa pode fazer a TVP, mesmo aquelas que não têm qualquer crença.

- Eu sei disso.
- Seu marido sabe que você veio aqui?
- Sim, conversei com ele.
- E ele?
- Ficou indiferente.
- Você falou há pouco que se a nova tentativa de fertilização in vitro não der certo vai desistir de ser mãe.

- Sim.
- Mas você poderia ser mãe de outras formas...
- Nem pensar! Eu sei disso... Mas nem pensar!
- Por quê?
- Não me imagino sendo mãe de um filho que não seja biológico. Acho

uma atitude muito bonita, mas não é pra mim. Não aceito doação de óvulos nem adoção.

– Está plenamente convicta disso?

– Sim!

– Alguma coisa poderia fazê-la mudar?

– Não!

– E o seu marido, o que diz disso?

– No começo ele concordava comigo, mas... – ela torceu a boca – acho que mudou de ideia. Já chegou a falar na possibilidade de eu engravidar com óvulos doados. Mas definitivamente não quero.

– Por que você acha que seu marido mudou de ideia?

– Não sei... Acho que é a vontade de ser pai.

– Você não mudaria de ideia pra salvar seu casamento?

Mariana ficou muda. O terapeuta ficou esperando.

– Não posso perder meu marido...

– Então, você mudaria de ideia pra salvar seu casamento?

– Não... Mas não posso perder meu marido... Já tô com 35 anos... Tenho dificuldade pra engravidar... Que homem vai querer uma mulher assim?

– Por que você acha isso?

Mariana baixou a cabeça. O terapeuta esperou, mas ela não respondeu.

– Por que você acha isso?

O terapeuta esperou um pouco mais. Depois continuou.

– Você tá se achando feia?

Ela levantou a cabeça. Seus olhos estavam molhados.

– Acho que, às vezes, sim... Toda essa luta pra engravidar me faz engordar.

– Seu marido já reclamou disso?

– De quê?

– De você tá gordinha.

– Não! Nunca falou nada. Muito pelo contrário, sempre diz que eu tô

linda.

– Você acha que ele tá mentindo?

– Não! – disse rindo.

– Mesmo sendo uma mulher casada, você é procurada por outros homens?

– Alguns me olham, mas não passa disso. Não dou liberdade pra ninguém.

– Sempre foi respeitada?

Ela ficou pensando.

– Uma vez um deles foi um pouco mais ousado.

– E aí?

– Não tem a menor chance comigo. Amo meu marido, apesar de tudo.

– Quem é ele?

– Um rapaz que conheci recentemente. É o dono do abrigo pra meninos de rua que eu falei. Foi a primeira pessoa que falou comigo sobre a TVP. Aliás, posso dizer que tô aqui por causa dele. Foi ele quem me abriu os olhos.

– Pode falar o nome dele?

– Caio... – respondeu baixinho.

– Como conheceu ele?

– Nos encontramos no meio do Caminho da Fé.

– Caminho da Fé?

– O senhor não conhece?

– Não.

– É a maior trilha de peregrinação do Brasil. Sai do interior de São Paulo, passa pelo interior de Minas e volta pra São Paulo terminando na Basílica de Aparecida. Eu também não conhecia. Fui com um casal de amigos... Meu marido não pôde ir. Problemas no trabalho.

– E você tomou a decisão de ir sozinha?

– Não! Pelo contrário. Ele me obrigou. Fez questão que eu fosse assim mesmo. Até brigamos por causa disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então, você foi a contragosto.
- Fui.
- E por que vocês iriam fazer o Caminho da Fé?
- A gente ia depositar uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida, na basílica. Se eu conseguir engravidar, vamos todos os anos lá, na data de aniversário do nosso filho, até ele completar 18 anos.
- A promessa foi depositada por você?
- Sim.
- E como foi o encontro com Caio?
- No meio do Caminho nos encontramos numa pousada. Começamos a conversar e ele se ofereceu pra ir junto até o final.
- Do nada?
- Sim, do nada. A gente até estranhou.
- Ele tava sozinho?
- Tava.
- Por que ele quis ir com vocês?
- Aí foi onde começou o problema... Acho que ele sentiu atração por mim logo de cara.
- Você usava aliança?
- Usava! Mas ele não respeitou muito.
- O que ele fez?
- Já quase no final do Caminho, tentou me beijar.
- Seu marido sabe disso?
- Não! Nem vai saber.
- E aí?
- Rejeitei, claro. Sou casada.
- E ele?
- Ficou na dele.
- Não tentou de novo?
- Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas ele tentou lhe beijar do nada?
 - Foi.
 - Você não deu li...
 - Não!... Não dei liberdade nenhuma!... Ele é que foi atrevido!...
 - Tem raiva dele por isso?
 - Um pouco.
 - Por que ele estava no Caminho da Fé?
 - Foi depositar uma promessa pra salvar o abrigo.
 - Salvar?
 - Sim! O abrigo tá prestes a fechar. Vive de doações e ele não tá conseguindo nada. Tá bem difícil.
 - Ele sabe que você tá aqui?
 - Não! Não tenho nenhum contato com ele.
 - Por quê?
 - Por causa do interesse dele em mim. Não quero que ele tenha qualquer expectativa. É uma boa pessoa, mas é melhor que fique longe.
 - Ele lhe procura?
 - Muito!
 - E você?
 - Não o atendo.
 - Ele lhe procura por telefone ou pessoalmente?
 - Os dois. Já chegou a ir no meu trabalho, mas não atendi.
 - Se arrepende disso?
- Ela baixou os olhos. Não respondeu.
- Gostaria de ter notícias dele?
 - Sim...
 - Você acha que ele tá apaixonado por você?
 - Não sei... – Ela sorriu. – Talvez...
 - Gostaria de saber?
 - Não sei...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Por que você acha que ele tá tão interessado em você?
 - Acho que deve tá muito carente... Terminou um noivado faz pouco tempo.
 - Seu marido sabe que ele lhe procura?
 - Não! Nunca falei nada.
 - O Caio é casado?
 - Não. Pelo menos me disse que não. Mas acho que falou a verdade.
 - Ele é da sua idade?
 - Um pouco mais jovem... 33 anos. É um rapaz muito bonito.
 - Você gosta dele?
 - É uma boa pessoa.
 - Eu perguntei se você gosta dele como homem?
 - Nããããã! Claro que não!
 - Mas se o seu casamento acabasse, você iria procurá-lo?
 - Não... Claro que não...
 - Tem certeza?
 - Tenho...
 - Tem ou não tem?
 - Tenho...
- Silêncio.
- Ok, Mariana... Vamos em frente... Você toma alguma medicação?
 - Não.
 - Tem alguma doença do coração, como pressão alta, arritmia, taquicardia ou qualquer outra?
 - Não.
 - Bebe?
 - Não.
 - Fuma?
 - Não.
 - Usa alguma droga?

PERIGOSAS ACHERON

– Não.

O terapeuta parou um pouco, olhou para a sua lista de perguntas e analisou algumas das suas anotações. Logo em seguida, começou a repassar com Mariana os pontos que considerava mais importantes. Fez novas perguntas e pediu mais detalhes sobre algumas questões. Tudo durou aproximadamente uma hora.

– Acho que chegamos ao final da anamnese. A não ser que você queira falar ou perguntar alguma coisa.

Ela pensou e lembrou.

– Se eu fizer a TVP, meu marido também precisa fazer?

– O seu tratamento é independente disso.

– Tá bom.

– Vamos em frente. Percebo que o seu problema é entender por que está tendo tanta dificuldade pra engravidar.

– Sim.

– Muito bem! Vamos atrás da resposta. Pode ser que ela esteja nessa vida atual ou em vidas passadas, e pode ser que ela não esteja em lugar nenhum. Você também precisa estar preparada pra isso. Como vamos descobrir vai depender da sua entrega à técnica de regressão de memória. Às vezes, bastam poucas sessões, mas geralmente fazemos várias, com o tratamento durando alguns meses. Já tive pacientes que encontraram respostas significativas para os seus problemas já na primeira sessão, mas é muito raro. O normal é evoluir aos pouquinhos. Em cada sessão você será induzida por mim a entrar em transe e acessar partes da sua memória que não consegue normalmente. Com o decorrer do tratamento, o próprio paciente vai aprendendo a regredir de forma mais rápida. Começaremos pela sua vida atual, depois vamos retroceder a sua adolescência, infância, vida intrauterina e... vidas passadas. Eu vou lhe guiar com base no que você disser que está vendo. Após cada sessão, nós iremos trocar algumas ideias sobre o que você viu. Podemos ter a primeira sessão amanhã. O que você me diz?

– Combinado.

Capítulo 92

NO JUIZADO DA INFÂNCIA E JUVENTUDE foi difícil para Caio encarar o juiz e comunicar o fechamento do abrigo. Era duro ter que fazer isso para a mesma autoridade que o tinha visitado logo no começo e elogiado toda a estrutura e organização. O juiz não ficou surpreso porque já vinha acompanhando a terrível situação do abrigo através dos relatórios da fiscalização. Se Caio não tivesse tomado a decisão de fechar, em pouco tempo isso seria feito de forma judicial.

– É uma pena... Quando lhe visitei achei que você seria o nosso grande exemplo. Tava tudo dando tão certo.

– Eu também achei que tudo daria certo. Mas as doações não continuaram entrando na quantidade que eu esperava. E, pra piorar, alguns doadores desistiram sem dar explicações.

– Você também cometeu outro erro.

– Sei disso.

– Toda hora você nos informava da chegada de uma nova criança. Não era pra ter aceito todo menino de rua que batesse na sua porta.

– Eu sei que isso foi crucial. Mas o que dizer pra uma criança que bate na tua porta pedindo abrigo?... Que ela volte pra rua?... Eu jamais faria isso. É muito desumano.

O juiz ficou calado.

– E sempre que eu aceitei uma criança, no dia seguinte comuniquei ao juizado. Fiz tudo como manda a lei. Não abriguei ninguém de forma ilegal.

– Eu sei, Caio. Você sempre foi um excelente guardião. Legalmente, nunca falhou em nada. Prova disso é que você veio por conta própria comunicar

o fechamento. Ainda mais depois daquelas cinco fugas. Se você não tivesse vindo aqui, eu ia mandar fechar nos próximos dias. Não poderíamos correr o risco de ter mais crianças fugindo e voltando pras ruas.

– Foi por isso que eu vim. Eu me preocupo muito com elas. São tudo pra mim. O senhor sabe disso.

– Seu grande defeito, Caio, é ter o coração grande demais. Mas como ser humano, não posso lhe recriminar por isso. Deus é testemunha do que você fez por essas crianças. Quem sabe um dia você volta a ter outro abrigo.

– Já pensei nisso. Quem sabe um dia... Voltarei bem mais experiente.

– Tenho certeza que sim.

Os dois ficaram se olhando.

– Bem, doutor... Agora que o fechamento do abrigo é oficial, o que o senhor vai fazer com as crianças?... Pra onde elas vão?...

– Temos que transferi-las para outros abrigos. Mas isso não é uma coisa tão fácil. As vagas são poucas. Muitos também estão passando pelos mesmos problemas que o seu. Mas nesse momento tenho seis vagas disponíveis num bem ali. Posso transferir imediatamente. Pode ser amanhã. O resto vai ter que esperar um pouco mais.

– Está bem – disse Caio, levantando-se. – Vou preparar as crianças.

– Amanhã à tarde eu mando o veículo do juizado buscar os meninos.

– Doutor... uma pergunta... uma curiosidade boba...

– Pois não.

– O senhor doa alguma coisa pra alguma instituição de caridade?

O juiz ajeitou-se na cadeira e deu um meio sorriso.

– Por que a pergunta?

– Só curiosidade.

– Eu doo sim...

– Que bom!

– Já fiz boas doações...

– Já fez?

- Sim...
 - Não faz mais?
 - Quer dizer... Ainda faço... Sim...
 - Doa pra qual instituição?
 - É a... aquela ali... aquela ali... que fica bem perto do shopping...
- Caio ficou em silêncio esperando. Mas não teve jeito do juiz lembrar.
- O senhor não recorda o nome?
 - Minha cabeça ultimamente tá horrível... Confesso que não lembro...
 - Mas o importante é que o senhor continua doando.
 - Claro!
 - Quanto o senhor doa por mês?
 - É... uns... tipo... duzentos reais... A gente doa o que pode, né...
 - O senhor não pode doar mais do que isso?
 - Nã... Quer-Quer-Quer dizer... Às vezes eu doo um pouco mais... Mas por que tanta pergunta, Caio?...
 - Não... nada... Só curiosidade boba...

Capítulo 93

MARIANA CHEGOU PARA a sua primeira sessão de TVP. Assim que sentou, o terapeuta lhe perguntou qual sonho gostaria de realizar, além do sonho de ser mãe. Ela falou da casa de praia. Imediatamente, ele percebeu que aquele era um excelente gancho para iniciar o pré-relaxamento. É um momento onde o paciente é induzido a se desligar de todas as preocupações do mundo exterior. O terapeuta, então, começou fazendo algumas perguntas sobre qual seria o estilo e a decoração da casa. Mariana respondia com prazer. Depois de dez minutos de bate-papo ameno, ela foi orientada a colocar numa mesinha todos os seus objetos: bolsa, relógio, aliança, anel, brincos...

– Não esqueça de desligar o celular!

Feito.

– Agora tire seus sapatos e sente-se naquela poltrona.

Pronto.

– Regule o encosto para a posição que lhe deixa mais confortável.

Ela mexeu um pouco para frente.

– A temperatura do ar-condicionado está boa pra você?

– Sim.

– Vou deixar a sala na penumbra. Uma música bem suave vai ficar tocando.

– Tá bom.

Um som agradável começou a vir do teto.

– Agora, você vai ficar sozinha por trinta minutos.

Ela fez cara de curiosa.

– É pra você se desligar das tensões do dia-a-dia. Quero que você fique pensando apenas como vai decorar aquela linda casa de praia.

Mariana sorriu.

– Não pense em mais nada, apenas nisso!

– Tá bem.

Não foi difícil para ela pensar no que o terapeuta pediu. Apesar de obcecada por trabalho, ela adorava decoração. Tanto que fez questão de decorar sozinha o seu apartamento sem pedir a opinião de ninguém, nem mesmo do marido. Aliás, o coitado não teve direito de escolher nem os pregos que fixaram os quadros na parede.

Os trinta minutos se passaram.

O terapeuta voltou e entrou vagarosamente. Mariana o acompanhou com os olhos. Ele desligou o som e sentou-se ao lado dela.

– Decorou a casa?

Mariana sorriu. Era uma resposta.

– Tá se sentindo bem?

– Sim.

– Então, agora olhe para o ponto central da parede branca que está à sua frente. A partir de agora você vai apenas me escutar. Só fale alguma coisa quando eu lhe perguntar.

Ela confirmou com a cabeça.

– Não responda nem com a cabeça. Apenas escute.

Ele fez um breve silêncio e depois começou a falar pausadamente.

– Continue olhando para o ponto central da parede branca... Não pense em nada... Tente ficar o máximo que puder com seus olhos abertos... Só pisque quando não estiver mais aguentando...

Mariana ficou quase um minuto sem piscar.

– Tente ficar mais tempo... Vá repetindo o processo... Vou ficar calado.

Cinco minutos se passaram.

O terapeuta olhou para Mariana e percebeu que ela ainda não estava à vontade. Não que estivesse nervosa, mas também não estava relaxada. E isso era normal já que era a sua primeira sessão. Ele aguardou um pouco mais e depois voltou a falar.

– Concentre-se no ponto central da parede branca... Não pense em nada... Fique com seus olhos abertos o máximo que puder.

Mais cinco minutos.

Mariana estava imóvel, mas ele viu que a sua respiração ainda não estava lenta num nível que demonstrasse relaxamento.

– Não pense em nada... Continue olhando para o ponto central...

Depois de três minutos, ele começou a falar num tom de voz mais grave e fazendo longas pausas entre as frases.

– Suas pernas e seus braços estão ficando pesados...

(...)

– Seus ombros também estão ficando pesados...

(...)

– Suas pernas, seus braços e seus ombros estão ficando cada vez mais

pesados...

(...)

– Suas pálpebras também estão ficando pesadas...

Mariana fechou e abriu os olhos bem lentamente.

– Suas pálpebras estão muito pesadas...

Ela fechou mais uma vez e teve dificuldade para abri-los totalmente.

– Suas pálpebras estão muito pesadas...

Mariana fechou os olhos.

– Suas pálpebras estão muito pesadas...

(...)

– Onde você está?

Ela não respondeu. Ele esperou alguns segundos. Nada.

– Onde você está?

– Não sei...

(...)

– Onde você está?

(...)

– Não sei...

Ele fez um tom de voz mais grave.

– Eu sei onde você está, Mariana!

– Hã?...

– Eu sei onde você está!

(...)

– Onde?...

– Você está sentada num banco de frente para um corredor de flores!

– Hã?...

– Você está sentada num banco de frente para um corredor de flores!

– Não...

– Sim, Mariana! Você está sentada num banco de frente para um corredor de flores!

– Não...

O terapeuta repetiu a frase seis vezes. Ela continuou negando.

– Você não consegue ver o corredor de flores à sua frente?

(...)

– Não...

– Mas, ele está aí!

Mariana não disse nada.

– Esse corredor de flores é longo... Muito longo mesmo... Você não consegue ver o final...

Ela permaneceu calada. O terapeuta esperou alguns segundos.

– Onde você está, Mariana?

(...)

– Onde você está, Mariana?

(...)

– Sentada num banco...

– O que você está vendo?

(...)

– O que você está vendo, Mariana?

(...)

– O que você está vendo, Mariana?

(...)

– Um corredor de flores...

– Sim! Você está vendo um corredor de flores.

– Sim...

– Você está sentada num banco de frente pra ele.

– Sim...

– Veja como o corredor é bonito.

– Sim... Muito bonito...

– Descreva esse corredor pra mim.

Ela começou a descrever e por baixo das pálpebras seus olhos

acompanhavam o que dizia.

– Há flores de um lado... do outro... em cima... O corredor é longo... muito longo... Não dá pra ver o final...

(...)

– Você está vendo as flores jogadas no chão?

A cabeça e os olhos dela se direcionaram para baixo.

– Não...

– Mas há muitas flores aí!

(...)

– Não...

– Sim! Elas estão aí! No chão!

(...)

– Sim... Estão...

– Por que há flores jogadas no chão, Mariana?

(...)

– Não sei...

(...)

– Por que há flores jogadas no chão, Mariana?

(...)

– Não sei...

(...)

– Elas foram jogadas pra você!

(...)

– Pra mim?...

– Sim! Estão te convidando a caminhar sobre elas.

(...)

– Quem?...

– Você terá que descobrir!

– Como?...

– Você precisa caminhar sobre as flores!

PERIGOSAS NACIONAIS

(...)

– Levante-se do banco!

(...)

– Levantei...

– Agora, caminhe em direção ao final do corredor!

– Eu não consigo ver o final...

– Não importa!... Caminhe até o final!

(...)

– Você está caminhando?

– Estou...

– Continue caminhando!

– Estou caminhando...

(...)

– Chegou no final do corredor, Mariana?

– Não...

– Então, continue caminhando!

(...)

– Chegou?

– Não...

– Então, pare!

(...)

– Parei...

– Você está vendo uma porta sem trinco à sua direita?

Ela virou a cabeça para o lado.

– Não...

– Mas a porta está aí! Olhe com atenção!

(...)

– Sim... Estou vendo uma porta sem trinco do meu lado direito...

– Por que ela está aí, Mariana?

(...)

PERIGOSAS ACHERON

– Não sei...

– Ela está aí pra você entrar na sua adolescência!

(...)

– Empurre a porta! Ela está apenas encostada.

(...)

– Estou empurrando... Abriu...

Ela sorriu.

– O que você está vendo?

(...)

– Tô jantando com papai... mamãe... meus irmãos...

Ela passou uns três minutos descrevendo o que acontecia no jantar.

– O que mais você está vendo na sua adolescência?

(...)

– Estou no meu quarto conversando com minha irmã...

Ela também descreveu a conversa. Outros momentos dessa fase foram acessados por uns quinze minutos. O terapeuta não percebeu nada de interessante e foi em frente.

– Agora volte e saia pela porta que você entrou.

(...)

– Pronto...

– Está no corredor de flores?

– Estou...

– Siga em frente caminhando bem devagar!

(...)

– Continue caminhando! Lá na frente, há outra porta, também sem trinco.

– Sim, estou vendo.

– Vá até lá e empurre! Você vai entrar na sua infância!

(...)

– Estou entrando...

– O que você está vendo?

Ela sorriu novamente.

– Estou brincando de boneca...

(...)

– Você está feliz?

– Sim, muito...

Ela descreveu a cena por uns dez minutos.

(...)

– O que mais você está vendo?

– Meu pai saindo para o trabalho...

– Você gosta dele?

– Sim, muito...

Ela falou por uns dez minutos. O terapeuta também não viu nada de interessante.

– Agora volte e saia pela porta que você entrou.

(...)

– Pronto... Já estou no corredor de flores...

– Siga!... Lá na frente há outra porta. Abra e entre na vida que você tinha na barriga da sua mãe.

(...)

– Abri...

Mariana se contraiu na poltrona e ficou em posição fetal.

– O que você percebe?

– Minha mãe fala muito... mas, não consigo entender nada... Ela passa a mão na barriga... Acho que tá falando comigo...

– Você está gostando?

– Sim...

Ela descreveu sua vida na barriga da mãe por uns cinco minutos.

– Agora volte e saia pela porta que você entrou.

(...)

– Saí... Estou no corredor de flores...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Avance!

(...)

– Estou caminhando...

(...)

– O que você está vendo?

– Só flores...

– Não está vendo nenhuma outra porta?

– Não...

– Avance um pouco mais!

(...)

– Agora estou...

– Empurre essa porta! Você vai entrar na sua vida anterior a essa!

(...)

– Empurre a porta!

(...)

– Empurre a porta, Mariana!

– Estou empurrando... Ela não abre...

– Empurre com mais força!

(...)

– Ela não abre.

– Pare um pouco!

(...)

– Por que você não quer entrar?

(...)

A respiração dela começou a ficar mais forte.

– Por que você não quer entrar, Mariana?

(...)

– Atrás daquela porta está a sua vida anterior a essa! Empurre!

(...)

– Empurre!

PERIGOSAS ACHERON

– Ela não abre...

– Tem certeza que ela não abre?

(...)

– Não abre...

– Mariana, você sabe por que ela não está abrindo?

(...)

– Não...

– Porque você não está empurrando!

(...)

– Vamos, empurre!

(...)

– A porta está apenas encostada! Empurre!

(...)

– Eu tô empurrando...

– Não está!

(...)

– Estou...

– Não está! Empurre a porta e entre!

A respiração dela ficou ainda mais forte.

– Empurrei...

(...)

– O que você está vendo?

– Nada...

(...)

– Você não está vendo nada, porque ainda não entrou!

(...)

– Entre, Mariana, na sua vida anterior a essa!

(...)

– Entre, Mariana!

(...)

PERIGOSAS NACIONAIS

– Entre Mariana! A porta está aberta!

(...)

– Entrei...

– Ótimo!... Espere um pouco!... Acalme-se...

O terapeuta esperou a respiração dela melhorar.

– O que você está vendo?

– Nada... Tá escuro... Mas, escuto uma música muito antiga tocando num volume muito alto...

(...)

– Agora tudo se iluminou! Meu Deus...

– O que foi?

– Tem um monte de homem olhando pra mim!... Só homens!... São muitos!... A maioria deles tá bebendo!... Eles gritam muito pra mim!... Por quê?...

– Procure saber!

(...)

– Meu Deus!... Eu tô dançando pra eles em cima de um palco!... O lugar onde estou tem luzes coloridas piscando!... É um lugar antigo... Muito antigo... Parece... Parece... Por que tô dançando pra esses homens?... Sou tão jovem... Devo ter uns 20 anos...

(...)

– Ai, meu Deus!... Tô dançando de um modo diferente!... Não é uma dança normal!... É como se eu estivesse... É como se eu estivesse... me exibindo para os homens!... Eu mexo muito na minha saia!... Tô erguendo mais do que devia!... Meu Deus!... Sou uma dançarina de bordel!... Uma dançarina de bordel!...

(...)

– Mas eu tô gostando!... Eu tô gostando!... Eu tô sorrindo!...

Por cerca de dez minutos ela descreveu a sua performance e a reação da plateia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– O meu show acabou... Tô indo pro camarim... Um homem que tava na plateia me segue... Tá bêbado... Ele tá com dinheiro na mão... Tá dizendo que quer sair comigo... Eu peço pra ele aguardar...

(...)

– Meu Deus!... Troquei de roupa e vou sair com ele!... Por que tô fazendo isso?... Por quê?...

(...)

– Avance um pouco mais!

(...)

– Avance!

– Agora tô num quarto pequeno... Muita bagunça... Parece uma... Parece uma... É uma quitinete!... É aqui que eu moro!... Eu tô sozinha... Tão cansada... Espera!... Minha barriga tá grande... Muito grande... Por quê?...

– Procure saber.

– Por que tô tão gorda?... Meus pés tão inchados... Minha barriga tá grande... Muito grande... Será que tô doente?...

– Não! Você não está doente!

(...)

– Então, por que minha barriga tá tão grande?

– Olhe mais para você mesma!

(...)

– Estou gorda!... Inchada!...

– Não, Mariana!

(...)

– Meu Deus!... Eu tô grávida!... Eu tô grávida!...

– Sim, a sua barriga está grande porque você está grávida!

(...)

– Eu vou ter um filho!... Eu vou ser mãe!... Meu Deus!... Uma menina tão jovem vai ser mãe!... Quem é o pai?... Quem é o pai?... Não consigo entender!... Eu não sei quem é o pai!... Por quê?...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(...)

– Avance um pouco mais!

(...)

– Continuo sozinha no quarto!... Minha barriga tá imensa!... Eu tô muito inchada!... Parece que vou ter o bebê a qualquer momento!... Cadê o pai dessa criança?... Cadê?...

– Avance um pouco mais!

(...)

– Eu tô sentindo muita dor!... Muita dor!... Ai!...

Por alguns segundos ela apenas geme.

– Agora, tô deitada na cama com as pernas abertas!... Tem duas mulheres aqui!... Uma delas mexe no meu corpo!...

(...)

– É uma parteira!... É uma parteira!... Eu vou ter meu filho!... Ai!... Ai!... Ai!... Ai!...

Mariana grita bastante. O terapeuta pega na sua mão.

– Um bebê tá chorando!... Meu Deus, meu filho nasceu!...

(...)

– Eu sou mãe!... Sou mãe!... Sou mãe!...

(...)

– A parteira disse que é um menino!...

(...)

– Ela coloca nos meus braços... Espera!... O que é isso?... Eu tô rejeitando o meu filho!... Meu Deus!... Eu não quero pegar o meu filho...

(...)

– A parteira insiste falando alguma coisa que eu não entendo!... Eu balanço a cabeça dizendo que não quero!... Ela faz cara feia e coloca o bebê em cima de mim!... Ela pegou meus braços e envolveu ele!... Eu fui obrigada a acolher o bebê!... Mas eu não tô gostando!... Eu não quero esse bebê!... Meu Deus, por que não quero o meu filho?...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela começou chorar. Falou soluçando:

– Meu filho tá nos meus braços, mas eu não quero saber dele!... As duas mulheres me olham com raiva!... O que tá acontecendo comigo?...

(...)

– Avance um pouco mais!

(...)

O choro começou a passar. O terapeuta soltou a mão dela.

– Está de noite... Tô em pé, com meu filho nos braços... Ele tem poucos dias de nascido... Eu tô na rua, em frente onde moro... Um casal de mendigos passa e me cumprimenta... Eu conheço eles... Eu chamo eles e peço pra mulher segurar meu filho... Ela segura e faz carinho nele... O homem também...

(...)

– Meu Deus!... Eu disse que a criança agora é deles!... Eles sorriem, pensam que eu tô brincando... Mas eu tô falando sério... Eu quero que eles fiquem com a criança... Ai, meu Deus!... Eu tô entregando meu filho!... Por que eu tô fazendo isso?...

(...)

– Eles não aceitam!... A mulher quer me devolver, mas eu não quero!... Digo novamente que o bebê agora pertence a eles!... Os dois estão sem acreditar!... Mais uma vez, a mulher tenta me devolver!... Eu não aceito e mando eles irem embora!...

(...)

– Eu grito com eles!...

(...)

– Tô ameaçando bater neles!...

(...)

– Eles se afastam e ficam me olhando assustados...

(...)

– Eu entrei no prédio... Tô subindo para o meu quarto... Meu Deus!...

PERIGOSAS ACHERON

Eu não acredito!... Entreguei meu filho!... Como pude fazer isso?...

Mariana começou a chorar novamente. Agora era bem mais forte. O terapeuta esperou ela se acalmar.

– Agora volte e saia pela porta que você entrou!

Ela apenas chora. O terapeuta espera um pouco mais.

– Volte para o corredor de flores!

O choro vai diminuindo.

– Sim... Tô voltando...

– Volte devagar... Com calma...

Alguns segundos se passaram.

– Abri a porta... Já tô no corredor...

– Volte caminhando vagarosamente para o banco onde você estava sentada.

– Tô voltando...

– Isso... Não tenha pressa... Volte vagarosamente...

Um minuto se passou. A respiração dela ainda estava ofegante.

– Pronto... Cheguei no banco...

– Sente-se.

– Sentei...

– Aguarde um pouco.

Mais de um minuto se passou até a respiração dela voltar ao normal.

– Tá mais calma?

– Sim...

– Abra os olhos bem devagar.

Mariana abriu. Ao olhar para o lado e ver o terapeuta, desabou em um novo choro. Ele apenas segurou sua mão e nada falou. Ela ficou chorando por uns dois minutos. Quando parou, ficou de cabeça baixa, pensativa. O terapeuta esperou ela se recompor.

– Você conseguiu a resposta que procurava logo na sua primeira regressão de memória. Isso é muito raro.

Ela não entendeu. Ele, então, começou a repassar cada uma das cenas relatadas. Mariana confirmava tudo com a cabeça.

– Deu pra entender agora?

– Ainda não...

Ele ficou olhando pra ela. Depois de alguns segundos...

– Mariana, você não está conseguindo engravidar porque rejeitou a maternidade em vida passada.

O queixo dela caiu.

– O que você fez em outra vida é altamente condenável. Você foi chamada nesta encarnação a valorizar o que desprezou antes.

Os olhos dela começaram a se encher.

– A sua dificuldade para engravidar é a sua dívida espiritual nesta vida!

Mariana olhou para o nada.

– Espiritualmente essa dívida tem que ser paga! Você tem que reaprender a valorizar a maternidade!

Ela mordeu os lábios. As lágrimas começaram a cair. Chorou soluçando por quase dois minutos. Quando se acalmou...

– Eu não acredito... Eu não acredito... Eu não acredito que isso tá acontecendo comigo...

– Está!

– Não vou engravidar?...

– Os espíritos evoluem ao longo das encarnações. Será que o seu já evoluiu?

Mariana olhou sem saber o que dizer.

– Será que você já voltou a valorizar a maternidade?

– Eu sou louca pra ser mãe...

– Tem certeza disso?

– Sim...

– Então...

– Então, por que eu não engravidar se quero muito ser mãe?

– Talvez a gente possa descobrir isso nas próximas sessões. Temos um longo caminho pela frente. Por hoje é só!

Mariana saiu dali em estado de choque. Ela agora tinha “certeza” que não iria engravidar.

Capítulo 94

Camila foi chamar Caio para o terrível anúncio:

– As crianças já estão reunidas no salão.

– Vamos!... Vamos logo fazer o que tem que ser feito.

Assim que chegaram na frente delas, ele pediu silêncio. Surpreendentemente dessa vez foi atendido de imediato. Aproveitou e começou:

– Crianças, nós temos algo muito importante para comunicar a vocês.

– Chegou mais comida, hein, tio? – perguntou um.

– O café e o jantar vão voltar? – quis saber outro.

Essas duas perguntas foram o suficiente para que uma onda de otimismo tomasse conta da plateia. A gritaria comemorativa começou. Muitos bateram palmas. Caio, Camila e Aurora olharam-se apavorados. Era melhor ser rápido. Ele pediu silêncio balançando os dois braços de cima para baixo. Demorou um pouco, mas foi atendido.

– Crianças, infelizmente o que temos para comunicar não é isso. Não vamos ter mais comida.

“Hããããããããããããã?...”

– É verdade. Mas o que temos pra comunicar é ainda mais importante.

– Fala logo, tio!

– Crianças, o nosso abrigo vai deixar de existir! Nós vamos fechar!

Silêncio na sala. Um novinho quebrou:

– Fala sério, tio...

– Eu tô falando sério! Infelizmente, o nosso abrigo vai fechar. Não temos mais condições financeiras de continuar com ele aberto. Eu já comuniquei ao juizado. Vocês serão transferidos à medida que forem surgindo vagas em outros abrigos.

Algumas das crianças começaram a chorar. Caio não quis presenciar a cena para não chorar junto e foi pra casa.

Capítulo 95

DEPOIS DE TER “certeza” que não iria engravidar, Mariana precisava comunicar ao marido. Após o jantar, quando os dois se posicionaram na sala para assistir à televisão, ela pediu para deixar o aparelho desligado e falou que queria conversar.

– Pois não, amor. Sou todo seu.

Mariana estava com a fisionomia muito séria e não sabia por onde iniciar.

– Pronto, amor! – insistiu ele. – O que você tem pra reclamar de mim?

– Não, Paulo, nada... Não tenho nenhuma reclamação. Até que você tem se comportado direitinho.

– Ainda bem. – Ele sorriu. – Então, o que é?

Silêncio.

– Paulo, eu preciso te dizer que... – Ela não conseguiu terminar a frase.

– Que o quê?

– Ai como isso é difícil...

– O que é, Mariana?

É melhor eu falar de uma vez.

– Paulo, eu não vou conseguir engravidar!

Ele apenas riu.

– É verdade... Eu não vou conseguir engravidar.

– Que é isso?... – Ele continuou rindo. – Por que isso agora?

– Eu não vou engravidar.

– Quem lhe comunicou isso?... Deus?

– Acho que sim...

– Mariana, para com essas coisas. Não seja pessimista. Nós vamos fazer mais uma fertilização in vitro. Se não der certo, aí sim eu acredito que você realmente não vai engravidar.

Ela apenas ficou olhando. Ele descontraíu mais uma vez.

– E que história é essa de que Deus andou conversando com você? E por que ele também não me procurou?

Ainda bem que ele tá de bom humor.

– Paulo, eu não vou engravidar... Lembra daquela terapia?... A TVP?

– Sim.

– Já tive a primeira sessão. Consegui regredir bem e encontrei a resposta que precisava. Agora sei por que não tô conseguindo engravidar.

Ele ficou imóvel.

– Na minha vida anterior a essa eu rejeitei a maternidade. Fui uma jovem dançarina de bordel que saía com muitos homens. Engravidei sem saber quem era o pai. Depois que tive o bebê, eu não o quis. Entreguei para um casal de mendigos. Então...

A voz de Mariana ficou presa. Seus olhos ficaram molhados. Paulo continuava imóvel. Ela respirou fundo e puxou forças para terminar a frase.

– Então... a minha dificuldade pra engravidar é uma dívida espiritual que tenho nessa vida.

As lágrimas começaram a cair.

– Amor... Eu nunca vou... Eu nunca vou engravidar...

– Que loucura...

– Não é!...

– Você tá falando sério?

Mariana confirmou com a cabeça. Ele a abraçou. Ficaram quietos por alguns segundos enquanto ela chorava no seu ombro.

– Agora, tá tudo claro... A TVP me mostrou tudo... A minha baixa ovulação tem uma explicação espiritual... Eu não vou conseguir engravidar... Não adianta continuar tentando...

– Como a gente pode ter certeza disso?

– É a minha dívida espiritual nesta encarnação. Eu rejeitei a maternidade na minha vida anterior. Eu preciso pagar pelo que fiz. Não vou conseguir ser mãe.

– Mas você precisa pagar por isso a vida inteira? Será que você já não sofreu o bastante? Será que você já não aprendeu a valorizar a maternidade? Você é louca pra ser mãe!

– Eu falei isso pro terapeuta. Mas ele disse que eu ainda tenho algumas atitudes que... que não são muito boas...

– Como assim?

– Só quero ser mãe se for de um filho biológico.

Ele ficou olhando.

– Então, por que você não muda? Já conversamos sobre isso.

– Não, Paulo, não! Eu jamais olharia como mãe para um filho que não fosse realmente meu. Acho que meu espírito trouxe isso de outras vidas. Por isso tô sofrendo tanto.

– Meu Deus!... Então, repense a sua posição, Mariana! Tente mudar!

– Não dá, amor. Não adianta ter um filho e não conseguir olhar pra ele como meu. Isso é uma coisa que está dentro de mim.

Ele levantou-se. Andou nervosamente pra lá e pra cá.

– Então, você tá desistindo do tratamento?

– Estou! Vou ligar pro médico e comunicar.

Paulo parou e ficou olhando assustado com a determinação da esposa.

– Mariana...

– Paulo, não dá! Não vou ser mãe!

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mariana, calma! Acho que você tá nervosa com o que descobriu. Pode ser que você reveja suas posições. As pessoas mudam. Talvez você aceite engravidar com óvulos doados.

Ela balançava a cabeça discordando.

– Paulo, não vou ser mãe!

– Tá bom... Mas acho que você vai se arrepender.

– Não, não vou!

– E o quarto do bebê?

– Vamos doar.

– Doar o quarto bebê?

– Claro! Não vai ter utilidade pra nós.

– Você montou aquilo tudo com tanto carinho. Foi a primeira coisa que você fez quando a gente se casou.

– E me arrependo muito disso. Acho que eu tava fora da realidade.

– E agora você vai doar?

– Sim.

– Pra quem?

– Ainda não sei. Pra qualquer outra mulher grávida. Isso agora pouco importa.

– E se você engravidar depois?

– Eu não vou engravidar! – ela levantou a voz.

Ele voltou a andar de um lado para o outro.

– E quanto a mim? Nós temos alguma ligação anterior?

– Não vi nada. Mas provavelmente temos. Você não tá conseguindo ser pai porque tá envolvido comigo. Talvez eu descubra alguma coisa nas próximas sessões.

– E a criança que você rejeitou? O que foi feito dela?

– Ainda não sei.

Os dois ficaram se olhando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 96

NO DIA SEGUINTE, Mariana encontrou uma pessoa para doar o quarto do bebê. A mulher do zelador do seu prédio estava grávida de três meses. O casal ficou bastante contente em conseguir um enxoval e um quarto muito acima do que poderia comprar. Mariana pediu que as coisas fossem levadas o mais rápido possível. Assim foi feito. No dia seguinte, o zelador veio com dois ajudantes e começou a empacotar tudo.

- Dona Mariana, a Mônica tá tão alegre com o seu presente.
- Que bom, Leandro. Fico muito feliz por ela.
- A senhora vai dar tudo pra gente ou só uma parte?
- Tudo! Vou dar tudo! Aliás, já dei! Pode levar.
- Esse quarto é tão bonito, dona Mariana...
- Eu sei...
- Será que a senhora não vai se arrepender?
- Não! – ela respondeu rindo. – Claro que não! Que é isso...
- E, se a senhora engravidar depois, não vai querer de volta?
- Leandro!... O que é isso?... Vou fazer de conta que não escutei...
- Mas se a senhora engravidar?
- Eu não posso engravidar, Leandro. Tenho problemas.
- A Mônica mandou um recado pra senhora: se nascer menina vai se chamar Mariana. Se for menino... Mariano.
- Meu Deus! – ela deu um sorriso enorme. – É verdade mesmo?
- Sim, é verdade. A gente quer homenagear a senhora.
- Que coisa... Também não era pra tanto.
- Mas a gente faz questão. São dois nomes muito bonitos.
- Agora tô ainda mais feliz! – E chamou o marido que estava na sala. – Ô, Paulo, vem cá!

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que foi?

– Escuta essa. Fala você mesmo, Leandro.

– Se a gente tiver uma filha, vai se chamar Mariana... Se for menino, vai ser Mariano... Em homenagem a ela.

– Eu não acredito! Minha esposa servindo de inspiração?

– Tá vendo, Paulo, como eu sirvo pra alguma coisa?

Mariana acompanhou as caixas serem levadas, mesmo sendo uma cena muito triste. Um dos ajudantes perguntou se também era pra levar a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

– Não, ela fica!

Enquanto as caixas saíam, Mariana tentou mostrar-se dura ficando em silêncio ao lado do marido. Mas quando viu o último e o mais importante móvel saindo, não conseguiu segurar as lágrimas. Era o berço.

•

Do outro lado da cidade, Caio passava por um momento semelhante. Colocava alguns objetos da sua sala dentro de uma caixa. Ele não gostava de deixar nada para a última hora. Camila entrou e surpreendeu-se com a cena.

– Nossa, já tá de mudança?

– Infelizmente.

– Mas pra que tanta pressa? Não podia deixar isso pra depois?

– Vai fazer diferença?

– Pense no aspecto positivo, Caio.

– O quê?

– Você agora vai poder se dedicar apenas a sua carreira de professor.

– Tá brincando comigo?

– Não.

– Esse abrigo é tudo pra mim. É a minha vida!

– Eu sei, mas agora você precisa pensar mais em você.

PERIGOSAS ACHERON

- Sim, você tem razão... mas não gostaria que fosse dessa forma.
- Paciência. Nem tudo na vida sai do jeito que a gente quer.
- Paciência é uma das coisas que eu mais tenho, Camila. – Os dois ficaram se olhando. – E as crianças, como é que estão?
- Daquele jeito.
- Fiquem atentas, não podemos ter mais nenhuma fuga.
- Estamos atentas!
- E vocês duas?... O que vão fazer da vida?
- Não se preocupe com a gente, Caio.
- Mas o que vocês vão fazer? O abrigo é a única atividade de vocês, não é?
- Praticamente.
- Vão pra outro?... Se quiserem, eu indico o nome de vocês.
- Nem pensar! A gente só trabalha para o Abrigo do Tio Caio. Ele riu.
- Escreve aí, Camila. Um dia ainda vou abrir outro. Duvida?
- De você não duvido nada!
- Ainda bem! – E continuou colocando as coisas na caixa.

Capítulo 97

AO CHEGAR PARA a segunda sessão da TVP, Mariana disse que precisava saber o que tinha acontecido com o filho que rejeitara. O terapeuta voltou a alertar que a obtenção da resposta só dependeria do seu grau de envolvimento com a regressão. Após o pré-relaxamento de trinta minutos, a sessão foi iniciada. A expectativa é que agora ela regredisse mais rapidamente.

– Olhe para o ponto central da parede branca... Tente ficar o máximo que puder com os olhos abertos... Não pense em nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele aguardou cinco minutos. Mariana conseguiu intervalos bastante longos sem piscar.

– Concentre-se no ponto central.

Depois de dois minutos, o terapeuta começou a falar num tom de voz mais grave e fazendo longas pausas entre as frases.

– Suas pernas e seus braços estão ficando pesados...

(...)

– Suas pernas e seus braços estão ficando muito pesados...

(...)

– Suas pernas e seus braços estão ficando cada vez mais pesados...

(...)

– Suas pálpebras estão ficando pesadas...

(...)

– Suas pálpebras estão muito pesadas...

Essa frase foi repetida mais cinco vezes ao longo de dois minutos. Ela fechou os olhos.

(...)

– Você está sentada num banco de frente para um corredor de flores!

(...)

– Onde você está, Mariana?

(...)

– Onde você está, Mariana?

(...)

– Você está sentada num banco de frente para um corredor de flores!

(...)

– Onde você está, Mariana?

(...)

– Onde você está, Mariana?

– No corredor de flores...

– Está sentada no banco?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já me levantei... Estou andando...
- (...)
- Você está caminhando pelo corredor?
- Sim...
- Está em busca de quê?
- Quero saber o que aconteceu com aquela criança...
- Que criança?
- (...)
- Que criança, Mariana?
- Aquela...
- Quem é aquela criança?
- (...)
- Quem é aquela criança, Mariana?
- (...)
- Quem é aquela criança, Mariana?
- (...)
- Mariana, responda! Quem é aquela criança?
- Meu filho...
- Sim, aquela criança é seu filho!
- (...)
- Por que você está atrás dele?
- Quero saber o que aconteceu com ele?
- Por quê?
- (...)
- Por que você quer saber o que aconteceu com o seu filho?
- (...)
- Por que você quer saber o que aconteceu com o seu filho?
- (...)
- Por que você quer saber o que aconteceu com o seu filho, Mariana?
- (...)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você sabe onde encontrar o seu filho?
- Não...
- Continue caminhando!
- (...)
- Continue caminhando!
- (...)
- Já o encontrou?
- Não...
- Onde você está?
- Caminhando pelo corredor de flores...
- Não está vendo nenhuma porta?
- Não...
- Mas você já passou por algumas...
- Hã?...
- Você passou por algumas! Passou muito rápido e não viu...
- (...)
- Pare de caminhar!
- (...)
- Parei...
- Descanse um pouco!
- (...)
- Agora vire-se e caminhe de volta pelo corredor de flores!
- (...)
- Já está caminhando de volta?
- Sim...
- (...)
- Está vendo alguma porta?
- Não...
- Você acabou de passar por uma!
- Hã?...

PERIGOSAS ACHERON

– Isso mesmo! Você acabou de passar por uma... Não viu porque estava andando muito rápido...

(...)

– Pare... Vire-se... Volte alguns metros...

(...)

– Voltei...

(...)

– Está vendo alguma porta?

– Algumas...

– Pare de andar!

– Parei...

– Sabe em qual entrar?

– Sei...

– Qual?

– A que vai me levar ao meu filho...

– Sim! Está na frente dela?

– Estou...

– Então, empurre e entre!

(...)

– Entrei...

(...)

– O que você está vendo?

(...)

– Estou deitada no meu quarto... Sozinha... Ainda sinto muita dor...

– Ela levou a mão ao ventre.

– Cadê o seu bebê?

(...)

– Cadê o seu bebê?

– Ele não está comigo...

– Por que não está?

(...)

– Por que o seu bebê não está com você, Mariana?

– Eu me livrei dele...

– O que você fez com ele?

– Entreguei para um casal de mendigos...

– Está arrependida?

(...)

– Está arrependida?

(...)

– Por que você entregou o seu bebê?

(...)

– Por que você entregou o seu bebê, Mariana?

– Porque não quero ser mãe...

– Por que você não quer ser mãe?

– Porque uma criança vai atrapalhar a minha vida...

– Você não desejou esse filho?

– Não...

– Você sabe quem é o pai do seu filho?

(...)

– Você sabe quem é o pai do seu filho?

– Não...

– Você acha que o casal de mendigos tem condições de criar o seu bebê?

– Não sei...

– Será que eles não vão lhe procurar para devolver o seu bebê?

– Não sei... Mas não quero esse bebê de volta...

(...)

– O que mais você está vendo no seu quarto?

– Nada... Estou sozinha...

– Ninguém lhe procura?

(...)

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ninguém lhe procura, Mariana?

(...)

– Estou escutando alguém bater na porta...

– Não vai atender?

– Vou... Ai...

– O que foi?

– Dói muito quando eu me levanto...

– Atenda a porta!

– Já tô indo...

(...)

– Ai, meu Deus!... – A respiração de Mariana acelerou.

– O que houve?

– Eles estão aqui!

– Quem?

– O casal de mendigos!... Ela tá com o bebê nos braços!...

– O que eles querem?

(...)

– Não! Não! Não!

– O que foi?

– Eles querem devolver a criança!

– Por quê?

– Eles estão dizendo que não tem condições de criar!

– Você tem certeza que não o quer de volta?

– Tenho!... Eu não quero essa criança de volta!...

– Converse com o casal.

(...)

– Eles tão insistindo!... Tão implorando pra eu receber a criança de volta!...

(...)

– Eu não quero!

PERIGOSAS ACHERON

Durante três minutos, ela relatou a conversa com o casal. Depois, virou o rosto.

– O que houve?

– Eu fechei a porta na cara deles!... Disse que nunca mais voltassem!...

(...)

– Eles continuam batendo!...

(...)

– Vão embora!... Vão embora!...

(...)

– O que está acontecendo agora?

– Estou na minha cama. Eles foram embora.

– Avance um pouco mais.

(...)

– Avance um pouco mais.

(...)

– O que você está vendo?

– Estou caminhando pelas ruas...

– Prossiga!

(...)

– Vejo uma criança na rua acenando pra mim de longe... É um menino...

Deve ter uns cinco anos...

– Quem é?

– Não sei...

– Ele tá sozinho?

(...)

– Meu Deus! Não!

– O que foi?

– Esse menino tá com aquele casal de mendigos!...

(...)

– Que casal de mendigos?

– Aquele... que eu entreguei o bebê...

– Quem é esse menino?

– Não sei... Não conheço...

– Tem certeza?

(...)

– Olhe bem pra ele!...

(...)

– Não sei quem é...

(...)

– É o seu filho, Mariana?

(...)

– Não sei!...

– O que ele está fazendo?

– Continua acenando... Agora sorriu pra mim... Tá sentado no chão com o casal... Os dois me olham com raiva...

– Você não tá com vontade de ir até lá?

– Não! De jeito nenhum!

– Por quê?

– Eu não gosto desse menino!

– Por que você não gosta dele?

– Porque não gosto!

– Há algo de errado com esse menino?

– Não sei... Eu não o conheço... Mas é um menino tão bonito... Tá sujo... mas é tão bonito...

– Você continua olhando pra ele?

– Sim...

– Por que continua olhando se não gosta dele?

– Não sei...

– Você se sente mãe dele?

(...)

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você se sente mãe dele?

– Nunca fui mãe dele!

(...)

– Meu Deus!... O menino agora se levantou!... O pai tentou segurar, mas não conseguiu!... Ele tá vindo na minha direção!... O casal vem atrás!... O menino vem sorrindo pra mim!...

(...)

– Meu Deus! Não quero que ele chegue perto de mim!... Vou me afastar dele!... O menino parou de caminhar!... Agora ele ficou bem sério!... Parece desapontado comigo... O casal chegou nele... Ele gritou me chamando... Ai, meu Deus!...

A respiração dela acelerou.

– Não!... Ele gritou!... Ele gritou... “*Mããããããe!*”... Ele me chamou de mãe!... De mãe!... De mãe!... De mãe!...

– É o seu filho, Mariana!

(...)

– A criança e o casal estão me olhando!... O homem e a mulher estão com raiva!...

– E a criança?

– Gritou de novo... “*Mããããããe!*”.

– Você não quer ir até ele?

– Não!... Ele gritou mais uma vez... “*Mããããããe!*”.

(...)

– Eu vou embora!... Eu vou embora!...

– Avance um pouco mais.

(...)

– Onde você está?

– No meu quarto... De noite... Alguém bate na porta... Quem será?... Não tô esperando ninguém...

– Não vai atender?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim, vou...

(...)

– Que estranho... É um menino de uns dez anos... Está muito sujo...

– O que ele quer?

(...)

– Comida... Ele quer comida... É tão simpático...

– Você vai dar?

– Sim, vou... Gosto de ajudar... Vou dar um saco de pães...

– Quem é esse menino?

– Não sei... Nunca vi antes...

(...)

– Ele pegou os pães e ficou sorrindo... É muito simpático... É tão bonito... Tá um pouco sujo... Mas é tão bonito... Agora tá perguntando se eu não o reconheço...

– Não reconhece?

– Não... Não tô me lembrando dele... Não sei quem é...

(...)

– Ai meu Deus!...

– O que foi?

– Ele disse: “*Mãe, sou eu!*”. Meu Deus!... É aquela criança de novo!...

O que ele quer?... Por que me procura tanto?...

– Você é a mãe dele!

– Não!... Eu não sou mãe de ninguém!... Eu não quero esse menino perto de mim!...

(...)

– Vai embora!... Vai embora!...

Ela ficou respirando ofegante.

– Você não quer contato com o seu filho?

– Eu não tenho filho!...

(...)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Avance um pouco mais.

(...)

– Estou no meu quarto novamente... Alguém bate na porta mais uma vez... Vou atender... Meu Deus!...

– O que é?

– É aquele menino de novo!... Ele cresceu muito!... Muito!... Deve ter uns 15 anos!... Não tá mais sujo!... Tá bem vestido!... Como ele é bonito!... Por que me procura tanto?...

– Pergunte pra ele.

(...)

– Disse que quer conversar comigo!... Ele me chama de “*mãe*”... Eu disse que não sou mãe dele!...

(...)

– Ele tá perguntando por que tenho raiva dele... Tá insistindo pra entrar...

(...)

– Vai embora!

(...)

– Eu fechei a porta... Parece que ele se foi... Não bate mais...

– Avance!

(...)

– Avance!

(...)

– Agora pareço mais velha... doente... Tá escuro... Tô deitada... de olhos fechados... Tento abrir, mas não consigo... Tô sem força... Escuto a voz de uma mulher... Ela me toca muito... Parece alguém que toma conta de mim... Meu Deus!...

(...)

– Consegui abrir os olhos!... Tô na enfermaria de um hospital... Tô no meio de muita gente doente... A mulher tá me limpando... Mas eu não sinto

PERIGOSAS ACHERON

quando ela me toca... Não sinto meus braços nem minhas pernas... O que houve comigo?...

(...)

– Avance.

(...)

– Tá escuro de novo... Não tenho força pra abrir os olhos... Duas pessoas estão conversando... É uma mulher e um homem... Meu Deus!...

(...)

– Ele pergunta “*Como está a minha mãe?*”... Eu não tenho filho!... Não consigo abrir os olhos...

(...)

– Meu Deus!... Ela tá dizendo que eu tive um derrame cerebral!... Que eu tô tetraplégica!... É por isso que não sinto nada!... É por isso!... Eu tô tetraplégica!... Meu Deus!... Ela tá dizendo que minha recuperação é quase impossível!... Diz que eu respiro com muita dificuldade!... Que eu não consigo mais falar!... Que eu quase não abro mais os olhos!... Diz que talvez eu não reconheça mais ninguém... Mas eu tô ouvindo e reconhecendo tudo...

(...)

– O homem me chama de “*mãe*” bem perto de mim... Ele tá tocando meu rosto... Eu tento abrir os olhos, mas não consigo...

(...)

– Meu Deus!... Ele tá chorando!... Ele disse: “*Mãe, eu te amo, apesar de tudo!*”... Eu não tenho filho!... Eu quero mandar ele ir embora, mas não consigo falar!... Não tenho força pra nada!...

– Tente novamente abrir os olhos!

(...)

– Eu não consigo!... Eu não consigo!... Tô muito fraca!... O homem continua chorando!... Ele acaricia muito o meu rosto!...

– Abra os olhos!

– Eu não consigo!...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você vai conseguir!

(...)

– Você vai conseguir! Vou contar até três e você abre!

(...)

– Um... dois... três!

(...)

– Meu Deus!... Caio!...

(...)

– O homem que me chamou de mãe... tem o rosto do Caio!... Por quê?...

– Caio é o rapaz que você conheceu no Caminho da Fé?

– Sim!...

– Caio é o rapaz que vive lhe procurando?

– Sim!...

(...)

– O que mais você está vendo?

– Nada... Fechei os olhos...

– O homem foi embora?

(...)

– Acho que sim... Não escuto mais a voz dele...

Durante dois minutos, o terapeuta tentou fazê-la avançar, mas não conseguiu.

– Saia pela porta que você entrou e volte para o corredor de flores.

(...)

– Tô voltando...

– Caminhe bem devagar.

(...)

– Não tenha pressa. Quando chegar no banco, sente-se e descanse.

(...)

– Cheguei... Tô sentando...

(...)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Abra os olhos bem devagar.

Mariana abriu. Ficou pensativa. O terapeuta ficou esperando.

– Por que o Caio apareceu pra mim?

– Há fortes ligações entre o que você viu na regressão e a sua vida atual.

Ela ficou refletindo.

– Que ligações?

– Você ainda não entendeu?

– Não...

O terapeuta ficou apenas olhando. Depois...

– Caio foi seu filho, Mariana!

O queixo dela caiu.

(...)

– Caio foi o filho que você rejeitou!

Seus olhos começaram a se encher.

(...)

– Caio foi seu filho!... Você foi mãe dele!...

Duas lágrimas começaram a cair.

(...)

– É por isso que ele está procurando tanto por você. O espírito de Caio está repetindo o que fez em outra vida... Está atrás da mãe dele!

– Não... não... não...

– Sim!

– Não pode ser!... Eu encontrei esse rapaz por acaso...

– O reencontro entre vocês estava espiritualmente programado.

– Meu Deus, não pode ser!... Ele não pode ter sido meu filho!...

– Sim, Mariana!... Caio foi seu filho!... Você foi mãe dele!...

– Não é possível... Ele me procura como homem... Ele me vê como mulher...

– Você não é mãe dele nessa vida! Você foi numa vida passada!

– Mas por que ele ainda me procura?

PERIGOSAS ACHERON

- O espírito dele ainda lhe ama, apesar de tudo.
- Ainda me ama?...
- Sim!
- Mas por que a gente se reencontrou agora?
- Cabe a você identificar o motivo desse reencontro. É bastante provável que você continue sendo uma pessoa muito importante pra ele.

“Mããããããe!”

Ela começou a chorar forte.

Capítulo 98

MARIANA CHEGOU AO SEU APARTAMENTO e ficou reflexiva por um bom tempo. Logo viu que precisava conversar com alguém. Foi na casa de Gisele e contou a história com riqueza de detalhes.

- Inacreditável! – assustou-se a amiga.
- Eu que o diga.
- Teu marido já sabe disso?
- Tá brincando comigo?... Só falei da primeira sessão. Não vou contar mais nada.

– Muito bem! Essa história não vai fazer sucesso com ele.

– Eu sei.

As duas ficaram se olhando.

– Meu Deus... – soltou Gisele, pensativa.

– Você acha que devo ir atrás do Caio?

– Pra dizer o quê, Mariana? – gritou ela.

– Sei lá...

– O que você vai ganhar com isso?

– Não sei... Mas que eu tô com muita vontade de encontrar com ele, eu

tô.

– Pois eu acho que você não deve ir atrás dele de jeito nenhum. Ele vai pensar que você tá querendo alguma coisa e vai se sentir motivado a investir. Teu casamento vai correr um grande risco. É melhor você esquecer esse rapaz. Eu sei que essa história é emocionante, mas agora mais do que nunca você precisa tirar esse cara da sua cabeça.

– Como, Gisele?... Como?

– Dê um jeito! Faça alguma coisa. Mergulhe no trabalho. A pior coisa que você pode fazer agora é procurar esse cara.

– Esse cara foi meu filho, Gisele!

– Você disse bem... Foi! E isso aconteceu em outra vida, não nessa! Você não tem mais nada a ver com ele.

– Será?

– Como assim “será”? Por acaso você tá se sentindo mãe dele?

– O que eu tô sentindo nem eu sei...

– Ah, Mariana, me poupe!

– Quando penso nele me dá uma coisa...

– Já tô começando a achar que você não deveria ter feito essa TVP.

– Não!... Não tô arrependida... Muito pelo contrário. Se eu soubesse, teria feito há mais tempo. Agora tô entendendo tudo.

– Sim, você tá entendendo tudo, mas não deixe isso atrapalhar a sua vida. Você falou com o terapeuta sobre essa história de procurar o Caio?

– Não.

– Pois volte lá e peça a opinião dele, porque a minha você já sabe... Você não deve procurar esse cara de jeito nenhum!

– Difícil... Não paro de pensar nele!

– Mariana!... – Gisele gritou novamente. – O que você tá sentindo por esse cara?

– Já te disse que não sei o que é.

– Mariana!... Mariana, você tá apaixonada por ele?

- De onde você tirou isso?
- Mariana, eu tô começando a achar que sim!... – Ela levou as mãos à cabeça. – Meu Deus, como é que você vai administrar isso no seu casamento?
- Ai, Gisele, também não é pra tanto.
- Agora tô entendendo tudo no Caminho da Fé...
- Como assim? – Mariana levantou a voz.
- Você ficou com ele, não foi?
- Tá louca?
- Agora tô entendendo tudo...
- Gisele, para de delirar! Eu não tive nada com o Caio! De onde você tirou isso? Ficou louca?
- O que você teve com ele, então?
- Nada! Absolutamente, nada! Ele é que tentou me beijar e não deixei!
- Por que ele tentou?
- Não sei!
- Tentou porque você deu liberdade!
- Ô, Gisele!... Acho que eu não devia ter vindo aqui...
- Mariana... Você tá numa fria... Numa fria!... Que Deus te proteja!

Ainda no caminho de volta pra casa, Mariana tomou a decisão de ir atrás de Caio. Iria no dia seguinte, de surpresa. *Será que ele vai me receber?*... Ela ainda tinha o último cartão deixado por ele. O endereço, no final da zona leste, era muito distante de onde morava. Mas aquela região não lhe era estranha, muito pelo contrário.

Capítulo 99

AO ESTACIONAR O CARRO do outro lado da rua, Mariana percebeu uma movimentação estranha na entrada do abrigo. Uma van com a inscrição

Juizado da Infância e Juventude estava com a porta lateral aberta e algumas crianças choravam na calçada. Ela baixou um pouco a janela e ouviu um rapaz pedindo que elas entrassem no carro. Duas moças tentavam acalmá-las passando a mão na cabeça. Não dava para ver Caio. Mas ele estava ali, na parte de dentro, extremamente abatido, acompanhando aquele terrível embarque. Logo depois, a van partiu. As duas moças entraram e o portão foi fechado.

Mariana teve um instante de hesitação. Mas o desejo de encontrar Caio era maior. Saiu, foi até o portão e bateu. Camila veio atender. Antes mesmo de abrir, surpreendeu-se com aquela mulher bonita e bem vestida. Não era comum receber uma visita daquelas.

– Pois não...

– Boa tarde!

– Boa tarde...

– Eu me chamo Mariana. O senhor Caio está?

Camila sentiu a ficha cair... *Que mulherão!*

– Está... Pode entrar... – disse, abrindo o portão.

– Obrigada.

– A senhora é aquela do... do... do Caminho da Fé, não é?

– Sim, sou eu! Ele já falou de mim?

– Bastante!

– E você quem é?

– Camila... – falou, estendendo a mão. – Sou coordenadora do abrigo.

– É um prazer.

– O prazer é meu. Por favor, me acompanhe.

Ao caminharem em direção à sala, escutaram algumas crianças chorando. Camila se antecipou.

– Tivemos que transferir alguns dos meninos para outro abrigo. Todos eram muito próximos, por isso estão assim.

– Por que transferiram?

– Nosso abrigo tá fechando.

Meu Deus!

– Não temos mais condições financeiras de continuar com ele aberto.

Assim que transferirmos todos, vamos fechar.

– Que pena...

– Sente aqui. Vou avisar o Caio.

Meu Deus, por que não vim antes?

Camila foi até a sala dele e o encontrou de pé, de costas para a entrada, olhando para o nada. *Quem sabe agora ele se alegra.*

– Caio...

Ele nem se mexeu.

– Temos visita.

– Não quero receber ninguém!

– É uma pessoa importante.

Ele não disse nada. Continuou imóvel.

– Acho que você tem que receber.

– Diga ao juiz que depois o procuro.

– Não, Caio!... Não é ninguém do juizado.

– Camila, não quero receber ninguém.

– É uma visita que você tá esperando há bastante tempo.

Caio olhou, mas ficou em silêncio.

– Acho que você vai gostar.

– Quem é?

Ela fez três segundos de suspense.

– Mariana.

Seus olhos se abriram. O queixo caiu. Ficou branco.

– Ela veio lhe visitar.

– Mariana?

– Sim.

– A Mariana que eu conheci no Caminho da Fé?

– Sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tem certeza que é ela?
- Tenho. Foi assim que ela se apresentou.
- Por que ela veio de surpresa, sem ligar antes?
- Não sei...
- O que ela quer?
- Não falou. Acho que veio conhecer o abrigo.
- Só agora?... – ele levantou a voz. – Só agora que não adianta mais nada?... Por que ela não veio antes?...

– Posso mandar ela entrar?

Ele respondeu com irritação, erguendo o dedo indicador:

– Eu deveria agora fazer o que ela fez comigo ao longo de todo esse tempo!

Ah, esses homens apaixonados...

– Posso mandar ela entrar?

– Eu deveria não receber! Ela foi extremamente esnobe comigo! Você sabe o tanto que eu corri atrás dessa mulher e agora ela vem aqui de surpresa querendo ser recebida com tapete vermelho! Quem ela pensa que é?

– Caio... posso mandar ela entrar?

– Eu sou muito mais educado do que ela!... Sim!... Pode mandar ela entrar!

Poucos segundos depois, ele escutou o barulho de salto alto se aproximando e sentiu um perfume gostoso no ar. Aquilo era coisa de mulher bonita. Ficou de frente para a entrada. Assim que a viu...

Mariana!

Estava linda como sempre! Os dois ficaram mudos. Os corações dispararam. Era a primeira vez que se viam desde o último dia no Caminho da Fé.

– Eu vou deixar vocês dois à vontade – disse Camila, saindo. – Qualquer coisa é só me chamar.

– Caio! – Mariana abriu um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mariana! – Ele também sorriu e estendeu a mão para cumprimentá-la, mas foi surpreendido. Ela se aproximou e deu-lhe provavelmente o abraço mais forte da sua vida. Caio ficou sem entender, mas correspondeu. Outra surpresa... Ela tascou-lhe um beijo no rosto. Ele arregalou os olhos. Não estava entendendo nada, mas deu outro nela.

– Tava com tanta saudade! – disse Mariana, ainda agarrada nele.

Caio chegou a pensar que o casamento dela tivesse acabado, mas quando ela o soltou reparou na aliança.

– Como você está? – ele perguntou.

– Bem. E você?

– Eu lhe procurei algumas vezes. Mas você não quis me receber. Quer dizer... Não pôde me receber.

Mariana baixou e levantou os olhos.

– Estava atolada de trabalho. Agenda cheia. Sabe como é...

– Sim, eu sei...

Silêncio entre os dois.

– Mas o que te traz aqui?

– Vim conhecer o abrigo! Mas cheguei num momento delicado, né?

Caio deu um olhar fulminante.

– É... O abrigo tá fechando... Já comuniquei ao juizado. As crianças já estão sendo transferidas. Acho que em no máximo um mês tudo se encerra.

– Meu Deus! Não tem mais jeito mesmo?

– Agora não mais!

– Nem se eu te ajudar pedindo pros meus amigos te receberem?

Caio a fulminou novamente.

– Agora é tarde, Mariana! Não dá mais!

– E seu eu trazer alguns deles aqui pra conhecer o abrigo? Eles podem se tornar doadores! Se eu pedir, eles vêm!

– Eu sei que se você pedir eles vêm... Eu sempre soube disso... Sempre soube... Mas agora não dá mais! Já comuniquei o fechamento ao juizado. As

PERIGOSAS ACHERON

crianças já estão sendo transferidas.

– Então, quer dizer que a *Escola de Informática Nossa Senhora Aparecida* não vai nascer?

Caio sorriu com a lembrança.

– Infelizmente, não. Não agora! Quem sabe no futuro... Não consigo nem manter o abrigo de pé, como vou fundar uma escola? E pra piorar eu tô completamente endividado. Coloquei muito dinheiro do meu bolso aqui dentro. O abrigo foi para o brejo e quase me levou junto. Ou melhor... me levou! Ainda vai demorar pra eu me recuperar.

– Caio, eu lamento muito. Sei como é difícil.

Silêncio.

– Mas por que agora você tá tão interessada no abrigo? O que houve? Remorso? – perguntou, rindo.

– Antes tarde do que nunca, né?...

– Mas agora é tarde demais! Pelo menos aqui. Já que você tá disposta a ajudar, visite outros abrigos e se ofereça como doadora. Eles precisam muito.

– Sim, farei isso.

Outro silêncio.

– E o seu tratamento pra engravidar? Como está?

Mariana sentou-se.

– Não consegui... A fertilização in vitro não deu certo... Poderia continuar tentando, mas não vou mais.

– Não vai mais?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Vai adotar uma criança?

– Não! Eu e meu marido vamos curtir os nossos sobrinhos. Que são muitos!

Essa mulher não tem jeito.

– Mas o que houve pra você desistir?

– Não vou conseguir engravidar.

Ele fez uma cara de interrogação.

– É... Não vou conseguir engravidar...

– O que te faz ter certeza disso?

– Fiz a TVP... Lembra que você me indicou?

– Claro.

– Você tinha razão. A minha dificuldade pra engravidar tem uma explicação espiritual.

Caio fez outra cara de interrogação.

– Tive um câncer de útero na minha vida anterior a essa. E isso continua me afetando até hoje. Não vou conseguir engravidar.

Ele ficou olhando. Ia mais uma vez sugerir a adoção, mas ela abriu a boca antes.

– E você? Fala da sua TVP. Lembra que eu te perguntei uma vez?

Caio virou-se para a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

– Lembro.

– Conta! Sou catopírita que nem você.

– A TVP não tem vínculo com nenhuma religião!

– Eu sei... Mas me conta o que você viu. Você me disse que isso fez você fundar o abrigo.

– Sim... Foi fundamental...

– O que você viu, então?

Ele olhou pra ela.

– Por que você tá tão curiosa?

– E existe alguma mulher que não é?

Caio voltou-se para a imagem e ficou contemplando-a em silêncio. Só depois começou a falar.

– Fui um menino de rua na minha vida anterior...

Mariana ficou branca.

– É por isso que eu me identifico tanto com eles...

Silêncio. Depois, ele virou-se pra ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Minha mãe me rejeitou assim que nasci...

O chão sumiu para Mariana.

– Minha mãe me entregou para um casal de mendigos... Fui criado por esse maravilhoso casal nas ruas do centro de São Paulo... Quando fiquei grandinho, eles me contaram quem era a minha verdadeira mãe...

– E quem era a sua verdadeira mãe?

– Uma dançarina de bordel...

Meu Deus...

– Ela era uma mulher devassa... Saía com vários homens... Bebia muito... Não sabia quem era meu pai... Ela não queria um filho... Por isso me rejeitou...

– Ela deve ter tido um motivo pra fazer isso.

– Não!... Apenas não queria um filho!... Apenas isso!...

Silêncio.

– Tive muita sorte por esse casal de mendigos me aceitar.

– Sorte?

– Sim.

– Sorte de ser criado por mendigos?

– Se não fosse eles... minha mãe teria se livrado de mim de outra maneira...

Silêncio.

– Você acha que ela teria coragem de fazer isso?

– Ela não queria ser minha mãe!

– Ela podia não ter condições.

– Não!... Não foi isso... Mas mesmo tendo sido abandonado, eu não tinha mágoas dela.

Mariana esboçou um leve sorriso.

– Eu a procurei várias vezes... Ela me rejeitou em todas!... Meus pais adotivos morreram de frio logo depois que fiz 8 anos. Estava um inverno rigoroso e eu chorava muito. Eles me protegeram com os seus cobertores e

PERIGOSAS ACHERON

dormiram com a roupa do corpo. Quando amanheceu, eu os chamei e não responderam. Toquei neles... Estavam gelados... Roxos... Gritei, sacudi, nada... Dois seguranças que trabalhavam por perto vieram ajudar e disseram: “*Estão mortos!*”. Eu chorei feito um louco.

Ele olhou para Mariana e viu duas lágrimas descendo.

– Está emocionada com a minha história?

Ela apenas confirmou com a cabeça.

– Quando fiquei sozinho, procurei novamente minha mãe. Eu tinha que ir atrás de alguém... Mas novamente ela não quis saber de mim. Aí fiquei vagando pelas ruas... Foram quase dois anos roubando e usando drogas... Até que uma senhora, dona de um abrigo, me recolheu. Foi quando virei gente!

Silêncio.

– Entendeu por que fundei um abrigo?

Ela novamente confirmou com a cabeça.

– Quando completei 12 anos, essa senhora me botou num colégio. Foi a primeira vez que pisei num. Aprendi a ler e a escrever. Era um menino inteligente, aprendia rápido. Com 18 anos comecei a trabalhar como garçom. Aos poucos fui juntando dinheiro. Quando estava com 30, abri o meu restaurante. Fiquei bem de vida. E não sei por que tive vontade de voltar a procurar minha mãe. Fazia quase 15 anos que não a via. Os vizinhos disseram que ela estava muito mal no hospital. Tinha sofrido um derrame cerebral. Fui visitá-la e quase caí pra trás... Estava tetraplégica... Respirava com muita dificuldade... A enfermeira me disse que ela deveria morrer a qualquer hora... Não falava... Mal abria os olhos... Faleceu pouco tempo depois... É isso.

No rosto de Mariana, dois caminhos molhados.

– Depois disso... você não foi mais atrás dela?

– Como assim?

– Você nunca quis saber... onde ela está agora?

– Não!... Eu nunca quis saber... Acho que não tem necessidade... Quem sabe um dia...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não!... Você tem razão!... Não há necessidade!...

Caio apenas olhou.

– Você tá mais magro! Tem se alimentado direito?

– Eu não tô mais magro... – disse ele, rindo.

Mariana se levantou e ajeitou a gola dele.

– Quem tá passando suas roupas?

– Ei... você agora quer ser minha mãe?

Um longo silêncio se fez.

– Desculpa.

Escutaram a voz de Camila a caminho da sala.

– Caiôôôôô!

– Oi! – respondeu ele, ainda sem vê-la.

– Não se atrase pra faculdade. Está em cima da hora.

– Tá.

Ele e Mariana ficaram se olhando.

– Eu também tenho que ir... – disse ela. – Sua história é linda... Por que não me contou no Caminho da Fé?

– Gosto de fazer suspense...

Ela sorriu.

– Me ligue se precisar de alguma coisa. A proposta continua de pé.

– Que proposta?

– De eu trazer meus amigos aqui.

– Esquece!

Silêncio entre os dois.

– Tá bom... Não falo mais nisso... Dê-me um abraço.

Os dois se abraçaram. Mariana com muito mais força do que ele.

– Dá notícias – pediu ela.

Quando se soltaram, ficaram se encarando... Mariana, então, lembrou daquela despedida no ônibus. Não resistiu. Foi rápida. Beijou seus dedos como quem vai mandar um beijo para quem está longe e os pousou na boca dele.

PERIGOSAS ACHERON

– Um beijo no teu sorriso.

Caio arregalou os olhos! Ela deu as costas e saiu... Na sala principal cruzou com Camila, que a acompanhou até o portão.

– Foi um prazer conhecê-la, dona Mariana. O Caio falava muito bem da senhora. Até pensei que viria aqui há mais tempo.

– É... Acho que demorei demais... Tome o meu cartão... – disse, abrindo a bolsa. – Me ligue, se precisar de alguma coisa.

– Ô, querida... obrigada! Ligo, sim!

– Ligue mesmo! Não tenha cerimônia! Tchau.

– Tchau.

Ela esperou Mariana dar a partida e sair. *Que carrão!*

Capítulo 100

CAMILA VOLTOU PARA a sala de Caio e o encontrou apoiado na mesa, imóvel, de cabeça baixa. Ela estalou os dedos duas vezes.

– Ei, acorda!... Sonhando com a deusa?...

– Oi...

– Que mulherão, hein?...

– Não tava pensando nisso...

– Agora tô entendendo por que você ficou doido por essa mulher.

Ele não falou nada.

– Você se comportou direitinho?

– Ela continua casada! E eu não tava pensando nisso!

– O que ela queria?

– Advinha.

– Ajudar o abrigo?

– Hunrum... Mas agora é tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Também acho. Se ela quer mesmo ajudar, deve procurar outros.
- Foi o que eu disse pra ela.
- E o que deu nela pra querer ajudar o abrigo agora?
- Boa pergunta... Talvez seja remorso...
- Não podemos criticar! Pelo menos ela mudou, né... E aqueles que não mudam nunca?
- Eu sei. Mas aqui não dá mais. Nosso abrigo não tem mais jeito. Ficaram se olhando. Depois, ele continuou.
- O tanto que eu procurei essa mulher... Meu Deus do Céu... Eu sabia...
- Sabia o quê?
- Ela poderia ter sido o nosso anjo salvador. Bastava ter querido. Custava ela ter feito umas ligações pedindo pro pessoal me receber?... Custava?... Uma hora dessas a gente tava a mil por hora... Feliz da vida... Mas não deu.
- E como tá o casamento dela?
- Não sei... Não perguntei... Não quero saber... Nada dela me interessa mais! Que siga sua vida.
- E a gravidez dela?
- Disse que desistiu.
- Nossa! De verdade mesmo?
- Foi o que ela falou...
- Mas por quê?
- É uma longa história. Deixa pra lá. Temos coisas mais importantes pra fazer do que ficar pensando na vida dela.
- Ele pegou o capacete.
- Preciso ir, querida. O trânsito tá horrível nessa cidade. Como sempre.
- Vá com cuidado! Tô te achando muito desligado.
- É... Hoje foram muitas emoções... Foi dose pra elefante... Mas, fique tranquila... Vou em paz!
- Ele deu um beijo no rosto dela e a abraçou forte.
- Nossa!... O que houve?...

PERIGOSAS ACHERON

- O que foi?
- Você nunca se despediu de mim desse jeito.
- Não posso mais te beijar nem te abraçar?
- Pode!... Mas é que você nunca saiu pra faculdade fazendo isso...
- Deixa de ser chata, guria! – E deu outro beijo e outro abraço nela.
- Vai com Deus!
- Obrigado.

Ele foi pegar a moto. Ela foi atrás para abrir o portão. Sempre que fazia isso, Camila abria e fechava sem sair de dentro. Mas dessa vez foi para a calçada vê-lo se distanciar. Ele saiu acelerando muito. Ela sentiu um friozinho na espinha. Um quarteirão depois... Caio avançou a preferencial! Um carro o pegou em cheio! Ele e sua moto foram arremessados contra a parede de uma casa!

– Caiôôôôôôô!!!!

Camila saiu correndo deixando o portão do abrigo aberto. Muita gente que estava na rua também correu. O carro que o atropelara, apesar de não ter tido culpa, rapidamente fugiu. Ela chegou e notou a cabeça dele numa posição estranha. Uma das pernas tinha fratura exposta. Do lado, a moto destróçada. Camila se agachou e bateu levemente no capacete.

- Caio!... Caio!... Caio!... Fala comigo!...
- Eu tô ligando pra ambulância! – disse um.
- Alguém anotou a placa? – perguntou uma mulher.
- Vamos socorrer! – sugeriu um homem. – Chama um táxi!

Mas alguém alertou:

- É melhor não mexer no corpo! Pode ter uma lesão na coluna!

Camila olhava para Caio sem acreditar no que estava vendo. Um rapaz reparou que a barriga dele nem subia nem descia. Enquanto a ambulância não chegava, mandaram chamar uma moça que trabalhava como auxiliar de enfermagem. Ela veio rápido e checkou o pulso. Nada. Mexeu no capacete e a cabeça pendeu facilmente para um lado.

– Ele quebrou o pescoço!

Capítulo 101

MAIS DE UMA SEMANA DEPOIS, Camila ligou para Mariana.

– Alô.

– Mariana, é Camila, do abrigo do Caio. A gente se conheceu na semana passada. Tudo bem?

– Oi, querida!

Ela começou a chorar.

– Camila?... Tá tudo bem?...

O choro ficou mais forte.

– Camila?... O que houve?...

Ela não conseguia falar.

– Camila, você tá bem? Aconteceu algo?

– Sim... – respondeu com a voz presa.

– O que foi?

– O Caio...

– O que foi?...

– O Caio...

– O que tem o Caio?...

– O Caio morreu...

Mariana deu uma risada.

– Camila, o que é isso?...

– O Caio morreu...

– O quê?...

– O Caio morreu, Mariana!

– Que brincadeira é essa, Camila?...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não tô brincando... O Caio tá morto...
 - O que houve?...
 - Um acidente horrível... Logo depois que você foi embora... Ele saiu de moto e foi atropelado... Eu vi tudo...
 - Meu Deus!
 - Foi bem perto daqui... Morreu na hora... Quebrou o pescoço... O Caio tá morto, Mariana!... Tá morto!...
 - Camila... O Caio tá morto?... Camila... Morto?...
 - Sim, Mariana!... O Caio tá morto!...
 - Meu Deus... Morto... O Caio...
- Mariana começou a chorar.
- Quando foi isso?...
 - Foi logo depois que você foi embora... Uns dez minutos depois...
 - Por que você não me chamou de volta?...
 - Foi o maior corre-corre... Nem gosto de lembrar...
 - Logo depois que eu saí?...
 - Sim... Logo depois...
 - Por que logo depois, Camila?... Por quê?...
 - Foi uma coisa tão estranha... Ele me deu um abraço tão forte antes de sair pra faculdade... Ele nunca tinha feito isso... Na hora eu senti uma coisa tão... tão estranha... Parecia que tinha alguém me avisando...
 - Por que você não me ligou antes, Camila?... Por quê?...
 - Achei melhor ligar só agora... depois de tudo resolvido...
 - Não!... Não, Camila!... Você tinha que ter me ligado antes!
 - Deixa pra lá, Mariana!
 - Eu tô indo praí agora!
 - Não!... Não!... Não vai adiantar de nada... Já foi tudo resolvido...
 - E as crianças, como estão?
 - Chorando muito... Aliás, todo mundo... Estamos bem dentro do possível... Ele era tudo pra gente... Uma pessoa tão carinhosa...

PERIGOSAS ACHERON

– Meu Deus, Camila... Eu não tô acreditando... O Caio morto?...

Mariana desligou o telefone e chorou ainda mais forte. *Caio... Meu filho... Meu filho... Meu filho... Morto... Por quê?...*

Capítulo 102

SE COM CAIO VIVO, o clima no abrigo já não era dos melhores, depois da sua morte, então, virou um funeral. Era ele quem ainda dava algum alento no meio de todos aqueles problemas. As funcionárias desaprenderam totalmente a sorrir e algumas exerciam suas atividades com lágrimas nos olhos. Ninguém dizia nada, mas todas estavam torcendo para que as crianças fossem transferidas o mais rápido possível. Era melhor fechar logo aquilo. Tanto que os últimos pertences de Caio foram imediatamente retirados da sua sala por Camila e Aurora. Elas colocaram tudo numa caixa e decidiram doar. Se ficassem com alguma coisa, a dor seria ainda maior.

De modo geral, as pessoas têm muita dificuldade em lidar com a morte. O impacto é tão grande que algumas levam anos para se recuperar mesmo quando o falecido era idoso e tenha partido de forma natural. Outras não se recuperam nunca. Desenvolvem doenças ou envelhecem de uma hora para a outra. São bastante comuns os casos de pessoas que após a morte de familiares rapidamente ganham cabelos brancos, rugas ou memória fraca. Algumas até veem vultos ou escutam vozes dentro de casa. Mesmo aquelas que nunca acreditaram em qualquer manifestação espiritual.

Essa dor atinge o nível máximo quando a pessoa que faleceu era jovem e cheia de vida. O maior exemplo disso é o sofrimento dos pais que perdem seus filhos de maneira brusca, seja por acidente ou assassinato. Se a morte de qualquer ente querido é dolorosa, a morte de um filho parece ser a mais dolorosa de todas. Não é fácil receber a notícia de que alguém com todo um

futuro pela frente teve a vida interrompida. Camila e Aurora estavam passando por isso. As duas tinham por Caio um afeto muito acima do que existe entre amigos. Eram como familiares.

– Por que ele se foi, Aurora?... Tão jovem... Por quê?...

– Eu também tô me perguntando muito isso... Ainda não aceitei... Mas é a vida, minha amiga... Infelizmente, não temos controle... Deus sabe o que faz.

– Se ele não tivesse vendido o carro isso não teria acontecido... O tanto que nós alertamos sobre a moto...

– Ele era assim mesmo... Ousado em tudo o que fazia... Não dava ouvido a ninguém... Era da personalidade dele.

– Ai, que saudade... – continuou Camila, com os olhos cheios. – É como se eu tivesse perdido um irmão... Um irmão querido... Vai fazer muita falta... Jamais pensei que o abrigo pudesse fechar desse jeito...

– Eu também... Você já ligou pra todo mundo?

– Já.

– Praquela moça também, que teve aqui no dia do acidente?

– Sim. Mariana.

– E ela?

– Chorou mais do que eu... Deve vir por aqui conversar com a gente... Gostei do jeito dela... Parece uma boa pessoa... Que coisa, hein...

– O quê?

– O Caio morrer logo depois da visita dela...

Capítulo 103

POR MAIS QUE TENTASSE, Mariana não conseguia trabalhar. A morte de Caio não lhe saía da cabeça. Constantemente, parava o que fazia e chorava. Desde a TVP, ele não era mais apenas aquele rapaz do Caminho da Fé.

Era o seu filho. Assim ela o via. O afeto que passou a ter por ele era tão grande que estava se culpando pela sua morte. Achava que se tivesse ido antes prestar alguma ajuda aquela fatalidade não teria acontecido. Ao longo do dia, pensou bastante no tanto que ele amava o abrigo. Um abrigo que, de acordo com o seu novo entendimento, tinha sido aberto por sua causa! Por isso, viu-se na obrigação de tomar alguma atitude. Ela, então, foi ao encontro de Camila. Como era de se esperar, as duas choraram muito. Depois, mais calmas, começaram a conversar.

– E isso aqui como vai ficar? – quis saber Mariana.

– O Caio já havia comunicado o fechamento ao juizado. Você mesma viu algumas crianças sendo transferidas. Agora, vamos pedir ao juiz que acelere esse processo. Não vejo a hora de encerrar tudo isso aqui.

– Mas será que não dá pra continuar?

Camila olhou assustada.

– E pra quê continuar, Mariana?... Nós estamos de mal a pior. Se com o Caio aqui já tava difícil, imagine sem ele.

– Mas ele construiu isso aqui com tanto esforço... E agora vai fechar assim de uma hora pra outra?

– De uma hora pra outra, não!... Isso aqui já vem cambaleando há muito tempo. O Caio até que demorou a comunicar o fechamento. Nós já vínhamos pedindo isso a ele há séculos.

– Por que isso aqui não deu certo?

– Ele nunca te contou?

– Sempre falou que era difícil conseguir doações.

– Esse foi um dos motivos. Mas ele errou muito também. Aceitou toda criança que bateu na porta.

– Tô lembrando... Ele me falou...

– Toda hora entrava menino aqui. Isso deixou o abrigo superlotado. Ele era desse jeito. Tinha bondade demais e isso acabava sendo um defeito.

– Mas fechar isso aqui, Camila, não entra na minha cabeça. Temos que

fazer alguma coisa.

– Mariana... – Ela riu. – O abrigo tá sem jeito... Não dá mais!

– Pois eu acho que dá!

– Sem comentários.

As duas ficaram se olhando.

– Camila, eu quero entrar nessa história!

– Que história?

– Do abrigo.

– Como assim?

– Eu quero assumir o lugar do Caio!

Camila fez um longo silêncio.

– Assumir o lugar do Caio?

– Sim!... Eu quero ser a nova diretora do abrigo.

– Esse abrigo tá fechando!

– Eu quero impedir que ele feche!

– Você tá delirando?

– Não! Eu tô falando sério. Eu quero assumir o lugar do Caio. Eu quero salvar esse abrigo!

– Por que você quer fazer isso?

– É uma longa história... Uma longa história...

– Que história?

– Eu tenho uma dívida com Caio.

– Dívida com Caio?... Ele nunca me falou nada...

– E nem poderia!... É uma longa história, amiga... Uma longa história...

Um dia eu lhe conto... Enfim... eu quero ajudar essas crianças!

– Mariana, se você tá mesmo determinada a ajudar crianças carentes, deveria procurar outro abrigo. Esse aqui não tem mais jeito. Não temos dinheiro pra nada. As doações que ainda estão entrando são muito poucas. Estamos racionando comida... Esse mês muita gente não recebeu salário e... cá pra nós... acho que não vão mais receber!... O aluguel desse imóvel tá atrasado

PERIGOSAS NACIONAIS

quatro meses... O proprietário toda hora bate nessa porta querendo que a gente desocupe... E, pra piorar, cinco crianças fugiram! É como o Caio dizia: não basta ser pobre, tem que ter azar!

– Mas com um grande doador tudo se resolve.

– Só um grande não resolve... Precisamos de vários!

– Então, vamos atrás de um megadoador.

– Não venha me dizer que você vai atrás de doações e que elas vão cair no seu colo como presentes dos céus.

– Sim, vou atrás de doações! Eu tenho excelentes contatos nas empresas. Todos vão me receber. Mas antes disso, eu quero me tor...

– Mariana, o Caio... que Deus o tenha... cansou de fazer isso! Não conte com essas doações. A maioria nem te recebe. Os poucos que topam doar passam um tempão analisando o projeto. O resultado demora pra aparecer.

– Eu sei disso. Mas eu quero me...

– Mariana, esquece isso! Procura outro abrigo pra ajudar. Esse aqui vai fechar. O juiz já tá transferindo as crian...

– Posso falar?...

As duas ficaram se olhando.

– Posso falar?...

– Tá bom... Desculpa...

– Eu sei que as doações geralmente demoram. Se bem que comigo tentando elas podem ser um pouco mais rápidas. Mas antes disso, eu quero tomar uma grande medida emergencial.

– Qual?

– Eu quero me tornar a maior doadora!

– Doadora?

– Sim. Logo de cara, vou colocar dinheiro do meu bolso pra cobrir todos os débitos. E, se for preciso, sustento sozinha esse abrigo durante três ou quatro meses.

– Você tá brincando comigo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Camila, nunca falei tão sério na minha vida! Outra coisa... Essa casa tem área nos fundos?

– Tem.

– Então, vamos ampliar pra caber todo mundo. Mais quartos, salas... Seja o que for! Eu assumo o custo da construção.

– Meu Deus!

– Então, o que você me diz?

– Mariana... Escute bem... O Caio morreu completamente endividado por causa desse excesso de bondade.

– Camila, existe uma grande diferença financeira entre o Caio e eu.

– Eu sei! Mas você tem consciência do alto custo de manutenção desse abrigo? Isso aqui não é uma casa com três ou quatro pessoas... É uma casa com quase quarenta crianças que precisam de alimentação, remédios, roupas... Funcionárias são quase vinte!

– Eu tenho consciência disso.

– Tudo bem, você coloca seu dinheiro... Mas e depois, se as doações não aparecerem? Como é que você vai ficar sem o seu dinheiro de volta?

– Eu não quero meu dinheiro de volta.

Silêncio entre elas.

– O que você disse?

– Exatamente o que você ouviu: eu não quero meu dinheiro de volta.

– Peraí, Mariana... Deixa eu ver se entendi... Você vai colocar seu dinheiro aqui dentro e não quer de volta?

– Sim!

– Nunca?

– Nunca! Não vou querer de volta.

– Você fugiu de algum asilo?

Mariana apenas riu.

– Você tá mesmo falando sério?

– O que mais você quer que eu faça? Que eu grite no meio da rua?

PERIGOSAS ACHERON

As duas ficaram se olhando.

– Será que o juiz vai deixar você assumir o abrigo?

– Será que a gente não pode falar com ele? O que é mais importante: um abrigo fechado ou um abrigo funcionando? Amanhã nós duas iremos ao juizado. Vou dizer pra ele tudo que acabei de falar pra você. Espero que ele aceite e me coloque como diretora. Pelo bem dessas crianças ele tem que aceitar. Vou dar expediente aqui como o Caio fazia.

– E o seu trabalho?

– Deixa que eu me viro. Acho que vou ter que pedir uma licença não-remunerada de alguns meses. Quero me dedicar ao máximo pra salvar esse abrigo.

– E o seu marido, o que tá achando disso?

– Ainda não falei nada. Mas tenho certeza que ele não vai se opor. Principalmente, depois que eu falar da minha dívida com Caio.

– Que dívida é essa?

– Depois eu lhe falo.

– Mas e se ele tentar te impedir?

– Só uma pessoa pode me impedir de assumir o abrigo: o juiz. Ninguém mais!

– Tô sem palavras...

– Ótimo! É melhor que não fale nada. Faça as contas de tudo o que estamos devendo e de tudo o que precisamos comprar. Quero chegar no juiz com tudo isso em mãos. Quero mostrar pra ele que estou a par da situação e que não estou brincando.

– Eu, hein... Essa dívida com Caio deve ser imensa...

– Negócio fechado? – Mariana levantou a mão pra ela bater.

– Negócio fechado. – Camila bateu.

Capítulo 104

SE PAULO FICOU ASSUSTADO quando Mariana lhe contou que queria assumir o abrigo, pasmo ele ficou quando soube que isso era por causa de uma dívida com Caio. Depois da morte dele, ela sentiu-se tranquila pra lhe contar que ele foi seu filho rejeitado em vida passada.

– Que coisa incrível, Mariana!... Essa história dá um livro!

– E como!

– Gostaria de ter conhecido esse rapaz!

– Ele era uma ótima pessoa.

– Você contou tudo isso pra ele?

– Não.

– Por quê?

– Confesso que não tive coragem.

– E por que você só me contou isso agora?

– Tava tentando me acostumar com essa história.

Paulo caminhou pela sala, com a mão no queixo.

– Meu Deus... Os espíritos da mãe e do filho se reencontraram no Caminho da Fé... Quem diria... E olha que você não queria ir!

– E quem me obrigou?... Com certeza, você também tem alguma ligação espiritual com ele.

– Eu?

– Você ainda tem alguma dúvida?

Ele baixou a cabeça.

– Será que fui o pai dele?

– Boa pergunta... Não sei...

– Você não viu nada?

– Não.

– E você vai continuar com essa TVP?

– Vou.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você acha que eu também devo fazer?
 - Quem tem que achar é você.
 - Será que fui o pai desse cara?... – Ele andou de novo pela sala. – Agora tô com isso na cabeça... Na sua próxima sessão, eu vou com você.
 - Não! De jeito nenhum! Vai atrapalhar minha concentração.
 - Mas eu não vou entrar, vou ficar do lado de fora.
 - Não, mas eu não quero. É melhor não. Se você tá interessado em fazer e quer conversar com o terapeuta, vá sozinho.
 - Essa minha esposa tem cada uma...
 - É melhor assim.
- Um longo silêncio entre os dois.
- E a morte dele? – recomeçou Paulo.
 - Quê que tem?
 - Como é que tá nesse abrigo?
 - Abalou todo mundo, né...
 - O pessoal de lá sabe dessa história, de que você foi mãe dele?
 - Não! Não falei nada... Nem vou falar.
 - Por quê?
 - Acho que isso não diz respeito a eles. Pode ser que eu conte futuramente, mas agora prefiro não falar nada.
 - E quanto vai sair do seu bolso pra assumir esse abrigo? Aliás, do nosso!
 - Ainda não sei, mas com certeza vamos ter que adiar a compra daquela casa de praia.
 - Poxa!... Você abrindo mão da casa de praia? Logo você que queria bem mais do que eu? O abrigo tá tão quebrado assim?
 - Tá.
 - Coitado do nosso dinheirinho.
 - Paulo, não diga isso! Tanto eu como você nunca ajudamos ninguém. É uma boa oportunidade! Foi o Caio quem me alertou que eu só tava pensando em mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Queria tê-lo conhecido.
 - Você iria gostar muito dele.
 - E no abrigo, todos já sabem que você quer assumir?
 - Creio que ainda não. Conversei apenas com a coordenadora. Amanhã vamos no juiz. Espero muito que ele aceite.
 - Você tem certeza mesmo, Mariana, que está fazendo a coisa certa?
 - Estou!
 - Olha que é uma responsabilidade e tanto!
 - E você acha que não sou responsável?
 - Você sabe que eu não quis dizer isso! É que você não tem experiência na área. Nunca lidou com meninos de rua. Se ao menos você começasse como voluntária pra ir aprendendo aos pouquinhos...
 - Amor, eu até concordo com você. Isso realmente seria o ideal. Mas no momento, não dá pra fazer isso. Não dá pra eu começar como uma simples voluntária. A situação do abrigo é emergencial. Tenho que me jogar de corpo e alma. E, depois, se não tenho experiência na área, sou uma excelente administradora. Você duvida?
 - Quem sou eu pra duvidar de você?... E o seu chefe, vai dar a licença de quatro meses?
 - Tenho prestígio com ele, né...
 - Você assumiu há pouco tempo a diretoria de operações...
 - Mas não tem jeito. Tem que ser assim. Vamos ver o que ele diz.
 - E se ele não der?
 - Peço demissão!
 - Tá doida?
- Ela riu da cara do marido.
- Não! Tô determinada!
 - Como é que é, Mariana?... Você tá dizendo que pediria demissão do alto cargo que você tem pra assumir um abrigo de meninos de rua?
 - Exatamente!

PERIGOSAS ACHERON

- Você bebeu?
- Para!
- Usou alguma droga?
- Para com essas piadas, Paulo!
- Tô bobo...
- E você acha que eu não conseguiria outro excelente emprego depois?

Claro que sim! Já sou conhecida na cidade. Todo mundo me quer!

- Eu sei, mas vo...
- Acho que o presidente vai dar. Ele gosta muito de mim.
- Mas você pensou bem? Serão quatro meses sem receber nada...
- É por isso que aquela casa de praia vai ter que ser adiada.
- Tô pasmo com a sua determinação.
- E aí?... Você vai me apoiar ou não?

Ele ficou pensativo.

- E se eu disser “não” vai adiantar?

Mariana riu. Abraçou o marido e o beijou. Ele brincou:

- Se você não pode com eles, junte-se a eles!
- Paulo, me diz uma coisa.
- O que é?
- Eu vou preci...

O celular dele tocou em cima da mesa. Ele foi até lá... viu quem era... e deu as costas para atender:

- Oi. Não posso falar contigo agora. Depois te ligo.
- E voltou-se para Mariana.
- Onde é que nós estávamos, amor?
 - Por que não atendeu?
 - Eu tô conversando com você.
 - Quem era?
 - Gente lá do trabalho.
 - E se for importante?

- Depois eu fico sabendo. O pessoal enche o saco.
- E voltou a beijar a esposa.

Capítulo 105

O JUIZ RECEBEU Camila e Mariana perguntando para a primeira:

- Como as crianças estão lidando com a morte do Caio?
- Muito mal.
- Eu já imaginava. Ele era o diretor de abrigo mais popular que a gente tinha. Nunca vi aquilo em lugar nenhum.
- As crianças eram loucas por ele. Está fazendo muita falta.
- Bem... em que posso ajudar? – E virando-se para Mariana... – A Camila eu já conhecia, mas a senhora eu não me lembro de tê-la visto no abrigo.
- Eu não fazia parte. Tô querendo entrar agora.
- O juiz olhou para Camila.
- Doutor, a Mariana tem um pedido importante pra lhe fazer.
- É verdade. Sou diretora de uma grande empresa de consultoria aqui em São Paulo. Ainda não tenho ligação com o abrigo, mas já quase fiz parte dele. O Caio sempre me convidava pra ser voluntária e eu dizia que não tinha tempo... Mas ultimamente passei a me interessar muito. Então, fui procurar ele, por coincidência, no dia do acidente. Aliás, tive com ele pouco antes, não foi Camila? E ele me disse que o abrigo ia fechar e que já tinha comunicado ao juiz.
- Isso mesmo. Ele fez isso oficialmente há poucos dias, sentado nessa cadeira que você está. Inclusive já começamos a transferir alguns meninos.
- Eu sei. Agora chegamos ao ponto que me interessa. Aliás, acho que interessa a todos nós, principalmente às crianças. Eu quero que o senhor

suspenda o fechamento do abrigo e me deixe assumir como diretora.

Ele olhou para Camila, depois voltou-se:

– A senhora tá falando sério?

– Eu sei que é difícil acreditar, mas estou. Nunca falei tão sério na minha vida.

– A senhora tem noção do que está me pedindo?

– Tenho!

– A senhora já trabalhou ou foi voluntária em algum abrigo?

– Não.

– Já visitou algum deles, fora o do Caio?

– Não... Esse foi o primeiro.

Ele perguntou para Camila:

– Ela sabe o tipo de criança que tem lá?

– Sei!... Meninos de rua.

– Meninos de rua que roubavam! Que usavam drogas! Que foram espancados! Que foram abusados sexualmente! Aquilo ali é barra pesada! A senhora tá preparada psicologicamente pra lidar com isso?

– Doutor, se eu não tiver preparada nesse momento, prometo que vou ficar. Eu sei que assumir o abrigo é uma coisa muita séria. Mas eu faço questão.

– Dona Mariana, desculpe a franqueza, mas a senhora pensa que cuidar de um abrigo é brincar de babá de crianças?

– Não, doutor, por favor! Eu sei que é uma coisa muito séria.

– A senhora tem consciência de como está a situação financeira de lá?

– Sim, tenho. Por isso eu vou me...

– A senhora sabe que o Caio levou duas advertências da nossa fiscalização?

– Sei.

– Dona Mariana, a situação ali é tão precária que se o próprio Caio não tivesse tomado a decisão de fechar, eu como juiz responsável iria tomar.

– Eu sei de tudo isso, doutor.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Então, por que a senhora tá tão interessada nesse abrigo?

– É uma longa história...

– A senhora era alguma coisa do Caio? Parente?

– Não, eu conheci ele há pouco tempo.

– Agora que não estou entendendo mesmo.

– Doutor, eu tenho essa dívida comigo mesma. Ao longo de toda a minha vida nunca ajudei ninguém. Quem me despertou pra isso foi o Caio. Antes tarde do que nunca, né... Agora que ele se foi, tô me sentindo na obrigação de assumir o lugar dele.

– Dona Mariana, não me faça achar que a senhora é uma dessas dondocas casadas com marido rico que na falta do que fazer se envolvem com projetos sociais apenas pra mostrar pras amigas que estão trabalhando!

– Eu não sou dondoca, doutor! E o senhor, por favor, me respeite! Eu vim aqui com a melhor das intenções! Como lhe disse, sou diretora de uma grande empresa. O senhor pode pesquisar a meu respeito. Não sou nenhuma mulher-de-marido!

– Está bem... Vamos traçar o cenário que você me pede... Eu autorizo a continuidade do abrigo. O que as crianças vão ganhar vivendo daquele jeito, com racionamento de comida... pouco espaço pra dormir... etc etc etc.?

– Estou a par de tudo isso.

– Você tem conhecimento que cinco crianças fugiram recentemente?

– Sim.

– Que por sinal voltaram a praticar crimes! Vocês sabem onde elas estão.

As duas concordaram com a cabeça.

– Doutor, eu estou a par de tudo. Por isso, tomei a decisão de também ser a maior doadora.

– O abrigo precisa de muitos doadores! Você tem fôlego pra ir atrás?

– Sim! Sou diretora de uma grande empresa. Tenho muitos contatos importantes. Tenho certeza que, se eu pedir, a maioria vai se tornar doador.

– A senhora tá contando com isso?... Desculpe mais uma vez, dona

PERIGOSAS ACHERON

Mariana, mas isso só mostra o tamanho da sua inexperiência.

– O senhor não conhece a relação que eu tenho com meus clientes. Talvez o senhor esteja pensando isso influenciado por um histórico de experiências negativas.

– E como não levar isso em consideração?

– Há as exceções! Eu vou lhe mostrar que sou uma delas!

– Essa conquista de doações leva tempo! Não é uma coisa imediata! E o abrigo precisa de recursos urgentemente.

– Chegamos na parte principal! – disse sorrindo. – Se o senhor autorizar a continuidade do abrigo e se eu puder ser a diretora, assumo todas as dívidas e despesas para os próximos três meses.

O juiz contraiu a testa.

– Ela tá falando sério, doutor – confirmou Camila.

– O que a senhora disse, dona Mariana?... Por favor, repita.

– Que eu assumo com dinheiro do meu bolso todas as dívidas e despesas do abrigo para os próximos três meses. Já conversei com ela sobre isso. Vamos quitar o aluguel atrasado, o débito do cartão de crédito, pagar os salários que ainda não foram pagos, comprar comida... e fazer a ampliação do abrigo! A casa tem uma boa área nos fundos. Dá pra construir mais uns quatro ou cinco quartos e mais umas duas ou três salas.

Silêncio entre eles.

– Então?... O que o senhor me diz?

– A senhora tem ideia de quanto isso vai custar?

– Tenho! Já fiz todos os cálculos. Pagando tudo e deixando dinheiro para os próximos três meses, uns trezentos mil reais.

– A senhora vai investir trezentos mil reais num abrigo a fundo perdido?

– Será que o Caio acharia que seria a fundo perdido?

– Isso é alguma promessa?

– Faz diferença?

– A senhora já tem esse dinheiro em mãos?

– Tenho mais do que isso.

O juiz ficou olhando. Mariana continuou:

– Doutor, pelo bem das crianças, o senhor precisa suspender o fechamento do abrigo. Por favor, me deixe assumir como diretora. Eu trago toda documentação minha que for preciso. Inclusive, o senhor pode pesquisar a meu respeito no mercado de São Paulo. Sou respeitada, não sou qualquer uma. Se eu não assumir isso, qual a outra opção? Fechar o abrigo e sair espalhando aquelas crianças por tudo quanto é lugar?

– A senhora é uma mulher de muita coragem! Eu nunca vi isso antes.

– Então?... Negócio fechado?

– Isso é uma questão muito séria... Muito séria... Preciso pensar...

– Não podemos perder tempo pensando, doutor. A situação daqueles meninos tem caráter de urgência.

– Isso é verdade!

– Então?...

– Me aguarde um minuto. Preciso fazer uma ligação.

– O senhor quer que a gente saia? – perguntou Camila.

– Não, fiquem aí.

Ele saiu da sala. Uns dez minutos depois voltou.

– Se a senhora tá mesmo disposta a quitar todos os débitos e assumir as despesas, deve fazer isso o quanto antes como doadora oficial. Dentro de uma semana, eu mandarei uma nova fiscalização. Se tudo estiver ok, nós iremos tratar da parte legal para que a senhora assuma oficialmente como diretora. Por enquanto, a Camila assume o cargo de forma temporária.

As duas deram um enorme sorriso.

– Obrigada, doutor! – agradeceu Mariana. – O senhor não vai se arrepender. Eu lhe dou minha palavra que aquele abrigo vai ser salvo.

– Uma coisa, doutor... – falou Camila. – Com o abrigo voltando a ter boas condições, aquelas seis crianças transferidas podem voltar?

– Temos que analisar... Provavelmente, sim. – E ele olhou para Mariana.

– Vai depender realmente do estado em que o abrigo vai ficar.

Capítulo 106

– **CHEFE, PRECISO TIRAR** uma licença não-remunerada de quatro meses.

– Licença não-remunerada?

– É.

– Que história é essa? Você tá falando sério?

– Estou.

– O que houve? Algum problema aqui na empresa?

– Não...

– Alguma insatisfação com o novo cargo?

– Também não.

– Então, o que é?

– Preciso de tempo!... Muito tempo...

– Você tá estressada?

– Estressada eu sempre tive! – ela riu.

– Mariana, que brincadeira é essa?

– Chefe, não é brincadeira. Tô falando sério. Sei que é estranho eu chegar aqui com esse pedido, mas é verdade. Preciso mesmo de uma licença não-remunerada. Tô com um projeto importante na minha vida pessoal. Vou assumir como diretora de um abrigo de crianças.

– Abrigo de crianças?

– Sim.

– De onde surgiu isso?

– É uma longa história...

– Eu desconhecia totalmente esse seu vínculo com assistência social.

PERIGOSAS NACIONAIS

– O senhor não desconhecia! Eu realmente não tinha. Tô começando agora. E quero começar bem.

– E o que houve pra começar isso agora?

– É uma dívida espiritual.

– Dívida espiritual?...

– Depois eu lhe conto com mais calma. Mas o principal é que esse abrigo tá ameaçado de fechar e, pra piorar, o fundador morreu recentemente. Alguém precisa ajudar e eu me candidatei.

– Estou sem acreditar!

– Por favor, acredite! É sério!

– Você me pegou desprevenido... desprevenido... Já fechou com eles?

– Sim.

– E se a gente não puder lhe dar essa licença?

– Aí, infelizmente... – Ela fez um breve suspense. – Vou ter que pedir demissão.

Ele deu uma risada nervosa.

– Você tá com raiva da gente...

– Não é isso, chefe!

– Deixa de brincadeira, Mariana!

– Eu não tô brincando.

– Então, aconteceu alguma coisa aqui dentro e não estou sabendo... O que foi?

– Não é nada disso, chefe!

– Mariana, eu não tô entendendo nada! Você tá mesmo falando sério?

– Estou.

– Não é problema de relacionamento com algum outro diretor?

– Não é!... Juro!...

Os dois ficaram se encarando.

– Ai, ai, ai... Você pedindo demissão pra trabalhar num abrigo de crianças...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sim!

– Eu tô me recusando a acreditar!

– Eu sei que é difícil acreditar. Mas eu preciso salvar aquele abrigo.

– Mas o que você vai ganhar se envolvendo com isso?

– Sossego espiritual.

– Sossego espiritual?...

– Sim.

– Estou muito surpreso com tudo isso, Mariana! Você tá me revelando coisas que eu não conhecia a seu respeito.

– Essas coisas surgiram dentro de mim agora. Mas antes tarde do que nunca, né...

Outra encarada.

– E aí?... A minha licença de quatro meses é possível ou não?

– E você já quer uma resposta agora?

– Claro!

– Essa foi um direto no fígado!

– Desculpe, mas eu preciso muito.

– Tire-me uma dúvida... Após essa licença existe a possibilidade de você pedir demissão?

– Não! De jeito nenhum! Não quero sair daqui! Apenas preciso muito ajudar esse abrigo. No começo vou ter que dar expediente lá porque a busca por doações vai me absorver muito.

– Doações?

– Sim. O abrigo vive de doações de pessoas físicas ou jurídicas. Vou ter que ir atrás de muita gente. Nossos clientes já estão na minha mira. A grande maioria deles não desenvolve nenhuma assistência social. É hora de começar. Aliás, a nossa empresa também não faz nada disso. Por que não começar agora?

– É... É verdade... Nunca pensamos nisso... Por quê?

– Boa pergunta.

– É...

PERIGOSAS ACHERON

- E aí?
- Quem vai substituir você?
- Há até pouco tempo era o senhor quem controlava diretamente as operações. Por que não voltar?
- Só mesmo você pra me aprontar essas coisas... O que eu faço?
- Não custa nada, presidente.
- Preciso conversar com os outros executivos.
- Quando o senhor me dá uma resposta?
- Pode ser daqui a uma semana?
- Nem pensar, presidente! Já tenho que assumir no abrigo amanhã.
- Você está muito determinada, hein? Tem certeza que isso vai ser uma coisa boa na sua vida?
- Absoluta!
- Tá bem... Procure-me no final do dia.

•

Mas antes do fim da tarde, o presidente a chamou.

- A sua licença não-remunerada de quatro meses está concedida.
- Obrigada, presidente! Jamais vou esquecer da sua ajuda. Nem eu, nem aquelas crianças.
- Outra coisa... Quando você for atrás de doações, fale conosco. Queremos contribuir. Se você tá se metendo com isso, então deve ser coisa boa.

Capítulo 107

NO DIA SEGUINTE, Mariana apareceu no abrigo de manhã cedo para dar o seu primeiro expediente. Camila e Aurora lhe mostraram todas as dependências e lhe apresentaram a equipe técnica. Para as crianças, foi

apresentada como mais uma colega de trabalho, uma grande amiga de Caio. Ela fez questão de perguntar o nome, pegar na mão e beijar na testa de todas. Foi bem recebida já que se mostrou simpática e carinhosa.

Logo depois se reuniu com Camila e Aurora. Era preciso cuidar das urgências e dar um retorno ao juiz. A situação estava um pouco pior do que Mariana pensava. Mas conforme prometera, tinha condições de arcar com tudo. A primeira tarefa seria informar às funcionárias com salários atrasados que o dinheiro seria depositado nas suas contas naquele mesmo dia. A festa foi grande. Em seguida, ela quis quitar o débito com o proprietário do imóvel. Como ele morava perto, foi chamado na mesma hora.

Rapidamente ele chegou e Mariana não quis perder tempo. Ao lado de Camila, apresentou-se, explicou sua presença ali e foi logo ao que interessava.

– Seu Osvaldo, nós queremos pagar o aluguel atrasado e adiantar os próximos três meses. Isso para que o senhor fique tranquilo em relação à gente.

– O quê?

– Isso mesmo que senhor ouviu. Nós queremos quitar o débito e lhe dar um adiantamento de três meses.

– Vocês ganharam na mega-sena?

– Nós nem apostamos, seu Osvaldo – respondeu Camila, rindo.

– Mas isso aqui tava de mal a pior... De onde apareceu dinheiro?

– Novos doadores estão chegando! – disse Mariana. – Estamos nos esforçando ao máximo pra manter isso aqui de pé. As crianças precisam.

– Sim, com certeza!

– Então, vamos às contas! Some os débitos com os três meses de adiantamento.

– Que notícia boa! E quando vocês querem quitar?

– Agora mesmo!

– Meu Deus!

– Outra coisa... – prosseguiu Mariana. – Precisamos ampliar o abrigo porque ele tá superlotado. Queremos construir lá atrás mais alguns quartos e

umas salas. Espero que o senhor não se oponha.

– Eu não tenho condições de gastar nada!

– Seu Osvaldo... Nós vamos bancar essa construção! Espero que o senhor não se oponha!

– Como assim?

– Nós vamos bancar tudo! – ressaltou Mariana, com firmeza.

– Tudinho?

– Tudo!

Ele concordou e somou o que foi pedido. Ela fez um cheque e entregou.

– Deus é brasileiro! – comemorou ele.

– Eu também acho.

Pronto. A parte mais urgente estava resolvida. O espaço físico estava salvo. Em seguida, Mariana foi com Camila ao banco. Primeiro quitaram o débito do cartão de crédito do abrigo, que estava bloqueado. A dívida também era grande, mas foi paga. Depois, depositaram os salários atrasados nas contas das funcionárias. Na volta, passaram no supermercado e fizeram todas as compras urgentes.

O passo seguinte seria informar às crianças sobre as boas-novas. Elas foram reunidas para que a própria Mariana fizesse o comunicado. Como sempre, ela foi direta.

– Crianças, há pouco tempo o Tio Caio informou que esse abrigo iria fechar. Mas queremos informar que o fechamento foi suspenso.

A gritaria foi grande. Vieram muitas palmas.

– Além disso, todas as refeições estão retornando a partir de hoje.

Nova gritaria.

– E tem mais!... Além do café da manhã, almoço e jantar, vocês terão a ceia, um pequeno lanche antes de dormir.

Mais gritos da meninada.

– Nós também iremos ampliar o abrigo. Vamos construir mais uns quartos e umas salas lá atrás.

Alguns se aproximaram para abraçá-la e beijá-la. A Tia Mariana não poderia ter tido uma estreia melhor. Pouco depois, um dos meninos mais velhos foi lhe mostrar um lindo desenho que fizera. Era Caio com duas asas, como se fosse um anjo, voando para o céu. Seus olhos se encheram.

- Que lindo!
- Ele era o nosso pai, Tia Mariana.
- Eu sei... Mas ele está num lugar melhor agora.
- Mas eu queria ele aqui.
- Eu também.
- Ele me ensinou muita coisa.
- A mim também – disse ela, abraçando o garoto.

Capítulo 108

AS METAS INICIAIS tinham sido atingidas em menos de uma semana. Mariana tinha quitado todos os débitos e enchido a despensa de comida. As planilhas financeiras ficaram no azul. Assim, ela estava pronta para enfrentar qualquer fiscalização do juizado. Ligou chamando. No dia seguinte, um susto!... Os fiscais chegaram acompanhados do próprio juiz. Ele fez questão de conferir pessoalmente todos os comprovantes de pagamento.

- Parabéns! A senhora foi rápida!
- Eu lhe prometi, então tinha que cumprir.
- E as crianças, como estão?
- Bem!... Mas prefiro que vocês mesmos perguntem a elas.

Um dos garotos mais velhos escutou e se aproximou.

- A Tia Mariana trouxe a nossa comida de volta.
- Que bom! – disse o juiz, sorrindo. Mariana fez um carinho na cabeça do garoto.

- E com relação à morte de Caio, como eles estão?
 - Daquele jeito... Ainda falam muito dele. Até tive receio que não me recebessem bem, mas isso não aconteceu.
 - Isso é bom. Dá pra perceber que as crianças estão satisfeitas com você.
 - O juiz ficou olhando ao redor, nitidamente gostando do que estava vendo.
 - E então, doutor?... Quando vou ser efetivada como diretora?
 - Já podemos pensar nisso.
 - Isso quer dizer q...
 - Quer dizer que você já pode ser efetivada no cargo!
 - Eu não acredito!... Meu Deus!... Camila, venha cá! Escute isso!
- Assim que ela chegou...
- A dona Mariana já pode ser a diretora do abrigo. Basta ela nos trazer toda a documentação necessária.
- Camila sorriu e deu um grande abraço nela.
- O Caio, lá em cima, deve tá muito orgulhoso de você. Nós tivemos muita sorte. Se você não tivesse aparecido, isso aqui teria fechado.
 - Teria mesmo! – reforçou o juiz. – Mas felizmente ainda existem pessoas como a senhora.
 - Obrigada, doutor. E quanto àquelas crianças que foram transferidas? Poderão mesmo retornar quando o abrigo for ampliado?
 - Normalmente, a gente evita esse excesso de transferências. Mas como se trata de uma questão especial, vamos deixar a critério delas. Se realmente quiserem voltar, eu autorizo. A senhora me faça um pedido formal que as nossas psicólogas irão analisar e conversar com elas.
- Como Mariana não conhecia as crianças, olhou para Camila em tom de interrogação. Ela respondeu imediatamente.
- Tenho certeza que elas vão querer voltar, doutor.
 - Que bom!... Fico muito feliz com tudo isso.
- O juiz fez uma pausa e voltou-se para Mariana.
- A propósito... Eu ainda não lhe perguntei... Mas a senhora tem filhos?

– Todos eles! – disse ela abrindo os braços.

Ele deu um meio sorriso.

– Eu e meu marido tentamos muito. Já fizemos até tratamento. Aliás, eu fiz, já que o problema é comigo. Mas não deu certo. Poderia continuar tentando, mas desisti. Não acredito mais que consiga engravidar. Caio tinha razão... Eu deveria adotar uma criança. Pois aconteceu... Agora, sou mãe de todos eles.

– Parabéns! – felicitou o juiz, mais uma vez. – Esses meninos têm muita sorte em contar com a senhora.

– E isso é apenas o começo, doutor! Quando vier a próxima fiscalização, o abrigo vai estar ampliado e com muitas novidades. O senhor vai ver.

•

No primeiro dia de visitas dos familiares após o comunicado das boas-novas, alguns se reuniram e foram agradecer Mariana por tudo o que ela estava fazendo pelas crianças.

– Meu neto tá adorando a senhora!

– É muito bom saber disso! É uma responsabilidade muito grande substituir uma pessoa tão querida quanto o Caio.

– A senhora conhecia ele de onde?

– Do Caminho da Fé.

– Caminho da Fé?... – surpreendeu-se a avó em tom de alegria. – Tá vendo?... Foi Nossa Senhora Aparecida quem lhe mandou pra cá!

– Nossa! Quanto orgulho... ser enviada por Ela!

– Por que a senhora não apareceu antes?

– Só Ela é quem sabe! – disse, apontando pro céu.

Capítulo 109

O PRÓXIMO PASSO seria a ampliação do abrigo. E, para tomar conta desse projeto, Mariana não teve dúvida: chamou seu marido, que era engenheiro e trabalhava numa construtora.

– Como é, minha querida? – assustou-se ele.

– Isso mesmo que você ouviu... Quero que você seja o responsável pela ampliação do abrigo.

– Mariana, eu passo o dia trabalhando! Não tenho tempo pra isso.

– Lembra que eu dizia a mesma coisa?

– É... mas pra mim vai ser difícil...

– E pra mim não tá sendo?... E, depois, é uma construção bastante simples... Uns quartos e umas salas.

– Se é simples por que você mesma não toma de conta?

– Se eu fosse você teria vergonha de me propor uma coisa dessas!... Deixa de choro!... Você vai muito mais organizar a equipe do que trabalhar lá. É uma grande oportunidade pra você ajudar alguém. Faça isso pelas crianças.

– Eu não sei...

– Se não sabe, então fique calado e faça o que eu tô mandando.

– Lá vem ela de novo!... Tá bom, vou pensar.

– O quê?

– Eu vou pensar!

– Pensar no quê, Paulo?

– Eu preciso ver se tenho condições de assumir.

– Era só o que faltava!

– Mariana, você me pegou de surpresa. Eu não tava esperando isso. Preciso ver se vai dar pra mim.

– Paulo, quem tá pedindo é a sua esposa!

– Eu sabia que você ia apelar pra isso.

– Não tô apelando coisa nenhuma! Você é que tá se fazendo de gostoso!

– Gostoso eu sempre fui.

– Não enche, Paulo!... Se você me fizesse um pedido desses e eu

rejeitasse como é que você iria se sentir?

– Primeiro... eu jamais lhe faria um pedido desses assim... de supetão.

– Ha-ha-ha... Nunca diga nunca, meu bem, porque um dia você pode precisar.

– Ai, meu Deus, minha esposa não é fácil!

– Agora que você descobriu?

– Agora tô percebendo que é mais do que eu imaginava!

– Paulo, deixa de onda! Tô precisando de você naquele negócio. É a tua esposa quem tá pedindo. Ouviu bem?... Tua esposa!

– Tá bom! Tá bom! Tá bom!... Vou ter que dar um jeito. Pra quando é?

– Pra ontem!

– Tô lascado! Só você mesmo pra meter numa dessas...

– Você deveria me agradecer por essa chance de se envolver socialmente. Você nunca fez nada disso. Vá se acostumando porque em breve você vai cuidar também da escola de informática.

– Escola de informática?

– Ih... Acho que ainda não te falei...

– Que escola é essa?

– O Caio tinha feito uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida que, se o abrigo fosse salvo, fundaria uma escola de informática com o nome dela. Uma escola pra adolescentes carentes.

– Ele fez a promessa e você vai pagar?

– Já esqueceu da dívida que tenho com ele?

Capítulo 110

ENQUANTO O MARIDO cuidava da ampliação do abrigo, Mariana se dedicava à busca por doações. Elas precisavam vir rápidas porque o dinheiro

que estava saindo do seu bolso só daria para aguentar três meses. Antes de iniciar a procura por novos doadores, ela tratou de manter os que estavam doando e tentou reativar os que tinham parado. Fez questão de visitar cada um deles levando um relatório dos benefícios prestados pelo abrigo, que eram vários, apesar das dificuldades. Ela anexou fotos das crianças e de Caio, agora apresentado como fundador.

E, pra emocionar, pediu que alguns dos meninos escrevessem cartinhas de próprio punho agradecendo a doação ou pedindo que voltassem a doar. Elas foram escritas em folha de caderno arrancadas do arame e entregues com as linhas tortas e erros de português típicos de crianças sem estudo. A tática funcionou, pois três dos doadores aumentaram a doação mensal e mais da metade dos que tinham parado de doar voltaram a contribuir. Nesse processo, uma coisa chamou a atenção de Mariana: a morte de Caio contribuiu muito para a reativação de antigos doadores. Isso mostrou que eles tinham desistido não por falta de condições, mas por falta de sensibilidade com a causa.

Quando começou a sua busca por novos doadores, ela espertamente priorizou os clientes da empresa onde trabalhava. Todos se assustavam ao saber que ela estava de licença-remunerada para tomar conta de um abrigo.

- Você cuidando de meninos de rua? – admirou-se uma empresária.
- É uma longa história.
- Me conta que eu quero saber que maluquice foi essa.
- Não foi maluquice! Não foi! Foi uma coisa bem pensada. Aqueles meninos precisam muito de mim.
- Eu não sabia que você fazia esse tipo de trabalho.
- Eu não fazia! Comecei tem pouco tempo.
- E o que foi que deu em você?
- É como te falei... É uma longa história. Se eu começar a contar agora vou levar horas.
- Espero que você esteja gostando.
- Quanto a isso nem se preocupe. Tô muito feliz!

- E no que eu posso ajudar?
- Agora, chegamos na parte que eu mais gosto.

Assustados ou não, os contatos de Mariana foram muito receptivos a sua abordagem. Rapidamente ela montou uma carteira de dez grandes doadores entre empresários e profissionais bem-sucedidos. Isso significava que o abrigo estava salvo por pelo menos seis meses além dos três que ela mesma tinha garantido.

Capítulo 111

O ABRIGO ESTAVA muito diferente após 45 dias. As seis crianças que tinham sido transferidas retornaram e o encontraram ampliado e com nova decoração. Todas as oficinas de arte-educação tinham sido reimplantadas. A meninada voltou a ter aulas de teatro, canto, dança, pintura, desenho e colagem. Além disso, Mariana introduziu algumas inovações que encantaram o juizado e o conselho tutelar: um jardim na frente do abrigo e uma horta nos fundos. O objetivo era fazer com que as crianças desenvolvessem a sensibilidade ao cuidar das plantas. O sucesso foi tão grande que, pouco depois, ela implantou um grande aquário na sala principal, que também ficou aos cuidados dos garotos.

Tudo isso era resultado direto do trabalho e esforço de Mariana. Ela ficava ali os três expedientes e só ia para casa depois das dez da noite, quando as crianças já estavam dormindo. Nos últimos dias, era comum ser flagrada tirando um cochilo, sentada na sua sala ou no sofá do salão. Tanto que as funcionárias lhe alertavam constantemente que precisava reduzir a sua carga de trabalho já que a situação do abrigo estava cada vez melhor. Mas ela teimava e não diminuía o ritmo.

- Mariana, você não precisa ficar tanto tempo aqui – insistia Camila, ao

lado de Aurora. – É visível como você está cansada. Onde você encosta, dorme.

– É impressão sua.

– Se você continuar nesse ritmo vai pegar uma estafa. Aí vai ser pior, porque vai ter que se ausentar por um bom tempo.

– Sim, mamãe.

– Não venha com brincadeira! Tô falando sério. Não há necessidade de você ficar aqui os três expedientes. Nem eu e nem Aurora fazemos isso. A gente se reveza com as outras funcionárias. O abrigo tá muito bem, você já pode relaxar. Não se esqueça de que você tem um marido. Ele deve tá sentindo muito a sua falta.

– É verdade, Mariana – seguiu Aurora. – Essa sonolência não é normal. Pode ser o começo de uma estafa. Você não precisa ficar os três expedientes aqui. E também não precisa vir sábado e domingo. Não há necessidade.

– Tá bem! Tá bem! Vou pensar no assunto...

– Pensar? – assustou-se Camila.

– Sim, vou pensar... Não estou doente. Vocês é que estão imaginando coisas.

– E ela ainda não leva a sério.

– Eu tô levando a sério. Mas não posso me afastar agora. Ainda tenho que providenciar o terreno para a fundação da escola.

– Isso não tem urgência, Mariana! – quase gritou Camila.

– É verdade! – concordou Aurora. – Essa escola pode vir depois.

– Depois nada! Ela vai ser fundada logo! É uma questão de honra pra mim!

– Mariana, ninguém tá te pedindo isso! – continuou Camila.

– Mas o Caio prometeu.

– Ele prometeu, não você!

– Mas eu quero cumprir. Eu devo isso a ele.

– Ai, ai, ai... É o Caio de saia!

– Vocês dois são muito parecidos em tudo – ressaltou Aurora. – Parecem

até mãe e filho.

Capítulo 112

COMO ERA DE SE ESPERAR, Mariana não diminuiu o ritmo e não deu trégua na sua busca por mais doações. E os resultados eram cada vez melhores, tanto que ela já estava procurando o terreno pra construir a escola de informática. O ideal seria que o proprietário aceitasse vender em várias parcelas já que ele seria pago à medida que o dinheiro das doações fosse entrando. De tanto procurar e insistir, achou um que topou vender dessa forma. Era lá mesmo no bairro de Lajeado, numa região relativamente próxima do abrigo. Como ela tinha urgência, pediu ao marido que as obras levassem no máximo uns seis meses.

– Amor, por que você tá com tanta pressa? Alguém tá te cobrando isso?

– Está!

– Quem?

– Eu mesma!

– Só podia ser... Mas por que você se cobra tanto em relação a isso?

– Já te falei.

– Falar já falou... Mas às vezes, percebo que ainda estou sem entender.

– Talvez seja melhor assim.

Paulo ficou rindo do jeito da esposa.

– Você pediu uma construção com um andar em cima. Só será possível fazer isso em seis meses se contratarmos mais gente. De onde vamos tirar dinheiro?

Ela sorriu.

– Pode contratar. Nós temos como pagar.

– Você tem certeza disso?

– Sim, claro que tenho. Por acaso alguma vez falhei com você?
– Que eu me lembre, não.
– Nunca falhei com você. E não vai ser agora.
– Só uma perguntinha... Depois que terminar essa escola de informática, o que você vai inventar?

Ela deu uma gargalhada.

– Eu tô falando sério, Mariana! Seu marido precisa se preparar desde já pra próxima empreitada. Entrei de supetão na reforma do abrigo. Mal terminei e já tive que começar essa escola. Já tô até com medo. O que vem depois? Algum arranha-céu?

– Fique tranquilo, amor, depois disso não teremos mais nada.

– Tomara!

As obras começaram pouco tempo depois. Mariana, então, se viu com uma dupla obrigação: passar no abrigo e na construção. Sim, porque apesar de ter deixado isso aos cuidados do marido, não sossegava e quase todos os dias ia verificar pessoalmente como estava o andamento. No começo, os peões estranharam aquela mulher bonita e bem vestida fazendo perguntas sobre tijolos, cimento e colunas, mas depois se acostumaram e até reclamavam quando ela não aparecia.

Capítulo 113

– **QUEM TE DEU ESSA CAMISA?** – perguntou Mariana assustada, quando viu o marido pronto para ir trabalhar.

– Como assim, quem me deu? Eu comprei.

– Tem certeza?

Paulo apenas riu.

– Há anos, quem compra tudo pra você sou eu... Até suas cuecas!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas essa aqui eu comprei.
 - Onde?
 - No shopping.
 - Mas onde?
 - Foi na... na... Não lembro o nome da loja... É uma nova que tem lá.
- Passei em frente, achei bonita e comprei. Por quê? Não posso?
- Quando foi que você comprou?
 - Ontem.
 - Que horas?
 - Depois do trabalho.
 - Você foi sozinho no shopping?
 - Mariana, que interrogatório é esse?... Sim, fui sozinho!
 - Você não me falou que tinha comprado uma camisa.
 - Mariana, por favor!... Se eu comprar uma camisa, preciso falar pra você?
 - Quem compra tudo pra você sou eu... Por isso que eu tô estranhando.
 - Mas dessa vez eu comprei.
 - O que mais você comprou?
 - Só essa camisa. Gostou?
 - Você nunca usou camisa estampada... Sempre quis de listras.
 - Resolvi variar um pouco. Gostou ou não gostou?
 - Não!
 - Ah, meu bem, deixa de ser chata!... Já vou.
- Ele a beijou e a abraçou.
- Ai, amor! Não me abraça forte assim!... Me machucou!
 - O que foi?... Eu não botei força. E eu sempre lhe abracei desse jeito.
 - Mas dessa vez doeu.
 - Desculpa... Mas o que você tem?
 - Não sei... Acho que dormi de bruços e não tô acostumada.
 - Tô te achando tão estranha...

PERIGOSAS ACHERON

- Amor, não inventa!
- Sério! Acho que é hora de você reduzir o ritmo de trabalho. As coisas lá no abrigo estão indo muito bem, não estão?
- Estão! Mas não posso me afastar agora!
- Mas ninguém tá pedindo pra você se afastar. É apenas pra diminuir o ritmo. Não há necessidade de trabalhar tanto.
- Vai embora, vai!
- Ihhhhh... Minha mulherzinha amanheceu naqueles dias... Tá bem, mas depois que você pegar uma estafa não diga que eu não lhe avisei.
- Paulo, não enche o saco!

Capítulo 114

MARIANA ESTAVA NA SUA SALA no abrigo quando foi avisada no começo da tarde que duas crianças desconhecidas batiam no portão.

“Tia, Mariana!... Tia Mariana!...”

Ela foi até eles. Eram dois meninos de rua de mais ou menos uns 12 anos. Antes mesmo dela abrir fizeram o pedido.

- Tia, deixa a gente entrar, vai.
 - De onde vocês me conhecem?
 - Todo mundo fala da tia bonita que ficou no lugar do Tio Caio.
- Mariana sorriu.
- Tia bonita? Será que sou eu mesma?
 - É! A gente tá vendo.
 - Tá bom... Obrigada...
 - Tia, deixa a gente entrar.
 - Onde vocês moram?
 - Na rua.

- E a família de vocês?
- Não sei...
- Como assim “não sei”?...
- Não sei!
- Nunca mais foram lá?
- Não!
- Mas eles não vêm atrás de vocês?
- Não!
- Por quê?
- Tia, deixa a gente entrar, vai.
- Estão com fome?
- Tamo! – responderam juntos.

Ela abriu o portão. Os meninos sorriram. Enquanto caminhava, Mariana foi pensando na acomodação deles. Não seria problema abrir mais duas vagas, porque o abrigo tinha sido ampliado. Mas quando passou isso para as funcionárias, Aurora ainda tentou intervir.

- Tem certeza que devemos receber?
- Qual a outra opção?
- Caio fez muito isso e deu no que deu.
- Mas a situação agora é outra! – disse Mariana, com orgulho na face.
- Eu sei, mas é bom você não abusar da sorte. O momento que estamos passando agora é muito parecido com o começo do abrigo, quando tudo dava certo. E de uma hora pra outra tudo mudou.

– Entendo sua preocupação, Aurora. Mas fique tranquila. Não vamos correr nenhum risco.

– Acho melhor mesmo! Apesar da ampliação do abrigo e das doações a gente não pode cometer o mesmo erro de antes. Se mais crianças baterem no portão, infelizmente vamos ter que mandar voltar.

- Tá bom. Mas quero te pedir uma coisa.
- O quê?

– Você e Camila mandam voltar. Não eu! Confesso que não tenho coragem de fazer isso.

– Eu já imaginava... Pode deixar!

Capítulo 115

ESTAVA QUASE NA HORA DO JANTAR, quando Mariana foi até a cozinha do abrigo verificar como estavam os últimos preparativos. Assim que entrou e sentiu o cheiro da sopa, seu estômago embrulhou. Mas como sempre, ela quis se fazer de forte e tentou conversar normalmente com as cozinheiras.

– Que coisa gostosa! Depois eu quero a receita.

– Dona Mariana, a senhora tá bem?

– Tô... Por quê?

– A senhora tá com uma cara...

– É só um pouco de enjoo – disse, com a mão na barriga.

– A senhora tem certeza?

Ela não conseguiu responder. Levou a mão à boca. Uma das cozinheiras se aproximou... Mariana correu em direção ao banheiro! Foi na pia mesmo... Vomitou. Três funcionárias foram atrás para saber o que era. Ficaram na porta assistindo a ela “chamar o Hugo” insistentemente. Camila chegou logo depois e se manifestou: – Tá vendo, Mariana, como você precisa se cuidar?

– Eu sabia que ela não tava bem – disse outra.

Ela escutou com a cabeça enfiada na pia. Colocou pra fora o que não tinha. Só ao final olhou para a “plateia”. Estava sem um pinga de sangue.

– Eu tô bem... – falou a teimosa, lavando a boca. – Não dormi direito de ontem pra hoje.

– Você precisa se cuidar! – repetiu Camila. – Eu já lhe disse isso!

Ela enxugou as mãos e, para não ser bombardeada pelas colegas, saiu

rapidamente do banheiro.

•

Naquela mesma noite, Camila tomou a liberdade e ligou para o marido de Mariana. Queria deixá-lo a par do que estava se passando. Se é que ele mesmo já não tinha percebido.

- Seu Paulo, tô muito preocupada com a sua esposa!
- O que foi?
- Parece que ela tá no começo de uma estafa.
- O que houve?
- Hoje, ela vomitou aqui no abrigo.
- O quê?
- Foi! Ela vomitou... Foi na cozinha, sentiu o cheiro da sopa e enjoou.
- Meu Deus! Por que ela não me ligou?
- O senhor ainda pergunta...
- Foi só enjoo mesmo?
- Foi. Ela tá bem agora.
- Será que pode dirigir?
- Pode! Também não foi tão sério assim.
- Estranho... Ela nunca enjoou com cheiro de comida.
- Pois agora enjoou. Tô muito preocupada. Já pedi pra ela reduzir a carga de trabalho, mas ela não me escuta.
- Sei como é. Também já pedi, mas ela é muito teimosa! Ultimamente anda tão mal-humorada. Se irrita por qualquer coisa.
- E ela tá muito sonolenta, o senhor já percebeu?
- Já.
- Por que o senhor não leva ela ao médico?
- Vou fazer isso! Nem que eu precise levar amarrada.
- Isso! – ela riu.

- Obrigado por me ligar, Camila.
- Tá bom, seu Paulo, mas não diga que eu lhe procurei pra falar disso.
- Fique tranquila.

Capítulo 116

NÃO TEVE JEITO. De tanto o marido insistir para Mariana ir ao médico, ela acabou cedendo. Foram ao mesmo ginecologista que sempre a atendia. E, como era de se esperar, ela mostrou-se bastante teimosa.

- Doutor, eu só vim porque o Paulo me obrigou. Eu não tô doen...
- Doutor, ela não tá nada bem! Ultimamente anda muito sonolenta e irritada. Ontem, vomitou sem motivo. Acho que ela tá com um princípio de estafa.
- Vomitou sem motivo?
- Foi bem pouquinho... – saiu-se ela.
- Tinha comido alguma coisa estranha?
- Não... Enjoei com o cheiro de uma sopa.
- Já tinha acontecido isso antes?
- Não, nunca. Acho que estou um pouco estressada.
- Um pouco? – reagiu Paulo.
- Vamos verificar sua pressão – disse o médico, levantando para colocar o aparelho. Estava levemente alterada para cima.
- É só um pouco de estresse, doutor.
- O que mais você tá sentindo?
- Anda muito sonolenta e irritada! – antecipou-se Paulo.
- Sente dores de cabeça?
- Às vezes... Mais dores nos seios...
- Nos seios?

- Hunrum.
- Principalmente nos mamilos?
- Sim. Faz pouco tempo que sinto...
- Sua última menstruação veio?
- Não, mas o senhor sabe que meu ciclo é irregular.

O médico olhou novamente para a ficha de Mariana no seu computador. Analisou durante alguns segundos e depois voltou a falar, ainda olhando para a tela.

– Mariana, eu conheço bem o seu organismo... Antes de iniciarmos o tratamento para a fertilização in vitro, fizemos todos os exames...

Ele fez uma pausa e deixou cair os cantos da boca antes de continuar.

– E tudo estava normal... pressão, colesterol, glicose...

Ficou mais uma vez pensativo e depois virou-se para os dois.

– Podemos refazer todos esses exames. Mas antes quero você me faça um em especial... Quero que você me faça um exame de gravidez.

Eles congelaram. Fizeram um silêncio tão longo, que o médico prosseguiu.

– Antes de qualquer coisa, preciso saber o resultado desse exame.

– O senhor acha que... – Paulo não conseguiu terminar a frase.

– Prezados, é sempre complicado emitir qualquer opinião para um casal que já sofreu tanto ao longo desse processo. Mas os sintomas que você tá sentindo me forçam profissionalmente a pedir esse exame. Porém!... Não vamos gerar expectativas. Vamos aguardar o resultado.

Mariana nem piscava. Paulo começou a sorrir. Mas antes que ele falasse qualquer coisa, ela se antecipou.

– É impossível, doutor!

O médico sorriu.

– Claro que não é, Mariana!

– Não tem como eu engravidar! O senhor sabe melhor do que ninguém da minha situação!

– Sim! Por isso mesmo estou dizendo que não é impossível. Sua ovulação estava num nível muito baixo, mas não inexistente! Pode ser que algo tenha acontecido. Ao longo da minha vida profissional, eu já tive muitas surpresas.

– Eu não creio!

– Mariana, o doutor pode tá certo! – Paulo se animou. – Algo pode ter acontecido.

– Nem com tratamento eu consegui... Como é que eu ia engravidar agora sem ajuda nenhuma?...

– Isso é mais comum do que você pensa! – alertou o médico. – Alguns casais são surpreendidos. Há alguns anos, tive um caso de uma mulher que lutou muito pra engravidar do primeiro filho. Fez tratamento e conseguiu. Depois disso, acreditem, ela engravidou naturalmente do segundo e do terceiro.

– Mas eu não consigo imaginar isso acontecendo comigo!

– Por que não? – seguiu o doutor. – Você fez uma promessa não fez?

– Sim, nós fizemos! – adiantou-se Paulo.

– Então?...

– Eu não acredito! – insistia ela.

– Bem... Não vamos ficar aqui perdendo tempo. Faça um teste de gravidez, o de farmácia mesmo, e depois volte aqui.

Os dois se levantaram e saíram. Paulo estava sorridente. Ela, muito séria.

•

Ao entrarem no carro, Mariana quis encerrar o assunto, mesmo sendo uma recomendação médica.

– Paulo, esquece essa história. Não tem como eu tá grávida. Você sabe disso.

– Eu sei disso?

– Não quero fazer exame nenhum!

– Vai desobedecer o médico?

- Não quero fazer exame.
 - Mariana, o médico mandou.
 - Esquece!
 - Você não quer mais ser mãe?
 - Eu já sou mãe de todos aqueles meninos.
 - Eu sei... – ele sorriu. – E pode ser que seja de mais um.
- No meio do caminho, Paulo parou numa farmácia.
- O que foi?
 - Vou comprar umas pastilhas pra garganta. Quer?
 - Não.

Ele desceu, comprou as pastilhas... e o teste de gravidez. Voltou para o carro e não disse nada.

Capítulo 117

QUANDO MARIANA DESPERTOU de manhã, percebeu que o marido já estava de pé. Assim que ela foi em direção ao banheiro, ele a chamou.

– Mariana!

Ela olhou e o viu com as mãos erguidas. Numa, o teste de gravidez de farmácia... Noutra, o recipiente para a coleta da urina...

– Não custa nada fazer... – disse ele, de forma bem carinhosa.

Ela balançou a cabeça reclamando da insistência do marido.

– O médico mandou!

– Você sabe que eu não posso engravidar.

– Quem disse isso?

– Ainda pergunta?

– Mariana, é uma ordem médica... Não seja criança... Nós precisamos retornar lá com esse exame, seja positivo ou negativo.

– Tá bem! Vou logo fazer essa merda pra você me deixar em paz! Vai dar negativo, você vai ver! – Ela pegou o recipiente e entrou no banheiro.

– Tô te esperando na sala.

Mariana voltou irritada. Retirou ríspidamente o envelope de dentro da caixa e rasgou. Pegou a haste e a mergulhou na urina. Esperou um pouco e colocou em cima da embalagem. Paulo estava sentado, ela em pé. Mariana teria continuado assim se o marido não tivesse lhe puxado para sentar. Ambos olharam para o relógio de parede. Os velhos cinco minutos! Ela já tinha vivido aquilo inúmeras vezes e sempre ficava nervosa. Mas agora estava era com raiva.

A primeira listra apareceu... E mais rápido do que das outras vezes. Tanto ela como o marido perceberam e ficaram se encarando por alguns segundos. Quando voltaram-se para a haste... Paulo levantou gritando:

– Meu Deus! Meu Deus!... Mariana!... Veja!

Ela estava vendo, mas nem se mexia. Parecia noutro lugar. Escutou algo vindo de longe. “*Mããããããe!*” Paulo a sacudiu.

– Mariana, você tá vendo?

Ela continuava imóvel. Seus olhos se encheram. “*Mããããããe!*”

– Meu Deus!... Mariana, eu não tô acreditando! Eu não tô acreditando! Meu Deus!... Finalmente, aconteceu! Aconteceu!... Eu sabia! Eu sabia!... Tá vendo, Mariana, como a gente não pode deixar de acreditar?

Ela finalmente olhou para o marido. Paulo a beijou na testa. Seus olhos também se encheram. Mariana, ainda sentada, abraçou a própria barriga e perguntou com a voz presa:

– Você vai ser pai?...

– Sim, vou!

– Eu vou ser mãe?... – Duas lágrimas desceram.

– Sim, vai! – Ele também não resistiu e deixou cair as suas.

Os dois voltaram a olhar para a haste. As duas listras estavam ali, bem visíveis.

- É um menino – disse ela.
- O quê?
- É um menino.
- Como é que você sabe, Mariana?
- Eu sei.
- Como?
- Sabendo.
- Ah, Mariana...
- É um menino.
- E se vier uma menina?

Ela balançou a cabeça contestando.

- É um menino... Vitória!
- Vitória? Não era Gabriel?
- Não, amor... Tem que ser Vitória!
- Por quê?

– Essa gravidez é uma vitória.

– É!... Faz sentido!... Vitória é um belo nome! Gostei!

Mariana se levantou, abraçou e beijou o marido. Enxugaram as lágrimas um do outro. Ela o puxou para o quarto do bebê. Ainda estava vazio. Apenas a imagem de Nossa Senhora Aparecida continuava lá.

- Você vai ter que comprar tudo de novo! – lembrou Paulo.
 - Você me ajuda?
 - Claro!
 - Que bom! O Vitória vai gostar de saber disso.
- Ela, então, virou-se para a imagem.
- Obrigada, Mãe. Agora tô entendendo tudo.

Capítulo 118

SE MARIANA JÁ TINHA a “notícia do século”, faltava agora espalhá-la. E foi o que ela fez, assim que chegou no abrigo.

– Meu Deus, que coisa linda! – exaltou Camila.

– Parabéns, mamãe! – disse Aurora.

– Tô vivendo um sonho. Eu já não acreditava mais que pudesse engravidar.

– Caio ia adorar saber disso! – lembrou Camila.

– Eu sei! Aliás, foi ele quem me deu a sugestão do nome... Vitório.

As duas olharam pra ela assustadas.

– Você já sabe o sexo da criança? – perguntou Aurora.

Mariana confirmou com a cabeça.

– Como? – quis saber Camila.

– Sabendo... É um menino... Vitório!

– Que Deus abençoe! – desejou Aurora. – Mas e se vier uma menina?

– É o Vitório que tá aqui dentro – disse ela, com a mão na barriga.

Camila brincou.

– Ah, tá... Então, a gente pode comprar um presente pra esse garotão sem medo de errar?

– Pode! É um menino.

Camila e Aurora foram contar para as outras funcionárias e rapidamente a sala de Mariana ficou cheia. Não demorou e algumas crianças foram conversar com ela sobre o “irmãozinho”. Logo depois, ela ligou para Gisele e algumas colegas de trabalho. A notícia ganhou dimensão “nacional”. O telefone não parou mais de tocar. O presidente da empresa onde trabalhava mandou um lindo buquê de flores. Mariana estava amando todo aquele *tititi* em torno da sua gravidez.

•

A certeza de que teria um menino era tão grande que nos dias seguintes

ela já queria comprar o enxoval, dessa vez sem precisar recorrer às cores neutras. Só não o fez porque o marido impediu com firmeza. Como os homens tradicionalmente são mais pé-no-chão do que as mulheres, Paulo não estava levando muito a sério a certeza da esposa.

– Amor, você não vai fazer besteira de novo! Olha lá! Vai que vem uma menina... Não custa nada esperar!

– Tá bom, eu espero. Mas vá se acostumando... É um menino!

– Nada contra os meninos! Mas vamos aguardar um pouco mais.

Existem diferentes tipos de exame para saber o sexo do bebê. Uns mais cedo, outros mais tarde. Quanto mais cedo, maior a margem de erro. Mariana, claro, queria fazer o que mais rápido confirmasse a sua previsão, mas Paulo a convenceu do contrário. Assim, ficou combinado que ela faria a ultrassonografia quando estivesse com quatro meses de gravidez.

Capítulo 119

COM QUATRO MESES DE GRAVIDEZ, Mariana foi fazer a ultrassonografia para saber o sexo do bebê. O médico passou um gel na sua barriga e fez movimentos pra lá e pra cá com o scanner enquanto acompanhava as imagens no monitor. A posição do bebê ajudou bastante e a resposta veio rápida: – É um menino!

Mariana olhou para o marido com ar de triunfo. Paulo ainda duvidou.

– Tem certeza, doutor?

– Não tá acreditando, papai? – brincou ele, apontando para a tela. – Tá vendo essas duas bolinhas aqui?

– Sim, tô vendo.

– Pois é a prova de que é um menino! Temos certeza disso!

Mariana sorriu para o marido. Ele rendeu-se à intuição feminina:

– As mulheres às vezes sabem das coisas.

– Às vezes, não, meu amor! Sempre!

Paulo lhe acariciou o rosto, deu-lhe um beijo e aproveitou para brincar olhando para a barriga dela.

– Seja bem-vindo, Vitório! Agora somos maioria lá em casa.

O médico riu. Mas Mariana foi rápida.

– Amor, não esqueça de um detalhe importante!

– Qual?

– Uma mulher vale por três! Então, a ala feminina continua mandando.

– Como sempre! – disse o médico. – Lá em casa é do mesmo jeito.

Ela ia falar alguma coisa, mas Paulo interrompeu.

– Doutor, eu andei lendo umas coisas estranhas... Mas acho que até agora não aconteceu comigo...

– O que foi?

– É verdade mesmo que o homem pode sentir alguns sintomas da mulher grávida?

Mariana soltou uma gargalhada.

– É verdade – confirmou o médico. – E isso é mais comum do que se pensa. Mas você tá sentindo alguma coisa?

– Não, acho que não...

– Tem enjoos? Irritação? Cansaço? Sonolência?

Paulo balançou a cabeça negativamente para tudo. O médico continuou.

– Alguns homens se envolvem tanto com a gravidez da esposa que chegam a engordar junto com ela. É uma solidariedade emocional inconsciente. Você estava muito propenso a isso, porque participou e se envolveu com tudo. Nas consultas, por exemplo, você sempre esteve presente.

– Será que foi por isso que engordei dois quilos?

Mariana se antecipou.

– A barriga dele tá maior, doutor, mas não é por minha causa. É cerveja! E você, seu Paulo, não venha me dizer que é por solidariedade a mim, porque

eu não bebo coisíssima nenhuma!

– Não bebe porque não quer! A cerveja tá na geladeira!

– Nem pensar! – alertou o médico, rindo dos dois. – Você não vai começar a beber agora.

Paulo levantou a camisa e estufou a barriga.

– Acho até que eu ficaria um grávido bonitinho.

Mariana puxou de volta.

– Não chame atenção pra essa barriga ridícula!

•

Mas o que realmente estava chamando atenção era a barriguinha de quatro meses de Mariana. Por onde ela passava era uma festa. Suas roupas de gestante estimulavam aquelas perguntas tradicionais que fazem a alegria de toda futura mamãe:

“É menino ou menina?”

“Pra quando é?”

“É o primeiro?”

“Já tem nome?”

“Vai ter outro?”

Ela adorava respondê-las. Estava curtindo ao máximo a maternidade. Quando encontrava com outra grávida, então... era aquela felicidade! Não faltava assunto pra conversar. Mas mesmo absorvida pela gravidez, Mariana não diminuiu o seu ritmo de trabalho. Como a sua licença não-remunerada de quatro meses havia acabado, ela voltou para as suas atividades na empresa. Passou a ir no abrigo apenas à noite para verificar como tinha sido o dia. E, uma vez por semana, ia checar o andamento das obras da escola de informática. Exigia do marido todos os detalhes. Felizmente, tudo estava caminhando corretamente e em breve ela poderia inaugurá-la. Mariana estava radiante. Em pouco tempo, iria realizar o seu sonho e o de Caio.

Capítulo 120

O ÚLTIMO MÊS DE GRAVIDEZ tinha chegado para Mariana. Era o começo de julho. Ela estava feliz da vida porque o marido lhe garantira que a escola de informática poderia ser inaugurada na semana seguinte. Ela, então, passou a cuidar de todos os preparativos. Fez questão de convidar o máximo de pessoas. Quando estava numa das reuniões com Camila e Aurora tratando do evento, recebeu uma ligação do juiz da Infância e Juventude. A notícia era maravilhosamente arrasadora.

– Dona Mariana, aqueles cinco garotos apreendidos serão liberados hoje.

– Meu Deus!... Quer dizer que eles já cumpriram a medida socioeducativa?

– Sim.

– E pra onde vão?

– É por isso que estou ligando pra senhora. Eles praticamente não têm famílias. Estou atrás de vagas em algum abri...

– Mande pra cá!

– Posso mesmo fazer isso?

– Claro!

– A senhora tem cinco vagas disponíveis?

– Sim! O abrigo foi ampliado! O senhor sabe disso!

– Mas há pouco tempo a senhora recebeu dois...

– Eu sei, mas não há problema. Aqui cabem mais cinco. Há camas pra eles dormirem.

– Tá bom, vou mandar. Mas cuidado com a superlotação. Não receba mais ninguém se não tiver condições de abrigar corretamente. Não vá cometer o mesmo erro que o Ca...

– Fique tranquilo, doutor! Eu não vou cometer nenhuma loucura. Pode

mandar as crianças. Que horas eles vêm?

– No final do dia. Pode ser?

– Ótimo! Vamos preparar uma recepção.

– Isso! Eles vão adorar. A nossa psicóloga já conversou com eles preparando para a liberação. Eles estão arrependidos daquela fuga. Foi muito ruim pra eles.

– Eu imagino.

Assim que desligou o telefone, Mariana correu para dar a notícia às funcionárias e aos outros meninos. Foi o maior auê. Ela pediu que fizessem uma festinha especial para os garotos. Sugeriu uma decoração caprichada com muitos balões coloridos e mensagens de boas-vindas nas paredes. E autorizou a compra de bolos, salgadinhos e refrigerantes. Tudo do jeito que as crianças gostam.

No final do dia, os funkeiros chegaram numa van do juizado. Os colegas fizeram aquela festa. Eles eram muito queridos, porque eram os que mais divertiam o abrigo com seus pequenos shows de funk. E, no encerramento da festinha, não deu outra: rolou mais uma apresentação dos garotos.

Capítulo 121

FINALMENTE HAVIA CHEGADO o dia da inauguração da Escola de Informática Nossa Senhora Aparecida. Mariana foi para lá no começo da tarde radiante de alegria. Algumas horas antes havia acontecido outro fato importante: o médico tinha marcado a sua cesariana para o dia 31 de julho. Faltava pouco para o nascimento do Vitória. Era muita felicidade junta.

Na inauguração da escola, além dos inúmeros alunos, havia muita gente de fora: os vizinhos, as crianças, os funcionários do abrigo, o juiz, a conselheira tutelar, alguns colegas da sua empresa, os queridos amigos Igor e Gisele... mas

nada do seu marido! Onde estava?... Mariana ligou.

- Paulo, onde é que você tá?
- Amor, tô a caminho. Mais uns dez minutinhos e eu chego aí.
- Vem logo! Não vá se atrasar! Só tá faltando você pra eu abrir o evento.
- Chego já-já!

Pouco depois, ele entrou... acompanhado! Ao seu lado estava uma moça belíssima de uns 25 anos, que não havia sido convidada. Tão linda que parecia uma top model. Mariana sentiu o chão sumir. O bebê encolheu-se todo. Ela acariciou a barriga. Foi até lá. Paulo se adiantou.

- Amor, essa é a Valéria.
- Oi, Mariana – cumprimentou a moça sorrindo e estendendo a mão.
- Oi, Valéria.
- Amor, a Val também é engenheira. Trabalha comigo lá na construtora.
- Seja bem-vinda ao nosso evento – desejou Mariana bem séria e notando que a moça não usava aliança em nenhuma das mãos.
- Parabéns pela gravidez! – disse a jovem. – Eu acompanhei todo o sofrimento de vocês.

- Acompanhou?
 - Sim, ele sempre me falava.
- Mariana fechou ainda mais a cara.
- Adorei o nome da sua escola. Também sou muito católica.
 - Eu sou catopírita!
 - Como?
 - Vem cá que eu te explico – adiantou-se Paulo.

Mariana foi falar com os outros convidados e aproveitou para chamar Gisele num canto.

- Tá vendo?
- O quê?
- Os dois!
- Não fique pensando bobagem, Mariana! Não vá estragar o seu evento!

- Fique tranquila. Não vai acontecer nada. Tô apenas te mostrando...
 - Quem é?
 - Disse que trabalha com ele. Engenheira.
 - É linda!
 - E você ainda vem me dizer isso?
 - Ai, desculpa... Foi sem querer... Mas por que você tá desconfiada? Teu marido não pode ter amizade com mulher?
 - Mas precisava ser com mulher desse jeito?
 - Desse jeito como?
 - Por que ele não faz amizade com mulher feia?
- Gisele riu.
- Vai cuidar do teu evento, Mariana!

A amiga voltou para o seu lugar. Ela ainda ficou olhando os dois sentados juntinhos. Paulo sorria demais e a moça tocava muito no braço dele. E como não podia ficar parada ali, Mariana foi abrir a inauguração. Ficou na frente de todos para fazer um breve agradecimento e descerrar a placa. O vestido de gestante realçava ainda mais a sua beleza. Algumas convidadas se cutucaram: *“Ela tá uma grávida linda!”*.

“Prezados amigos e amigas, hoje estamos realizando um sonho: a fundação da Escola de Informática Nossa Senhora Aparecida. Ela foi idealizada por uma pessoa que não está mais entre nós, o Professor Caio, um homem que dedicou a sua vida aos menores carentes. Agradeço a Deus por ter me colocado no caminho dele e ter me proporcionado a possibilidade de fazer parte do seu sonho. Obrigada.”

A placa foi descerrada sob o aplauso de todos.

Ao final da festa de inauguração, Mariana estava conversando com

algumas pessoas quando viu o marido indo embora com a moça... sem falar com ela! Pediu licença e foi rapidamente até eles.

– Paulo!

– Oi.

– Você já vai?... Nem falou comigo...

– Ô, amor, desculpe... É que você tava cercada de gente.

Cínico!

– Tô indo deixar a Val em casa.

Não acredito!

– Tá bom... Vê se não demora...

– Tchau, Mariana – despediu-se a moça.

– Tchau.

– Parabéns pela escola.

– Obrigada.

Perigete de raça!

Ela ficou emburrada por alguns minutos, mas a conversa com os outros convidados a fizeram melhorar. Depois que todos foram embora, foi para a sua sala de diretora. Sentou-se como uma autêntica mulher grávida e ficou olhando para um imenso quadro na parede com a imagem de Caio sorrindo. Ela fez questão de ter na sua sala a “companhia” do idealizador. Camila chegou logo depois. Gostou de vê-la contemplando o amigo e também ficou olhando. Logo em seguida, Mariana lembrou de informar a boa-nova.

– O médico marcou hoje a minha cesariana.

– Ai, que bom! Pra quando?

– Próximo dia 31.

– 31 de julho? – gritou Camila.

– O que foi?

– O Vitória vai nascer no dia 31 de julho?

– Sim... O médico marcou pra esse dia. O que foi?

– Meu Deus! – exaltou Camila, levando as mãos à boca. Ela olhou para a

imagem de Caio, depois para a barriga de Mariana.

- O que foi? Fala!
- Você não tá lembrando?
- Lembrando do quê?
- 31 de julho era o aniversário de Caio!

Mariana saltou da cadeira.

- Meu Deus, não pode ser!
- Claro que é!
- Você tem certeza?

– Claro!... Ai, que lindo! O Vitória vai nascer no dia que Caio nasceu. Só Deus pra explicar isso! – Camila abraçou a amiga e retirou-se visivelmente emocionada.

Mariana ficou imóvel por alguns segundos... Seus olhos se encheram. Ela se aproximou da imagem de Caio e o bebê se mexeu!... Arrepiou-se toda. Acariciou a barriga e sentiu a mãozinha dele procurando a sua. *Meu filho!*... Mordeu os lábios... Um nó se fez na garganta... As lágrimas começaram a cair... Ela, então, beijou seus dedos como quem vai mandar um beijo para quem está longe, e os pousou na boca de Caio. A voz saiu rouca... baixinha...

- Um beijo no teu sorriso.